

**Oussama Naouar**  
**Adriano Dias de Andrade**  
[Organizadores]



# ENFRENTAMENTO À **COVID-19**

AÇÕES DA PRÓ-REITORIA DE  
EXTENSÃO E CULTURA DA UFPE

volume 4

**Comunicação Pública  
e Divulgação Científica**



**PROEXC**  
PRÓ-REITORIA  
DE EXTENSÃO E CULTURA

# ENFRENTAMENTO À **COVID-19**

AÇÕES DA PRÓ-REITORIA DE  
EXTENSÃO E CULTURA DA UFPE

volume 4

*Comunicação Pública  
e Divulgação Científica*

*Oussama Naouar*  
*Adriano Dias de Andrade*  
[Organizadores]

# ENFRENTAMENTO À **COVID-19**

AÇÕES DA PRÓ-REITORIA DE  
EXTENSÃO E CULTURA DA UFPE

volume 4

*Comunicação Pública  
e Divulgação Científica*



Recife | 2021

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

### **Reitor**

Alfredo Macedo Gomes

### **Vice-Reitor**

Moacyr Cunha de Araújo Filho

## **Pró-Reitoria de Extensão e Cultura**

### **Pró-Reitor**

Oussama Naouar

## **Coordenação de Gestão Editorial e Impacto Social**

### **Coordenador**

Adriano Dias de Andrade

### **Assistente**

Artur Villaça Franco

### **Revisores**

Andressa Lira Bernardino

João Gabriel Pereira da Silveira

Pedro Henrique Carvalho de Arruda

Widma Sandrelly Maria de Lima

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Gabriel Felipe Santana da Silva

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

---

E56      Enfrentamento à COVID-19 [recurso eletrônico] : ações da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE, volume 4 : comunicação pública e divulgação científica / organizadores : Oussama Naouar, Adriano Dias de Andrade. – Recife : Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE ; Ed. UFPE, 2021.

Vários autores.  
Inclui referências.  
ISBN      978-65-5962-033-3      (online)

1. Universidade Federal de Pernambuco – Serviços de promoção da saúde. 2. COVID-19 (Doença) – Prevenção. 3. Comunicação na saúde pública. 4. Epidemias – Medidas de segurança. 5. Saúde pública. 6. Serviços de saúde preventiva. 7. Extensão universitária. I. Naouar, Oussama (Org.). II. Andrade, Adriano Dias de (Org.). III. Universidade Federal de Pernambuco. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

613      CDD (23.ed.)      UFPE (BC2021-039)

---



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária  
Recife, Pernambuco, CEP: 50670-901  
Fone: +55 (81) 2126.8130 | E-mail: [cgei.proexc@ufpe.br](mailto:cgei.proexc@ufpe.br)

## SUMÁRIO

8

*[Apresentação]*

### **Extensão: encontros para a transformação do mundo**

Oussama Naouar, Adriano Dias de Andrade

14

### **Atuação do sanitário na atenção básica em tempos de pandemia de Covid-19: relato de experiência de um projeto de extensão**

Alexsandro de Melo Laurindo, Aline Vanessa da Silva,  
Fabiana de Oliveira Silva Sousa, Jhennifer Karolayne da Silva Bezerra,  
Jônatas Lucas Marcelino da Silva

34

### **Comunicação em saúde e apoio social a grupos vulnerabilizados em tempos de covid-19**

Márcia Maria Dantas Cabral de Melo, Sílvia Regina Jamelli  
Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório, Thuanny Silva de Macêdo,  
Amanda Emídio de Macedo

**55 Educa coronavírus: educação como estratégia de enfrentamento à Covid-19**

Tatiane Fonseca da Silva, Samilly Gabrielly dos Santos Sales, Thaís Soares da Silva, Ketly Rodrigues Barbosa dos Anjos, Isabella Macário Ferro Cavalcanti

**82 Idade Média na escola: desenvolvendo recursos didáticos em contexto pandêmico**

Bruno Uchoa Borgongino, Claudia Karolayne Oliveira da Silva, Giovanna Ily Faria Ramalho, Mariana Soares Gama de Amorim, Sílvio Romero Tavares Neiva Coelho, Thomaz Carlos Santiago

**105 Jornal da Química Inorgânica: uma experiência em tempos de pandemia**

Jane Maria Gonçalves Laranjeira, Vladimir Cavalcanti da Silva Júnior

**135 Me covid@ para uma live: saúde, educação, ciência e tecnologia**

Adriana Maria da Silva, Emily Gabriele Marques Diniz, Natanael Manoel da Silva, Jeymesson Raphael Cardoso Vieira, André de Lima Aires

**160 Práticas integrativas e complementares e Covid-19: o uso de ferramentas digitais para a divulgação científica em saúde**

Karina Perrelli Randau, Marise Matwijszyn, Rodrigo Vinícius Luz da Silva, Carolina Pôrto Caldas, Clarice Valentim de Melo

- 180**      **Produção de radionovelas durante a pandemia de Covid-19: um relato de experiência**  
Giovana Borges Mesquita, Sheila Borges de Oliveira,  
Sarah Rebeka Rêgo de Souza, Vitória Regina Oliveira Lima
- 200**      **Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus: uma experiência de mobilização social e comunicação popular**  
Cecília Almeida Rodrigues Lima, Yvana Fechine,  
Ana Maria da Conceição Veloso, Paula Reis Melo,  
Catarina Apolônio, Ana Sophia Ramos
- 222**      **“Solte sua voz”: aproximações entre comunicação e saúde em meio a uma pandemia**  
Giovana Borges Mesquita, Carolina Albuquerque da Paz,  
Ana Gabriela Reis da Silva, Laís Carolyne Tavares dos Santos,  
Sarah Rebeka Rêgo de Souza
- 237**      **Sonhar acordado: possibilidades de ações do Laeh-UFPE durante o contexto de pandemia**  
Arnaldo Martin Szlachta Junior, Tayana Ferreira de Almeida
- 255**      **Virtus podcasts - defesa social, segurança pública e direitos humanos: produzindo conhecimento em tempos de pandemia**  
Sandro Cozza Sayão, Carlos Frederico Vasconcellos Monteiro Rosa,  
Márcio Roberto Cavalcanti da Silva, Luis Filipe Santana Soares

[ apresentação ]

## Extensão: encontros para a transformação do mundo

*Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da situação ou da ação política*

(Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, 1994, p. 55)

Uma universidade pública e democrática é feita de diversidade. Diversidade de pessoas, de pensamento, de cursos, de pesquisas, de realizações e empreendimentos os mais diversos, que conjugam interesses e necessidades de múltiplos setores sociais. Nesse caleidoscópio, as atividades de extensão e de cultura engendram protagonismo estratégico e corporificam a atuação da universidade de forma direta e responsiva junto à sociedade, no enfrentamento de questões tanto perenes como emergentes. Todo esse conjunto pode bem ser compreendido através da noção de *práxis*, de práticas cujas existências objetivam a transformação social, seguindo a trilha de pensamento do Patrono da Educação Brasileira e fundador do Serviço de Extensão Cultural da

então Universidade do Recife e hoje Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o professor Paulo Freire, cujo centenário de nascimento é comemorado em setembro próximo.

Há mais de um ano, o mundo e, destacadamente, o país têm convivido com os múltiplos impactos que a pandemia de Covid-19 tem imprimido às nossas vidas, em todas as esferas, pessoal, profissional, acadêmica, sanitária, econômica e tantas outras. A pandemia nos ameaça a todas e todos, mas atinge, com maior intensidade, as camadas mais empobrecidas da população, que, já diante de tantas precariedades, precisaram enfrentar uma hecatombe de dimensões imprevisíveis e sem precedentes na nossa história mais recente.

Diante deste momento desafiador, mesmo limitada pelas restrições orçamentárias impostas nos últimos anos, a UFPE, através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), por meio de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos, em cooperação com voluntários da sociedade, de profissionais de outras universidades e instituições pernambucanas, erigiu respostas rápidas e imediatas à situação de emergência sanitária, empreendendo ações de extensão e cultura que se direcionaram a várias frentes, desde a produção de equipamentos de proteção individual e de substâncias sanitizantes, para prevenção ao contágio e disseminação da doença, atendimentos de tele-saúde em diversas áreas, assessoria técnica a empresas em face da necessidade do *lockdown*, produção de material instrucional e educativo, dentre tantas outras atividades de naturezas diversas. Foram dezenas de ações registradas por meio da Proexc, que alcançaram centenas de milhares de pessoas desde março de 2020.

Essas ações representam o esforço da UFPE em se manter funcionando e “presente” durante a pandemia, mais do que isso, representa a vocação extensionista das universidades públicas brasileiras e a sua relevância para a sociedade. Neste ano em que a UFPE celebra os 75 anos de sua existência, essas atividades são o testemunho da importância desta instituição para as pernambucanas e pernambucanos, e para o Brasil. O atual retrato da pandemia e a atuação da universidade no seu enfrentamen-

to deixam claros os motivos pelos quais todas e todos nós, cidadãs e cidadãos deste país, precisamos defender as universidades públicas e garantir a sua sobrevivência para as gerações futuras.

Nesta obra – uma série de quatro *e-books* – intitulada “Enfrentamento à Covid-19: Ações da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE”, apresentamos os relatos das experiências de 40 atividades extensionistas, no combate aos muitos desafios impostos pelo Sars-CoV-2, realizadas em 2020 e 2021 por “sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação”<sup>1</sup>. Todos os textos que compõem os volumes foram avaliados por pareceristas *ad hoc* do Brasil e do exterior, o que colaborou para a composição de escritos que não só fossem depoentes deste tempo, mas que se materializam com qualidade técnica e acuidade textual.

O *volume 1 – Assessoria Técnica e Fabricação de Produtos* reúne relatos de experiência de sete ações extensionistas voltadas não somente a práticas de prevenção e combate ao novo coronavírus, mas também a serviços de assistência à população e aos profissionais de saúde (in)diretamente envolvidos no enfrentamento da pandemia. No contexto pandêmico, sistemas de saúde pública e privada do Brasil e do mundo inteiro conviveram com a exaustão física e emocional, sobretudo às vistas da crescente demanda e consequente escassez de insumos essenciais à proteção contra a doença, como antissépticos e equipamentos de proteção individual, o que tornou fundamental a realização de ações que se propunham a tornar possível o trabalho de contenção da contaminação por Covid-19.

Os textos agrupados no *volume 1* descrevem o processo de concepção e desenvolvimento de projetos que, em face dos contratemplos que obstruíram as vias de combate à pandemia emergente, estiveram comprometidos com a manutenção da vida e com a garantia do acesso ao conhecimento, seja através da produção e distribuição voluntária de soluções sanitizantes e escudos faciais, seja através da promoção estratégica de informações sobre a Covid-19. Assim, esse volume põe em relevo a

1 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 103. *E-book*.

importância do esforço e da sensibilização da academia frente às reais demandas da sociedade durante a maior crise sanitária e hospitalar que o Brasil já enfrentou.

O *volume 2 – Telessaúde e Orientação Profissional* apresenta os efeitos da pandemia de Covid-19 como exigência para o redesenho de práticas no âmbito da educação e do atendimento em saúde, promovendo novas formas de “encontro” entre o paciente e o profissional de saúde. Assim, as estratégias apresentadas em cada capítulo visam remanejar as atividades presenciais de projetos de extensão para o meio digital. Destaca-se, nos trabalhos desse volume, o retorno oferecido por graduandos, mestres e doutores às comunidades acadêmica e civil.

Embora as ferramentas de telessaúde e educação a distância já estivessem no horizonte do possível desde o desenvolvimento de novas tecnologias surgidas com a internet, o ineditismo das ações apresentadas no *volume 2* consiste justamente na discussão mais aprofundada desses recursos como principal alternativa para a continuidade das atividades de ensino, extensão e pesquisa no contexto da pandemia. Através dessas ferramentas, os estudantes e professores se dedicaram a diversos aspectos do contexto pandêmico: a capacitação de profissionais de saúde no enfrentamento à Covid-19; o didatismo na abordagem da educação em saúde na pandemia; a construção e apresentação de medidas básicas de biossegurança contra o coronavírus; o atendimento fonoaudiológico a distância para pessoas transgênero e crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA); o acompanhamento fisioterapêutico a distância para a comunidade acadêmica; e, por fim, o acompanhamento odontológico e fisioterapêutico a distância para pessoas portadoras da doença de Parkinson.

O *volume 3 – Qualidade de Vida e Assistência Social* conta com dez relatos de experiência oriundos de diversos campos do saber, que abordam conteúdos referentes à qualidade de vida e à assistência social no atual contexto pandêmico. Os trabalhos são resultados de ações de extensão promovidas por diversos cursos da UFPE e trazem à luz assuntos de suma importância sobre a Covid-19, que vão desde a educação em saúde e a realização de atividades físicas até os cuidados com a saúde mental de

adultos e crianças e o papel dos movimentos sociais no enfrentamento à pandemia.

Como o distanciamento social passou a ser uma medida necessária para conter o avanço do novo coronavírus no Brasil e no mundo, várias pessoas precisaram mudar drasticamente suas rotinas pessoais e passaram por um intenso processo de adaptação, substituindo as atividades laborais presenciais pelo *home office* e as salas de aula pela educação remota emergencial. Em consequência desse processo, surgiu a necessidade de se ter um cuidado redobrado com a saúde física e mental de adultos e, da mesma maneira, com o desenvolvimento infantil. O volume traz relatos de profissionais, professores, estudantes e voluntários que, sabendo da gravidade dos efeitos gerados pela atual crise humanitária, buscaram promover ações extensionistas visando a qualidade de vida da sociedade em geral.

O volume 4 – *Comunicação Pública e Divulgação Científica* aborda a Comunicação como estratégia para enfrentamento à pandemia, como fonte de informação sobre o novo coronavírus, profilaxia, vacina e anti-*fake news*, viabilizando o espraiamento de conhecimento confiável neste período complexo, quando insistir no acesso ao conhecimento pode ser visto como forma de resistência. Os 12 relatos de experiência desse volume descrevem importantes ações extensionistas, como a divulgação de ações socioassistenciais, de orientações profissionais na pandemia e de técnicas e ferramentas de ensino neste momento pandêmico.

Em síntese, os relatos apresentam ações de comunicação pública e divulgação científica de diversas áreas do conhecimento: Comunicação, Educação, Farmácia, Medicina, Odontologia, Química, dentre outras. Essas atividades aconteceram em diversos formatos, do programa de rádio ao *podcast*, do jornal aos *posts* em redes sociais, das radionovelas às *lives*, tendo em comum o compromisso com a veracidade das informações, com a prática extensionista dialógica, com o ensino e a produção de conhecimento sistematizado, por conseguinte, o compromisso assumido pela UFPE através da sua Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, responsável institucional e subsidiadora das atividades relatadas nesta obra.

Com a publicação desta série de *e-books*, a UFPE, por meio da Coordenação de Gestão Editorial e Impacto Social da Proexc, faz um duplo movimento: torna público um valioso compêndio de ações de extensão que corporificam a atuação da universidade neste período pandêmico, demonstrando as suas múltiplas frentes de atuação e as muitas redes de cooperação e solidariedade que foram fortalecidas ou inauguradas desde março de 2020; e, igualmente importante, registra o agradecimento institucional a toda a comunidade acadêmica, representada nestes volumes por mais de duas centenas de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos, que, de forma altruísta, se engajaram no enfrentamento à Covid-19.

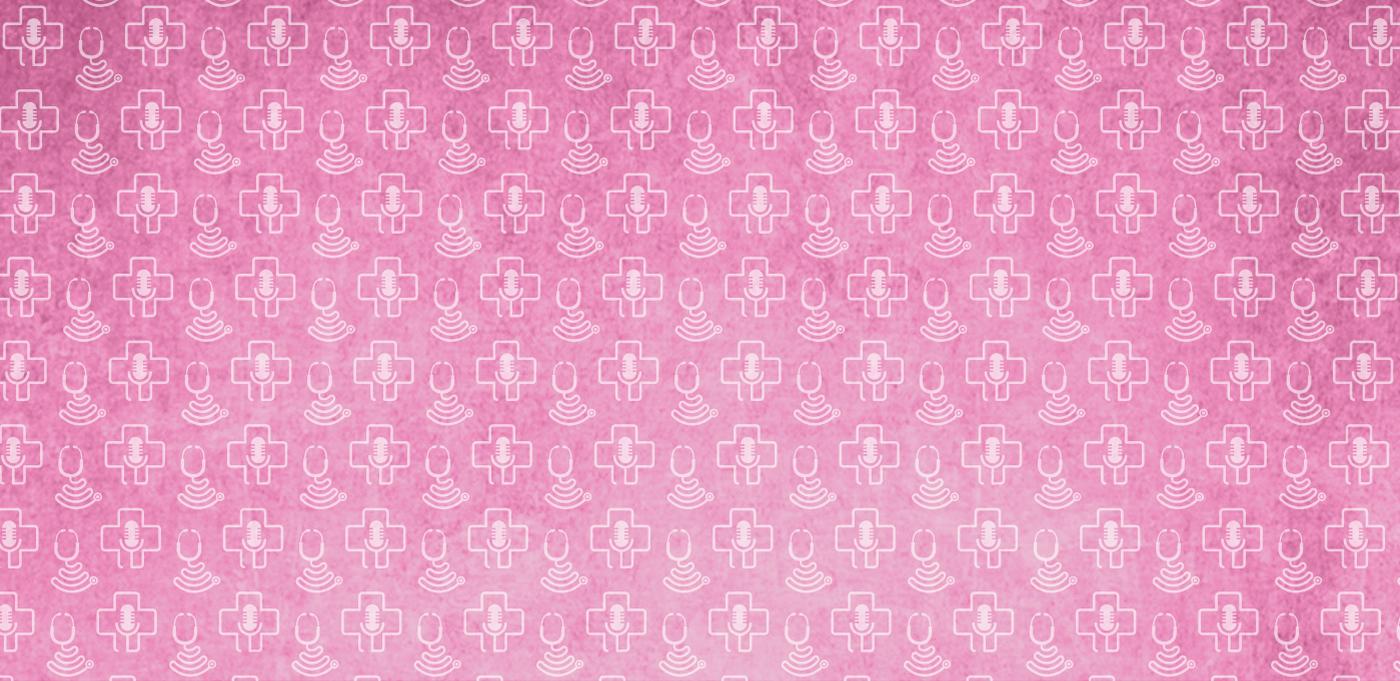
Recife, junho de 2021.

*Oussama Naouar*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

*Adriano Dias de Andrade*

Coordenador de Gestão Editorial  
e Impacto Social da Proexc



## **ATUAÇÃO DO SANITARISTA NA ATENÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19: relato de experiência de um projeto de extensão**

SANITARY PHYSICIANS' PERFORMANCE IN  
BASIC CARE IN COVID-19 PANDEMIC TIMES:  
extension project's experience report

**Alexandro de Melo Laurindo**

(Bacharel em Saúde Coletiva, Residente em Saúde da Família do Campo, UPE)

**Aline Vanessa da Silva**

(Bacharel em Saúde Coletiva, Residente do Programa de Residência  
Multiprofissional para Interiorização da Atenção à Saúde, CAV/UFPE)

**Fabiana de Oliveira Silva Sousa**

(Doutora em Saúde Pública, Professora do curso de Saúde Coletiva, CAV/UFPE)

**Jhennifer Karolayne da Silva Bezerra**

(Graduanda em Saúde Coletiva, CAV/UFPE)

**Jônatas Lucas Marcelino da Silva**

(Graduando em Saúde Coletiva, CAV/UFPE)

Relato produzido a partir do projeto “Atuação do sanitário na Atenção Básica: experiências e debates sobre o ensino, pesquisa e extensão”, 2020. Coordenação: Fabiana de Oliveira Silva Sousa (docente, CAV/UFPE). Aprovado no Edital 2020-06 – Pibex 2020. Equipe: Janaína Kalline de Oliveira, Janilly Laís da Silva, Jhennifer Karolayne da Silva Bezerra, Jônatas Lucas Marcelino da Silva, Jonathan Willams do Nascimento e Sineide Martins Geraldo (estudantes de Saúde Coletiva, CAV/UFPE); Aline Vanessa da Silva, Isaac Newton Machado Bezerra, Maria Tatiane Alves da Silva, Shirley Jackllanny Martins de Farias e Valdecir Barbosa da Silva Júnior (sanitaristas residentes, CAV/UFPE); Alexsandro de Melo Laurindo (sanitarista residente, Saúde da Família do Campo/UPE); José de Siqueira Gonçalves Júnior e Shirley Emanuel Pontes de Souza (sanitaristas residentes, ASCES/UNITA); Leandra França da Silva e Rita de Cássia Franciele Lima (sanitaristas residentes, SMS/Jaboatão dos Guararapes); Ana Paula Lopes de Melo e Jorgiana de Oliveira Manguieira (docentes, CAV/UFPE).

## RESUMO

Este trabalho é um relato da experiência vivenciada pela equipe do projeto de extensão intitulado “Atuação do sanitário na Atenção Básica em tempos de pandemia por covid-19”. Esse projeto teve como objetivo ampliar a visibilidade acerca da atuação do profissional sanitário no Sistema Único de Saúde (SUS), principalmente na Atenção Básica, e produzir conteúdos educativos para usuários e profissionais da saúde sobre a prevenção de Covid-19 e sobre outros agravos e doenças prevalentes no Brasil. Foi desenvolvido, no período de maio a dezembro de 2020, por uma equipe composta por sanitários residentes que atuam na Atenção Básica, estudantes e docentes da graduação em saúde coletiva do Centro Acadêmico de Vitória, CAV/UFPE. A equipe utilizou mídias sociais, como o Instagram, onde foram divulgados os vídeos e os materiais educativos, e a plataforma do Google Meet, onde foram feitas as reuniões de planejamento e integração da equipe, além de rodas de conversa para debates e compartilhamentos de experiências entre docentes, profissionais e estudantes. Além disso, também foram realizadas diversas entrevistas, no formato de *lives*, com sanitários que atuaram em diversos setores da saúde no enfrentamento à Covid-19. O projeto oportunizou diversas discussões e reflexões acerca da atuação do sanitário em uma diversidade de cenários para o combate à doença. Além disso, atuou como uma estratégia de educação e comunicação em saúde, levando informação e orientação a todas as pessoas que participavam do projeto via Instagram, contribuindo para a compreensão sobre a Covid-19 e as medidas eficazes para seu enfrentamento.

**Palavras-chave:** Covid-19. Pandemias. Saúde coletiva. Profissionais de saúde. Atenção Primária à Saúde.

## ABSTRACT

This work is an experience report about what was lived by the extension project team entitled “Atuação do sanitário na Atenção Básica em tempos de pandemia por COVID-19”. This project aimed to increase the visibility of the health professional's performance in Unified Health System (SUS), mainly in Primary Care and to produce educational content for users and health professionals on the COVID-19 prevention and other diseases prevalent in Brazil. It was developed from May to

December 2020, by a team composed of resident sanitarians who work in primary care, students and teachers of the collective health graduation at the Academic Center of Vitória, CAV/UFPE. The team used social media, such as Instagram that has videos and educational materials and also Google Meet platform was used to hold planning and team integration meetings, as well as conversation circles for debates and sharing experiences between teachers, professionals and students. In addition, there were also several interviews in the format of lives with health workers who performed in different sectors of healthcare, to face COVID-19. The project raised several discussions and reflections on the sanitarian performances in a variety of scenarios to face the disease. Furthermore, it acted as a health education and communication strategy, providing information and guidance to all people who participated in the project from Instagram, contributing to the COVID-19 understanding and the effective measures to confront it.

**Keywords:** COVID-19. Pandemics. Collective health. Health professionals. Primary Health Care.

## 1. Introdução

O sanitarista é um profissional que, historicamente, tem sua atuação voltada para o fortalecimento da promoção, da proteção e da recuperação da saúde individual e coletiva. Podendo atuar em vários setores, desde a criação, articulação e implementação de políticas e programas de saúde, epidemiologia e vigilância em saúde à gestão de sistemas e serviços de saúde (BOSI; PAIM, 2010; TEIXEIRA, 2003).

A oferta de cursos de graduação em Saúde Coletiva apresentou expansão nos últimos anos. No período entre os anos de 2008 e 2014, cresceu seis vezes o número de vagas ofertadas. Na região Nordeste, o maior número está concentrado em Pernambuco (MENESES *et al.*, 2017). Um dos três cursos que formam bacharéis em saúde coletiva em Pernambuco é o do Centro Acadêmico de Vitória (CAV), da Universidade Federal de Pernambuco.

Esse investimento, realizado para ampliar o número de sanitaristas formados em nível de graduação no país, é justificado no reconhecimento da necessidade de ampliar e antecipar a formação desse profissional. Na maioria dos cursos de saúde coletiva, existe uma integração entre diversas áreas de conhecimento que confere um caráter bastante interdisciplinar aos projetos pedagógi-

cos. Reconhece-se a predominância de conteúdos, estratégias de formação e cenários de práticas voltadas para gestão/gerência de políticas, programas e serviços de saúde (SILVA; PINTO, 2018).

Alguns estudos apontam para a necessidade de fortalecer ainda mais a formação desses profissionais, ampliando a vivência dos educandos junto aos usuários e demais trabalhadores dos serviços de saúde, o que pode corroborar também para ampliar a visibilidade e/ou reconhecimento do papel do sanitarista pela sociedade (SILVA, 2020; SILVA, 2019).

Partindo dessa necessidade, em 2019, um grupo constituído por docente, estudantes e sanitaristas participantes de programas de residências multiprofissionais em saúde, de alguns municípios de Pernambuco, se organizou e propôs a criação de um projeto de extensão que proporcionasse um conjunto de vivências e ações sobre a atuação do sanitarista no âmbito da Atenção Básica. Assim, nasceu o projeto: “Atuação do sanitarista na Atenção Básica: experiências e debates sobre o ensino, pesquisa e extensão”.

A escolha da Atenção Básica como cenário de implementação das vivências e atividades deve-se à sua relevância estratégica para organização do sistema de saúde brasileiro e ao fato desta se constituir como importante campo de trabalho para inserção de muitas das profissões da saúde. Recentemente, muitos programas de residência multiprofissionais têm criado e/ou ampliado o número de vagas para sanitaristas. Assim, é importante preparar os futuros sanitaristas para atuar na Atenção Básica (SILVA, 2019).

O referido projeto de extensão foi implementado em fevereiro de 2020, partindo do planejamento de vivências, seminários e oficinas com enfoque nas ações de educação em saúde, articulação da rede de saúde no município, planejamento de ações de acordo com as demandas do território e monitoramento por meio da articulação entre a universidade e os serviços de saúde, envolvendo professores, estudantes, residentes e profissionais da Atenção Básica.

No entanto, em março de 2020, as atividades presenciais programadas foram suspensas em virtude da pan-

demia causada pela Covid-19. Em maio do mesmo ano, a equipe do projeto esteve reunida de forma remota e iniciou a reorganização do seu processo de trabalho, que culminou na construção de um novo plano de trabalho para desenvolvimento das atividades de extensão de forma adaptada ao novo cenário causado pela pandemia. Nessa adaptação, a equipe definiu como objetivos: a) produzir conteúdos educativos para usuários e profissionais da saúde sobre a prevenção à Covid-19 e outros agravos e doenças prevalentes no Brasil; e b) ampliar a divulgação sobre a atuação do profissional sanitário no setor saúde, especialmente na Atenção Básica, no enfrentamento da pandemia de Covid-19.

Para alcançar os objetivos propostos, a equipe escolheu algumas ferramentas tecnológicas, como o Instagram, para viabilizar a realização, no formato de *lives*, de entrevistas com profissionais e possibilitar a divulgação dos materiais produzidos, e a plataforma do Google Meet para realização de rodas de estudo com diversos relatos de experiências e compartilhamento das informações com integrantes do projeto e convidados. Este texto tem, portanto, o objetivo relatar a experiência desenvolvida pelo projeto de extensão: “Atuação do sanitário na Atenção Básica: experiências e debates sobre o ensino, pesquisa e extensão” no contexto da pandemia de Covid-19.

## 2. Relato do percurso

Atualmente, o profissional sanitário tem se tornado um ator importante no enfrentamento à Covid-19, seja na pesquisa, na vigilância em saúde e na gestão dos serviços, seja integrando as equipes da Atenção Básica. No entanto, ainda nota-se uma disparidade bastante crescente sobre o fazer desse profissional. O processo de trabalho do sanitário é amplo e, com isso, também surge a necessidade de discutir, partilhar e saber o que é o “fazer Saúde Coletiva” na Atenção Básica, especialmente em tempos de pandemia.

A equipe do projeto escolheu enfrentar os desafios e, com muita responsabilidade, produziu diversos conteúdos voltados ao enfrentamento da pandemia de Covid-19, como por exemplo: orientação dos usuários e profissionais; relatos de experiências de diversas localidades e serviços; grupos de estudo em formato de rodas de estudo e *lives* com enfoque na atuação dos profissionais no enfrentamento à Covid-19; informações e esclarecimentos atualizados da situação sanitária em contexto de pandemia; Covid-19 (diagnóstico, transmissão, recomendações de prevenção etc); potencialidade dos níveis de atenção na pandemia; atuação do Sistema Único de Saúde (SUS) na pandemia; territorialização; informações epidemiológicas, dentre outras temáticas.

O projeto foi desenvolvido no período de maio a dezembro de 2020 por uma equipe composta por 6 estudantes de graduação do Centro Acadêmico de Vitória (CAV) e 8 sanitaristas residentes, que atuam na Atenção Básica de 3 municípios pernambucanos, sob coordenação de uma docente do curso de saúde coletiva do CAV.

## 2.1 Sobre fazer extensão e se reinventar em tempos de pandemia

Com a suspensão das atividades presenciais, as reuniões de equipe passaram a ocorrer de forma remota por meio da plataforma Google Meet, ferramenta que possibilitou os primeiros encontros virtuais da equipe, quando foi decidido fazer uso das mídias sociais para divulgar informação e conteúdo de qualidade a respeito de temas relevantes para o contexto de enfrentamento da pandemia.

Um dos grandes desafios, diante de todo esse contexto, foi a partilha de conhecimento de modo virtual, sobretudo considerando que antes víamos e vivenciávamos todo o processo de trabalho desse profissional; agora, no contexto de pandemia, passamos a conhecer e refletir sobre essas experiências a partir das narrativas dos profissionais que atuam na Atenção Primária e em outros setores da saúde.

Admitindo a potencialidade das redes sociais como ferramenta proveitosa nesse cenário de distanciamento

social, criamos o perfil “Sanitaristas em Ação” (@sanitaristasemacao) no Instagram, nome escolhido para fortalecer a discussão a respeito do profissional sanitарista. A fim de facilitar a comunicação e de criar uma identificação visual para a equipe, foi pensado um mascote com aparência semelhante ao sanitарista brasileiro Oswaldo Cruz, o qual recebeu o nome de “Oswaldinho” em sua homenagem.

**Figura 1** - Mascote e perfil no Instagram



**Fonte:** Projeto “Atuação do sanitарista na Atenção Básica: experiências e debates sobre o ensino, pesquisa e extensão”, 2020.

Para desenvolvimento das atividades, a equipe foi organizada em duas frentes de trabalho, ambas formadas por estudantes e profissionais residentes. Um grupo se responsabilizava pela produção dos conteúdos educativos, que deveriam ser compartilhados no perfil do Instagram, e outro organizava e divulgava as rodas de estudo

e as *lives* (entrevistas). Além disso, os grupos cumpriam uma agenda de reuniões mensais para viabilizar o planejamento integrado das atividades, o compartilhamento de saberes e a produção de vínculos entre os membros da equipe do projeto.

Nessas reuniões, discutíamos a programação mensal, planejando um cronograma que abrangia conteúdos a serem divulgados durante toda semana para a interação com o público, o crescimento da página e a disseminação de conteúdo. Os temas eram definidos de acordo com a discussão em grupo que apontava para a necessidade de informação e debate tanto em formato de *lives* como de publicação.

Durante a semana, nas segundas, quartas e sextas-feiras, eram feitas publicações de caráter informativo; às terças, eram postados quadros de perguntas e respostas e, nas quintas, indicações de artigos científicos. As *lives* eram realizadas de forma quinzenal, sendo intercaladas com as rodas de estudo, também quinzenais. Dessa maneira, às sextas à noite, todos os participantes do projeto e o público em geral tinham um momento de formação, troca de experiência e interação com profissionais de diferentes localidades sobre temáticas abrangentes, o que enriqueceu os debates e fortaleceu o processo de aprendizagem mútua.

No nosso Instagram, foram compartilhados conteúdos seguindo alguns eixos temáticos, entre eles: a atuação do profissional sanitário; o Sistema Único de Saúde; a Atenção Primária à saúde; a pandemia de Covid-19: enfrentamento de desafios; e informação em saúde.

Utilizamos a opção “publicação do *feed*” para divulgar a programação das *lives*, em cujas imagens apresentavam-se a data, o horário, o convidado e o tema a ser abordado na entrevista. Também eram realizadas, através do *feed*, publicações de caráter informativo, nas quais foi tratada a maior parte dos conteúdos publicados, seguindo os eixos escolhidos.

Fazendo uso da opção “publicação do *story*”, criamos quadros de interação com o público por meio de *quizes* e enquetes com perguntas e respostas, a exemplo do quadro “Oswaldinho Pergunta”, que consiste num *story* com perguntas acerca do tema abordado na semana, a

partir das quais os seguidores podiam interagir por meio das opções de respostas. Em seguida, podiam ainda conferir as respostas corretas com suas respectivas justificativas no *story* seguinte, o qual dava continuidade com o quadro “Oswaldinho Responde”. Outro quadro dessa modalidade foi o “Oswaldinho Indica”, em que eram indicados conteúdos didáticos, como artigos científicos na íntegra e documentários, para um aprofundamento do que havíamos trabalhado. Essas indicações contavam com a disponibilização dos materiais em um *drive* de livre acesso. Além disso, todos os quadros realizados permaneciam registrados no perfil por meio da ferramenta “*stories* em destaque”, a fim de proporcionar a possibilidade de acesso para além das 24h de exibição.

Na opção “vídeo do IGTV” deixamos salvas as *lives* realizadas e criamos o quadro “SUSpeito para falar”, um espaço para profissionais e usuários do SUS trazerem experiências positivas no SUS, em vídeos de curta duração. As *lives* consistiam em transmissões ao vivo, nas quais um participante da equipe entrevistava um sanitarista convidado, que relatava sua experiência no SUS, abordando um tema específico em relação à sua atuação profissional e aos impactos da pandemia.

Dentre os conteúdos trabalhados em *lives* e conteúdos divulgados, abordamos sobre o profissional sanitário, discutindo acerca da sua formação, bem como das atribuições e dos desafios, das potencialidades e dos cenários de atuação da sua profissão. Foram compartilhadas experiências de atuação na Atenção Básica, por meio do gerenciamento de equipes, ou compondo a equipe do Núcleo Ampliado de Saúde da Família e Atenção Básica (Nasf-AB); no planejamento em saúde, na vigilância epidemiológica, no Programa Nacional de Imunização, na gestão de serviços especializados e no apoio institucional à gestão regional da saúde em tempos de pandemia.

Trouxemos, ainda, conteúdo sobre o novo coronavírus (SARS-Cov-2), a Covid-19, seus principais sintomas, diagnóstico, meio de transmissão, recomendações quanto à prevenção e à conduta de isolamento, importância do Sistema Único de Saúde (SUS), da Atenção Primária, Secundária e Terciária no enfrentamento da pandemia

no Brasil, notificação e subnotificação de casos de Covid-19, curva epidemiológica, uso correto da máscara, trabalhando também o que é surto, endemia, epidemia e pandemia.

Abordamos, ainda, o debate acerca do que é o SUS e de sua importância na pandemia de Covid-19, além de trazeremos informação em saúde de forma geral e assuntos de acordo com as campanhas de saúde, em relação aos meses temáticos, como o agosto dourado, setembro amarelo, outubro rosa, novembro azul, dezembro vermelho e laranja. A abordagem desses temas foi muito importante para ajudar a fortalecer a prevenção com enfoque em muitos agravos e doenças que continuaram acometendo a população durante a pandemia.

As fontes escolhidas para subsidiar a elaboração das publicações eram, em sua maioria, artigos científicos e *sites* oficiais do Ministério da Saúde. As publicações do Instagram tinham como objetivo divulgar conteúdo científico de forma simples e resumida, a fim de facilitar a compreensão. Para isso, foram utilizados mapas mentais, fluxogramas, quadros didáticos e vídeos utilizando animações no formato compatível com a rede social.

Um desafio encontrado está relacionado ao uso de ferramentas digitais que não estavam dentro da área de conhecimento ou domínio da equipe. Por exemplo, uma das ferramentas utilizadas para a elaboração das imagens foi a plataforma de *designers* Canva, a qual tivemos que estudar para possibilitar a elaboração das atividades do projeto no formato remoto.

As rodas de estudo, realizadas por meio do Google Meet, tinham o objetivo de proporcionar a troca de experiências e reflexões através do diálogo entre os estudantes e os profissionais que traziam a narrativa de suas experiências formativas e de atuação profissional. Além dos membros do projeto, sempre participavam outros estudantes do CAV e profissionais de saúde que se interessavam pelos temas abordados. Nesses momentos, tivemos a colaboração de docentes e profissionais bacharéis em saúde coletiva. No quadro a seguir, apresentamos um resumo das atividades desenvolvidas.

**Quadro 1** - Síntese temática das atividades realizadas no período de junho a dezembro de 2020

Mês	Tema dos conteúdos educativos e publicações	Tema das <i>lives</i> e rodas de conversa
<b>Junho</b>	Apresentação do projeto.	- Atuação do sanitарista como gerente de UBS; - O sanitарista compondo equipes multiprofissionais NASF-AB.
<b>Julho</b>	Democracia e Saúde; Quadro SUSpeito para falar; A história do SUS.	- Atuação do sanitарista no planejamento em Saúde; - Atuação do sanitарista na vigilância epidemiológica.
<b>Agosto</b>	Quadro SUSpeito para falar; Agosto dourado; Reforma sanitária; Utilização do SUS; Mortalidade materna.	- Territorialização: antes e durante a pandemia; - Atuação do sanitарista a partir do ciclo do PCAD na Atenção Primária; - Atuação do sanitарista no fortalecimento da regionalização em Saúde; - Reflexões de uma sanitарista acerca do Programa Nacional de Imunização em tempos de pandemia.
<b>Setembro</b>	Setembro amarelo; Luta antimanicomial e Reforma Psiquiátrica; Discussão sobre suicídio; RAPS.	- Atuação do sanitарista na vigilância epidemiológica na pandemia de Covid-19; - Atuação do sanitарista em área rural remota na região amazônica de Mato Grosso; - Atuação do sanitарista na média complexidade.
<b>Outubro</b>	Outubro rosa; Autocuidado; Prevenção do câncer de mama.	- Atuação do sanitарista na Educação em Saúde Comunitária: relato de experiência; - Visita domiciliar e o cuidado da saúde no âmbito da Atenção Primária; - Grupos de Atenção Básica antes, durante e pós-pandemia.
<b>Novembro</b>	Novembro azul; Masculinidade; Saúde do homem: questões culturais.	- Atuação do sanitарista no fortalecimento do cadastro das famílias no e-SUS; - A importância do diagnóstico territorial no planejamento de ações; - Atuação do sanitарista na gestão do trabalho da Educação em Saúde; - Atuação do sanitарista em projetos de promoção e vigilância em Saúde.
<b>Dezembro</b>	Dezembro vermelho; Dezembro laranja; Prevenção contra HIV/AIDS; Segunda onda de Covid-19; Retrospectiva 2020 do projeto.	- O sanitарista e a importância da mobilização comunitária na Atenção Básica; - Atuação do sanitарista na integração vigilância e Atenção Básica no contexto da pandemia; - Perspectiva de uma sanitарista na vigilância no município de Passira-PE.

**Fonte:** Projeto “Atuação do sanitарista na Atenção Básica: experiências e debates sobre o ensino, pesquisa e extensão”, 2020.

As Figuras 2, 3 e 4, apresentadas a seguir, ilustram a divulgação das *lives*, os encontros via Google Meet e os conteúdos abordados no perfil do Instagram.

**Figura 2** - *Lives* temáticas realizadas no Instagram do projeto



**Fonte:** Projeto “Atuação do sanitário na Atenção Básica: experiências e debates sobre o ensino, pesquisa e extensão”, 2020.

**Figura 3** - Rodas de estudo para formação dos participantes realizadas pelo Google Meet



**Fonte:** Projeto “Atuação do sanitário na Atenção Básica: experiências e debates sobre o ensino, pesquisa e extensão”, 2020.

**Figura 4** - Alguns dos conteúdos abordados no perfil do projeto sobre a pandemia de Covid-19



**Fonte:** Projeto “Atuação do sanitário na Atenção Básica: experiências e debates sobre o ensino, pesquisa e extensão”, 2020.

## 2.2 Entre partilhas e aprendizados: o papel da universidade em tempos adversos

A extensão universitária proporciona um amplo campo de formação, troca de experiências e saberes, além da geração de novos conhecimentos tanto para quem está inserido no projeto, como docentes, estudantes de graduação e profissionais colaboradores, a exemplo dos residentes neste projeto, quanto para a sociedade em geral. Acreditamos que fazer extensão é mais do que “romper os muros” da universidade: trata-se de um esforço consciente para construir caminhos de integração, onde os sujeitos possam caminhar juntos e perceber que a sua formação e a construção do conhecimento científico acontece na e para a sociedade e esta, por sua vez, possa reconhecer que a universidade existe para servi-la e ajudá-la na sua transformação.

Esse esforço de integração ensino-serviço-comunidade já é um desafio cotidiano no âmbito da universidade e das inúmeras atividades de extensão desenvolvidas. O cenário de pandemia que todos nós vivenciamos agigantou esses desafios. Promover integração em tempos quando o distanciamento social é uma premissa para conservação da vida. Isso exigiu de cada extensionista

um esforço consciente para o aprendizado de novas ferramentas e para o desenvolvimento de habilidades nem sempre previstas no seu percurso formativo. No entanto, as experiências têm valido a pena. Este projeto nos mostrou que é possível construir vínculos, aprender mutuamente e promover ações de educação e comunicação em saúde, contribuindo para a garantia do acesso à informação de qualidade e prevenção em saúde enquanto direito de cidadania.

Para além do objetivo formativo e das trocas de experiências entre os estudantes e professores, a universidade tem um papel de cunho social para com os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), lugar onde os estudantes de saúde coletiva se inserem, e para com a população de maneira geral, de forma a levar ciência, informação e profissionais preparados para intervir diante de contextos e realidades diversas.

O ano de 2020 provocou mudanças no cotidiano formativo das universidades, o que levou as instituições a proporem novas formas e estratégias para realizar o seu papel social, buscando novos caminhos e alternativas para contribuir com a ciência e com a população no enfrentamento de um problema de saúde pública, que é a pandemia de Covid-19.

Diante dos inúmeros e inesperados desafios no decorrer do ano pandêmico, pudemos dar ênfase às potencialidades das discussões, *lives*, reuniões, grupos e toda a partilha de saberes e experiências, tanto para quem está inserido no serviço, quanto para quem ainda está na universidade e não pode ter a possibilidade de vivenciar a prática do sanitário nos serviços de saúde e, em especial, na Atenção Básica. Cada encontro proporcionou um momento de vivência diferente, com convidados de outras realidades e até de outros estados do país, ponto bastante relevante, pois, diante de toda a construção do projeto, não enxergávamos essa questão enquanto fortalecedora no aspecto das disparidades locais e regionais. Observamos que determinados territórios, setores da saúde, programas e políticas podem ser conhecidos/experenciados através de narrativas compartilhadas, apesar dos quilômetros de distância entre as pessoas.

O projeto trouxe diversas discussões e reflexões acerca do “fazer” do sanitário em diversos setores e lugares de atuação. Discutiu-se sobre o processo de trabalho desse profissional, que está em constante construção, e sobre o principal desafio para quem começou a atuar no contexto de pandemia. Todas as discussões fomentaram e fortaleceram a prática futura dos que ainda irão começar a atuar. A formação em Saúde Coletiva é contínua e, com a pandemia, juntamente a todos os processos individuais e coletivos, amadurecemos e crescemos uns com os outros, de pouco em pouco, ganhando espaço e trazendo visibilidade para esse campo de atuação profissional.

A transformação das plataformas digitais em salas de aula trouxe diversos benefícios, uma vez que nos possibilitam estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Por outro lado, para além dos seus benefícios, o uso das plataformas digitais também traz consigo alguns desafios. Isso porque os encontros e as reuniões *on-line* costumam ser mais silenciosas, de modo que a (falta de) interação se manifestou como um empecilho para tantas experiências exitosas.

Por meio do perfil na rede social, tivemos a possibilidade de levar ciência, informação e orientação a todas as pessoas que nos acompanhavam via Instagram. Dessa forma, contribuímos para a compreensão sobre a Covid-19, ratificando questões como as medidas a serem seguidas, a importância do distanciamento social e a realização de testes de detecção da doença. Para além da realidade sanitária que vivenciávamos, pudemos, assim, ser ponto de apoio para dúvidas, esclarecimentos, inquietações e necessidades.

A integração da equipe e as diversas experiências e ideias fizeram com que o projeto fosse levado ao público de maneira muito criativa, clara, objetiva, com uma linguagem acessível e humanizada, aspectos de extrema relevância neste contexto tão adverso que todos estavam vivenciando. Assim, levantamos aspectos voltados para a saúde mental, mudança de rotinas e horários, alimentação, sono, dentre outras questões que foram influenciadas e afetadas pelo processo de pandemia.

Nesse sentido, a atuação da universidade ultrapassa os muros do *campus*, possibilitando, através do diálogo, intervenções diante das realidades e necessidades da população, trabalhando de maneira multiprofissional e interdisciplinar frente à crise sanitária como a que estamos vivenciando.

Atualmente, o Instagram permite, através de uma conta comercial ou educacional, a identificação de alguns indicadores como: alcance, impressões, localizações, sexo e faixa etária dos seguidores, interações e outras atividades da rede social. Também utilizamos esses indicadores para avaliar alguns períodos do nosso perfil. Nos meses de outubro e novembro, obtivemos mais de 14 mil impressões com a média de 1.000 contas alcançadas, com seguidores de Recife, Vitória de Santo Antão, Brasília, Natal e Rio de Janeiro. Em relação ao perfil de seguidores ativos, 76% eram de mulheres e 24%, homens; com faixa etária entre 18 e 35 anos.

### 3. Considerações finais

A pandemia causada pela Covid-19 provocou muitas mudanças no modo de vida, trabalho, educação e lazer em todo o mundo. Nesse cenário tão adverso, a sociedade precisou aprender a dominar, rapidamente, algumas formas de comunicação e interação social que atendessem à necessidade de dar seguimento à vida e a tantos sonhos e projetos. Na educação não foi diferente. Mesmo com tantas adversidades, conseguimos superar alguns desafios e implementar este projeto de extensão, utilizando as mídias sociais para promover informações educativas para profissionais e estudantes sobre a prevenção à Covid-19 e outros agravos de adoecimentos no Brasil, além de contribuir para o aumento da visibilidade da atuação do profissional sanitário nos vários setores do Sistema Único de Saúde.

A universidade existe porque tem um papel social importante de transformação, de provocar mudanças nos problemas da população. Esse papel é cumprido a partir da geração de novos saberes, soluções e respostas exigidas

das pelas necessidades da sociedade e através da formação de profissionais críticos, qualificados e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa. A universidade, no desenvolvimento de sua missão, pode ter a extensão como o eixo integrador da sociedade com os seus objetivos de formação acadêmica e inovação científica.

Projetos como este aqui relatado são mais uma prova da necessidade de investir na universidade, na extensão universitária e no seu compromisso inegociável de responder às necessidades da sociedade. Ao nos depararmos com cenários reais e complexos como os impostos pela pandemia de Covid-19, faz-se necessário resistir no cumprimento do papel da universidade e buscar desenvolver, nos sujeitos que a constituem, a criatividade e a vontade de aprender e compartilhar o aprendizado, sempre!

BOSI, Maria Lúcia Magalhães; PAIM, Jairnílson Silva. Graduação em Saúde Coletiva: limites e possibilidades como estratégia de formação profissional. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 2029-2038, 2010.

MENESES, Jéssica Janai Santos; SILVA, Monaise Madalena Oliveira; CASTELLANOS, Marcelo Eduardo Pfeiffer; RIBEIRO, Guilherme de Sousa. Panorama dos cursos de graduação em Saúde Coletiva no Brasil entre 2008 e 2014. *Trabalho, Educação & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 501-518, 2017.

SILVA, Millena Maria Nascimento. *A Experiência do PET interprofissional na formação de bacharéis em saúde coletiva no Centro Acadêmico de Vitória (CAV – UFPE)*. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Saúde Coletiva) – Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2020.

SILVA, Leandra França da. *Atuação do sanitarista em equipes multiprofissionais na atenção básica: atividades, desafios e potencialidades*. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Saúde Coletiva) – Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2019.

SILVA, Vinício Oliveira da; PINTO, Isabela Cardoso de Matos. Identidade do sanitarista no Brasil: percepções de estudantes e egressos de cursos de graduação em Saúde Pública/Coletiva. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, São Paulo, v. 22, n. 65, p. 539-550, 2018.

TEIXEIRA, Carmen Fontes. Graduação em Saúde Coletiva: antecipando a formação do Sanitarista. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 163-166, 2003.



# COMUNICAÇÃO EM SAÚDE E APOIO SOCIAL A GRUPOS VULNERABILIZADOS EM TEMPOS DE COVID-19

COMMUNICATION IN HEALTH AND SOCIAL SUPPORT  
TO VULNERABLE GROUPS IN COVID-19 TIMES

**Márcia Maria Dantas Cabral de Melo**

(Doutora em Odontologia e em Saúde Pública, Professora do  
Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva, CCS/UFPE)

**Silvia Regina Jamelli**

(Doutora em Odontopediatria, Professora do Departamento  
de Clínica e Odontologia Preventiva, CCS/UFPE)

**Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório**

(Mestra em Saúde Coletiva e Doutoranda em Saúde Pública, Professora  
do Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva, CCS/UFPE)

**Thuanny Silva de Macêdo**

(Doutoranda em Odontologia, CCS/UFPE)

**Amanda Emídio de Macedo**

(Graduanda em Odontologia, CCS/UFPE)

Este relato de experiência expressa as principais vivências e resultados do projeto de extensão “Enfrentamento à Covid-19 nas redes sociais: ação de comunicação e apoio social às populações vulneráveis de territórios da Atenção Básica”, coordenado pelas docentes Márcia Maria Dantas Cabral de Melo (coordenadora) e Sílvia Regina Jamelli (vice-coordenadora), doutoras do Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva, CCS/UFPE. O projeto foi submetido ao Edital 2020-06/Edital Pibexc 2020, através do qual recebeu fomento de três bolsas. Além da coordenadora e vice-coordenadora do projeto, a equipe de execução foi composta por Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório (professora substituta); Thuanny Silva de Macêdo (doutoranda em odontologia) e pelos graduandos de odontologia da UFPE: Adna Soraya dos Santos, Aline Vitória Tavares de Almeida, Amanda Emidio de Macedo (bolsista), Bárbara Catariny Santos Mourelhe, Bruna Gabrielly Coutinho dos Santos (bolsista), Elida Larissa da Silva Souza, Flávia Castro Pinto do Rego, Isabelle Silva Ramos das Neves, Jesiel da Silva, Kamila Lima do Nascimento, Larissa Sercundes Farias dos Anjos, Leonardo Fillipe Santana do Amaral, Letícia Bischoff Mallefont (bolsista), Lívia Larissa Primo Cândido, Maria Eduarda da Silva, Maria Eduarda Dias Monteiro Bispo, Nataly Salete Nunes Silva Mendonça, Olímpio Francisco da Costa Neto, Priscila Soto Reinaux Monteiro, Rayssa Maria Leite de Freitas.

## Resumo

Apresenta-se neste relato ações extensionistas para potencializar atividades remotas de comunicação em saúde e apoio socioassistencial a populações de territórios da Atenção Primária. Participaram dessas ações docentes de saúde coletiva e estudantes de Odontologia da UFPE (3 docentes; 1 doutoranda; 20 graduandos). Adotou-se a metodologia da pesquisa-ação, buscando-se a participação nos momentos investigativos e intervencionistas, retroalimentados por processos avaliativos. Os locais das ações foram os ambientes virtuais do Instagram e do YouTube e os distritos sanitários IV e V do Recife. Além disso, o público-alvo foi composto por leigos, comunidade acadêmica, profissionais e moradores desses distritos. As intervenções realizadas por meio do projeto foram a realização de seis seminários formativos/avaliativos; a produção e divulgação de 47 materiais informativos/educativos em redes sociais do projeto e de parceiros; debates *on-line*, uma *live* e um *webinário*; apoio e divulgação de projetos sociais e de mobilização comunitária e as diversas atividades socioassistenciais realizadas no Distrito V, com lideranças do movimento comunitário “A Praça do Cristo”, em parceria com o projeto de extensão “Enfrentamento à Covid-19: produzir saúde e defender a vida”. As ações do projeto voltaram-se para o desenvolvimento de campanhas de arrecadação financeira para compra de utensílios de cozinha para a creche, organização de pontos de coleta das doações de cesta básica e materiais de limpeza e higiene pessoal e distribuição de álcool em gel, tendo as famílias e crianças de uma creche localizada na Ocupação Marielle Franco e idosos residentes de asilos como grupos alcançados. Apesar dos empecilhos, alcançou-se grande parte dos objetivos, com a ação bem avaliada pelos integrantes. Promoveu-se o protagonismo estudantil e o agir participativo com direção social clara para democratização de informações em saúde e atuação cidadã com ações de solidariedade social a populações pauperizadas em tempos de Covid-19.

**Palavras-chave:** Covid-19. Rede Social. Comunicação em Saúde. Ação Social. Atenção Primária à Saúde.

## Abstract

In this paper, we share an experience report of an extension action. It is presented to enhance remote communication actions in healthcare and socio-assistance support to popula-

tions in territories that need Primary Care. Three public health professors and 21 students of Dentistry at UFPE participated in these interventions. Hence, action-research methodology was adopted because we were seeking participation in investigative and interventionist moments, receiving feedback by evaluation processes. The actions locations were in the virtual environments of Instagram and YouTube, and in Recife's sanitary districts IV and V. In addition, the target audience was a compound of lay people, academic community, professionals and communities from these districts. The interventions carried out by this project were the realization of six formative/evaluative seminars, production and dissemination of 47 informational/educational materials on social networks of the project and partners; online debates, *live* and one *webinar*, support and dissemination of social projects and community mobilization, social assistance activities fulfilled in the District V with leaders of the community movement "A Praça do Cristo" in partnership with the extension project "Enfrentamento à Covid-19: produzir saúde e defender a vida". The project's action focused on financial collection campaigns for the purchase of kitchen utensils for the daycare center, organization of collection points for donations of basic food baskets and cleaning and personal hygiene materials and alcohol distribution. Therefore, these efforts benefited families and children from a daycare center placed in Marielle Franco Occupation and nursing homes residents. Despite impediments, most of the objectives were achieved, and the action was well evaluated by the members. Student leadership and participatory action with a clear social direction were promoted by health information democratization and citizen performance with social solidarity actions to populations impoverished in COVID-19 times.

**Keywords:** COVID-19. Social Media. Health Communication. Social Action. Primary Health Care.

## 1. Introdução

Este relato de experiência representa uma contribuição extensionista ao enfrentamento à Covid-19, cujos impactos econômicos e sociais já podem ser observados com maior intensidade em populações mais vulneráveis de regiões e países onde os índices de desigualdades sociais e na área da saúde são mais elevados, a exemplo do Brasil (MINAYO; FREIRE, 2020).

Desde a confirmação da presença da Covid-19 no Brasil, em fevereiro de 2020, o número de casos e óbitos aumentou consideravelmente em praticamente todo o território e, devido à ausência de um plano nacional de enfrentamento e de vacinação contra a Covid-19, chegou-se em 2021 com a pandemia descontrolada (ABRASCO, 2021). Ademais, as condições precárias de vida, as quais a maioria da população brasileira está submetida, são potenciadoras da rápida disseminação do vírus, o que favorece o aumento exponencial do número de indivíduos contaminados – assintomáticos e sintomáticos – que poderão ter sua condição de saúde agravada e suas vidas perdidas, sendo o Norte e Nordeste as áreas que figuram como as de maior vulnerabilidade (BASTOS; CAJUEIRO, 2020; CODEÇO *et al.*, 2020).

A pandemia de Covid-19 exige das autoridades medidas amplas de saúde pública e de proteção social que priorizem a vida e o seu controle efetivo, e são os países detentores de sistemas de proteção social e de saúde universais que estão mais capacitados para responder oportunamente a essa grave emergência sanitária (DUNLOP *et al.*, 2020). Ao contrário, no Brasil, o novo coronavírus (SARS-CoV-2) se dissemina em um cenário de crise sanitária e aprofundamento das políticas ultra neoliberais que estão operando a desconstrução dos princípios democráticos conquistados e os projetos de contrarreforma dirigidos às políticas de proteção social e ao Sistema Único de Saúde (SUS) (MORAES; OLIVEIRA, 2020).

A estratégia inicial adotada pelas autoridades foi direcionada às medidas de distanciamento das pessoas e à estruturação da rede hospitalar através da disponibilização de leitos de unidade de terapia intensiva para os casos graves, a fim de evitar óbitos. Para além dessas, outras ações centralizadas foram postas em prática, seguindo tendências internacionais (WU; MCGOOGAN, 2020) e desconsiderando orientações internacionais e nacionais para uma atuação sistêmica a partir da Atenção Primária à Saúde (APS) (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018; SOUTO; TRAVASSOS, 2020). A adoção dessas ações culminou, em parte, numa retração do protagonismo da APS, que deveria estar sendo preparada para protagonizar a coordenação das medidas de prevenção, proteção e cuidado contra a Covid-19 a partir dos territórios da APS do país, onde vivem populações marcadas por extrema desigualdade e vulnerabilidade social (SARTI *et al.*, 2020).

No Brasil, a situação epidemiológica mostra que os casos graves e a mortalidade por Covid-19 estão relacionados a aspectos demográficos e de distribuição de renda, observando-se uma maior incidência da doença nas populações adultas e idosas submetidas a condições precárias de vida, de habitação e de infraestrutura (BARBOSA *et al.*, 2020). Esses fatos contribuem para ampliar a disseminação socioespacial do vírus, demandando das tecnologias próprias à APS e dos seus dispositivos para barrar a disseminação do vírus, e o agravamento de condições clínicas.

Nesse contexto pandêmico, as tecnologias de informação e comunicação configuram-se como uma estratégia fundamental para o monitoramento georreferenciado da dinâmica de evolução da pandemia e para a operacionalização da integralidade do cuidado nesse nível de atenção primária. Os serviços de Telessaúde e as mídias sociais passaram a ter papel relevante no trabalho em saúde, seja na disseminação de informações qualificadas, com o intuito de estimular a educação em saúde, seja nas orientações de apoio socioassistencial para que a população e os usuários do SUS possam saber como proceder na busca pelo cuidado oportuno e pelos benefícios de proteção social (CAETANO *et al.*, 2020; SCHUCHMANN *et al.*, 2020).

Em face a esse cenário, por entender que a divulgação em tempo real de informações especializadas e de educação em saúde são capazes de contribuir com a conscientização da população no tocante ao enfrentamento da Covid-19, foi proposto, nas redes sociais, o projeto de extensão "Enfrentamento à Covid-19". A ação, ofertada por um coletivo de docentes da disciplina de Saúde Coletiva, e também por estudantes de graduação e Pós-Graduação em Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), se propôs a prestar comunicação e apoio social às populações vulneráveis de territórios da Atenção Básica do Recife. Através da potencialização das ações remotas de comunicação em saúde e do apoio social e comunitário, o projeto objetivou: divulgar informações de prevenção e cuidado contra a Covid-19; socializar conteúdos técnicos e científicos sobre a pandemia; e promover ações de caráter socioassistenciais voltadas às populações de territórios da APS do Recife<sup>1</sup>.

Apresentam-se os aspectos do percurso da experiência extensionista, que buscou privilegiar o agir comunicativo e o protagonismo estudantil em todas as etapas de desenvolvimento da ação, a qual esteve ancorada na metodologia da pesquisa-ação, buscando a participação

<sup>1</sup> A cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, possui uma extensão territorial de 218,50 km<sup>2</sup> e uma densidade demográfica de 7.082,32 hab/Km<sup>2</sup>. A população residente estimada para 2020 é de 1.653.461 pessoas. O PIB per capita é 31.994,38 R\$; O IDH-M 0,772 e o índice de Gini de 0,68 da renda domiciliar per capita comprova a desigualdade de renda na cidade. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/recife.html>.

nos momentos investigativo e intervencionista, retroalimentados por processos avaliativos.

## 2. O relato da experiência

### 2.1 Notas iniciais

Este relato de experiência nasce da intenção de um grupo de estudantes do curso de Odontologia da UFPE em integrar-se a ações de saúde coletiva voltadas ao enfrentamento à Covid-19, a partir da utilização das redes sociais digitais.

O contexto era de suspensão das atividades universitárias – deflagradas a partir de 18 de março de 2020 – e da adoção das medidas de isolamento e distanciamento social com o objetivo de retardar a expansão da doença e permitir que o sistema de saúde se adequasse ao rápido crescimento da demanda por leitos de internação, principalmente os de terapia intensiva, evitando assim que estes viessem a colapsar (BRASIL, 2020). Por outro lado, um estudo recente identificou os efeitos da quarentena na qualidade de vida dos estudantes universitários, sendo identificados problemas de ordem emocional como ansiedade, depressão e estresse pelo impacto da Covid-19 (MAIA; DIAS, 2020).

Compreendendo que, em um período crítico e de necessidades prementes, deve-se atuar conforme o posicionamento ético-político, em defesa da vida e do fortalecimento do SUS, essa experiência apresenta-se como contribuição ao enfrentamento da Covid-19. O projeto contou com o envolvimento e o protagonismo direto dos estudantes participantes e foi, em parte, influenciado pelas vivências anteriores que lhes foram oportunizadas no Estágio Supervisionado 1 do referido curso, cujas práticas foram desenvolvidas nos territórios da APS do Recife, também alvo das ações deste projeto.

Nesses territórios se encontram populações marcadas por extrema desigualdade e vulnerabilidade social, habitando em moradias precárias e com alta densidade de pessoas, sem saneamento básico e com acesso limitado à renda, aos serviços de proteção social e de saú-

de. Tais condições de vida as tornam mais susceptíveis à Covid-19, pois são potencializadoras da rápida disseminação do vírus, bem como do consequente aumento no número de pessoas contaminadas, sob o risco de apresentarem formas graves da doença e chegarem a óbito (SCHUCHMANN, 2020).

## 2.2 O projeto de extensão

A concepção do Projeto de Extensão "Enfrentamento à Covid-19 nas Redes Sociais: ação de comunicação e apoio social às populações vulneráveis de territórios da Atenção Básica" foi referenciada nos aportes teóricos e metodológicos para a condução das políticas de promoção e educação popular em saúde na APS (BRASIL, 2013; MELO; MONTEIRO, 2018; PRADO; SANTOS, 2018).

A partir da captação da realidade objetiva e da sua interpretação, definiu-se os objetivos e o percurso metodológico – propondo-se ações para disseminar, em redes sociais digitais e comunitárias, materiais educativos e informativos técnico-científicos, de cunho político e social e ainda promover debates com especialistas sobre a pandemia. Além disso, foram delineadas ações socioassistenciais dirigidas aos comunitários de territórios dos distritos sanitários IV e V do Recife.

O coletivo integrante do projeto de extensão, ou seja, a sua equipe de execução, foi composta por: duas docentes efetivas e uma professora substituta lotadas nas disciplinas de Saúde Coletiva e do Estágio Supervisionado I; uma doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Odontologia do Centro de Ciências da Saúde/UFPE; e 20 graduandos de Odontologia/UFPE, estimulando-se o protagonismo estudantil. As ações foram planejadas para distintos públicos-alvos: o público leigo, a comunidade acadêmica, seguidores do perfil do projeto, profissionais de saúde da família e comunitários dos territórios dos referidos distritos.

O local das ações de comunicação e de educação em saúde foram os territórios virtuais do Instagram (@coletivid19) e do YouTube<sup>2</sup>, nos quais se criou o perfil/canal Coletivid19, destinado às ações do projeto.

Essas redes sociais foram escolhidas por serem muito utilizadas pela população em geral e pelas áreas de intervenção do projeto. Estudos informam que, a partir da instalação da pandemia, o uso das redes sociais, a exemplo do Instagram, aumentou expressivamente em número de seguidores e de interações (PINTO *et al.*, 2020). No âmbito da APS, são registradas estratégias das equipes de saúde para se comunicarem com a comunidade, no que diz respeito à pandemia, pelas plataformas digitais, a exemplo do Instagram (MALAVÉ, 2021), fato que foi confirmado nesse projeto.

A partir do objetivo geral proposto – de potencializar ações remotas de comunicação em saúde e de apoiar as ações sociais e comunitárias voltadas ao enfrentamento da Covid-19 –, foram detalhados os objetivos específicos para guiarem as ações pretendidas, a saber: coletivizar informações para prevenção e cuidado à Covid-19 a partir do uso de mídias digitais; oportunizar espaço especializado de orientação, educação e comunicação à população e profissionais de saúde da Atenção Básica; oportunizar espaço de divulgação e articulação das ações com a comunidade acadêmica dos cursos de saúde da UFPE; apoiar a organização coletiva e comunitária para o enfrentamento da Covid-19 e suas consequências, sobretudo no desenvolvimento de ações de suporte social a populações e grupos vulneráveis.

Para operacionalizar esses objetivos e organizar o processo de trabalho, definiu-se duas linhas de ação:

Linha 1- comunicação e educação em saúde, para o desenvolvimento de materiais informativos para divulgação em redes sociais com linguagem acessível e contextualizada sobre o cuidado da saúde frente à Covid-19, que desperte na população o autocuidado e cuidado interpessoal (foco nas medidas de proteção de contágio/transmissão do coronavírus), assim como informações socioepidemiológicas e técnico-científicas; estabelecimento de parcerias para arrecadações e auxílio social; divulgação sobre os programas e unidades de atendimento à Covid-19 na rede de Atenção à Saúde do Recife; disponibilização de link das redes sociais do projeto de extensão para acesso amplo da população aos materiais

de fácil entendimento referente à Covid-19; produção de postagens e materiais educativos de formatos variados (gravação de vídeos e áudios, *posts* e álbum seriado virtual); planejamento da gestão do trabalho dos extensionistas para divulgação semanal dos materiais educativos na rede social do projeto e em outras redes parceiras; articulação com os profissionais das Unidades de Saúde da Família (USF) para identificação das plataformas digitais e mídias de maior uso pelas comunidades dos distritos.

Linha 2 – Apoio social e comunitário voltado para ações de caráter socioassistenciais, tais como: levantamento dos movimentos e projetos sociais e comunitários engajados em ações solidárias de apoio às populações vulneráveis nesse contexto pandêmico, com foco nos existentes territórios programados para a ação; divulgação das ações de projetos socioeducativos e assistenciais e organizações populares na arrecadação de cestas básicas e produtos de higiene pessoal; promoção de ações de arrecadação de materiais de limpeza, de proteção e de materiais de higiene associados ao combate à contaminação (água, sabonetes, água sanitária e álcool) para organizar a distribuição, em articulação com entidades comunitárias dos territórios da ação.

Para tal fim, adotou-se a metodologia da pesquisa-ação, que favorece o envolvimento cooperativo dos participantes e investigadores (TRIPP, 2005).

Optou-se por seguir três momentos da pesquisa-ação, adaptando-os à realidade da ação (PINTO, 1989), quais sejam: 1) Diagnóstico (investigação), favorecendo a apreensão do conhecimento/realidade; 2) Análise Interpretativa (tematização); e 3) Intervenção na realidade (implementação/programação/ação). Os momentos foram realizados sincronicamente.

O primeiro momento foi reservado à investigação, ao estudo e ao levantamento de informações em base de dados de saúde e de instituições de saúde internacionais, nacionais e municipais para subsidiar a produção de materiais informativos com comunicação acessível ao grande público sobre o tema da Covid-19. Ao mesmo tempo, foi criado um banco de dados para arquivamento

e alimentação constante do material pesquisado. Paralelamente, foram realizados levantamentos dos coletivos sociais e organizações comunitárias, que se engajaram na prestação da assistência social às populações mais carentes e suscetíveis à Covid-19, buscando-se identificar movimentos comunitários nos distritos sanitários, alvos dessa ação extensionista.

O segundo momento foi direcionado aos encontros *on-line* de reflexão e diálogos (trocas teóricas) com a finalidade de subsidiar, com as evidências e os conhecimentos adquiridos no 1º momento, a seleção dos materiais/temas, assim como de planejar as estratégias de comunicação popular no ambiente virtual, que requerem uma linguagem acessível e imagens contextualizadas culturalmente (LATGÉ; ARAÚJO; SILVA JÚNIOR, 2020).

O terceiro momento correspondeu à implementação das ações que combinaram atividades de comunicação em saúde com atividades de apoio social, buscando-se envolver os profissionais das USF dos dois DS com a intenção de apoiar as ações de educação em saúde, exigidas pelo contexto de transmissão comunitária do vírus da Covid-19, e a própria comunidade. As ações de informação e educação em saúde foram divulgadas na rede virtual do Instagram e em outras redes parceiras. Já outras, de cunho formativo, foram realizadas na modalidade de *live* e *webinar*.

As ações do projeto foram desenvolvidas no período de junho a dezembro de 2020. Todo o processo de trabalho foi dialogado, buscando-se uma atuação participativa de todos os integrantes, participação esta que foi realizada em movimentos de troca de saberes e de reflexão sobre a ação, cuja perspectiva era transformar a realidade objetiva onde os atores estão engajados (TRIPP, 2005). O desenvolvimento das ações foi subsidiado por encontros de monitoramento e avaliação de processo e de resultados realizados constantemente durante o desenvolvimento da ação, por meio de videoconferências. Foi valorizado em todo o processo os aspectos subjetivos, como os relacionais e afetivos, que estiveram envolvidos no processo de trabalho coletivo entre os docentes e os discentes participantes.

Entretanto, algumas dificuldades internas e externas limitaram o alcance integral dos objetivos pretendidos.

As ações planejadas para serem realizadas com profissionais das USF dos DS IV e V não se concretizaram. Houveram dificuldades para reunir esse segmento, uma vez que os distritos não respondiam aos convites de participação. Os motivos podem estar relacionados aos problemas que atingiram a rede de APS em todo país (SARTI *et al.*, 2020). No Recife, são vistos problemas de desfalque no quadro profissional das USF, seja por motivos de saúde e de ordem emocional, seja devido à necessidade de transferências para unidades de referência em Covid-19 ou de interrupção das atividades devido ao baixo provimento de materiais de proteção à Covid-19.

Apesar disso, viabilizaram-se ações das duas linhas do projeto, que foram favorecidas pela parceria estabelecida com o projeto de extensão "Enfrentamento à Covid-19: produzir saúde e defender a vida do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família" da UFPE (PRMSF/UFPE), cujos residentes estão inseridos nos distritos sanitários IV e V. Essa articulação possibilitou a disseminação, nas redes sociais comunitárias desses distritos sanitários, dos materiais educativos produzidos e postados na página do Instagram (@coletivid19). No Distrito Sanitário V, realizou-se ações de apoio socioassistencial em parceria com o movimento comunitário *A Praça do Cristo*, que realiza atividades de educação sócio ambiental e engajamento em causas sociais voltadas a áreas de vulnerabilidade social desse DS, além de apoiar ações voluntárias com outros coletivos (@pracadocristo). Nessa ação, colaborou-se com a ação de distribuição de álcool em gel para os moradores da ocupação Marielle Franco, realizada pelo projeto de extensão PRMSF/UFPE.

Outro ponto fraco identificado referiu-se ao monitoramento da participação do público-alvo pertencente à comunidade acadêmica da UFPE, que necessitaria da criação de um instrumento para avaliar a participação desse público nos debates promovidos como seguidora do perfil @coletivid19 e/ou como colaboradora nas ações solidárias (arrecadação de doações).

Apesar disso, houve o alcance da maior parte dos objetivos e a ação foi bem avaliada pelos integrantes, que relataram ganhos em aprendizagens e conhecimentos sobre os movimentos populares que atuam na saúde e

no desenvolvimento de competências relacionais e em habilidades em tecnologias da informação e da comunicação (TICs).

A seguir, apresentam-se sintetizadas as ações que foram de fato implementadas (ação-intervenção), segundo o tipo de atividades e público atingido:

- Seminários de trocas teóricas e momentos avaliativos (6). Grupo atingido: docentes, extensionistas e discentes. Periodicidade: mensal;
- Produção e divulgação de materiais informativos e educativos em redes sociais do projeto e outras redes parceiras (47 produtos). Grupo atingido: seguidores da página, a qual conta com discentes, docentes, grupos comunitários dos distritos sanitários (que foram contatados) e público leigo no geral. No perfil @coletivid19 do Instagram, atingiu-se 273 seguidores. Alguns temas das postagens: o que é o novo coronavírus?; máscara de tecido; cuidados ao chegar e ao sair de casa; sinais e sintomas do coronavírus; saúde mental na pandemia; como diminuir os riscos de contaminação na reabertura do comércio; atenção primária no combate ao coronavírus: atuação dos agentes comunitários no combate à Covid-19; higiene bucal e prevenção contra a Covid-19; o isolamento social nas periferias; alerta sobre os riscos da automedicação (inclusive em relação a remédios que supostamente atuam contra a Covid-19); acesso universal à saúde durante a pandemia; saúde e proteção da mulher durante a pandemia; saúde da população carcerária; adoecimento do trabalhador; transformações exigidas por trabalhadores da saúde bucal; pandemia e os povos originários; saúde do homem e da mulher do campo na pandemia; ambiente x lixo x pandemia; e a situação dos refugiados em meio à pandemia;
- Realização de debates *on-line* (1 *live*; 1 *webinar*). Grupo atingido: a *live* contou com a participação dos seguidores do Instagram (58 participantes) e o *webinar*, realizado no canal do YouTube (82 participantes), registrou a participação de docentes, discentes, profissionais e técnicos do território IV e V. Temática da *live*: a

flexibilização do isolamento e a reabertura do comércio: considerações sobre a crise econômica, a crise sanitária e o financiamento do SUS. Temática do *webinar*: O trabalho e a saúde do trabalhador em tempos de Covid-19;

- Divulgação de projetos sociais e de mobilização comunitária, com divulgação de ações para arrecadação financeira e de materiais para populações vulneráveis (11 projetos foram divulgados). Grupo atingido: seguidores da página;
- Atividade socioassistencial no DS V. Grupo atingido: famílias e crianças de uma creche localizada na ocupação Marielle Franco e distribuição de álcool em gel em asilos. Ação: campanhas de arrecadação financeira para compra de utensílios de cozinha para a creche, organização de pontos de coleta das doações de cesta básica e materiais de limpeza e de higiene pessoal entre outros.

O protagonismo estudantil e o agir participativo impulsionado ao desenvolvimento das diferentes atividades propostas no projeto de extensão foram produtoras de compartilhamento de saberes com direção social clara para democratização de informações sobre a Covid-19 e a atuação cidadã, com ações de solidariedade social a populações pauperizadas de territórios sanitários.

### 3. Considerações finais

Este trabalho apresenta-se como uma contribuição ao enfrentamento à Covid-19, tendo como direção social o fortalecimento das políticas públicas de educação e saúde – o SUS e sua Rede de APS – e a solidariedade às populações mais vulnerabilizadas de territórios de integração ensino-serviço-comunidade da UFPE.

Apoiou-se na pesquisa-ação para oportunizar aos estudantes uma experiência significativa, por favorecer o desenvolvimento de um processo de interação

que mobilizou os membros participantes a intervirem na problemática social e sanitária selecionada, construindo novos saberes em *práxis*.

Os desafios trazidos pelo distanciamento social não se constituíram em fatores dificultadores para o processo de trabalho, que foi desenvolvido, na maioria das vezes, em plataformas digitais. Mesmo à distância, buscou-se a articulação dos processos de reflexão, discussão, análise e socialização de ideias. Considera-se que as dimensões da metodologia adotada evidenciaram o caráter criador, dialógico e integrador que se instalou entre os participantes, tornando-se extremamente fundamentadas às experiências que foram realizadas com espírito colaborativo.

As avaliações de processo e resultados comprovam o efeito positivo nos sujeitos do agir comunicativo e partilhado para alcançarem a concretude dos objetivos pretendidos, considerados pertinentes a esse contexto da pandemia da Covid-19 – caracterizada pela ausência de um plano nacional sistêmico de enfrentamento, de implementação da agenda política ultra neoliberal, que acelera o apagamento dos direitos sociais conquistados e ainda da disseminação de notícias falsas com o intuito de promover a deslegitimação do saber científico.

Ademais, os limites, fragilidades e dificuldades sentidas pelo grupo e identificadas no contexto da ação ao serem submetidos à análise coletiva – estabelecendo-se diálogos entre os saberes, problematizando e contextualizando as discussões e as experiências –, potencializaram o fortalecimento de vínculos e o envolvimento afetivo com o outro, condições essenciais para a instauração do trabalho colaborativo. Portanto, considera-se que a experiência aqui apresentada evidencia a intenção de se desenvolver uma formação indissociada da pesquisa e da intervenção na realidade social selecionada, inspirada na metodologia crítica e pautada por princípios éticos e humanísticos, no respeito ao outro, na democracia popular e participativa, nas trocas de saberes e na solidariedade cidadã.

Diante do exposto e do quadro persistente da pandemia, o coletivo se sente comprometido em manter vivas as ações remotas e socioassistenciais como contri-

buição ao enfrentamento à Covid-19. Assim, pretende-se prorrogar as ações das duas linhas do projeto enquanto persistir a pandemia, oportunizando-se a ampliação da participação discente e buscando-se fortalecer os vínculos com os territórios de saúde selecionados para as intervenções.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA. *Pandemia da Covid-19 no Brasil – Perspectivas para o Ano 2021 e os Desafios para Saúde Coletiva*. Abrasco, 2021. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/posicionamentos-oficiais-abrasco/pandemia-da-covid-19-no-brasil-perspectivas-para-o-ano-2021-e-os-desafios-para-saude-coletiva/55456/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BARBOSA, I. R. *et al.* Incidência e mortalidade por Covid-19 na população idosa brasileira e sua relação com indicadores contextuais: um estudo ecológico. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 1-11, 2020.

BASTOS, S. B.; CAJUEIRO, D. O. Modeling and forecasting the early evolution of the Covid-19 pandemic in Brazil. *Quantitative Biology*, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 1-15, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 428, de 19 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas de proteção para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) no âmbito das unidades do Ministério da Saúde no Distrito Federal e nos Estados. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 mar. 2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20428-20-ms.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20428-20-ms.htm). Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de educação popular em saúde. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 nov. 2013. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html). Acesso em: 20 jun. 2021.

CAETANO, R. *et al.* Desafios e oportunidades para tele-saúde em tempos da pandemia pela Covid-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, e00088920, 2020.

CODEÇO C. T. *et al.* *Estimativa de risco de espalhamento da Covid-19 no Brasil e o impacto no sistema de saúde e população por microrregião*. Rio de Janeiro: Fiocruz/PROCC, v. 3, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40509>. Acesso em: 20 jun. 2021.

DUNLOP, C. *et al.* The coronavirus outbreak: the central role of primary care in emergency preparedness and response. *BJGP Open*, London, v. 4, 15 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.3399/bjgpopen20X101041>.

LATGÉ, P. K.; ARAÚJO, D. N.; SILVA JÚNIOR, A. G. Comunicação, educação e vigilância popular em saúde em tempos de Covid-19 – a experiência das comunidades de Niterói, RJ. *APS em Revista*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 122-127, 2020.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da Covid-19. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, e200067, 2020.

MALAVÉ, M. M. *O papel das redes sociais durante a pandemia*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais>. Acesso em: 3 fev. 2021.

MELO, M. M. D. C.; MONTEIRO, J. S. Promoção da saúde bucal do adolescente: uma abordagem integrada na Atenção Básica à Saúde do Recife. In: CRUZ, P. J. S. C. *et al.* *Extensão e educação popular na reorientação de práticas, políticas e serviços de saúde*. Vivências de extensão em educação popular no Brasil. Volume 3. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

MORAIS, H. M. M.; OLIVEIRA, R. S. Saúde é política. A pandemia da Covid-19 é política: apontamentos para o debate. *Estudos Universitários: revista de cultura, UFPE/ Proexc, Recife*, v. 37, n. 1, 2, p. 17-29, 2020.

MINAYO, M. C. S.; FREIRE, N. P. Pandemia exacerba desigualdades na Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro*, v. 25, n. 9, p. 3555-3556, 2020.

PRADO, N. M. B. L.; SANTOS, A. M. Health promotion in primary health care: systematization of challenges and intersectoral strategies. *Saúde em Debate, Rio de Janeiro*, v. 42, n. SPE1, p. 379-395, 2018.

PINTO, J. B. G. *Pesquisa-Ação: Detalhamento de sua sequência metodológica*. Recife: Mimeo, 1989.

PINTO, P. A. *et al.* Covid-19 no Instagram: práticas de comunicação estratégica das autoridades de saúde durante a pandemia. *Comunicação pública, Lisboa*, v. 15, n. 29, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/8786>. Acesso em: 9 mar. 2021.

SARTI, T. D. *et al.* Qual o papel da atenção primária à saúde diante da pandemia provocada pela Covid-19? *Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília*, v. 29, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200024>. Acesso em: 14 jun. 2020.

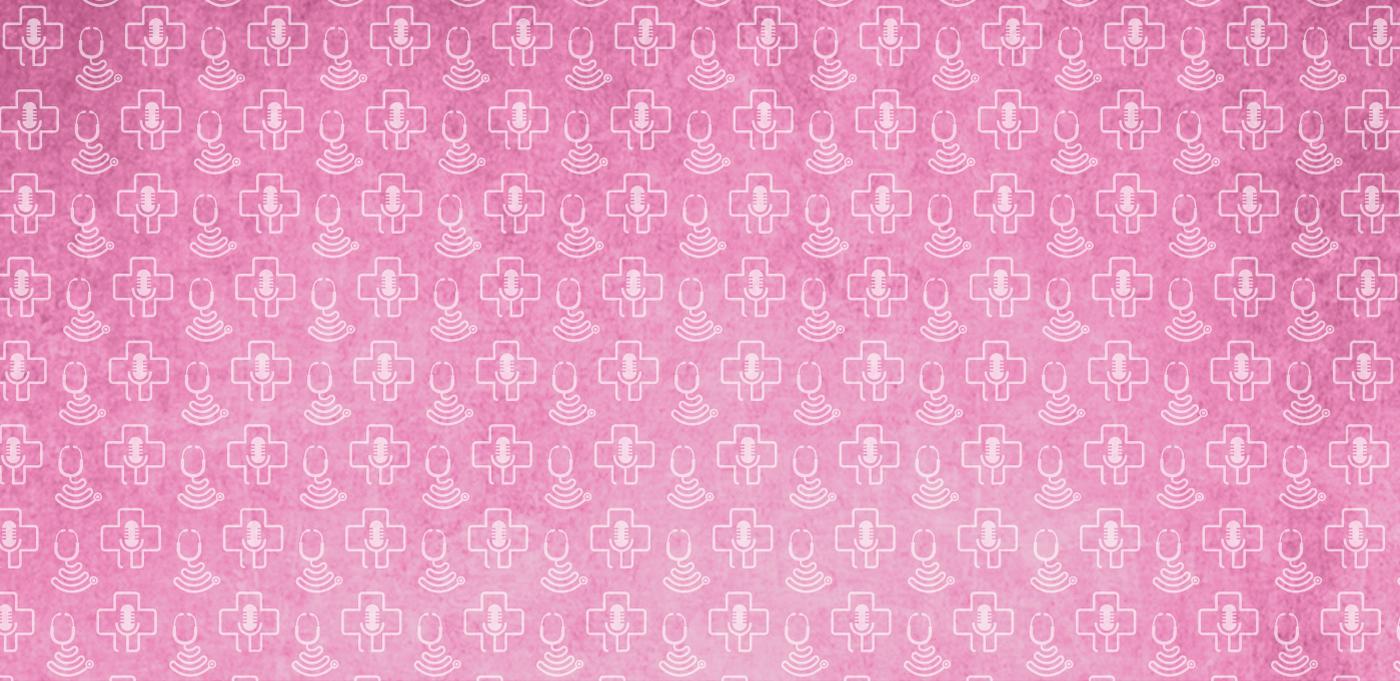
SOUTO, L. R. F.; TRAVASSOS, C. Plano Nacional de Enfrentamento à Pandemia da Covid-19: construindo uma autoridade sanitária democrática. *Saúde em Debate, Rio de Janeiro*, v. 44, n. 126, p. 587-589, 2020.

SCHUCHMANN, A. Z. Isolamento social vertical x Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Braz. J. Hea. Rev., Curitiba*, v. 3, n. 2, p. 3556-3576, 2020.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e pesquisa, São Paulo*, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Primary health care and health emergencies, *World Health Organization*, 15 Apr. 2018, Geneva. Disponível em: [https://www.who.int/docs/default-source/primary-health-care-conference/emergencies.pdf?sfvrsn=687d4d8d\\_2](https://www.who.int/docs/default-source/primary-health-care-conference/emergencies.pdf?sfvrsn=687d4d8d_2). Acesso em: 14 jun. 2020.

WU, Z.; McGOOGAN, J. M. Characteristics of and important lessons from the coronavirus disease 2019 (Covid-19) outbreak in China: summary of a report of 72314 cases from the Chinese Center for Disease Control and Prevention. *Journal of the American Medical Association*, Chicago, v. 323, n. 13, p. 1239-1242, 2020.



## **EDUCA CORONAVÍRUS: educação como estratégia de enfrentamento à Covid-19**

EDUCATING AGAINST CORONAVIRUS:  
education as a strategy to confronting COVID-19

**Tatiane Fonseca da Silva**

(Mestranda em Ensino de Biologia, Centro Acadêmico de Vitória/UFPE)

**Samilly Gabrielly dos Santos Sales**

(Graduanda em Farmácia, CCS/UFPE)

**Thaís Soares da Silva**

(Doutoranda em Ensino das Ciências, PPGECC/UFPE)

**Ketly Rodrigues Barbosa dos Anjos**

(Residente de Enfermagem em Infectologia no  
Hospital Universitário Oswaldo Cruz, UPE)

**Isabella Macário Ferro Cavalcanti**

(Doutora em Ciências Biológicas, Professora do  
Centro Acadêmico de Vitória, UFPE)

Projeto “Educa coronavírus”, Edital 2020-01 – de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão, coordenado por Isabella Macário Ferro Cavalcanti (professora do CAV/UFPE, doutora, chefe e pesquisadora do Setor de Microbiologia Clínica do Lika/UFPE), com a participação de: Tatiane Fonseca da Silva (mestranda em Ensino de Biologia, UFPE); Samilly Gabrielly dos Santos Sales (graduanda em Farmácia, UFPE); Thaís Soares da Silva (doutoranda em Ensino de Ciências, UFRPE); Ketly Rodrigues Barbosa dos Anjos (residente de Enfermagem do Hospital Universitário Oswaldo Cruz, UPE).

## Resumo

Diante do atual cenário de pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), quando ainda não existia uma imunização ou um tratamento que apresentasse eficácia e segurança comprovadas, a principal alternativa a ser utilizada é a informação. Assim, o objetivo deste relato é descrever a experiência de planejamento e desenvolvimento das ações propostas de sensibilização da comunidade para o enfrentamento à Covid-19, através do projeto de extensão “Educa coronavírus” e a importância e receptividade das produções bibliográficas elaboradas como resultado desse projeto para a sociedade. O projeto “Educa coronavírus” se propôs a desenvolver uma série de livros lúdicos e educativos, com informações confiáveis, didáticas e de linguagem simples sobre a Covid-19 para publicação e divulgação gratuita nas redes sociais, visando a educação popular. Esse projeto de extensão foi formado por uma equipe multidisciplinar, incluindo profissionais, residentes, pós-graduandos e graduandos em Saúde, Educação e *Design*. Inicialmente, a equipe foi capacitada, por meio de plataformas de reunião, sobre as temáticas relacionadas à infecção causada pelo SARS-CoV-2. O projeto resultou na elaboração de 10 livros divulgados nas redes sociais, que contemplam diversos temas referentes à Covid-19 com abordagem educativa e lúdica. Acreditamos que o projeto alcançou seu papel de sensibilizar a população sobre as medidas e cuidados individuais e coletivos na prevenção da Covid-19 e foi uma estratégia educacional que contribuiu para o enfrentamento à doença, além de ter papel importante no equilíbrio e desenvolvimento psicoemocional dos leitores.

**Palavras-chave:** Coronavírus. Prevenção. Livros. Jogos. *Fake News*.

## Abstract

In view of the current COVID-19 pandemic scenario caused by the new Coronavirus (SARS-CoV-2), there was not yet an immunization or treatment that had proven efficacy and safety, the main alternative to be used is information. Thus, the aim of this report is to describe the experience of planning and proposing development actions to raise community awareness to confront COVID-19 through the “Educa coronavírus” extension project and the bibliographic productions importance and

receptivity, elaborated as a result of this project for society. The “Educa coronavirus” project proposed to develop a series of playful and educational books with reliable, didactic and simple language information about COVID-19 for free, aiming popular education with publication and dissemination on social media. This extension project was formed by a multidisciplinary team, including professionals, intern, graduated and undergraduate students in healthcare, education and design. Initially, the team was trained through meeting platforms on topics related to infection caused by SARS-CoV-2. The project result was the elaboration of 10 books released on social media that cover various themes related to COVID-19 in an educational and ludic approach. We believe that the project has achieved its role of awaring the population about measures and individual and collective care in COVID-19 prevention. It was an educational strategy that contributed to confronting the disease, in addition, to playing an important role in the readers’ psycho-emotional balance and development.

**Keywords:** Coronavirus. Prevention. Books. Games. Fake News.

## 1. Introdução

O final do segundo semestre de 2019 foi marcado pelo início de uma epidemia na cidade de Wuhan, na China. A doença causada pelo novo coronavírus (SARS- CoV-2), denominada Covid-19, tornou-se alvo da atenção das entidades de saúde de todo o mundo devido à sua fácil e rápida forma de transmissão, tornando-se uma pandemia com casos registrados em todos os continentes no início de 2020 (WANG *et al.*, 2020).

A Covid-19 é uma infecção que, na maioria das vezes, é assintomática ou com sintomas leves semelhantes a uma gripe comum, com febre, tosse seca, dor de garganta, coriza, mal estar e falta de ar. Porém, quando a Covid-19 atinge pacientes do grupo de risco, isto é, idosos e/ou pessoas imunodeprimidas e com comorbidades, ela afeta de forma mais expressiva o sistema respiratório, ocasionando uma síndrome respiratória aguda grave que pode levar o indivíduo a óbito (WEIS; LEIBOWITZ, 2011; ZHU *et al.*, 2020).

Contudo, a grande problemática da doença está no seu potencial de propagação que tornou a sua contenção praticamente impossível quando não tínhamos uma imunização eficaz. Uma vez que o vírus é transmitido por gotículas que se dissipam no ar, oriundas de um indiví-

duo infectado sintomático ou assintomático, por contato direto com pessoas contaminadas ou objetos contaminados por um tempo ainda não determinado, é necessário que as ações adotadas no enfrentamento à doença envolvam a sensibilização e participação coletiva de toda sociedade (SHEN *et al.*, 2020).

Assim, diante do avanço alarmante da doença, do colapso nos sistemas de saúde de diversos países e do número significativo de óbitos em todo o mundo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou situação de emergência de saúde mundial com medidas de distanciamento, isolamento social e, até mesmo, bloqueio total ou confinamento, conhecido como *lockdown*, a depender do caso, tornando a Covid-19 a pandemia do século (USHER *et al.*, 2020; ZHOU *et al.*, 2020).

Por se tratar de uma doença nova, pouco conhecida e diante da dificuldade de acesso da população a informações confiáveis sobre a doença, surgem, por intermédio das redes sociais, informações midiáticas duvidosas, conhecidas como *fake news*, que dificultam as ações preventivas e corroboram para a propagação do vírus e para o aumento de pessoas infectadas pela falta de conhecimento. Dessa forma, é fundamental que a população em geral esteja ciente das formas de transmissão e dos sintomas da doença (BRASIL, 2020).

A promoção à saúde é uma das estratégias indicadas pela OMS no combate ao novo coronavírus e as medidas de políticas públicas são o componente essencial nas práticas de promoção à saúde. Além disso, favorecem o desenvolvimento de habilidades pessoais e coletivas, visando a melhoria da qualidade de vida e a diminuição dos riscos à saúde pública (SICOLI; NASCIMENTO, 2003).

Segundo Ferreira *et al.* (2014), a educação em saúde é uma importante ferramenta no processo de conscientização individual e coletiva de responsabilidade e direitos à saúde, bem como na tomada de decisões adequadas na prevenção de doenças, resultantes de aprendizagens significativas no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, uma abordagem educativa deve estar presente em todas as ações de promoção à saúde como forma de incorporação de medidas corretivas a serem aplicadas pela sociedade no cotidiano.

Além disso, entendemos que a pandemia, o isolamento social e as informações midiáticas podem afetar o desenvolvimento emocional dos sujeitos (FERREIRA *et al.*, 2013). Nesse sentido, vemos a educação como alternativa para auxiliar o desenvolvimento psicoemocional dos indivíduos, além de ser um instrumento de prevenção da infecção.

## 2. Metodologia

Diante do atual cenário, o projeto “Educa coronavírus” foi criado em maio de 2020 como uma das medidas educacionais de enfrentamento à pandemia. O projeto foi motivado pela necessidade de realização de uma ação voltada para a propagação de informações confiáveis, simples e de fácil acesso sobre a Covid-19, focando assim na sensibilização das pessoas sobre medidas preventivas de cuidado com a própria saúde e com a saúde de todos.

O projeto é uma ação de extensão aprovada e registrada pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proex/UFPE). Portanto, como projeto de extensão, deve representar um ambiente de articulação permanente de ensino-pesquisa, promovendo maior interação dos discentes com o conhecimento científico, estendendo para a sociedade o produto desse conhecimento através da divulgação de produções acadêmicas voltadas para os interesses e necessidades da maioria da população (LIMA *et al.*, 2017). Assim, o projeto “Educa coronavírus” foi direcionado à comunidade em geral, principalmente às pessoas que sentem dificuldade em acreditar ou encontrar informações seguras sobre os vários temas relacionados à Covid-19.

O projeto foi coordenado pela Profa. Dra. Isabella Macário Ferro Cavalcanti, tendo como vice-coordenadora a enfermeira residente de infectologia Ketly Rodrigues. A equipe foi formada por profissionais, graduandos, mestres e doutorandos das áreas de Educação, Saúde e *Design*. O objetivo do projeto foi desenvolver uma série de livros digitais, lúdicos e educativos com informações confiáveis, didáticas e de linguagem simples sobre Co-

vid-19 para publicação e divulgação gratuita nas redes sociais, visando a educação popular.

### 3. Relato de experiência

Após intensa reflexão entre os extensionistas e a coordenação do projeto sobre os objetivos, a metodologia aplicada e o produto proposto, o projeto teve início com uma fase de capacitação da equipe de extensionistas por meio de plataformas de videoconferência que permitiam a promoção de discussões relacionadas à infecção causada pelo SARS-CoV-2 e sobre diversas temáticas relacionadas à Covid-19. Esse momento foi fundamental para apropriação de informações sobre a doença, assim, cada integrante da equipe atuaria como multiplicador do conhecimento e estaria apto para atuar na fase de pesquisa e produção dos livros.

A proposta inicial do projeto focava na produção de cinco livros que abordassem informações pertinentes sobre o novo coronavírus, pautadas em pesquisa científica, porém com linguagem acessível à compreensão de toda população, adotando estratégias interdisciplinares, educativas, lúdicas e científicas. A finalidade dos livros era intervir na sociedade, através do compartilhamento de informações confiáveis, de modo que o mesmo pudesse ser utilizado como ferramenta de sensibilização e enfrentamento à Covid-19, minimizando os efeitos gerados pela pandemia.

Contudo, após várias reflexões diante da carência de informações confiáveis sobre doença disponíveis para sociedade e devido à excelente aceitação do primeiro exemplar, o projeto ampliou a proposta inicial para a produção de uma coleção de livros - dez volumes com prazo de conclusão para dezembro de 2020. Os temas dos livros foram escolhidos a partir da escuta das dúvidas da comunidade quanto à doença e os livros foram produzidos de modo a estimular o interesse dos leitores pelas imagens, cores e textos curtos, mas contendo informações científicas com linguagem acessível e atraente.

Além disso, os temas que nortearam cada exemplar traziam problemas reais dentro de contextos atuais vivenciados durante o período de isolamento social, seguindo sempre com uma análise das *fakes news* divulgadas nas mídias sociais que contemplassem cada tema proposto. Cada exemplar contém atividades lúdicas, através da produção de jogos, uma vez que, de acordo com Dias (2013), as atividades lúdicas são práticas educativas de extrema importância para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo, desenvolvendo tanto habilidades teórico-práticas quanto auxiliando a expressar os sentimentos em relação ao mundo social.

## 4. Etapas de produção

A produção de cada exemplar seguia um planejamento executado nas quatro etapas descritas abaixo. Com tempo hábil de menos de um mês para cada publicação, as etapas eram distribuídas entre os integrantes da equipe de acordo com suas habilidades e domínio de conteúdos: (a) escolha do tema; (b) pesquisa e escrita; (c) criação de personagens e imagens; e (d) diagramação e *template*.

### (a) Escolha do tema

A escolha dos temas dos livros era feita sempre a partir da escuta, reflexão e diálogo de toda equipe, através da percepção do que a mídia vem divulgando sobre a Covid-19 e das possíveis dúvidas que as pessoas pudessem apresentar, reduzindo, assim, a propagação de informações duvidosas que circulam nas mídias digitais, denominadas de *fake news*.

Além disso, durante todo o projeto, mantivemos uma escuta aberta à comunidade através da rede social Instagram, pelo endereço @embios2020. O diálogo com a comunidade era estimulado por meio de atividades de *quiz*, caixas de perguntas e enquetes propostas nos *storys* (Figura 1). Essa interação direcionava a escolha dos temas conforme o interesse e a necessidade da população, de modo a alcançar o objetivo do projeto.

Figura 1 – Enquete de escuta à comunidade pelo @embios2020



Fonte: Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

### (b) Pesquisa e escrita

As produções bibliográficas realizadas foram fundamentadas em pesquisas executadas em fontes atuais e confiáveis, a partir de buscas em produções científicas na área e documentos oficiais disponibilizados pelo Ministério da Saúde, de forma *on-line*, cujo conteúdo destinava-se à veiculação do conhecimento voltado para prevenção da Covid-19.

Assim, cada pesquisa realizada confrontava uma informação ou *fake news* divulgada nas redes sociais e o material de pesquisa fomentava as informações utilizadas como base para escrita dos livros, bem como geravam um item intitulado de “Fatos ou Fakes” que corroboravam ou refutavam as informações midiáticas propagadas.

Durante todo período de escrita, os integrantes articulavam conhecimentos das suas áreas de atuação. Dessa forma, as produções bibliográficas eram resultado de um processo de compartilhamento de conhecimentos entre indivíduos do grupo e das áreas de Educação, Saúde e Tecnologias.

Para o planejamento dos jogos, as pesquisas eram pautadas na importância das atividades lúdicas e buscavam reforçar as temáticas predefinidas em cada livro, permitindo a aplicação de conceitos abordados no decorrer do exemplar. Outro foco também aplicado na escolha dos jogos era seu potencial psicoemocional, uma vez que a situação de distanciamento e isolamento social vinha gerando situações de estresse e ansiedade na comunidade.

Todo material produzido passava pela correção e orientação da Profa. Dra. Isabella Macário, o conteúdo escrito, os dados e até as referências utilizadas. Uma vez corrigido, o material passava pela leitura de toda a equipe, que analisava a produção e sugeria ajustes, de forma bastante democrática, até a conclusão da etapa de pesquisa e escrita.

### (c) Criação de imagens e personagens

Como o objetivo do projeto era disponibilizar todos os livros de forma totalmente gratuita tanto para leitura quanto para impressão, e contando que esse material pudesse ser reproduzido por escolas, instituições de saúde e comunidade em geral para fins de consulta, nossa preocupação quanto aos direitos autorais nos fez optar pela criação de imagens autorais produzidas pelos próprios integrantes da equipe, utilizando os programas Adobe Illustrator e Inkscape.

Essa decisão se tornou um dos grandes diferenciais dos livros. Cada imagem e personagem criado era sugerido pela equipe, de acordo com o tema proposto, e executado por dois integrantes do projeto. As imagens em todos os livros seguiam um padrão criativo com cores vibrantes e atrativas que chamavam a atenção de crianças e adultos, tornando os livros chamativos e com uma linguagem visualmente clara e pedagógica. A produção das imagens e personagens era realizada após a conclusão escrita do livro, e os autores dos textos debatiam com os criadores das imagens a possibilidade de cada proposta ou sugestão, bem como o seu valor pedagógico como informação visual.

## (d) Diagramação e *template*

Por fim, após a etapa produtiva, o material seguia para diagramação através do programa Canva. A escolha de cores era sugerida pelos integrantes do projeto e aprovada democraticamente, seguindo um padrão atrativo e visualmente harmônico que definiria o *template* da coleção.

O visual e a estrutura dos livros foram pontos elogiados veementemente, atraindo a atenção de leitores em diversas faixas etárias. As letras em tamanho considerável e os textos curtos tornaram a leitura mais prazerosa e menos cansativa, o que estimulava a indicação dos exemplares para outros leitores (Figura 2).

Figura 2 – *Template* dos livros publicados pelo projeto



Fonte: Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

## Resumo das produções

O primeiro livro publicado pela equipe foi intitulado de “Conhecendo a Covid-19” (Figura 3). O livro possui como objetivo instruir e alertar a população, através de

informações verídicas e comprovadas cientificamente, a respeito da Covid-19 causada pelo vírus SARS-CoV-2, abordando temas como as formas de transmissão do vírus, sintomas adquiridos através da doença, os grupos de risco e as maneiras eficazes de se proteger, priorizando ações preventivas à doença. Esse livro contém um jogo de cartas de “Fatos e Fakes” sobre a Covid-19.

**Figura 3** – Capa do primeiro livro do projeto



**Fonte:** Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

O segundo livro publicado teve como título “Alimentação, imunidade e Covid-19” (Figura 4). Esse livro introduziu um breve resumo do sistema imunológico e de suas funções, para, em seguida, focar na orientação do leitor sobre os alimentos que melhoram a imunidade e fazer um alerta sobre os efeitos negativos de dietas restritivas para o sistema imune. O livro também aborda sobre a correta higienização dos alimentos e das mãos para evitar uma possível contaminação desses alimentos pelo vírus da Covid-19. O livro enfatiza que não há comprovação científica referente a nenhum alimento que tenha ação direta sobre o SARS-CoV-2, porém deixa cla-

ro que vários alimentos são importantes para o correto funcionamento do sistema imunológico dos indivíduos e, assim, eles ficam menos suscetíveis a doenças. Nesse livro, o jogo disponível é de interligar um determinado alimento a uma vitamina ou mineral que ele possui.

**Figura 4** – Capa do segundo livro do projeto



**Fonte:** Projeto "Educa coronavírus", 2020.

O terceiro livro, intitulado "Uso de máscaras de proteção: intervenção não farmacêutica contra a Covid-19" (Figura 4), expôs dados científicos sobre a importância e necessidade do uso de máscaras como medida preventiva no cenário de pandemia causado pela doença, bem como a diferença entre os tipos de máscaras existentes. A obra auxilia o leitor, através de um passo a passo didático, a produzir e higienizar máscaras artesanais, e traz um jogo de sete erros sobre o uso correto das máscaras.

Figura 5 – Capa do terceiro livro do projeto



Fonte: Projeto "Educa coronavírus", 2020.

O quarto livro, com o título "Educação infantojuvenil em tempos de isolamento social" (Figura 6), teve o objetivo de informar os leitores, tanto leigos no assunto quanto profissionais envolvidos na área da educação, sobre a educação em tempos de isolamento social, pondo em pauta a necessidade de debate e reflexão sobre como auxiliar tanto os estudantes quanto os profissionais envolvidos no aprendizado a se adaptarem a essa mudança brusca na forma de ensino. Esse livro possui um jogo de tabuleiro sobre a Covid-19.

Figura 6 – Capa do quarto livro do projeto



Fonte: Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

O quinto livro, intitulado “Saúde mental e o distanciamento social” (Figura 7), apresenta uma discussão sobre os impactos que o isolamento social pode causar na saúde mental, trazendo dados sobre os grupos mais propícios a desenvolver quadros de ansiedade, e a relação entre saúde mental e sistema imunológico. Dessa forma, o livro visa chamar a atenção dos leitores sobre a importância de sua saúde mental, bem como orientá-los a como cuidar de si e dos entes queridos que estão à sua volta ou sob sua tutela neste período pandêmico. Nesse livro, montamos um passatempo sobre a Covid-19, composto por caça-palavras, criptograma, palavras cruzadas, labirinto e *letter tiles*.

**Figura 7** – Capa do quinto livro do projeto



**Fonte:** Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

O sexto livro publicado recebeu o título de “Plantas medicinais e seus possíveis benefícios no enfrentamento da Covid-19” (Figura 8) e conceitua vários termos, como, por exemplo, “plantas medicinais” e “fitoterápicos”. O livro teve como objetivo informar os leitores sobre os potenciais terapêuticos de determinadas plantas, associando-as ao combate de sintomas da Covid-19. No entanto, alerta-se que não há nenhuma planta cientificamente comprovada com efeito direto no combate ao SARS-CoV-2. O livro também aborda o uso indiscriminado de fitoterápicos e orienta o leitor a respeito do cultivo e cuidados ao manipular plantas medicinais. Nesse livro, foi elaborado um jogo da memória sobre a Covid-19, palavras cruzadas e criptogramas sobre as plantas medicinais.

**Figura 8** – Capa do sexto livro do projeto



**Fonte:**Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

O sétimo livro publicado, intitulado “Tecnologia em tempos de isolamento social” (Figura 9), expõe informações sobre os benefícios do uso de tecnologias como ferramentas úteis em tempos de isolamento social, sendo utilizadas na educação, no trabalho e até no lazer. O livro também tem o cuidado de advertir o leitor sobre os malefícios do uso excessivo de tecnologias, bem como o ataque à saúde mental gerado por notícias falsas normalmente difundidas através de redes sociais. Os jogos desse livro foram labirintos e caça-palavras sobre tecnologias.

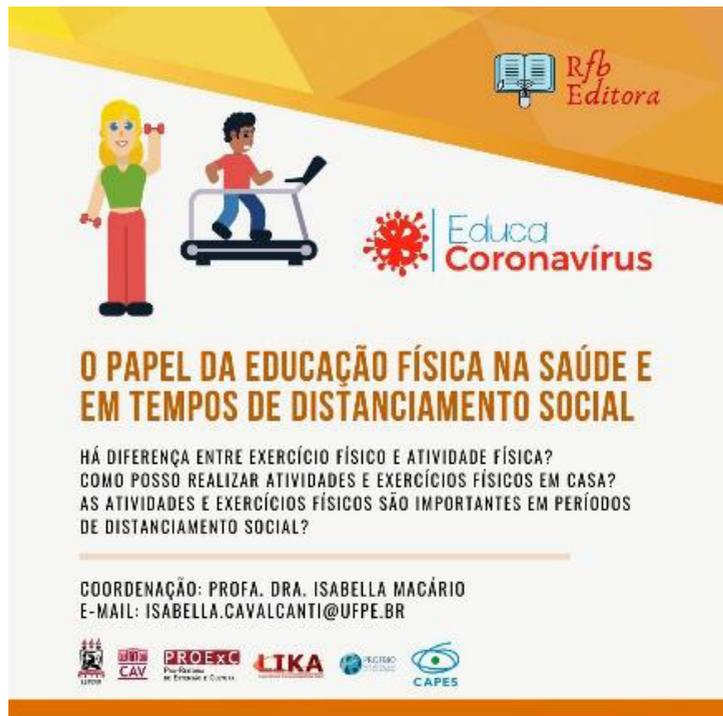
**Figura 9** – Capa do sétimo livro do projeto



**Fonte:** Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

O oitavo livro, intitulado “O papel da Educação Física na saúde e em tempos de distanciamento social” (Figura 10), conceitua a Educação Física, discutindo a diferença existente entre exercício físico e atividade física. O livro exalta os benefícios de manter uma rotina de atividades e exercícios físicos, orientando o leitor sobre as formas e opções disponíveis para se exercitar em sua própria casa, respeitando este momento de isolamento social. Esse livro possui um jogo de adivinhação, do tipo “O que é, o que é?”, com rimas sobre o tema abordado no livro.

Figura 10 – Capa do oitavo livro do projeto



Fonte: Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

O nono livro, intitulado “Vacinação e Covid-19” (Figura 11), aborda o que são vacinas, sua história, sua produção, distribuição, atuação no organismo, calendário de imunização, importância da vacinação e sua relação com a Covid-19. Além disso, explica ao leitor a diferença entre os tipos de vacinas existentes. Em um período em que se espalham várias notícias falsas, diminuindo a confiança da população nos órgãos responsáveis pela produção de vacinas, o livro em questão expõe informações legítimas e confirmadas cientificamente. Nesse livro, foi montado um quebra-cabeça que pode ser jogado *on-line* através de um *QR code*.

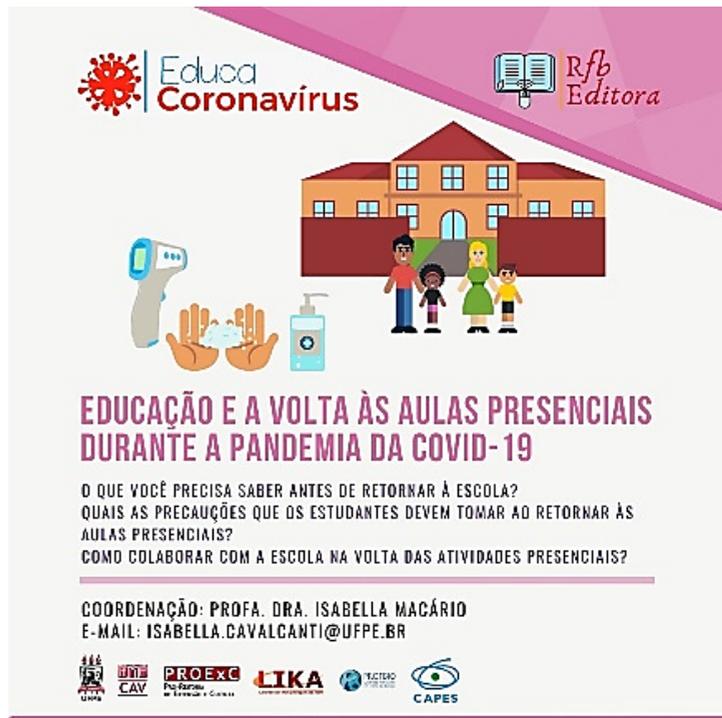
Figura 11 – Capa do nono livro do projeto



Fonte: Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

Por fim, o décimo e último livro publicado, intitulado “Educação e a volta às aulas presenciais durante a pandemia da Covid-19” (Figura 12), tem o objetivo de deixar o leitor ciente das informações necessárias antes de um retorno à escola, alertando sobre as precauções que devem ser tomadas para a volta às aulas presenciais, sobre a possibilidade de um ensino híbrido e como agir para colaborar com a escola a fim de promover segurança para todos os envolvidos. O último livro traz um jogo de dominó sobre vários aspectos da Covid-19 e um *quiz* que pode ser jogado *on-line* através de um *QR code* disponível no livro.

Figura 12 – Capa do décimo livro do projeto



Fonte: Projeto “Educa coronavírus”, 2020.

## 5. Resultados

O projeto resultou na publicação de 10 livros com temas variados sobre a Covid-19 e a convivência com o SARS-CoV-2. Cada exemplar trazia problemas reais dentro de contextos atuais vivenciados pela sociedade durante o período de isolamento social, o que despertou bastante interesse e aceitação da comunidade pelos temas propostos.

Uma vez produzidos e publicados digitalmente pela editora Rfb, todos os livros foram divulgados nas redes sociais com acesso gratuito para toda a sociedade. O material, disponível tanto para leitura digital como para impressão, foi disponibilizado através do Instagram @embios2020, através do *site* da Universidade Federal de Pernambuco ou distribuído diretamente pelo WhatsApp, em grupos acadêmicos e educativos. Vale ressaltar que todos os livros possuem DOI e ISBN.

Os livros, por apresentarem uma proposta de linguagem acessível e com atividades lúdicas por meio de jogos, ganharam visibilidade no processo educativo entre professores e estudantes, e passaram a ser utilizados nas redes estaduais e municipais de ensino de Pernambuco, como estímulo para a construção do conhecimento formal e como material informativo complementar às aulas de ciências e biologia, uma vez que a Covid-19 ainda não é retratada nos livros didáticos.

Devido à via de divulgação escolhida, ao excelente conteúdo produzido e ao potencial de informação, divulgação e prevenção contra a Covid-19, os livros publicados ganharam rapidamente a notoriedade da comunidade científica e o projeto recebeu convites para publicações e divulgação nas mídias e redes sociais de rádios e jornais, como o programa de rádio “Divulgando com chefe Renato”, do Diário de Pernambuco, a Ascom/UFPE, e Secretarias de Educação do Estado de Pernambuco (Figura 13).

**Figura 13** – Divulgação do projeto em jornais e rádios



DIÁRIO de PERNAMBUCO

NOTÍCIA DE LOCAL

Educação

### Projeto da UFPE publica livretos educativos sobre a pandemia

Publicado em: 11/08/2020 18:48 | Atualizado em: 11/08/2020 18:50

Foto: Anamaria Nascimento/DP

Uma equipe de docentes, estudantes e pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) publicou uma série de livretos digitais sobre temas ligados ao novo coronavírus e à Covid-19. O projeto, chamado **Educa Coronavirus**, foi criado em junho e já tem cinco livretos publicados. A ideia é disponibilizar mais outras cinco publicações até dezembro.



## Projeto Educa Coronavírus publica livretos educativos sobre a pandemia

O projeto, criado em junho, já tem cinco livretos publicados



Uma equipe de docentes, estudantes e pesquisadores da UFPE publicou uma série de livretos digitais sobre temas ligados ao novo coronavírus e à Covid-19. O projeto, chamado Educa Coronavírus, foi criado em junho e já tem cinco livretos publicados. A ideia é disponibilizar mais outras cinco publicações até dezembro. Os temas dos cinco primeiros livros são "Conhecendo a Covid-19", "Alimentação, imunidade e Covid-19", "Uso de máscaras de proteção: intervenção não farmacêutica contra a Covid-19", "Educação infantojuvenil em tempos de isolamento social" e "Saúde mental e o distanciamento social".

Fonte: Projeto "Educa coronavírus", 2020.

## 6. Considerações finais

O "Educa coronavírus", como projeto de extensão voltado à comunidade, tem alcançado seu papel de sensibilizar a população sobre as medidas e cuidados individuais

e coletivos na prevenção da Covid-19 e é uma estratégia educacional que tem contribuído para o enfrentamento à doença, além de ter papel importante no equilíbrio e desenvolvimento psicoemocional dos leitores.

Vale ressaltar que uma vez que os livros produzidos estão sendo aprovados e publicados por uma editora e apresentam DOI e ISBN, eles também podem ser utilizados como fonte de pesquisa e material bibliográfico em TCCs, artigos, dissertações e teses produzidos pela comunidade acadêmica.

Esperamos também que, como produto pedagógico, os livros produzidos a partir deste projeto possam ser amplamente utilizados por escolas, unidades de saúde, prefeituras, repartições e todas as entidades e classes sociais, contribuindo, assim, para a promoção da saúde da comunidade como um todo, minimizando os efeitos gerados por esta pandemia.

Portanto, diante do exposto, concluímos que o projeto de extensão “Educa coronavírus” teve, em sua essência, a associação do tripé ensino, pesquisa e extensão. A experiência pedagógica para os discentes e docentes do projeto foi reconhecida como promotora de aprendizagem e satisfação, estendendo para a sociedade os produtos desse conhecimento através da divulgação das produções acadêmicas. Dessa forma, os membros da equipe atuaram como agentes multiplicadores de informação e transformação da realidade.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus, fake news*, 2020. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/fakenews/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus: o que você precisa saber e como prevenir o contágio*. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus>. Acesso em: 20 jan. 2021.

DIAS, E. A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. *Revista Educação e Linguagem*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 1-16, 2013.

FERREIRA, D. *et al.* Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 31, n. 2, p. 117-127, 2013.

FERREIRA, V. F. *et al.* Educação em saúde e cidadania: revisão integrativa. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 363-378, 2014.

LIMA, A. F. *et al.* A importância do ensino, pesquisa e extensão na formação profissional. *In: JORNADA IBERO-AMERICANA DE PESQUISAS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS E EXPERIÊNCIAS INTERDISCIPLINARES NA EDUCAÇÃO*, 2., 2017, Natal (RN). *Anais...* Natal (RN): IFRN, 2017.

SHEN, K. *et al.* Diagnosis, treatment, and prevention of 2019 novel coronavirus infection in children: experts' consensus statement. *World Journal of Pediatrics*, Hangzhou, v. 16, n. 3, p. 219-221, 5 feb. 2020.

SÍCOLI, J. L.; NASCIMENTO, P. R. Promoção de saúde: concepções, princípios e operacionalização. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 7, n. 12, p. 101-122, 2003.

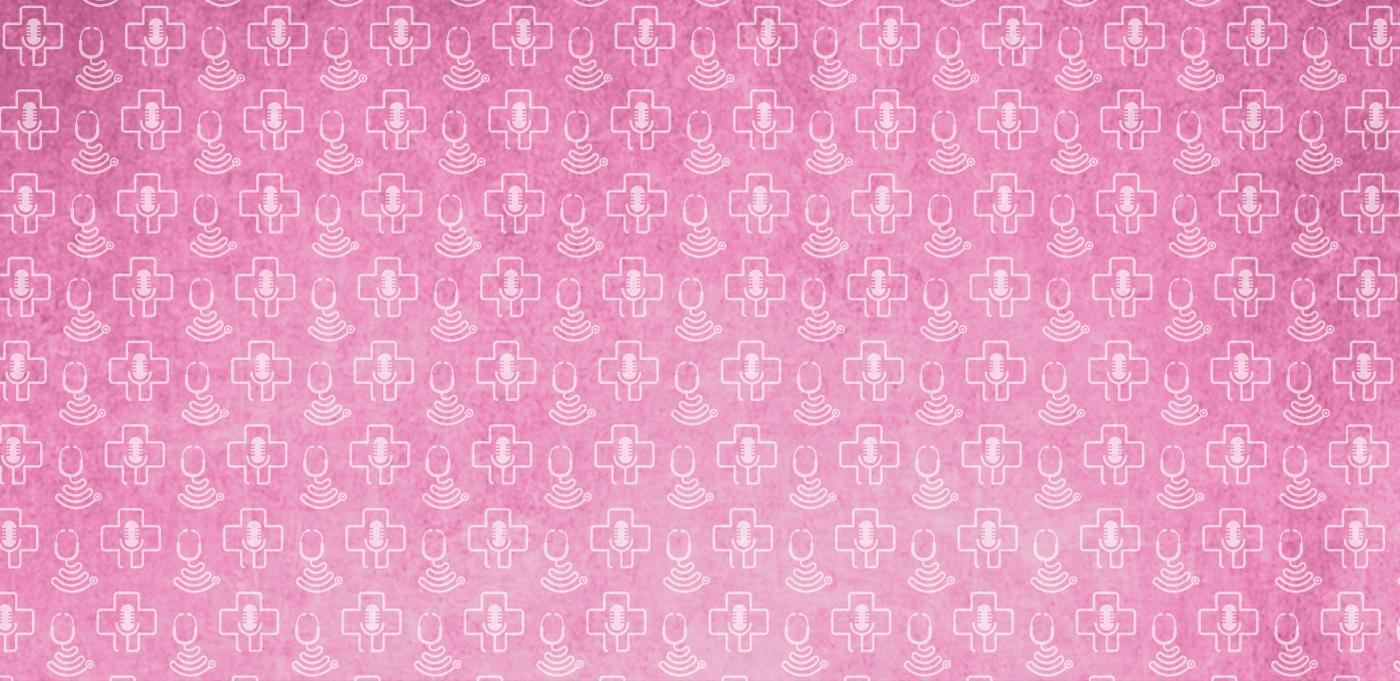
USHER, A. D. WHO launches crowdfund for Covid-19 response. *The Lancet*, London, v. 395, n. 10229, p. 1024, 2020.

WANG, D. *et al.* Clinical characteristics of 138 hospitalized patients with 2019 novel coronavirus–infected pneumonia in Wuhan, China. *Jama*, Chicago, v. 323, p. 1061-1069, 2020.

WEISS, S. R.; LEIBOWITZ. J L. Coronavirus pathogenesis. *Advances in Virus Research*, Pennsylvania, v. 81, p. 85-164, 2011.

ZHOU, P. *et al.* A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin. *Nature*, London, v. 579, n. 7798, p. 270–273, 2020.

ZHU, N. *et al.* A Novel Coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. *The New England Journal of Medicine*, Boston, v. 382, p. 727-33, 2020.



## **IDADE MÉDIA NA ESCOLA: desenvolvendo recursos didáticos em contexto pandêmico**

MIDDLE AGES AT SCHOOL: developing  
teaching resources in a pandemic context

**Bruno Uchoa Borgongino**

(Doutor em História, Professor do Departamento de História, CFCH/UFPE)

**Claudia Karolayne Oliveira da Silva**

(Graduanda em História, CFCH/UFPE)

**Giovanna Ily Faria Ramalho**

(Graduanda em História, CFCH/UFPE)

**Mariana Soares Gama de Amorim**

(Graduanda em História, CFCH/UFPE)

**Silvio Romero Tavares Neiva Coelho**

(Graduando em História, CFCH/UFPE)

**Thomaz Carlos Santiago**

(Graduando em História, CFCH/UFPE)

O "Idade Média na escola: desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de História Medieval" consiste num projeto de extensão submetido ao Edital 01/2020 – de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tendo obtido apoio financeiro pelo Edital 06/2020, também da Proexc. Está sob coordenação do Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino e vice-coordenação do Prof. Dr. Renato Pinto, ambos do Departamento de História da UFPE.

### Resumo

Este capítulo relata a experiência do projeto de extensão “Idade Média na escola: desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de História Medieval”, que propõe a elaboração de material pedagógico para uso de alunos e professores do Ensino Fundamental e Médio. Concebido quando as medidas de isolamento social, em consequência da pandemia de Covid-19 entraram em vigor, seu planejamento e efetivação tiveram que considerar, desde o início, as limitações do contexto. Este texto se divide em cinco partes: uma delimitação inicial da ação extensionista, uma exposição dos questionários que aplicamos para pautar as etapas subsequentes do cronograma, um panorama do desenvolvimento dos materiais, as perspectivas em torno da divulgação do que já foi preparado e, por fim, um balanço dos resultados obtidos até o momento.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Idade Média. Recursos didáticos. Pandemia.

### Abstract

This chapter reports the extension project experience “Idade Média na escola: desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de História Medieval”, which proposes elaboration of pedagogical materials for students and teachers of Elementary and High School. It was conceived when social isolation measures were already in place, as a result of COVID-19 pandemic, its planning and effectiveness had to consider, from the beginning, the context limitations. This text is divided into five parts: an initial delimitation of the extension action, questionnaires exposition that we have applied to guide the subsequent schedule steps, the materials development overview, the perspectives around the material dissemination, and, finally, the balance of the results obtained so far.

**Keywords:** History Teaching. Middle Ages. Didactic resources. Pandemic.

## 1. Introdução

Neste capítulo, apresentamos o projeto de extensão “Idade Média na escola: desenvolvimento de recursos didáticos para o ensino de História Medieval”, considerando as etapas percorridas até o momento, os resultados já obtidos e as próximas etapas previstas. O referido projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino, tendo como vice-coordenador o Prof. Dr. Renato Pinto, ambos do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A equipe executora é composta ainda por sete discentes dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em História: Arthur Afonso Botelho, Claudia Karolayne Oliveira da Silva, Giovanna Ily Faria Ramalho, Mariana Soares Gama de Amorim, Rafaella Farias, Silvio Romero Tavares Neiva Coelho e Thomaz Carlos Santiago.

A proposta foi elaborada e submetida quando as medidas de isolamento social, decorrentes da pandemia de Covid-19, estavam em implementação em Pernambuco, desencadeando a suspensão das atividades acadêmicas presenciais sem previsão de retorno seguro. Logo, definimos de antemão que todas as etapas seriam empreendidas remotamente, tendo as ferramentas digitais como principais ferramentas na interação com o públi-

co-alvo da ação. Por disporem de alcance considerável, escolhemos os perfis em redes sociais do Laboratório de Estudos de Outros Medievos (Leom)<sup>1</sup> como recurso para efetivar tal diálogo. Em termos de organização interna, os extensionistas foram distribuídos em grupos menores de trabalho, todos com a supervisão do coordenador do projeto e orientados por meio de reuniões através de plataformas de videoconferência.

O projeto “Idade Média na escola” visa ao desenvolvimento de recursos pedagógicos para o ensino de História Medieval na rede básica. Pressupondo a extensão como um processo de diálogo em que todos assumem o papel ativo de sujeitos cognoscentes (FREIRE, 2013), debatemos procedimentos que permitissem a devida interação com alunos e professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Outras questões consideradas no planejamento da ação foram a disponibilização do material a ser desenvolvido, que deveria ser gratuito, e a participação do público-alvo no aperfeiçoamento dos recursos ofertados. Este capítulo se estrutura em três partes, cada qual correspondendo a uma etapa percorrida, seus respectivos desafios e as soluções que desenvolvemos. Apesar de ainda estar em andamento, o projeto já apresentou alguns resultados.

## 2. Questionários

Na primeira reunião para planejamento de execução do cronograma, a principal pauta consistiu na definição de um ponto de partida pertinente para a elaboração de materiais didáticos sobre a Idade Média. Concluímos que perguntar ao público-alvo, alunos e professores da rede básica de ensino o que sabiam e o que desejavam saber a respeito seria essencial. Assim, nos dispomos a elaborar formulários, que constam na seção de apêndices, que

---

<sup>1</sup> Grupo de pesquisa registrado no CNPq e certificado pela UFPE. É coordenado por Bruno Uchoa Borgongino e integrado por discentes que também participam do projeto de extensão em discussão. Para o espelho do grupo no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, o seguinte endereço pode ser acessado: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/619226>.

abarcassem dificuldades, domínio prévio e interesses dos docentes e discentes a respeito do período. Portanto, a primeira etapa do projeto consistiu no preparo, divulgação e análise dos resultados obtidos nessa consulta. Formamos um grupo de trabalho incumbido de preparar dois questionários através da plataforma Google Formulários, cada um para um segmento que pretendíamos alcançar, isto é, professores e alunos. Durante a elaboração dos questionários, foi debatido se as perguntas seriam abertas ou fechadas. Optou-se pela mescla de questões, sendo elas objetivas fechadas, quando a prioridade fosse a tabulação dos dados e o saber percentual, e de resposta discursiva aberta, quando o interesse fosse dar voz aos consultados<sup>2</sup>.

Concomitante ao processo de elaboração dos questionários, definimos outro grupo de trabalho, responsável por discutir quais seriam os meios com potencial para atuar como veículos que viabilizassem a sua divulgação. Tendo em vista as limitações dos protocolos sanitários em vigência, concluímos que todos os contatos seriam estabelecidos por vias eletrônicas. Levantamos instituições, grupos e páginas em redes sociais que poderíamos contactar e solicitar divulgação tanto para alunos, quanto para professores da rede básica de ensino: coletivos estudantis, pré-vestibulares, grupos de estudos, sindicatos, perfis de conteúdo digital direcionados ao ensino, páginas de outros projetos de extensão, canais de comunicação da UFPE e até mesmo contatos pessoais dos integrantes da nossa equipe.

Elaboramos então textos de apresentação do projeto padronizados e adequados a cada público de apresentação. A redação continha os objetivos do projeto, sua metodologia, vínculo institucional, justificativa e o pedido de ajuda na divulgação dos questionários. Posteriormente, enviamos as mensagens, usando principalmente o perfil do Leom no Instagram – rede social com maior potencial de visibilidade atualmente. Destacamos

---

2 Ainda que essa etapa tenha sido concluída, os questionários continuam disponíveis para fins de registro. O questionário destinado aos alunos está disponível em: <https://forms.gle/2Q2cWBqFZvuXSyDQA>; e o dos professores em: <https://forms.gle/B17SLGF5mCHJ5ApU6>. As perguntas desses formulários foram copiadas nos Apêndices I e II, disponíveis ao final deste texto.

o contato que estabelecemos com a Gerência Regional de Educação (GRE), requisitando seu intermédio para que os questionários alcançassem os professores e seus alunos a fim de obtermos o maior número possível de respostas junto ao público escolar mais próximo.

Esse processo de discussão, estruturação e divulgação dos questionários foi empreendido em torno de três semanas. Por meio dos formulários disponibilizados virtualmente, obtivemos direcionamentos para a próxima etapa da ação de extensão, que consiste na elaboração dos recursos didáticos para o ensino escolar de História Medieval. Além disso, o projeto deu aos integrantes da extensão uma dimensão das dificuldades enfrentadas por discentes e docentes no ensino básico, sobressaltando a necessidade de constante fluxo não-hierárquico entre a escola e a universidade.

## 2. 1. Questionário para os alunos

No questionário para os alunos, consideramos a importância de coletar informações sobre o perfil cultural para que, assim, pudéssemos entender como diferentes ambientes refletem no saber da Idade Média. Desse modo, dividimos duas partes: no primeiro módulo, perguntamos a cidade, o tipo de instituição que estuda, série escolar, quais mídias com a temática medieval consome e o quanto gostam das aulas de História Medieval; no segundo módulo, fizemos questionamentos para aferir os conteúdos abordados em sala de aula, o que gostariam de aprender e o conhecimento dos conteúdos sobre Idade Média.

No total, 176 estudantes responderam ao formulário, sendo 93% pertencentes à região Nordeste, com 88% em Pernambuco. Quanto ao restante do país, obtivemos 5% respostas do Sudeste, 2% do Norte e 1% do Sul. Segundo o que nos informaram, 36,9% são de escolas públicas estaduais, 30,1% de escolas privadas, 19,9% de escolas públicas federais e 13,1% de escolas públicas municipais.

Os dados obtidos nos questionários destinados aos estudantes foram bastante interessantes. Na pergunta sobre mídias que remetiam à Idade Média, na qual elencamos opções diversas em que poderiam assinalar mais

de uma alternativa, 79% dos alunos declararam consumir filmes, 65,3%, séries, 43,2%, literatura, 42%, conteúdo em redes sociais e 36,9%, jogos digitais. Ao serem requisitados a avaliar seu apreço pelas aulas de História Medieval numa escala de 0 a 10, 25,6% dos estudantes deram a nota máxima, 14,8%, nota 9, 24,4%, nota 8 e 15,9%, nota 7 e 19,3%, notas entre 6 e zero. Quanto às possíveis continuidades entre o medieval e a contemporaneidade, 73,3% alegaram conseguir percebê-las, enquanto 9,1% afirmaram que não e 17,6% não saberiam avaliar sobre. Esses dados nos permitiram concluir que a maior parte dos consultados se interessa pela História Medieval ensinada em sala de aula, mas também por aquela que consomem em seu momento de entretenimento. Inclusive, uma parcela significativa indicou reconhecer que o passado medieval, de algum modo, se conecta com o presente.

Numa questão fechada com a possibilidade de serem assinaladas várias alternativas sobre dezenove possíveis conteúdos de interesse, três temas se destacaram, cada um obtendo mais de 60% dos votos: “mulheres na Idade Média” (61,9%), “mitos e lendas” (61,4%) e “peste negra e outras epidemias” (60,2%). Outros tópicos expressivos foram *vikings* (56,3%), “invasões bárbaras” (48,3%) “Feudalismo” (47,7%), “ciência medieval” (47,2%), “História da Igreja” (44,9%) e “Cruzadas” (44,9%). A respeito de sociedades externas ao Ocidente cristão, para além da temática dos *vikings*, 38,6% dos alunos demonstraram curiosidade pelo Império Bizantino, 36,9% pelos impérios da Ásia, 32,4% pelos impérios da África e 31,3% pelo Islã medieval.

O formulário indicou que 54,5% dos alunos estudaram regiões que não fossem a Europa. Com isso, constatamos que parcela razoável dos estudantes do ensino básico atualmente já são apresentados a uma abordagem não tão eurocentrada do medieval. Todavia, na última pergunta, aferimos que o viés global desse período histórico não resulta necessariamente num entendimento de uma Idade Média heterogênea e transcultural: 67,6% creem num medieval em que a Igreja dominava completamente, com pouco desenvolvimento científico e tecnológico, violento e com alta incidência de doen-

ças – ou seja, uma Idade das Trevas; 19,3% consideram um período de militarismo, beligerância e centralização política; 6,6% acreditam que houve grandes navegações e conquista de novas terras naquele momento; apenas 6,5% reconhecem a pluralidade existente naquele momento e seu intenso movimento de pessoas e ideias.

## 2.2 Questionário para os professores

Um total de 42 professores respondeu ao questionário. Os dados obtidos foram mais diversificados geograficamente em relação ao dos estudantes: 55% do Sudeste, 43% do Nordeste e 2% do Centro-Oeste. Quanto à natureza da instituição em que lecionavam, observamos uma predominância de atuação na rede estadual, com 45,2%, seguido de 33,3% na privada, 23,8% na municipal e 16,7% na federal. Neste último quesito, salientamos que muitos professores trabalhavam em mais de uma escola, resultando em atuações junto a perfis diversificados de estudantes. Por fim, o perfil dos educadores é composto por profissionais com notável formação acadêmica: 28,6% são graduados, 23,8% são especialistas, 35,7% são mestres e 11,9% são doutores, sendo que somente dois alegaram não terem títulos na área de História. Numa pergunta aberta, muitos alegaram terem mais de uma graduação.

Na análise do que foi preenchido pelos professores, podemos refletir sobre as relações entre a trajetória e inserção profissional e o ensino de História Medieval. Por exemplo, ao serem perguntados o quanto, numa escala de 0 a 10, o vestibular interfere no ensino de História, 28,6% dos professores responderam com nota máxima, 21,4% com nota 9, 35,7% com nota 8, 16,7% com nota 7 e 7,2% com notas de 6 para baixo. Esse dado é importante, pois, se o conteúdo da Idade Média não for destacado nos vestibulares, provavelmente acaba por interferir diretamente na atenção dos alunos, dos professores e da escola à temática. Ainda assim, os professores consideram que detêm autonomia nas instituições em que trabalham: numa escala de 0 a 10 sobre a independência na docência, 19% deram nota máxima, 21,4% nota 9, 35,7% nota 8, 16,7% nota 7 e 7,2% notas de 6 para baixo.

No que concerne especificamente às aulas de Idade Média, coletamos dados referentes ao preparo, aos recursos disponíveis e às demandas desses professores. Sobre se sentirem aptos para ministrarem aulas sobre o período, 4,8% assinalaram nota máxima numa escala de 0 a 10, 11,9% nota 9, 26,2% nota 8, 38,1% nota 7, 11,9% nota 6 e 7,1% nota 5. Isso demonstra uma confiança razoável, mas não plena. Porém, em outras questões do formulário, 61,9% responderam que não dispunham de materiais de qualidade para basearem suas aulas e 52,4% alegaram não atualizar sua bibliografia – inclusive, apenas 38,1% reconhecem que atualizam a bibliografia. Numa das questões, surpreendeu-nos que 69% dos professores assinalaram que “sim, consideravam sociedades que não aquelas da Europa centro-ocidental”.

Questionamos os docentes acerca de quais ferramentas mais desejavam utilizar ao abordar História Medieval. Das respostas assinaladas, quatro se destacaram, obtendo mais de 70% de marcações: jogos digitais (81%), filmes (78,6%), histórias em quadrinhos (71,4%) e fontes iconográficas (71,4%). Também se sobressaíram as fontes escritas (59,5%), mapas (59,5%), livros de literatura (54,8%) e séries (47,6%). Tendo em vista que, em outra pergunta, 92,9% informaram a possibilidade de uso de materiais multimídias em sala de aula, avaliamos como viáveis o atendimento do que o formulário nos apontou. Com esses dados, também foi possível interligar os tópicos que os educadores consideraram pertinentes com os temas de maior interesse selecionados pelos alunos para o desenvolvimento do projeto.

### 3. Elaboração dos recursos pedagógicos

Com a fase de desenvolvimento e aplicação do questionário concluída, realizamos reuniões para planejar as ações seguintes que executaríamos tendo os dados obtidos como norte. A busca por informações levantadas junto a professores e alunos se confirmou como uma decisão acertada pela nossa equipe, pois permitiu uma

avaliação do contexto atual do ensino escolar de Idade Média pela perspectiva de seus próprios sujeitos. Desse modo, mesmo ante as medidas sanitárias decorrentes da pandemia, foi possível envolver o público-alvo como parte ativa da ação.

Estabelecemos três tipos de recursos didáticos a serem desenvolvidos por nós: acervo imagético, indicações bibliográficas e planos de aula. O primeiro foi escolhido porque 71,4% dos professores demonstraram interesse. Já o segundo resultou da pouca frequência com que os docentes atualizavam suas leituras. Por fim, o terceiro adveio da preocupação da equipe em proporcionar sugestões práticas para o contexto de sala de aula. Tendo em vista as especificidades da metodologia de elaboração de cada categoria, do referencial teórico no trato de cada material e dos critérios de organização, a equipe foi dividida em três grupos menores. Cada grupo foi incumbido de lidar com uma modalidade de ferramenta pedagógica.

### 3.1 Acervo de imagens

Pela coleta de dados oriunda dos formulários disponibilizados tanto para professores como alunos, observamos que a Idade Média é bastante difundida e consumida nos meios digitais. No entanto, como aponta Pessi (2015), a era digital criou uma “sociedade da informação” entre os jovens, dada a larga produção de conteúdo e seu rápido e massivo compartilhamento, submetendo-os a um bombardeamento de informações que não se traduzem em conhecimento. Desse modo, “a falta de conhecimento sobre o conteúdo a que está sendo referido leva a falsas compreensões, erros de interpretação, opiniões rasas, de senso comum, erros de ortografia e de semântica etc.” (PESSI, 2015, p. 939). Por isso que há oportunidades de aprendizagem que se transformam em não-saber, inclusive no ambiente escolar.

Nas respostas aos questionários, 79% dos estudantes indicaram que consumiam filmes com temática medieval e 65% consumiam séries. Da mesma forma, ao questionar quais as ferramentas que os professores gostariam de utilizar para o ensino de idade média, a pesquisa ob-

teve como resultado os jogos eletrônicos (81%) e séries (78,6%). Mas, para uma geração visual que consome tanta informação, a Idade Média se faz presente, mas não conhecida: ainda que, na penúltima questão da segunda seção do questionário, 72,7% dos alunos tenham assinado a resposta correta, na última pergunta, apenas 6,3% marcaram a alternativa adequada. Logo, nesse ensejo, traçamos como uma das tarefas deste projeto a coleta e desenvolvimento de conteúdos imagéticos que permitissem uma leitura crítica do período medieval.

Dentro do processo de ensino-aprendizagem, um dos objetivos estabelecidos é o desenvolvimento da criticidade dos discentes acerca da sua própria realidade. Segundo Valesca Giordano Litz (2009), o ato de conhecer se baseia na capacidade de estruturar e organizar informações e, então, observar como essas relações estruturam a realidade. Ainda segundo a autora, quanto mais diversificadas as experiências, maiores são as possibilidades da construção de um saber crítico, constituindo-se como um dos pilares no processo de construção da aprendizagem (LITZ, 2009). Diante disso, numa era marcada pela intensa produção imagética, urge a necessidade de interpretação dos signos.

Tomando por base essa questão, para que esse recurso seja utilizado de modo a atingir seu objetivo, é necessária a revisão de algumas questões referentes à própria teoria. Litz (2009), baseando-se em Burke (2004), afirmou que as imagens devem superar a posição de suporte aos debates e ser encaradas como um objeto de estudo em si, sendo não apenas um reflexo da sociedade que a produziu, mas uma extensão do contexto social em que foram produzidas, submetendo-se a uma análise detalhada para que, assim, sua subjetividade seja explorada, e a obra possa ser destrinchada em sua amplitude. Ainda inspirada por Burke, a autora afirma que “é preciso que se obtenha o máximo possível de informações sobre qualquer objeto iconográfico produzido; é preciso interrogá-lo, realizar uma leitura crítica, perceber quais são as intenções contidas no mesmo” (LITZ, 2009, p. 16).

O uso das imagens permite, desse modo, uma oportunidade de aprendizagem em história na sala de aula, na qual a teoria histórica se une à prática historiográfica

pela análise contexto da imagem – apresenta-se, portanto, como uma possível ponte que liga os saberes acadêmicos aos escolares, sendo este o cerne do projeto. Destarte, o projeto teve por um dos objetivos a reunião de imagens que estejam correlacionadas ao período medieval, de modo a expandir e desmistificar os preconceitos existentes sobre o tema.

Esclarecidas as escolhas teóricas, exporemos aqui, como foram produzidos os materiais. Sua elaboração percorre duas etapas: a coleta de imagens e a produção de textos auxiliares acerca do que foi reunido. Na primeira, optamos, primeiramente, por selecionar os tipos de imagens que iriam compor o acervo e elencar temas que se mostraram relevantes a partir dos formulários aplicados. Assim, procuramos transitar entre produções atuais, como os famigerados *memes*, e o universo multifacetado do próprio medieval, buscando imagens relacionadas aos impérios bizantino e árabe de modo a ampliar as possibilidades de ensino. A segunda etapa foi pensada a partir da necessidade de construir textos que não apenas auxiliassem, mas também expandissem o leque de interpretações possíveis sobre as imagens selecionadas. Logo, após a coleta do material, decidimos descrever as imagens de maneira individual, ainda que elas pertencessem a um mesmo tema, pois, ao explorar as possibilidades interpretativas, compreendemos que uma imagem transita entre dois ou mais temas.

A importância das imagens se revela a partir do problema basilar na discussão acerca da presença da Idade Média nos currículos escolares, pois, caso inclusa, ela precisa ser repensada tanto em forma quanto em conteúdo. A historiografia tradicional relega ao medieval o papel de vilão, marcado pelo obscurantismo no contexto europeu ocidental (cf.: SILVA, 2019; FRANCO JR, 2001; GIACOMONI; PEREIRA, 2008). O projeto aqui apresentado procura superar essa visão do período, compreendendo que, para que tal objetivo seja alcançado, faz-se necessária a aproximação entre os saberes acadêmicos e os escolares. Logo, a adequação às novas tecnologias não pode ser deixada de lado. Em vez disso, deve-se observar as potencialidades pedagógicas que os novos recursos oferecem, alinhando as teorias pedagógicas e his-

toriográficas de modo a desbravar um mundo medieval muito mais dinâmico e plural e que mantenha diálogo constante com o presente.

### 3.2. Discussão bibliográfica

Circe Bittencourt (2008) afirma que, para responder à pergunta “o que é uma disciplina escolar?”, o indivíduo tem que ter concepções pessoais sobre a escola, o saber por ela produzido e transmitido, o papel e o poder do professor, os variados sujeitos externos à vida escolar e a constituição do conhecimento escolar. Ao longo dos anos, muitos estudiosos tentaram, de maneira mais direta, responder a essa indagação. Um dos que se destacaram na abordagem da questão foi o francês Yves Chevallard, que desenvolveu a teoria da transposição didática.

De acordo com Bittencourt (2008, p. 36), “Chevallard entende ser a escola parte de um sistema no qual no qual o conhecimento por ela reproduzido se organiza pela mediação da ‘Noosfera’, conceito correspondente ao conjunto de agentes sociais externos à sala de aula”. Em suma, aqueles que seguem a metodologia da transposição didática acreditam que o conhecimento verdadeiro está na universidade; dessa forma, o professor seria alguém responsável por vulgarizar o conhecimento acadêmico e transmiti-lo nas salas de aula de maneira que seja possível absorver levando em consideração os níveis cognitivos, que, por sua vez, são definidos pela idade do estudante.

Contudo, essa abordagem foi muito criticada. André Chervel foi um destacado opositor dessa perspectiva. Partindo da premissa da disciplina escolar como um campo independente, acreditava que as disciplinas escolares servem à comunidade como um todo, sofrendo influências da política atual e da cultura local. Bittencourt (2008, p. 38) avalia que “esse pesquisador considera as relações de poder intrínsecas à escola”.

Assim, definimos que nossas concepções sobre a disciplina escolar têm em consideração a autonomia da escola na produção de conhecimento e em suas relações de poder. Consideramos as especificidades do ambiente

escolar ao nos dedicarmos a levantar material bibliográfico de qualidade e de fácil acesso para indicar a professores e estudantes interessados em algum tema referente à Idade Média.

Dadas essas reflexões, escolhemos uma relação bibliográfica que contemplasse a necessidade de aprofundamento nos debates recentes do medievalismo brasileiro frente às demandas da atualidade – isto é, referentes à transculturalidade e engatilhadas pela evocação de discursos sobre a medievalidade pelos mais diversos grupos políticos (SILVEIRA, 2016). Além dessa diretriz de cunho historiográfico, também consideramos os temas quantitativamente apontados como de maior interesse nos questionários na seleção. Privilegiamos autores brasileiros e textos clássicos, que costumam constar em bibliotecas públicas, em grandes redes de venda de livros novos e usados ou em formato digital de acesso aberto.

Dadas essas orientações gerais, o material, uma vez escolhido, passou por um processo de avaliação visando a indicação de uso em contexto escolar mais adequado. Constatamos que alguns materiais dizem respeito a reflexões teóricas sobre o medievo. Textos dessa natureza foram indicados para leitura do professor para que este pudesse se preparar para suas atividades e julgar a forma mais interessante de levar essas discussões à sala de aula. Outros materiais consistiam em fontes documentais usualmente analisadas por medievalistas e disponíveis em português, que poderiam ser analisadas ludicamente em sala, dando aos alunos um breve contato com o fazer historiográfico. Por fim, tivemos contato com livros de divulgação científica e paradidáticos destinados a alunos de Ensino Básico, mas de rigor historiográfico, a exemplo do livro “Movimentos Populares na Idade Média” de José Rivair Macedo (MACEDO, 1994). Portanto, a inclusão de orientações quanto às possibilidades de seu uso poderia contribuir para práticas de ensino de História Medieval mais atraentes e instigantes.

### 3.3 Planos de aulas

Os planos de aula foram pensados e elaborados com base nos dados resultantes dos formulários divulgados

para professores e alunos. Da amostragem obtida, observamos sobretudo os eixos temáticos de História Medieval que mais interessavam aos discentes, bem como os principais estereótipos que são carregados acerca desse período. Houve, entre outras palavras, um diagnóstico inicial mais amplo das demandas e foi montado um calendário do passo a passo a ser seguido.

Uma vez debatidas essas questões gerais, passamos a pensar nas estruturações necessárias para que houvesse articulação entre as necessidades identificadas entre os alunos e materiais dos quais os professores dispunham para o ensino sobre Medieval. A produção dos planos levou em conta esses aspectos objetivando se adequar ao máximo à realidade percebida e às suas demandas, tendo em vista que muitos professores desejavam propor atividades diferenciadas e inovar seus métodos de ensino para romper com estereótipos e trazer para a sala de aula os assuntos que mais interessavam discentes, mas não possuíam um material auxiliar e amplo para tanto.

Começamos estabelecendo um modelo geral de plano de aula que apresenta em sua estrutura as seguintes partes: tema, objetivo geral, objetivo específico, justificativa, conteúdos, recursos pedagógicos, métodos de avaliação e bibliografia. Ainda nesse processo de definir um modelo, percebemos que ele poderia ser ainda mais específico, sugerindo o que efetivamente poderia ser feito pelo docente nas aulas, passo a passo. Sendo assim, incluímos ainda “objetivos práticos” na estrutura.

Depois de definir essa questão estrutural, passamos a buscar bibliografias que pudessem ser úteis quando fôssemos efetivamente preencher os planos de aula, delimitando as partes já citadas acima. Além disso, esses textos constam também nos planos para que os professores disponham de bibliografia atualizada para utilizar em seu processo de preparação. Essa seleção bibliográfica privilegiou livros e textos traduzidos e de fácil acesso.

Após esse processo, ficou decidido que haveria uma divisão dos temas entre a dupla responsável pela elaboração dos planos, tendo em vista o grande número de eixos temáticos que interessam aos alunos. Durante o percurso, observou-se que os planos estariam em constante alteração, em razão das constantes ampliações dos

recursos pedagógicos, tais como jogos, mapas, vídeos, filmes e imagens, que ficaram sob responsabilidade de outra dupla.

Vale pontuar que os métodos de avaliação sugeridos foram bastante variados, não se limitando apenas a provas. No entanto, pensando nos processos de ingresso nas universidades públicas, realizamos um levantamento de questões de vestibulares que ficarão disponíveis para que os professores possam utilizar na preparação dos estudantes.

## 4. Início da publicação do material desenvolvido

A terceira etapa do projeto consiste na disponibilização digital e gratuita dos recursos didáticos desenvolvidos pela equipe executora. Para tanto, nos reunimos para avaliar como fazê-lo, tendo em vista três critérios: assegurar seu fácil acesso pelo público-alvo da ação; assegurar que os interessados possam comentar individualmente cada material que ofertamos; e assegurar sua credibilidade acadêmica. O *site* do Leom, que pertence ao domínio institucional da UFPE, foi escolhido por atender a esses três critérios. Recentemente, criamos ali uma página intitulada “Idade Média na escola” para o cumprimento desse objetivo<sup>3</sup>.

A página foi organizada num sistema em que cada material é publicado separadamente e classificado em categorias e *tags*. As categorias reúnem os recursos pelo seu tipo, ou seja, se são imagem, indicação bibliográfica ou plano de aula. Já as *tags* são aplicadas para esclarecer os temas contemplados naquele recurso. Cada material é inserido em apenas uma categoria, mas pode receber diversas *tags*. Na página inicial do projeto, constam quatro tópicos: “recursos pedagógicos”, listando as categorias disponíveis; “temas”, em que todas as *tags* podem ser visualizadas; “novos materiais”, que visa a publicizar as últimas atualizações de recursos; e, por último, “questio-

<sup>3</sup> Para acessar a página do projeto no *site* do Leom, basta entrar em: <https://sites.ufpe.br/leom/projetos/idade-media-na-escola/>.

nários para o público”, por meio do qual demonstramos os formulários de pesquisa já aplicados e em que lugar poderemos, quando necessário, disponibilizar novos.

Por enquanto, o que foi produzido está em processo de revisão pelo coordenador do projeto, para assegurar a adequação. Além disso, por comunicação assíncrona virtual, estão em discussão os padrões de publicação de cada tipo de material, para assegurar uma uniformidade ao conjunto. Portanto, o que já foi publicado está suscetível a mudanças no *layout* por parte da equipe executora. Também está sob discussão a possibilidade de produção de materiais de outras naturezas, diversificando a oferta de recursos do projeto e atendendo às demais demandas docentes percebidas na coleta de dados da primeira etapa.

## 5. Avaliação final dos resultados obtidos até o momento

No decorrer deste capítulo, relatamos a experiência de um projeto de extensão proposto e empreendido em contexto pandêmico que resultou em restrições sociais. A preparação e execução das etapas delimitadas tiveram que considerar, desde o primeiro momento, as dificuldades decorrentes das recomendações sanitárias de especialistas e medidas de isolamento das autoridades públicas. Visando assegurar o caráter dialógico que, acreditamos, deve perpassar toda atividade extensionista, optamos pelo emprego de ferramentas digitais para a interação com o nosso público-alvo.

A ação tem como objetivo principal a produção de recursos didáticos sobre Idade Média para utilização em salas de aula de Ensino Fundamental e Médio. Para tanto, submetemos questionários a professores e estudantes de diversas escolas para obter dados sobre suas relações e demandas com a História Medieval. Em seguida, analisamos as informações levantadas no intuito de estabelecer diretrizes para a produção do material pedagógico. Optamos por nos ater, inicialmente, a três modalidades: acervo de imagens, indicações bibliográficas e planos de

aula. Por fim, começamos a organizar e a revisar o que já foi desenvolvido para disponibilização gratuita em página específica no site do Leom. De todo modo, a interação entre os membros da equipe ocorreu em plataformas de comunicação virtual.

Em nosso balanço, a impossibilidade da aproximação física com o público externo à universidade e a consequente necessidade da Internet para o contato entre os envolvidos resultou numa abordagem outrora não-avaliada para uma proposta dessa natureza. Se, por um lado, uma troca direta e *in loco* com o público-alvo foi uma adversidade a ser enfrentada, por outro, a internet como solução ampliou o alcance potencial do projeto.

BITTENCOURT, C. M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.

BURKE, P. *Testemunha ocular*. Bauru: Educs, 2004.

FRANCO JR., H. *Idade Média: o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. *Possíveis passados: representações da Idade Média no ensino de História*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

LITZ, V. G. *O uso da imagem no ensino de história*. Curitiba: PDE, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2021.

MACEDO, J. R. *Movimentos populares na Idade Média*. São Paulo: Moderna, 1994.

MARTINS, E. D.; MOURA, A. A.; BERNARDO, A. A. O processo de construção do conhecimento e os desafios do ensino-aprendizagem. *Revista Online de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 22, n. 1, p. 410-423, 2018.

PESSI, B. S. O uso da Internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades. *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 933-947, 2015.

RÜSEN, J. *História viva*. Brasília: UnB, 2007.

SILVA, M. C. *História Medieval*. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVEIRA, A. D. Algumas experiências, perspectivas e desafios da Medievalística no Brasil frente às demandas atuais. *Revista Brasileira de História*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 72, p. 39-59. 2016.

## Apêndice I - Questionário aplicado junto a alunos da rede básica de ensino

### Seção 1

- 1) De que cidade e de que estado você é?
- 2) Qual o tipo de instituição em que você estuda?  
 Pública municipal;  Pública estadual;  
 Pública federal;  Privada.
- 3) Que mídias você consome com temática medieval?  
 Filmes;  Séries;  Literatura;  
 Quadrinhos;  Jogos analógicos;  
 Conteúdo em redes sociais;  RPG.
- 4) Numa escala de 0 a 10, o quanto você gosta das suas aulas de História Medieval?

### Seção 2

- 1) Você consegue perceber alguma continuidade entre a Idade Média e o mundo atual?  
 Sim;  Não;  Não sei.
- 2) Na sua aula de História Medieval, foram abordados lugares diferentes da Europa, como, por exemplo, o Oriente Médio, a África ou a Ásia?  
 Sim;  Não;  Não lembro.
- 3) Você tem interesse em algum tema relacionado à História Medieval? Qual?  
 Cavalaria;  Cruzadas;  História Militar;  
 Feudalismo;  "Invasões bárbaras";  
 Mulheres na Idade Média;  Vida cotidiana;  
 Judeus, leprosos e outros marginalizados;  
 Ciência medieval; Peste negra e outras epidemias;  
 Mitos e lendas;  História da Igreja;  Paganismo;  
 Vikings;  Império Bizantino;  Impérios da Ásia;  
 Impérios da África;  Islã medieval;  
 Não tenho interesse em nenhum tema de História Medieval;  Outros.

4. Entre quais marcos compreende o período medieval?
- Queda do Império Romano do Ocidente - Queda do Império Romano do Oriente (Bizantino).
  - Fundação de Roma - Surgimento do Islamismo.
  - Queda do Império Romano do Ocidente - Queda da Bastilha.
  - Descobrimto das Américas - Guerra do Peloponeso.
- Qual alternativa melhor exemplifica o período medieval?
- Completa dominação da Igreja Católica na Europa, pouco desenvolvimento científico e tecnológico, violência e alta incidência de doenças.
  - Grandes guerras, cidades altamente fortificadas, sociedade militarizada e um Estado completamente centralizado.
  - Época de grandes navegações e conquista de novas terras.
  - Período completamente plural com intensa movimentação de pessoas e ideias, avanço tecnológico e científico e de efervescência cultural.

## Apêndice II: Questionário aplicado junto a professores da rede básica de ensino

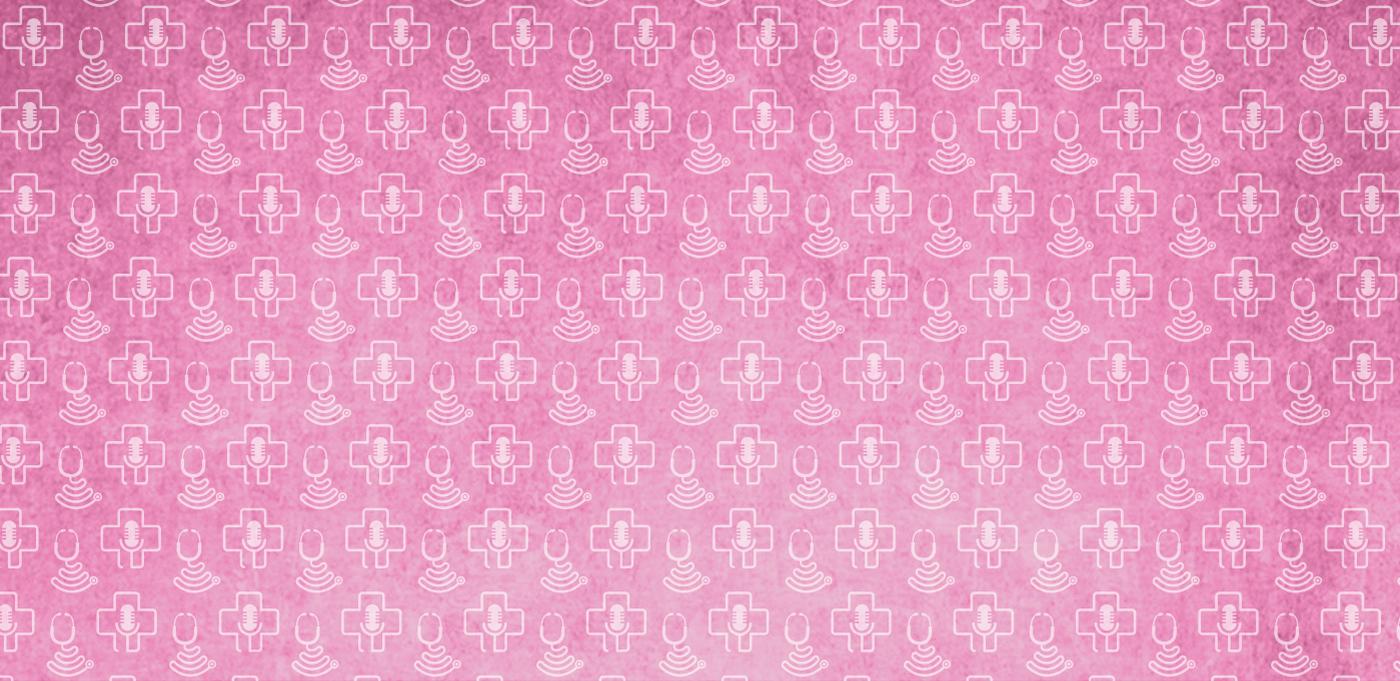
### Seção 1

1. De que cidade e de que estado você é?
2. Qual a sua titulação acadêmica?  Graduação;  Especialização;  Mestrado;  Doutorado
3. Você possui graduação em História? Tem alguma outra formação?
4. Qual o tipo de instituição em que você leciona?  Pública municipal;  Pública estadual;  Pública federal;  Privada.
5. Há quanto tempo atua como professor?
6. Você tem a possibilidade de utilizar materiais multimídias em sala de aula?  Sim;  Não

7. Numa escala de 0 a 10, como você avalia a sua autonomia na(s) instituição(ões) em que ensina?
8. Numa escala de 0 a 10, quanto você acredita que o vestibular interfere no ensino de História na(s) instituição(ões) que você ensina?

## Seção 2

1. Numa escala de 0 a 10, quão preparado você acredita estar para debater Idade Média em sala de aula?
2. Para o ensino de História Medieval, você dispõe de materiais de qualidade suficientes para basear sua aula?  
( ) Sim; ( ) Não.
3. Quais recursos e métodos didáticos você utiliza nas aulas de Idade Média?
4. Quais as ferramentas você gostaria de utilizar em sala de aula para abordar a História Medieval?  
( ) Fontes escritas; ( ) Fontes iconográficas;  
( ) Mapas; ( ) Livros de literatura;  
( ) Livros científicos; ( ) Quadrinhos; ( ) Filmes;  
( ) Séries; ( ) Jogos digitais; ( ) Jogos analógicos;  
( ) Outros...
5. Você atualiza sua bibliografia sobre o tema em questão regularmente?  
( ) Sim; ( ) Não
6. Ao abordar a Idade Média, você contempla outros espaços que não a Europa centro-ocidental?  
( ) Sim; ( ) Não.
7. Relate sua experiência com o ensino de História Medieval. Sinta-se à vontade para expor suas dificuldades, sugestões e reivindicações.



# **JORNAL DA QUÍMICA INORGÂNICA: uma experiência em tempos de pandemia**

INORGANIC CHEMISTRY JOURNAL:  
an experience in pandemic times

**Jane Maria Gonçalves Laranjeira**

(Doutora em Tecnologias Energéticas Nucleares,  
Professora do Centro Acadêmico do Agreste/UFPE)

**Vladimir Cavalcanti da Silva Júnior**

(Graduando em Química, Centro Acadêmico do Agreste/UFPE)

O projeto de extensão “Jornal da Química Inorgânica”, cadastrado por meio do Edital 2019-03 - de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão (Acex), é coordenado pela Profa. Dra. Jane Maria Gonçalves Laranjeira (UFPE/CAA/NFD). O projeto é composto pelos membros: Roberto Araújo Sá (doutor); Aline Mayara Viana do Nascimento (graduanda); Daniel Sobral de Oliveira (graduando); Edclecia de Vasconcelos Silva (graduanda); Givanildo Almeida da Silva (graduando); Lucimário Edilson Gomes Lisboa (graduando); Luís Henrique Raimundo (graduando); Magdalena Laurence Tavares Omena (graduanda); Marcelo Fabrício Araújo (graduando); Maria Izabel da Silva Cavalcanti (graduanda); Thais de Sá Tenorio (Graduanda); e Vladimir Cavalcanti da Silva Junior (graduando).

## Resumo

“O Jornal da Química Inorgânica” é um projeto desenvolvido junto aos cursos de Química-Licenciatura, Design e Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE. O projeto desenvolve ações de divulgação científica através da publicação do jornal e de discussão em suas redes sociais, entendendo a divulgação científica como forte instrumento de alfabetização científica e democratização da ciência. No contexto da pandemia do novo coronavírus, o jornal tem o objetivo de utilizar a divulgação científica como forma de enfrentamento à Covid-19. Assim, tem direcionado as edições, publicadas de forma *on-line*, para além da divulgação científica, para desenvolver ações de combate ao vírus através da conscientização da sociedade sobre as medidas sanitárias necessárias, permitindo o acesso à informação de forma segura. As edições publicadas em 2020 tratam dessas temáticas de forma a proporcionar ao leitor um fácil entendimento dos estudos e pesquisas realizados acerca da doença, além de fazer um breve panorama da evolução da pandemia. Diante dessas ações, o projeto tem causado impacto na sociedade, visto que tem sido uma fonte segura de conhecimento sobre os conceitos científicos envolvidos nas notícias divulgadas pela grande mídia, além de servir como fonte de conscientização e prevenção de contágio pelo novo coronavírus.

**Palavras-chave:** Divulgação científica. Tecnologia digital. Pandemia. Covid-19.

## Abstract

“O Jornal da Química Inorgânica” is a project developed along the Undergraduate Chemistry course, Design and Social Communication at the Centro Acadêmico do Agreste at UFPE. The project develops scientific dissemination actions through the newspaper publication and discussion on its social media. We understand scientific dissemination as a strong instrument of scientific literacy and science democratization. In the new coronavirus pandemic’s context, the newspaper aims to use scientific dissemination as a way to confront COVID-19 pandemic. Thus it has directed the journal editions, online published, beyond scientific dissemination, to develop actions to combat the virus, through the society acknowledging necessary sanitary measures and providing access to secure

information. The editions published in 2020 deal with these themes in order to provide the reader an easy understanding of the studies and research carried out about the disease, in addition to providing a brief pandemic evolution overview. Summarizing these actions, we can say that the project has had an impact on our society, as it has been a reliable source of scientific knowledge about the concepts involved in the news published by the mainstream media. It is also a source of awareness and contagion prevention by the new coronavirus.

**Keywords:** Scientific dissemination. Digital Technology. Pandemic. COVID-19.

## 1. Introdução

A Organização Mundial de Saúde (OMS) foi alertada, em 31 de dezembro de 2019, sobre um número considerável de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. No entanto, tratava-se de infecções por um novo tipo de coronavírus, que ainda não havia sido identificado em humanos. Após uma semana, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades sanitárias da China anunciaram a descoberta da nova linhagem do coronavírus (SARS-Cov-2) que havia infectado os chineses. Preliminarmente, no final de janeiro, a OMS declarou que o surto constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Posteriormente, em 11 de março de 2020, a OMS elevou o estado de contaminação à pandemia de Covid-19, considerando o espalhamento do vírus e a identificação dos casos da doença em diversos países e continentes (UNA-SUS, 2020).

Neste estado de pandemia, surgiu a necessidade de manter a população informada e orientada sobre diversas questões relacionadas com: (i) os novos cenários de riscos por causa do vírus, com agravamento da situação de saúde já existente; (ii) as medidas profiláticas necessárias para evitar a disseminação do novo coronavírus e o aumento do índice de contaminação; e (iii) os resultados dos estudos e descobertas científicas divulgados pela comunida-

de científica mundial. Além de informar e orientar a população, os textos de divulgação científica podem ser aliados no combate à pandemia, facilitando o entendimento das pessoas sobre as informações científicas e tecnológicas e contribuindo para que as pessoas visualizem a importância e o impacto do progresso científico nas suas vidas.

Nessa perspectiva, e diante dos desafios que devem ser superados pela sociedade, no âmbito nacional e regional, o *Jornal da Química Inorgânica (JQI)* tem destinado seu espaço de divulgação e educação científica para difundir, através das suas publicações, informações de caráter educacional, científico, tecnológico e de mobilização popular sobre o vírus SARS-CoV-2 e a Covid-19 baseadas em evidências científicas divulgadas por fontes confiáveis.

O JQI é produto das ações de um projeto de extensão que tem como objetivo fomentar a divulgação científica através de publicações digitais, de acesso público e gratuito, com enfoque histórico, social, ambiental, científico e tecnológico. As edições, publicadas a cada quatro meses, são hospedadas no *site* do Curso de Química (licenciatura) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e são planejadas e desenvolvidas por uma equipe editorial constituída por discentes dos cursos de graduação desse *campus*. Busca-se, com esse produto, despertar o interesse do público leigo pelas ciências, em especial a Química, ampliando o conhecimento das pessoas sobre os temas abordados e favorecendo, assim, a discussão e o posicionamento crítico dos leitores. Nessas edições, os avanços científicos e tecnológicos são transferidos para a realidade das pessoas com a devida contextualização local. Além do impacto social gerado pelo acesso à informação de cunho científico e tecnológico, as atividades mobilizadas nas etapas de planejamento e elaboração das edições também são importantes para a formação inicial dos discentes participantes do projeto, diante dos desafios demandados na construção de textos coerentes e coesos, incluindo o desafio da reescrita de alguns desses textos em outra(s) língua(s).

Sendo assim, as três edições do JQI, publicadas em 2020, trazem discussões na perspectiva de fornecer, para o público em geral, informações importantes sobre a

pandemia, destacando: as especificidades da linhagem do novo coronavírus; o mecanismo de transmissão; a profilaxia com sabão, além da tecnologia e dos estudos científicos para o entendimento, enfrentamento e superação da crise provocada pela Covid-19. Diante da relevância da ciência nesta crise global, também foi destaque editorial a construção do conhecimento científico e a sua divulgação social por meio das publicações acadêmicas em periódicos indexados ou noticiados nos meios de comunicação digital, que têm possibilitado, à população, o acesso amplo e imediato a informações.

A equipe editorial do JQI entende o papel relevante desses meios de comunicação na divulgação das estratégias e ações voltadas para o controle da pandemia, possibilitando o compartilhamento amplo das informações, no âmbito acadêmico e social, orientando o processo decisório no ambiente de crise e informando à população sobre questões relevantes com relação: aos protocolos de controle e tratamento; ao estado da arte do desenvolvimento das vacinas; aos dados estatísticos sobre a evolução da pandemia, no Brasil e em outros países. Dessa forma, caracteriza-se como uma ação de extensão importante e de grande relevância social nesta crise de saúde global, através do compartilhamento de informações e orientações para a população em geral e com impacto na qualidade da formação superior inicial dos discentes integrados ao projeto.

Antes de abordar, de forma mais pontual, as edições do JQI publicadas no contexto da pandemia de Covid-19 e o seu impacto para o público leitor, será apresentado um resumo histórico sobre a origem da divulgação científica a partir da comunicação científica, destacando ainda as principais diferenças sobre as duas modalidades de acesso ao conhecimento científico.

## 2. Comunicação e divulgação científica

A divulgação do conhecimento científico para o público leigo teve origem no contexto dos séculos XV, XVI e

XVII junto com o renascimento científico e com o desenvolvimento da imprensa (MUELLER; CARIBÉ, 2010). Nessa época, os cientistas sentiram necessidade de divulgar amplamente os resultados dos seus trabalhos para a comunidade científica mundial, resultando no crescimento do conhecimento científico.

Segundo Ziman (1981), até o século XVII, no contexto da revolução científica, o conhecimento científico era dominado por uma parte da sociedade elitizada, visto que os trabalhos produzidos eram escritos em latim. Ainda nesse século, “os ideais iluministas e a ciência experimental e matematizada que então se desenvolvia inspiraram novas linhas de pensamento moral, estético e político, as quais, por sua vez, estimularam a publicação de várias obras de divulgação” (MUELLER; CARIBÉ, 2010, p. 15). Posteriormente, com o avanço das línguas vernáculas, os textos científicos passaram a ser escritos em diferentes línguas, alcançando um público maior.

Anos mais tarde, no século XVIII, surgiu uma nova classe social, a classe média, que passou a se interessar pela ciência e a consumir materiais científicos, tais como os livros sobre ciência e filosofia, constituindo o novo público interessado nas iniciativas de divulgação científica (MALET, 2002).

Ao longo dos anos, a população europeia tornou-se cada vez mais alfabetizada cientificamente. Com os novos métodos de impressão e a superação do analfabetismo, surgiu um contexto cada vez mais propício para a divulgação científica, firmando-a como força cultural influente em todos os setores da sociedade e, por excelência, como motor propulsor do progresso (MUELLER; CARIBÉ, 2010).

Com a evolução científica, a atividade de pesquisador científico passou a ocupar um lugar de destaque na sociedade. Assim, a atividade científica passou a ser praticada exclusivamente pelos pesquisadores, deixando de fora as pessoas que desenvolviam pesquisas de forma amadora. Inicia-se, então, a distinção social entre ciência e público com a formação das comunidades científicas. A partir dessa separação, os trabalhos produzidos pelos pesquisadores passaram a circular apenas no meio científico, dando origem aos textos de comunicação científica (MUELLER; CARIBÉ, 2010).

No século XIX e início do século XX, surgiram novas tecnologias da informação e comunicação, que revolucionaram a forma de fazer a divulgação científica com a televisão, o rádio e a imprensa, possibilitando, ao público em geral, um acesso maior ao conteúdo científico (MUELLER; CARIBÉ, 2010). Mais tarde, com o surgimento da *internet*, as pessoas passam a ter acesso aos textos de divulgação e comunicação científica com uma maior velocidade, quase instantaneamente. Isso proporcionou enorme facilidade de acesso às comunicações científicas, publicadas em revistas especializadas, bem como aos textos de popularização da ciência que circulam em diversos “lugares” na internet, contribuindo para o aprofundamento e divulgação dos principais conceitos científicos em todo o mundo.

Porém, é necessário destacar que o gênero textual destinado ao meio acadêmico-científico é diferente daquele destinado ao público em geral. Dessa forma, a comunicação e a divulgação científica apresentam características específicas. Como bem observa Bueno (2009, p. 162): “[...] a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação, para o público leigo, de informações científicas, tecnológicas ou associadas às inovações” são características da divulgação científica.

Para Bueno (2010, p. 2), a comunicação científica corresponde “à transferência de informações científicas, tecnológicas, ou associadas a inovações que se destinam aos especialistas em determinadas áreas do conhecimento”. O autor faz ainda as seguintes considerações:

Embora os conceitos exibam características comuns, visto que ambos se reportam à difusão de informações em ciência, tecnologia e inovação (CT&I), eles pressupõem, em sua práxis, aspectos bastante distintos e que necessitam ser enunciados. Incluem-se, entre eles, o perfil do público, o nível de discurso, a natureza dos canais ou ambientes utilizados para sua veiculação e a intenção explícita de cada processo em particular (BUENO, 2010, p. 2).

Portanto, diante dessas especificidades, é importante explicitar as características dos textos de comunicação e

de divulgação científica, que se diferenciam de acordo com o perfil do público ao qual se destinam, a fim de delimitar a abrangência da produção editorial do JQI.

A linguagem dos textos de divulgação científica deve ser clara e de fácil entendimento por parte do leitor. Nesse sentido, deve-se evitar o emprego de termos técnicos, facilitando a compreensão daquele leitor cuja formação é desprovida de conhecimentos teóricos-científicos na área em discussão. Sem ter essa formação, o leitor pode sentir-se excluído da esfera científica e cultural, sem conseguir estabelecer uma relação entre os conhecimentos e sua realidade social. Dessa forma, é importante que o divulgador científico faça, obrigatoriamente, uma “decodificação” dos jargões científicos e dos termos técnicos, trazendo informações claras e consistentes sobre o tema discutido, além de recursos editoriais diversos, tais como: ilustrações, gráficos, infográficos, tabelas, metáforas, dentre outros, que, além de motivacionais, facilitam a compreensão do leitor (BUENO, 2010).

Com base nessas considerações, a equipe editorial do JQI busca apresentar para o leitor, através de uma linguagem gráfica simples, lúdica e interessante, as discussões sobre os temas científicos relevantes, tanto no contexto histórico como na atualidade. Suas edições, em especial aquelas cujas temáticas tratam das questões referentes à pandemia de Covid-19, têm apresentado as informações numa linguagem textual acessível ao público leigo, complementando-as com recursos gráficos diversos (imagens, ícones, *SmartArt*, infográficos etc.) para facilitar o entendimento do leitor. Assim, os conceitos científicos passam a fazer parte do cotidiano das pessoas que percebem a ciência como realidade concreta.

O texto de divulgação científica visa ainda proporcionar ao leitor, em espaços não formais, a alfabetização científica para a cidadania. Nessa perspectiva, como destacado por Lorenzetti e Delizoicov (2001, p. 43), o mesmo deve ser compreendido “como o processo pelo qual a linguagem das Ciências Naturais adquire significados, constituindo-se um meio para o indivíduo ampliar seu universo de conhecimento, a sua cultura, como cidadão inserido na sociedade”.

Além da linguagem clara e de fácil compreensão, os textos de divulgação científica precisam demonstrar a construção do conhecimento científico como resultado de um trabalho colaborativo realizado ao longo do tempo a partir dos resultados, análises e discussões de estudos científicos, aferidos e validados pelos pares antes da publicação. Essa percepção é bem diferente da ideia que a maioria das pessoas tem sobre a ciência, como bem pontuado por Bueno (2010, p. 2), ao afirmar que “a percepção do público leigo é difusa e engloba uma série de equívocos, como o de imaginar que a ciência e a tecnologia não se viabilizam num *continuum*, mas que progridem aos saltos a partir de *insights* de mentes privilegiadas”. Essa imagem distorcida da ciência vem sendo construída ao longo da formação básica da maioria das pessoas através dos textos, publicados em livros e diferentes mídias, que retratam o conhecimento como unívoco e acabado.

Mbarga e Fleury (2020) apresentam uma descrição da ciência como um corpo de conhecimento sistemático, aprofundado, lógico e metódico, que exige provas e gera argumentos, questionando e aprofundando, tanto o que já é conhecido como o desconhecido, numa busca eterna pelo saber, sem tabus e áreas proibidas. Um exemplo claro dessa perspectiva pode ser visualizado a partir das comunicações científicas sobre o vírus SARS-CoV-2 e a Covid-19. É nítido que a grande quantidade de informações, divulgadas no meio acadêmico e jornalístico, é parte de estudos amplos e colaborativos realizados por diversas instituições em todo o mundo, com grandes avanços, mas ainda inacabados. Nesse ambiente de resultados científicos, permeado de buscas e indagações, a equipe editorial do JQI pautou, nas suas edições de 2020, discussões, numa abordagem científica, tecnológica, interdisciplinar e contextualizada das informações, possibilitando a percepção dos seus leitores sobre a evolução das pesquisas e do conhecimento gerado e do seu impacto social no contexto da pandemia durante o ano atípico de 2020.

Sendo os textos de divulgação científica destinados à popularização da ciência, o público a que se destina é amplo e heterogêneo, envolvendo pessoas de todas as

idades e classes sociais. Por isso, é necessária a circulação ampla dessas publicações em diferentes meios de divulgação, abertos ao público leigo através de canais e recursos editoriais diversos, como destacado a seguir:

Na prática, a divulgação científica não está restrita aos meios de comunicação de massa. Evidentemente, a expressão inclui não só os jornais, revistas, rádio, TV [televisão] ou mesmo o jornalismo on-line, mas também os livros didáticos, as palestras de ciências [...] abertas ao público leigo, o uso de histórias em quadrinhos ou de folhetos para veiculação de informações científicas (encontradas com facilidade na área da saúde/Medicina), determinadas campanhas publicitárias ou de educação, espetáculos de teatro com a temática de ciência e tecnologia (relatando a vida de cientistas ilustres) e mesmo a literatura de cordel, amplamente difundida no Nordeste brasileiro (BUENO, 2009, p. 162).

Além desses exemplos, as redes sociais, dentro e fora da Internet, se destacam como canais eficientes de divulgação científica, visto que, na sociedade atual, as pessoas têm acesso amplo e mais frequente a essas estruturas. Além disso, proporcionam interação mais efetiva com o público leitor e discussões sobre os temas divulgados, favorecendo a alfabetização científica. O JQI utiliza-se de diferentes redes sociais<sup>1</sup> na divulgação científica e interação com seus seguidores, visando ao objetivo de democratizar a ciência. Nesses perfis, além dos *links* de acesso às edições publicadas, são postadas notas e chamadas motivacionais para a leitura das edições, além de textos informativos, de cunho científico e social, e *links* para as informações complementares, visando ampliar o conhecimento e a discussão sobre as temáticas centrais das edições.

Diante do exposto, percebe-se o alinhamento das diretrizes editoriais do JQI com o objetivo principal de tornar o conhecimento científico acessível ao público em geral, possibilitando a sua democratização e fomentando a educação científica. Como bem ressalta Bueno (2010):

1 Perfil das contas nas redes sociais do JQI: Facebook: Jornal da Química Inorgânica; Instagram: @comunicacaojq; Twitter: @JInorganica.

A comunicação científica mobiliza o debate entre especialistas como parte do processo natural de produção e legitimação do conhecimento científico. A divulgação científica busca permitir que pessoas leigas possam entender, ainda que minimamente, o mundo em que vivem e, sobretudo, assimilar as novas descobertas, o progresso científico, com ênfase no processo de educação científica (BUENO, 2010, p. 5).

Partindo desse entendimento e buscando tais objetivos, a equipe editorial do JQI direcionou seu plano de ação para o planejamento e discussão de temas atuais e relevantes sobre a pandemia. Os textos estruturantes das três edições temáticas, publicadas em 2020, além de aumentar o conhecimento científico dos leitores sobre o vírus SARS-CoV-2 e a Covid-19, buscou orientá-los sobre o enfrentamento à crise de saúde e quanto aos impactos socioeconômicos associados. As temáticas das edições, bem como as discussões apresentadas nas suas seções, foram selecionadas pela equipe editorial tendo como critérios a pertinência e relevância dos assuntos abordados ao longo da pandemia. A dinâmica de ação da equipe editorial, com supervisão e orientação da docente coordenadora deste projeto de extensão, está detalhada nos parágrafos seguintes.

### **3. Atividades desenvolvidas no projeto de extensão "Jornal da Química Inorgânica"**

As atividades desenvolvidas pela equipe editorial do JQI compreendem o planejamento e a produção textual das edições, incluindo o *design* gráfico (da marca e das edições), além da divulgação ampla do produto final nas redes sociais, com o objetivo de fazer com que a divulgação científica alcance o maior número de pessoas. Esta construção exige diferentes momentos de trabalho e a participação ativa dos discentes e da coordenação do projeto, que são:

- *Primeiro momento*: reunião inicial dos membros da equipe editorial, para planejamento das edições, quando delibera-se sobre: cronograma de publicação anual; tema central e ramificações, considerando as implicações e impactos na sociedade; planejamento da revisão bibliográfica (o que, onde, como e quando pesquisar); discentes responsáveis pelo desenvolvimento de cada seção editorial.
- *Segundo momento*: realização da revisão bibliográfica sobre o tema central e suas ramificações em periódicos de comunicação científica indexados, anais de congressos, memórias de eventos científicos e *sites* de divulgação científica, sendo selecionados os referenciais avaliados como importantes para fundamentar a discussão temática. A partir desse levantamento e seleção da bibliografia, é possível analisar (qualitativa e quantitativamente) as informações, destacando os dados relevantes para a construção textual.
- *Terceiro momento*: produção dos textos de divulgação científica pelos membros da equipe, com base na bibliografia selecionada. Nesse momento, é feita a decodificação da linguagem técnico-científica, presente nos textos de comunicação científica, para uma linguagem mais acessível ao público leigo. Além da produção textual, os discentes editores são responsáveis pela produção e/ou edição de imagens, gráficos, tabelas, infográficos e outros recursos que ilustram as informações e facilitam o entendimento do leitor sobre o assunto tratado.
- *Quarto momento*: os textos finalizados pelos discentes são encaminhados à coordenação do projeto, que faz as correções e adequações pertinentes para, em seguida, montar a sequência organizacional lógica das seções tendo como produto um texto editorial interessante do ponto de vista visual e instigante na leitura, favorecendo, através da exposição clara e interligada dos conceitos científicos abordados, o entendimento do leitor sobre a ideia principal posta em discussão. Finalizada esta etapa, a coordenadora

cria o *link* de acesso à edição no *site* do curso de Licenciatura em Química do CAA, no *site* da UFPE<sup>2</sup>.

Posterior à publicação, e em paralelo ao desenvolvimento da próxima edição, há uma mobilização da equipe editorial para a sua divulgação nas redes sociais, com o intuito de ampliar a visibilidade da edição, possibilitando que a sociedade, de um modo geral, possa ter acesso aos textos produzidos e publicados. Nesse sentido, as redes sociais são mecanismos eficientes de divulgação científica, tendo em vista o número considerável de pessoas que acessam esses canais com frequência habitual, e estão cada vez mais presentes na vida dos brasileiros. Além disso, essas redes proporcionam uma maior interação com o público leitor, possibilitando a leitura e a análise crítica dos textos divulgados, o que favorece a alfabetização científica. A Figura 1 mostra a reprodução das capas das três edições do JQI, publicadas no ano de 2020. As temáticas dessas edições, inseridas no contexto da saúde pública e da pandemia de Covid-19, estão detalhadas a seguir:

Figura 1 – Capa das edições do JQI publicadas em 2020



Fonte: JQI, UFPE, 2020.

2 Endereço eletrônico: <https://www.ufpe.br/quimica-licenciatura-cao>. O leitor pode conferir na aba projetos as edições: Ano VI, n. 1 - Fármacos no Século XXI; Ano VI, n. 2 - Em Tempos de Covid-19; Ano VI, n. 3 - Ciência, Saúde e Sociedade em Tempos de Pandemia.

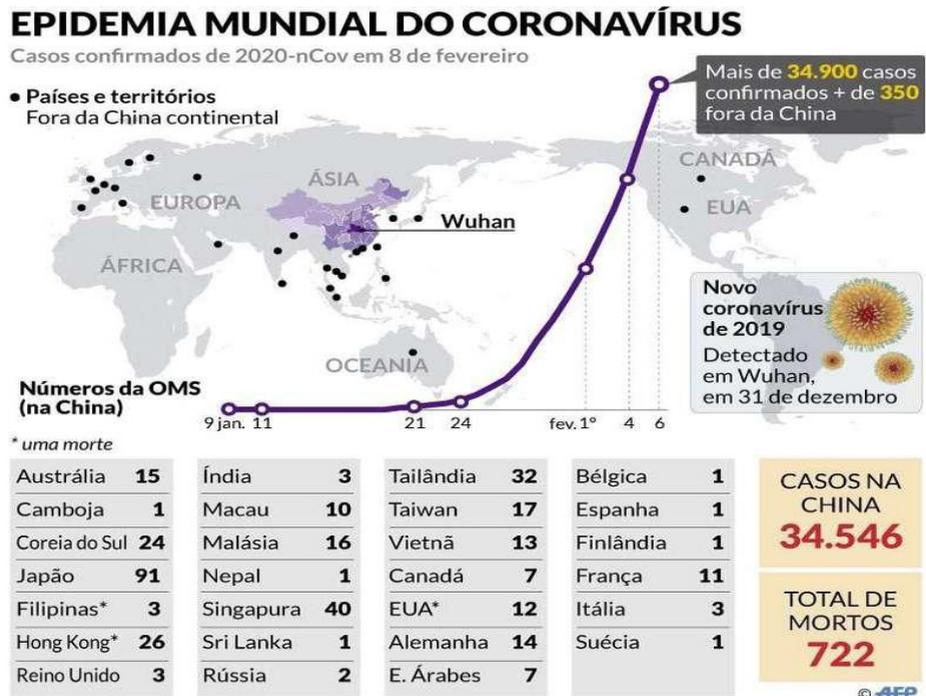
## Edição *Fármacos no século XXI*

Na primeira edição temática de 2020, *Fármacos no século XXI: avanços e impactos na saúde pública*, a equipe do JQI apresenta uma discussão sobre a Química Medicinal no contexto da pesquisa e desenvolvimento de novos fármacos e seus impactos na saúde da população mundial, evidenciando: (i) a interface entre a Farmacologia, a Química e outras áreas do conhecimento, com destaque para a Ciência Nuclear no desenvolvimento de radiofármacos para uso terapêutico e diagnóstico e para o controle da reprodução dos agentes transmissores de doenças; e (ii) a quiralidade dos fármacos como um dos fatores importantes e que afetam sua atividade. Essas temáticas são de grande importância no contexto atual da nossa sociedade, levando-se em conta as novas epidemias, como a de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS em inglês), colocando em evidência a importância da pesquisa e da tecnologia para a saúde pública mundial e a necessidade de refletir sobre a automedicação, uma prática comum no Brasil.

A seção inicial traz uma discussão introdutória sobre a Química dos fármacos, tendo como referência o livro de Gareth Thomas (2003), definindo a Química Medicinal como uma subárea do conhecimento químico, mas que envolve aspectos de outras áreas do conhecimento, tais como Biologia, Farmácia e Medicina. A Química Medicinal é voltada para planejamento, descoberta, invenção, identificação e preparação de compostos biologicamente ativos, além do estudo do metabolismo, a interpretação do mecanismo de ação em âmbito molecular e a construção das relações entre a estrutura química e a atividade farmacológica. Destaca, ainda, a importância da realização de testes e procedimentos necessários para estabelecer a maneira com que uma dada substância age no corpo e a sua adequação para uso farmacológico, que são fundamentais para definir como determinado fármaco pode ser administrado com segurança, além de identificar os seus efeitos indesejáveis. Retrata o contexto emergencial da saúde pública no mundo, fazendo referência ao alerta inicial da OMS sobre a possível transmissão entre humanos de uma nova cepa do coronavírus

(família de vírus causador de doenças respiratórias) que teve como foco a cidade de Wuhan, na China. Apresenta o gráfico com os dados confirmados desta epidemia, em diferentes países, divulgados no início de fevereiro de 2020, conforme reproduzido na Figura 2:

**Figura 2** – Casos confirmados da epidemia publicados em 8 fev. 2020, edição n. 1, ano VI, do JQI



**Fonte:** JQI, UFPE, 2020 (a partir de informações do Estado de Minas Internacional, 2020).

Portanto, a edição traz uma abordagem inicial sobre a pandemia do novo coronavírus, apresentando dados estatísticos como o crescimento da curva de contágio e do número de mortes registrados na China e em outros países e territórios fora da China continental, no início de fevereiro de 2010. Nesse contexto, faz uma explanação breve sobre o vírus a partir dos conceitos da Biologia e da Química, detalhando a constituição da sua estrutura básica: envelope, matriz protéica, capsídeo e ácidos nucleicos.

A discussão sobre a importância do uso racional de medicamentos é relevante para a saúde pública, considerando os perigos associados à prática de automedicação,

bastante comum no Brasil, mostrando dados relativos a esta prática e apontando as possíveis consequências do uso incorreto dos fármacos para o corpo humano. Dessa forma, buscou-se contribuir para uma reflexão crítica sobre o tema e para conscientização sobre os malefícios decorrentes da automedicação.

A abordagem contextualizada da quiralidade, uma propriedade geométrica de algumas substâncias químicas, aplicada à farmacológica, destaca a importância dessa propriedade molecular estrutural como um dos fatores principais para a atividade dos fármacos no organismo. Além de contextualizar o conhecimento químico, a abordagem sobre radiofármacos introduz os conceitos da Ciência Nuclear aplicados na fabricação e utilização desses produtos na Medicina Nuclear, tanto na terapia como no diagnóstico. Trata-se de uma importante temática dessa edição do JQI, haja vista a percepção dos aspectos negativos da radioatividade ainda ser predominante na nossa sociedade.

Essa discussão demonstra a abordagem interdisciplinar e contextualizada dessa edição do JQI, com potencial para promover a formação cidadã, tanto dos leitores como dos discentes participantes do projeto, no sentido de torná-los participantes socialmente ativos e com capacidade de tomar decisões a partir do desenvolvimento do senso crítico, ético, político e cultural, bem como do conhecimento sobre seus direitos e deveres.

A equipe editorial foi responsável pela divulgação dessa edição nas redes sociais do JQI, promovendo, nesses espaços, a divulgação do conhecimento científico e possibilitando a interação dialógica com os leitores, através das postagens com chamadas motivacionais à leitura e discussão, além de oferecer informações extras e complementares sobre as questões abordadas na edição.

### **Edição *Em tempos de Covid-19***

Na segunda edição temática intitulada *Em tempos de Covid-19*, a equipe editorial do JQI apresenta uma discussão ampla sobre os assuntos divulgados e relacionados à pandemia de Covid-19. São destaques nessa edição: a origem da pandemia; a estrutura do vírus SARS-CoV-2, o

agente causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave; os mecanismos de transmissão viral; os sintomas mais comuns da doença; a profilaxia com sabão, de baixo custo e amplamente acessível à população, além das tecnologias e dos estudos científicos que estão sendo desenvolvidos sobre o vírus causador da pandemia. Reproduz a entrevista realizada com o professor Valdir Queiroz Balbino (UFPE), publicada no site do Observatório Covid-19 – ambiente virtual destinado à divulgação de ações e pesquisas desenvolvidas na UFPE, criado a partir da crise causada pelo vírus SARS-CoV-2 no Brasil. O leitor foi informado sobre o *link* de acesso ao Observatório UFPE | Covid-19<sup>3</sup>, onde também estão depositadas as edições temáticas de 2020 do JQI.

A reprodução na íntegra dessa entrevista se deu no intuito de informar e ampliar o entendimento dos leitores sobre a importância social, técnica e científica do papel da Universidade Federal de Pernambuco (e demais universidades) no contexto desta pandemia. Portanto, tem importância para divulgação científica, em geral, e para a publicização das ações institucionais da UFPE. Nela, o professor explica: (i) como a rotina do laboratório de pesquisa onde ele atua se adequou à chamada emergencial para elaboração de um plano de ação de enfrentamento à Covid-19; e (ii) o estudo que vem sendo realizado por pesquisadores da UFPE sobre o sequenciamento genômico do vírus, com apoio logístico do Instituto Aggeu Magalhães – unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz, sediada no Recife, no *campus* da UFPE. Além disso, apresenta sua visão sobre as ações de pesquisa integrada da UFPE, ressaltando o importante papel da instituição neste momento de grave comoção nacional, ao colocar “à disposição da sociedade os múltiplos saberes dos seus pesquisadores, servidores técnico-administrativos e estudantes de graduação e de pós-graduação” na esperança “de que, ao final desta fase tão conturbada, saíamos todos mais fortes e ainda mais comprometidos com o bem comum”.

Nessa edição, foi divulgada a campanha educacional de utilidade pública realizada pela Associação de Apo-

sentados, Funcionários e Pensionistas do Banco do Brasil (AAPBB), com informações e orientações socialmente relevantes para o entendimento da população sobre como ocorre o contágio e sobre quais são as medidas profiláticas que devem ser tomadas para evitar a contaminação. A campanha é realizada por meio de ilustrações que permitem a comunicação direta e educacional com a população, informando-a sobre as ações preventivas durante a pandemia. A campanha foi apresentada pela equipe editorial, fazendo a seguinte chamada: “Todos os nossos leitores podem colaborar repassando estas informações nas suas redes sociais e escolas, mercados, postos de saúde, meios de transporte e comunidades no seu município”. O ato de publicizar esse tipo de material se reveste de importância socioeducacional, pois a abordagem ilustrativa da informação para o público melhora seu entendimento sobre os conteúdos e conceitos tratados, como sinalizado por Bueno (2010). A Figura 3 apresenta uma reprodução de uma das imagens desta campanha, mostrando sua linguagem gráfica simples, criativa, original e, portanto, motivacional para a leitura e disseminação da informação:

**Figura 3** – Uma das imagens da campanha educacional da AAPBB, reproduzida na edição n. 2, ano VI, do JQI



Nessa edição, é feita uma abordagem sobre as dimensões macroscópica e microscópica da Ciência, tão importantes para a compreensão do conhecimento químico, reproduzindo imagens do vírus SARS-CoV-2, divulgadas pelo Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas dos Estados Unidos (NIAID), no momento em que ele ataca células humanas. Informa que essas imagens, coloridas digitalmente, foram obtidas com o microscópio eletrônico de varredura (MEV). Informa, ainda, o *link* de acesso ao *site* do NIAID<sup>4</sup>, com a seguinte chamada motivacional dirigida ao seu público: “Vale a pena conferir e se encantar com a beleza do mundo natural vista pela lente de um microscópio!”. Na sequência, descreve os princípios técnicos e operacionais do MEV, destacando sua capacidade de fornecer informações sobre a morfologia dos materiais sólidos, apresentando-o como um instrumento versátil, disponível para observação das características microestruturais dos sólidos, com aplicações em diversas áreas do conhecimento – Biologia, Odontologia, Farmácia, Engenharia, Química, Metalurgia, Física, Medicina e Geologia –, sendo, assim, uma tecnologia importante em tempos de Covid-19, na investigação da estrutura do vírus SARS-CoV-2. Essa abordagem evidencia a importância da inovação tecnológica para a ciência, mostrando tecnologias que, apesar de parecem inacessíveis, estão sempre presentes no cotidiano das pessoas.

Com a indagação “Você tem ideia como o vírus SARS-CoV-2 infecta os humanos?”, a equipe editorial buscou fazer uma provocação e despertar a curiosidade e interesse do leitor pela discussão sobre essa questão, embasada no artigo “What the coronavirus does to your body that makes it so deadly”, de Benjamin Neuman (2020), professor de Biologia da Texas A&M University-Texarkana, publicado em The Conversation – uma plataforma sem fins lucrativos, com conteúdos acadêmicos e de pesquisadores. Apresenta a Técnica de Reação em Cadeia da Polimerase com Transcrição Reversa em Tempo Real (RT-PCR em tempo real), que possibilita a detecção da presença do material genético específico de qualquer patógeno, incluindo vírus, descrevendo o procedimen-

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.niaid.nih.gov/news-events/novel-coronavirus-sarscov2-images>.

to experimental e suas vantagens na detecção do vírus SARS-CoV-2.

A última seção da edição tem como foco a profilaxia básica com sabão, que ajuda no combate e prevenção ao novo coronavírus, abordando conceitos da Química Supramolecular para explicar a estrutura automontada (*self-assembled*) da nanopartícula viral, que tem como elo mais fraco a bicamada lipídica (gordurosa) que é destruída pelo sabão juntamente com o vírus. As interações relacionadas às estruturas moleculares do sabão e do vírus SARS-CoV-2 são explicadas referenciando o poderoso princípio da Química Supramolecular, segundo o qual: *moléculas semelhantes parecem interagir mais fortemente entre si do que com moléculas diferentes*. Nessa perspectiva, explica porque alguns materiais (madeira, tecido, pele) interagem mais fortemente com os vírus do que outros (aço, porcelana e alguns tipos de plásticos, como, por exemplo, o teflon), demonstrando que a estrutura da superfície de um dado material é um fator importante na sua interação com o vírus. Além da divulgação científica contextualizada do conhecimento químico, essa discussão promove a educação sanitária da população, orientando as pessoas sobre hábitos higiênicos simples e necessários à manutenção da saúde e prevenção da doença no contexto desta pandemia.

O fato dessa edição trazer tópicos que são amplamente discutidos pela mídia, junto aos conceitos científicos aplicados a essas temáticas, torna a ciência cada vez mais próxima dos leitores e da sociedade. Isso contribui tanto para uma alfabetização científica quanto para o processo de resignificação da maneira com que as pessoas veem a ciência. Quanto à formação científica dos discentes editores, esta é ampliada e complementada pela percepção do papel da ciência para o desenvolvimento tecnológico e social. Além disso, as discussões sobre os resultados das pesquisas científicas ao longo desta pandemia favorecem a percepção das pessoas sobre a evolução temporal da ciência. Dessa forma, é possível entender como ocorre a construção do conhecimento científico e perceber a importância das atividades de ensino, extensão e pesquisa nas universidades brasileiras e de outros países no mundo. Essa discussão e as reflexões geradas podem

mudar a visão social retratada por Bueno (2010, p. 2) segundo a qual “a ciência e a tecnologia não se viabilizam num continuum, mas progridem aos saltos a partir de *insights* de mentes privilegiadas”. Portanto, a equipe editorial, ao longo da edição, traz informações, no contexto da pandemia, do que já é conhecido cientificamente sobre a doença e do que ainda precisa de respostas, corroborando com a noção de que a atividade científica é uma busca constante pelo saber.

Da mesma forma, a divulgação dessa edição nas redes sociais foi realizada de forma ampla e buscando informar e conscientizar a população sobre os riscos de contaminação pelo vírus SARS-CoV-2, além de mobilizar as pessoas através das campanhas de enfrentamento à Covid-19.

### **Edição *Ciência, saúde e sociedade em tempos de pandemia***

Na terceira edição temática *Ciência, saúde e sociedade em tempos de pandemia*, o JQI apresenta uma discussão sobre o conhecimento científico e sua relevância para a superação da crise de saúde global desencadeada pela Covid-19, destacando a importância social da divulgação científica por meio das publicações acadêmicas em periódicos indexados ou noticiados nos meios de comunicação, que possibilitam ao indivíduo ter acesso amplo e imediato às informações sobre ciência e tecnologia. Esses meios de comunicação desempenham um papel importante na divulgação de estratégias e ações de combate à pandemia no âmbito local, regional e mundial, possibilitando o compartilhamento amplo de informações e orientando o processo decisório no ambiente de crise. Além disso, informam a população sobre: protocolos de controle e de tratamento; estado da arte do desenvolvimento das vacinas; dados estatísticos sobre a evolução da pandemia etc. Nessa edição, foi destaque a importância da ciência e da divulgação científica para a humanidade, ampliando a compreensão do público leigo sobre como a atividade científica é realizada nos diferentes espaços de estudos, nas academias e nos institutos de pesquisa.

Nessa perspectiva, o JQI traz inicialmente uma discussão sobre a divulgação social do conhecimento científico e da tecnologia, com a rede mundial de computadores possibilitando a divulgação em escala global. Destaca as diferentes tipologias de divulgação científica, seus agentes de divulgação e modos de atuação, e os temas abordados, enfatizando os temas científicos de caráter social. Ressalta, ainda, a importância da divulgação científica para satisfazer o público leigo, mas interessado na temática, informando as pessoas sobre as pesquisas e resultados dos estudos científicos desenvolvidos nos centros de pesquisa e universidades. Dessa forma, contribui para ampliar a cultura científica dos cidadãos e ajuda na construção de um discurso favorável à ciência (PÉREZ, 2014).

A discussão sobre o conhecimento científico, aprofundado e sistemático, bem como sobre suas especificidades metodológicas, se baseou no texto de Mbarga e Fleury (2020), produzido para o curso *on-line* de jornalismo científico, promovido pela Federação Mundial dos Jornalistas Científicos (WFSJ, na sigla em inglês) e pela Rede Ciência e Desenvolvimento (SciDev.Net, na sigla em inglês), que faz um paralelo entre os conhecimentos de senso comum e científico. Ressalta que, além de exigir rigor científico dos pesquisadores, a atividade científica tem uma metodologia de estudo com etapas bem delimitadas (observação, experimentação, explicação, generalização e previsão), com descrição de cada uma delas. Põe em destaque alguns aspectos importantes sobre a ciência, mostrando que os resultados científicos não constituem verdades definitivas e não são exclusividade de alguns países. Dessa forma, os cientistas nunca ficam satisfeitos com sua própria verdade e estão sempre questionando. Além disso, a publicação dos resultados científicos é sempre um convite aos demais pesquisadores para que verifiquem sua precisão. Ressalta ainda que, tratando-se de uma atividade humana, podem ocorrer erros e fraudes na ciência, mas que são passíveis de rastreamento e correção. Conforme destacam Mbarga e Fleury (2020):

[...] Como um esforço humano, a ciência tem suas fraquezas podendo ocorrer erros e fraudes. Algumas ex-

periências são compradas e seus resultados, fabricados. É um mundo com sua parcela de rivalidades, ambições, ilusões e truques sujos, sobretudo em relação a quem foi o primeiro a inventar isso ou aquilo. Mas a força única da ciência e que a distingue é a sua habilidade de rastrear erros e corrigi-los com experimentos extras (MBARGA; FLEURY, 2020, p. 97).

Reproduz, na íntegra, a entrevista com o professor Emir José Suaiden, realizada em fevereiro de 2013. Na época que ocupava o cargo de diretor do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT-MCTI) e era responsável pela atuação em diversos ambientes relacionados à produção, circulação e compartilhamento da informação. Nessa entrevista, são tratados assuntos pertinentes ao desenvolvimento e à ampliação da divulgação científica no Brasil, mostrando ao leitor do JQI a importância da alfabetização científica e tecnológica para a formação cidadã, além de ampliar a sua compreensão sobre a ciência.

Na seção seguinte da edição, apresenta o estado da arte do desenvolvimento das vacinas contra o vírus SARS-CoV-2 por equipes de pesquisadores, universidades e empresas de tecnologia de vacinas em todo o mundo, tendo como referência o artigo “The race for coronavirus vaccines: a graphical guide”, de Ewen Callaway (2020), publicado no periódico Nature, explicando algumas das metodologias pelas quais os cientistas esperam fornecer imunidade à Covid-19. Nesse referencial, a discussão sobre os estudos e as tecnologias para criação de vacinas, em diferentes fases de desenvolvimento em todo o mundo, está ilustrada com diferentes recursos (infográficos, tabelas, gráficos), tornando as informações mais didáticas e de fácil entendimento para o público leigo. Nessa discussão, fica evidente a interface entre as diferentes áreas do conhecimento (Química, Biologia, Imunologia) na abordagem dos estudos desenvolvidos para criação de diversas tipologias de vacinas, todas dependentes das especificidades do vírus ou de partes virais. Também está descrito, para cada tipologia de vacina, o processo de imunização, deixando o leitor informado e capaz de conhecer os conceitos e princípios científicos

envolvidos nas diferentes tecnologias para imunizantes contra o vírus SARS-CoV-2. Descreve, ainda, como se dá a realização dos testes clínicos para a criação de uma vacina, além das etapas que são necessárias para a sua aprovação. Dessa maneira, relaciona os conceitos científicos e princípios de desenvolvimento dos estudos clínicos com o cotidiano da sociedade, visto que é uma situação que está acontecendo ao longo do ano de 2020, com as vacinas sendo consideradas como premissa importante para salvaguardar a saúde e a economia mundial.

A seção final desta edição traz uma análise dos dados estatísticos da pandemia no Brasil e em outros países do mundo. Mesmo estando disponível na internet uma grande variedade de plataformas digitais que apresentam, em tempo real, diversos dados sobre a evolução da Covid-19, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, a equipe editorial do JQI escolheu, dentre as opções, a plataforma Zero Bias<sup>5</sup> – um projeto pessoal de Lorenzo Ridolfi – para discutir as tendências na evolução da pandemia no mundo. Dessa forma, foi proporcionado ao leitor entender como se dá esse acompanhamento na linguagem estatística, com os dados apresentados em gráficos dinâmicos, construídos com variáveis diferentes e visualizadas nas escalas decimal e logarítmica. A partir da reprodução dos gráficos selecionados, acrescidos de comentários, foi possibilitado ao leitor entender o espalhamento desta doença e suas consequências a nível mundial, nacional e regional, especificamente no estado de Pernambuco. De posse dessas informações, o leitor pode ser motivado a buscar mais informações em outras plataformas, para análise e conclusão crítica das informações apresentadas na edição e, também, divulgadas pela grande mídia nos diversos meios de comunicação.

Considerando a divulgação de notícias falsas e de informações científicas equivocadas, a terceira edição do JQI mostra a importância de o público verificar as informações, além das notícias jornalísticas, aprofundando o conhecimento através da leitura das comunicações científicas, avaliadas pelos pares, visto que desempenham um papel social importante para ampliar o conhecimen-

to das pessoas sobre temas relevantes e sem o viés ideológico tendencioso que, muitas vezes, está presente na grande mídia sobre estratégias e ações voltadas para a prevenção, erradicação e tratamento da pandemia, no contexto local, regional e mundial.

A divulgação dessa edição nas redes sociais também ficou a cargo da equipe editorial do JQI, buscando sempre ampliar o alcance da edição e promover uma interação dialógica com seus seguidores nas suas redes sociais. A dinâmica incluiu a publicação de postagens, com recursos diversos, sobre a temática central ou complementar da edição. Além do seu caráter informativo sobre os dados da pandemia e sobre os riscos de contaminação pela propagação e transmissão do vírus SARS-CoV-2, buscou-se mobilizar as pessoas, através de dados, enquanto aguardam o processo de imunização, para que pudessem continuar tomando os cuidados e medidas profiláticas necessárias para a contenção desta pandemia.

## 4. Considerações finais

Diante do exposto, pode-se perceber que o projeto de extensão *Jornal da Química Inorgânica* tem tido uma contribuição importante, com impacto na alfabetização científica e participação ativa das pessoas no enfrentamento à pandemia de Covid-19, através das discussões realizadas no sentido de conscientizar a população, interna e externa à UFPE, sobre os riscos da contaminação pelo novo coronavírus.

Os textos de divulgação científica publicados nas edições do JQI estão embasados em comunicações científicas, de acesso livre, além de outros referenciais, disponíveis no acervo das bibliotecas da UFPE ou na internet, tais como: livros, *e-books*, teses, capítulos de livros, jornais e revistas. As ações são no sentido de tornar o conhecimento das comunicações científicas acessíveis ao público leigo, além de analisar, de forma crítica e reflexiva, as notícias que são divulgadas nesses meios de comunicação.

As edições do JQI são produzidas com o objetivo de promover discussões científicas em espaços não formais de ensino e de proporcionar a democratização no acesso à ciência. Para isso, a equipe editorial busca construir textos de divulgação científica de forma clara e lúdica, com uso de recursos visuais que favoreçam o entendimento do leitor. Nessa perspectiva, foram elaboradas e publicadas, no ano de 2020, três edições temáticas sobre a pandemia de Covid-19, trazendo uma visão do conhecimento científico envolvido nos estudos e pesquisas sobre o coronavírus e, também, informações simplificadas e de fácil entendimento, orientando a população para o enfrentamento desta crise com consequências na saúde pública e na economia do nosso país.

Os canais do projeto JQI nas redes sociais foram espaços de discussão sobre as temáticas das edições, ampliando o alcance das mesmas e favorecendo o combate à disseminação da doença e do seu agente causador. Além disso, são um espaço de discussão sobre as principais dúvidas que acometem a população no contexto desta pandemia. Dessa forma, as ações de extensão desenvolvidas neste projeto são propulsoras da alfabetização científica do seu público leitor.

Além disso, ressalta-se o papel fundamental deste projeto na qualidade da formação dos graduandos que integram a equipe, proporcionando momentos de estudos e de discussão sobre diversos temas com enfoque científico, tecnológico, social e de saúde. Ademais, mobiliza-se a interdisciplinaridade na educação superior com a integração de cursos de diferentes áreas. Como ressaltado por Favarão e Araújo (2004, p. 106), “a interdisciplinaridade representa a possibilidade de promover a superação da dissociação das experiências escolares entre si, como também delas com a realidade social”. Assim, formam-se profissionais com competências e habilidades para promover diálogos entre os saberes da sua área de formação, da sua área com diferentes áreas da ciência. Além disso, ainda se nota a presença de trabalho em grupo e a integração entre os membros da equipe e suas áreas de atuação dentro dos cursos em que estão lotados, produzindo novos saberes e habilidades que são exigidos de um novo tipo de profissional.

## Referências

BUENO, W. da C. B. Jornalismo científico: revisitando o conceito. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. (org.). *Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável*. São Paulo: All Print, 2009. p.157-78.

BUENO, W. da C. B. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1 - 12, 2010.

CALLAWAY, E. The race for coronavirus vaccines: a graphical guide Eight ways in which scientists hope to provide immunity to SARS-CoV-2. *Nature*, v. 580, p. 576-577. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-020-01221-y>. Acesso em: 30 abr. 2020.

FAVARÃO, N. R. L.; ARAÚJO, C. S. A. Importância da interdisciplinaridade no ensino superior. *EDUCERE*, Umuarama, v. 4, n. 2, p.103-115, jul./dez., 2004.

GARETH, T. *Química Medicinal uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2003.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. *Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 3, n.1, p. 37-50, 2001.

MALET, A. Divulgación y popularización científica en el siglo XVIII: entre la apología cristiana y la propaganda ilustrada. *Quark*, Barcelona, n. 26, p. 13-23, oct./dic, 2002.

MBARGA. G.; FLEURY, J. Lição 5: O que é ciência? In: WFSJ; SciDev.Net. (org.) *Curso online de jornalismo científico*. [S. l.: s. n.], 2020. p. 89-112. Disponível em: [http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod\\_5.pdf](http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod_5.pdf). Acesso em: 21 jan. 2021.

MUELLER, S. P. M.; CARIBÉ, R. C. V. Comunicação científica para o público leigo: um breve histórico. *Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. esp, p. 13-30, 2010.

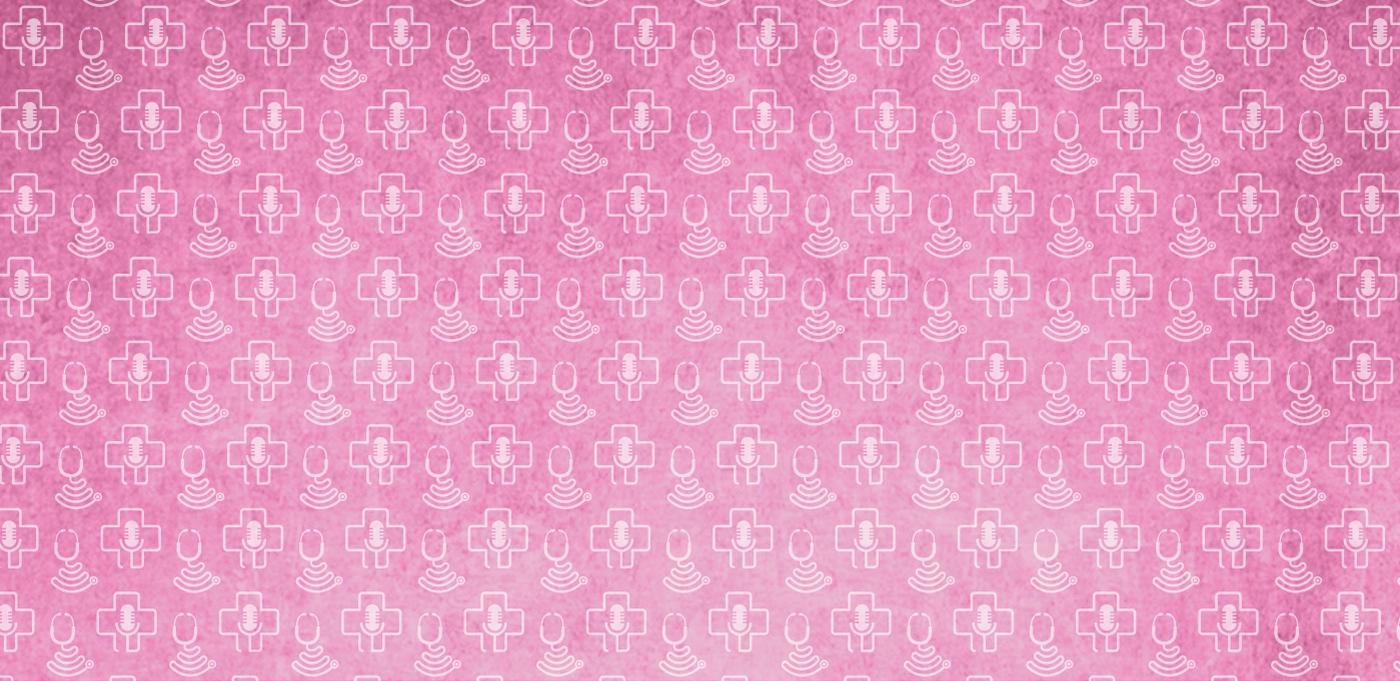
NEUMAN, B. What the coronavirus does to your body that makes it so deadly. *Theconversation*, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/what-the-coronavirus-does-to-your-body-that-makes-it-so-deadly-133856>. Acesso em: 2 abr. 2020.

PÉREZ, J. I. Sobre la difusión social de la ciencia y su función. *Cuaderno de Cultura Científica*, 2014. Disponível em: <https://culturacientifica.com/2014/01/15/sobre-la-difusion-social-de-la-ciencia-y-su-funcion/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

PEÇA, C. M. K. Análise e interpretação de tabelas e gráficos estatísticos utilizando dados interdisciplinares. *Programa de Desenvolvimento Educacional*, UTFPR, Paraná, p. 1-29. ago. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1663-8.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2020.

UNA-SUS. Organização mundial de saúde declara pandemia do novo Coronavírus, 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/>. Acesso em: 2 dez. 2020.

ZIMAN, J. *A força do conhecimento*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.



## **ME COVID@ PARA UMA LIVE: saúde, educação, ciência e tecnologia**

“ME COVID@ PARA UMA LIVE”: health,  
education, science and technology

**Adriana Maria da Silva**

(Graduanda em Biomedicina, CCM/UFPE)

**Emily Gabriele Marques Diniz**

(Graduanda em Biomedicina, CCM/UFPE)

**Natanael Manoel da Silva**

(Graduando em Ciências Biológicas, CB/UFPE)

**Jeymesson Raphael Cardoso Vieira**

(Doutor em Ciências Farmacêuticas, Professor do  
Departamento de Histologia e Embriologia/UFPE)

**André de Lima Aires**

(Doutor em Medicina Tropical, Professor do Departamento  
de Histologia e Embriologia/UFPE)

A ação extensionista “Saúde, educação, ciência e tecnologia: me covid@ para uma *live*” foi uma iniciativa do Programa de Pós-graduação em Morfotecnologia da UFPE. Aprovada por meio do Edital 2020-01 – de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) – UFPE, a ação foi coordenada pelos Professores Dr. André de Lima Aires (área acadêmica de Medicina Tropical) e Dr. Jeymesson Raphael Cardoso Vieira (Departamento de Histologia e Embriologia) e contou com a participação dos membros extensionistas: Adriana Maria da Silva (graduanda em Biomedicina), Emily Gabriele Marques Diniz (graduanda em Biomedicina), e Natanael Manoel da Silva (graduando em Ciências Biológicas).

## Resumo

A pandemia de Covid-19 trouxe à tona inúmeros problemas, incluindo os sociais, de saúde e de educação, desafiando universidades públicas a darem respostas à sociedade sobre o atual cenário. As ações de extensão universitária precisaram se reinventar para continuar com o seu compromisso social e, diante da impossibilidade de se realizar atividades de extensão presenciais com a temática de educação e saúde, este grupo de extensão criou um perfil no Instagram. A ferramenta utilizada possui um grande alcance e possibilita interação em tempo real, viabilizando a realização de *lives* com o objetivo de construir e disseminar conhecimento, esclarecer dúvidas e desmistificar *fake news* sobre o SARS-CoV-2 e a Covid-19 que surgiam diariamente. Ademais, as *lives* desenvolveram discussões sobre ferramentas tecnológicas e avanços científicos, além de promover uma aproximação entre a comunidade acadêmica e a sociedade. As *lives* promovidas pelo projeto visaram a transdisciplinaridade e interdisciplinaridade e os profissionais de diferentes áreas que participaram voluntariamente ressaltaram a importância de buscar informações fundamentadas em evidências científicas disponibilizadas por órgãos responsáveis e éticos. No decorrer da experiência, foi evidenciado que as discussões promovidas nas *lives* despertaram o senso crítico, a importância e a valorização da ciência, além da necessidade de conscientização. Evidencia-se a importância das universidades públicas na formação de profissionais qualificados, na prestação de serviços e na construção do conhecimento científico. É importante destacar, ainda, o papel das atividades de extensão que atuam como um elo entre a academia e a sociedade, rompendo barreiras que ainda existem e levando cada vez mais o conhecimento acadêmico para a comunidade.

**Palavras-chave:** Extensão universitária. Covid-19. Educação em Saúde. Instagram.

## Abstract

The Covid-19 pandemic brought up numerous problems, including social, health and education problems, challenging public universities to provide answers to society about the current scenario. The university extension actions needed to reinvent themselves to continue with their social commitment. In

face of the impossibility of carrying out face-to-face extension activities, this extension group created a profile on Instagram using education and health as a theme. This social media has a great reach and allows interaction in real time, enabling several live realizations with the aim of building and disseminating knowledge, clarifying doubts and demystifying fake news about SARS-CoV-2 and COVID-19 that appeared daily. In addition, lives developed discussions on technological tools and scientific advances, and promoted academic community and society approach. The lives promoted by the project aimed at transdisciplinarity and interdisciplinarity. Professionals from different areas who participated voluntarily emphasized the importance of seeking information based on scientific evidence made available by responsible and ethical bodies. During the experience, it was evident that the discussions promoted in lives awakened the critical sense, importance and appreciation of science and the need for awareness. We emphasized the public universities importance in the qualified professionals formation, services provision and the construction of scientific knowledge. It is important to highlight the extension activities that act as a link between university and society, overcoming obstacles that still exist, bringing more and more academic knowledge to the community.

**Keywords:** University extension. COVID-19. Health Education. Instagram.

## 1. Introdução

Desde o início do século XXI, duas importantes pandemias foram causadas por coronavírus: a Severe Acute Respiratory Syndrome (SARS-CoV), em 2002, e a Middle East Respiratory Syndrome (MERS-CoV), em 2012. Há anos a comunidade científica do campo das doenças infecciosas alerta para o surgimento de novas pandemias e indica que esse momento não é uma questão de “se”, mas de “quando” irá acontecer (WOLFE, 2011). Hoje, o mundo vivencia a maior crise sanitária da história. Em dezembro de 2019, em Wuhan (província de Hubei, China), um surto de pneumonia foi relatado e o seu agente etiológico filogeneticamente classificado como SARS-CoV-2, sendo a nova infecção nomeada de Covid-19. Em 5 de março de 2020, a Covid-19 já tinha sido registrada em cerca de 90 países, com aumento exponencialmente diário de casos de infecção e milhares de óbitos. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou ser a Covid-19 uma pandemia de importância internacional (WHO, 2020a). A partir dos primeiros casos, passaram-se cerca de três meses até a Covid-19 ser oficialmente registrada em território brasileiro, confirmando o primeiro caso em 26 de fevereiro de 2020 e o primeiro óbito em 17 de março do mesmo ano (MINISTÉRIO DA SAÚDE,

2020; WERNERCK *et al.*, 2020). No dia 26 de fevereiro de 2020, a cidade do Recife notifica o primeiro caso suspeito e Pernambuco confirmou os primeiros casos importados de Covid-19 em 12 de março: o primeiro caso de transmissão local, em 14 de março, e o de transmissão comunitária, em 17 de março de 2020 (SECRETARIA DE SAÚDE DO RECIFE, 2020).

A Covid-19 desafia as universidades a dar respostas à sociedade e um concreto percurso se realiza através das ações de extensão universitária.

O conceito de extensão adotado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi construído no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, disposto na Política Nacional de Extensão Universitária, que a concebe como: “Processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, voltado à interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (UFPE, 2020, n. p.).

A extensão universitária apresenta um papel transformador e essencial na sociedade, uma vez que contribui na construção, disseminação e discussão do conhecimento produzido dentro das universidades frente às realidades e necessidades sociais do país, em especial nas comunidades em seu entorno. É nessa ação recíproca, entre academia e comunidade, que as ações extensionistas contribuem na formação profissional e social dos estudantes das mais diversas áreas, tornando-os cidadãos e, acima de tudo, profissionais humanizados e integrados com seus compromissos sociais (SILVA *et al.*, 2020; DINIZ *et al.*, 2020).

A pandemia de Covid-19 implantou inúmeros problemas, incluindo os sociais, de saúde e de educação. Para controle da disseminação do SARS-CoV-2, o distanciamento e isolamento social são recomendações da OMS, da comunidade médica e científica e dos diversos setores de governos ao redor do mundo (WHO, 2020a, 2020b; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). A extensão universitária é, sem dúvida, uma das ferramentas acadêmicas das instituições de ensino superior mais desafiadas com

a situação de pandemia. Dentre os principais desafios impostos pela pandemia de Covid-19 para programas, projetos e ações de extensão nas Instituições de Ensino Superior (IES), destaca-se o distanciamento social (DINIZ *et al.*, 2020; SILVA *et al.*, 2020). Além do distanciamento social e das inúmeras angústias impostas pelo coronavírus, da falta de conhecimento biológico frente às medidas de proteção individual e coletiva, da patogênese e do cenário epidêmico desencadeados pelo SARS-CoV-2, da ampla disseminação de notícias falsas (*fake news*) e da ausência ou baixo interesse da população por acesso ao conhecimento científico, há inúmeras outras lacunas entre saúde, educação, ciência e tecnologia “na” e “para” a sociedade – carência de uma sociedade moderna, que precisa ser urgentemente assistida. À vista disso, é imprescindível o papel que as universidades públicas têm assumido ao fornecer e construir informações corretas e instruir compreensão sobre a pandemia de Covid-19, seus efeitos e contingenciamento, além de fortalecer pesquisas e inovação científica e de realizar ações de suporte à comunidade (DINIZ *et al.*, 2020). É nesse cenário que a extensão universitária, mais do que nunca, deve assumir sua responsabilidade social e contribuir com projetos e ações junto à comunidade. Assim, seguindo o distanciamento social, o projeto de extensão aqui relatado foi desenhado com o objetivo de transmitir e divulgar uma série de *lives* em transmissões em tempo real, sendo estas posteriormente disponibilizadas no Instagram do Programa de Pós-graduação em Morfotecnologia (PPGM-UFPE). As *lives* foram idealizadas para construir o conhecimento e esclarecer dúvidas sobre SARS-CoV-2 e Covid-19, além de desenvolver discussões sobre ferramentas tecnológicas e avanços científicos na busca por esclarecimentos e soluções para a atual pandemia e aproximar docentes e discentes do PPGM-UFPE com graduandos e outros Programas de Pós-graduação da UFPE e outras IES, bem como estudantes dos ensinos fundamental e médio e a comunidade em geral.



## 2. Plano de ação das atividades

### A mídia social

Nos últimos anos, as mídias sociais vêm sendo usadas para comunicar e compartilhar informações durante emergências de saúde pública, como, por exemplo, aquelas decorrentes de Ebola, Zika Vírus e Dengue, e permanecem com um papel relevante e como principal meio de disseminação de informações durante a atual pandemia de Covid-19. As pessoas usam as mídias sociais como uma das principais fontes de informação e como canais para expressar opiniões. No entanto, a excessiva quantidade de informações sobre o novo coronavírus pode dificultar as pessoas a encontrar fontes confiáveis, além de propagar facilmente desinformação nas mídias sociais (FARIA *et al.*, 2020). A mídia social é descrita como um grupo de serviços baseados na internet que permitem às pessoas criar, compartilhar e trocar informações em uma comunidade virtual e em tempo real. Assim, mídias sociais se tornaram ferramentas vitais na divulgação e propagação de notícias e informações de saúde pública e manutenção da conectividade entre pessoas.

As mídias sociais possibilitam conexões entre pessoas e/ou organizações a partir de interesses diversos, como estabelecer e manter relacionamentos de amizade, amorosos, relações de trabalho, compartilhamento de informações e diferentes tipos de conhecimentos. Atualmente, as mídias sociais mais utilizadas são Facebook, YouTube, WhatsApp, Instagram, WeChat, Sina Weibo e Twitter (NIKNAM *et al.*, 2020). Com relação ao Instagram, destacamos seu amplo alcance por ser uma das maiores ferramentas digitais em número de usuários na internet. Trata-se de um aplicativo baseado em localização móvel que oferece maneiras diferentes de tirar fotos, utilizar ferramentas de edição para transformar a aparência da imagem (filtros), transmitir e postar vídeos e pequenos textos (alimentados por comentários e curtidas), compartilhar instantaneamente com os outros usuários no próprio aplicativo e também em outras redes sociais, como o Facebook e o Twitter (RIBEIRO; MOSCON, 2018). Com a disseminação da Covid-19, o Instagram se tornou

uma ferramenta amplamente usada para publicar informações sobre a pandemia na forma de imagens, vídeos, músicas, postagens de texto e *lives*, com milhares de visualizações diárias. Durante a pandemia, o Instagram tem sido amplamente utilizado em *lives* com os mais diversos propósitos, incluindo os culturais, políticos, religiosos e educativos na promoção da saúde individual e coletiva e disseminação do conhecimento científico e tecnológico (MENEZES *et al.*, 2020; RIBEIRO; MOSCON, 2018).

## Percurso

Todo o processo metodológico foi desenhado e realizado pelos estudantes e docentes da UFPE no contexto do trabalho remoto e mediado por tecnologias da informação em que todos os autores contribuíram nas etapas de construção e elaboração do projeto. As programações previstas em espaço virtual, também conhecidas como *lives*, que foram transmitidas no perfil @morfotecnologiaufpe em tempo real, aconteceram às quartas-feiras, às 20h, com duração de 60 minutos. As discussões foram sempre conduzidas por um mediador, docente do PPGM-UFPE, e um ou dois convidados, sempre especialistas da área do tema que seria desenvolvido. Os convidados, um por vez, eram chamados para compartilhar a transmissão com mediador, sendo que ambos eram assistidos simultaneamente. Após a transmissão, as *lives* foram disponibilizadas em nossa página para acesso livre e ainda podem ser compartilhadas em outras redes sociais como Facebook, Twitter, WhatsApp, o que as tornam particularmente populares.

Discussões entre mediadores e convidados eram provocadas através de questionamentos dos seguidores/telespectadores que acompanharam e esclareceram dúvidas ao longo das transmissões das *lives*. A avaliação de cada *live* foi realizada através dos acessos às transmissões em tempo real, incluindo discussão entre mediadores e convidados, interação seguidor-mediador-convidado e visualização do material postado. Além disso, o grupo realizava reuniões periódicas com o objetivo de avaliar ações e propor novas temáticas de acordo com o retrato da pandemia e a partir de sugestões dos seguidores e enquetes na nossa página.

### 3. Experiência e discussão

A (re)adaptação dos projetos de extensão através de ferramentas digitais durante a pandemia e o isolamento social evidencia o potencial de docentes e discentes extensionistas em reinventar-se e realizar seu compromisso social. O Instagram tem sido utilizado para auxiliar a divulgação de informações sobre problemas de saúde pública em todo o mundo, incluindo a Covid-19, uma vez que facilita o processo comunicativo, alcança elevado número de pessoas ao mesmo tempo e é uma ferramenta de fácil acesso (SELTZER *et al.*, 2015; NIKNAM *et al.*, 2020; MENEZES *et al.*, 2020). Nesse contexto, o projeto aqui relatado oportunizou uma experiência inovadora, única e com alcance de resultados relevantes, que possibilitou a interação da academia com a sociedade, a participação social, construção e compartilhamento de saberes e provocou importantes reflexões sociais.

Atualmente, há no @morfotecnologiaufpe mais de 1000 seguidores com perfis diversos, especialmente docentes e discentes de graduação e pós-graduação de UFPE e outras IES das mais diferentes áreas acadêmicas, além de professores e estudantes do ensino básico das redes pública e privada; ou seja, pessoas que estão diretamente conectadas, que acompanham publicações e recebem notificações sobre as atividades desenvolvidas. No Instagram, não há ferramentas para listar espectadores da *live* após a transmissão, o que limitou o acompanhamento real do número e fidelização do público. No entanto, durante as *lives*, esse número chegou a ultrapassar 200 espectadores e, após publicação das *lives*, esse número passou de 500 visualizações. Além das contribuições na formação acadêmica e pessoal dos extensionistas que participaram, o projeto colaborou com melhorias na sociedade que são imensuráveis, pois as *lives* não atingiram apenas aqueles que estavam participando, mas o grupo social que há em torno de cada indivíduo que estava presente na discussão, visto que, ao aprender algo novo e sanar dúvidas, esse conhecimento é aplicado e repassado. Outro resultado importante foi o artigo “A extensão universitária frente ao isolamento

social imposto pela Covid-19”, publicado em 2020 na revista *Brazilian Journal of Development*.

No Brasil, a maior parte da pesquisa, inovação e desenvolvimento científico e tecnológico acontece nos *campi* das universidades públicas (OLIVEIRA; MORAES, 2016). Importante destacar que professores-pesquisadores dessas universidades não foram imunizados contra fatalidades impostas pela Covid-19 e que, apesar da sobrecarga e do acúmulo de atividades de ensino remoto, pesquisa, extensão e atividades administrativas, assumiram seu compromisso profissional e social, trabalhando incansavelmente no enfrentamento à Covid-19. Assim, em nome de todas as pessoas alcançadas no projeto de extensão, o Programa de Pós-graduação em Morfo-tecnologia e coordenadores e membros extensionistas do projeto: “Saúde, educação, ciência e tecnologia: me covid@ para uma *live*” declaram imensurável gratidão aos professores-pesquisadores que disponibilizaram seu tempo, conhecimento e experiência para realizar discussões e disseminar conhecimento científico de forma ética no enfrentamento à Covid-19.

Visando transdisciplinaridade e interdisciplinaridade, o projeto contou com a contribuição voluntária de profissionais de diferentes áreas, a saber: psicólogos, biomédicos, médicos, epidemiologistas, imunologistas, estatístico, biólogos (bacharel, licenciado e meio ambiente), farmacêuticos, nutricionista, pedagogo, filósofo, químico e médico veterinário. Nas discussões desenvolvidas no decorrer das *lives*, esses profissionais abordaram características biológicas e filogenéticas do SARS-CoV-2 e outros coronavírus; resposta imunológica frente à Covid-19 e mecanismos de evasão do SARS-CoV-2 e outros coronavírus; achados clínicos da Covid-19; mecanismos de transmissão e profilaxia; mudanças sociais, científicas e avanços tecnológicos; importância e valores do Sistema Único de Saúde (SUS) no enfrentamento à Covid-19; saúde integral no cenário pandêmico; saúde mental; docentes e discentes da pós-graduação em atividades remotas e o cenário pós-pandemia; diagnósticos dos coronavírus e os avanços e perspectivas para o diagnóstico laboratorial do SARS-CoV-2; ferramentas tecnológicas aplicadas no combate à Covid-19; análise fractal aplicada

à pesquisa do SARS-CoV-2 e outros coronavírus; gravidez e desenvolvimento fetal frente à infecção por SARS-CoV, MERS-CoV e SARS-CoV-2; avanços tecnológicos na ciências impostos pela pandemia de Covid-19; distúrbios cardiorrespiratórios e vasculares na Covid-19; engajamento da ciência na busca por candidatos a fármacos e terapia farmacológica; direcionamento e reaproveitamento de vacinas e fármacos contra SARS-CoV-2; desenvolvimento de vacinas e a contribuição das universidades e centros de pesquisa no enfrentamento à Covid-19.

A identidade visual do projeto foi definida estrategicamente para conectar nossa proposta de ação aos temas que pretendíamos desenvolver (Figura 1).

**Figura 1** – Identidade visual do projeto



**Fonte:** Projeto “Saúde, educação, ciência e tecnologia: me covid@ para uma live”, 2020.

Para cada *live*, um *card* foi confeccionado a partir da plataforma Canva. Os *cards* traziam título/tema, fotos e apresentação do mediador e do convidado, bem como dia e hora (figura 2). Os *cards* postados na página do Instagram @morfotecnologiaufpe eram seguidos de um breve texto apresentando a temática que seria desenvolvida, bem como de *hashtags* (#) com palavras-chave. Além disso, os *cards* foram gentilmente postados no *feed*

dos perfis do Instagram @ascomufpe e @extensaoecultura.ufpe.

Figura 2 – Esquema ilustrativo de alguns dos cards confeccionados



Fonte: Projeto "Saúde, educação, ciência e tecnologia: me covid@ para uma live", 2020.

Além de comentários nos cards e mensagens privadas, durante as lives, os espectadores realizavam comentários ou perguntas por mensagens de texto que eram visualizadas na mesma tela de transmissão, gerando interação simultânea. Logo, espectadores se sentiram motivados e transformavam-se em protagonistas do conhecimento, apropriando-se de novos saberes. Segundo Delmazo e Valente (2018), apesar da praticidade e democratização da informação, a ausência de análise e confirmação de

muitas notícias propagadas podem implicar na divulgação de *fake news*, que, por sua vez, podem trazer uma série de consequências sociais. Essas informações desprovidas de embasamento científico têm prejudicado a tomada de decisões frente à pandemia, a construção de conhecimento acerca do novo coronavírus e a adesão de hábitos profiláticos durante a pandemia. Com comportamento pouco conhecido e de rápida disseminação, há pouca informação sobre o novo vírus e sua dinâmica de transmissão. Hoje, sabe-se que a principal rota de transmissão do SARS-CoV-2 é através de secreções respiratórias provenientes de humanos infectados, bem como contato com objetos e superfícies contaminadas. Nesse contexto, nas primeiras *lives* foi fundamental realizar ações de promoção do conhecimento e comportamento individual e coletivo para reduzir a transmissão do SARS-CoV-2 e frear a rápida evolução da pandemia. Tais medidas incluem a higienização das mãos (água e sabão ou álcool em gel), o distanciamento social, isolamento de casos, prática de etiqueta respiratória, correto uso de máscaras caseiras, evitar aglomerações e viagens e até a conscientização da população para permanecer em casa, exceto sair para compra de alimentos e medicamentos, busca de assistência à saúde ou no caso de trabalhadores de serviços essenciais. Na ocasião, houve momentos de muita interação entre mediador e convidado com os seguidores que acompanhavam, questionando o tema e esclarecendo as dúvidas. Nossos resultados corroboram com Lunn *et al.*, (2020), que declaram que informações rápidas, honestas e com empatia e credibilidade tornam a comunicação eficaz e promovem ações e decisões individuais úteis no enfrentamento dos problemas de saúde pública.

Além do medo de contrair o vírus e desenvolver a infecção e ser potente transmissor do SARS-CoV-2 para familiares e amigos, a Covid-19 tem provocado sensação de insegurança integral na saúde e na vida, desde a perspectiva coletiva à individual, do funcionamento diário da sociedade às modificações nas relações interpessoais (LIMA *et al.*, 2020; OZILI; ARUN, 2020). A pandemia nos ensinou a passar por experiências que ficaram marcadas em nossa vida. Experiências não somente no âmbito da saúde, economia e educação, mas na saúde integral.

Esse tema foi discutido na *live*: “Saúde integral na pandemia da Covid-19”. No que se refere à saúde mental, é importante entender que as sequelas desta pandemia serão maiores do que o número de óbitos e perdas econômicas. Nesse contexto, intervenções e atendimentos *on-line* foram oferecidos e realizados por psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais para assistir a população psicologicamente afetada pela pandemia. Esses atendimentos acolheram pessoas e famílias, auxiliando-os a enfrentar a pandemia e até reduzir ou prevenir futuros problemas psiquiátricos e psicológicos no cenário pós-pandemia (LIMA *et al.*, 2020). Além disso, foram abordadas discussões sobre saúde mental com a assistência do Núcleo de Telessaúde da UFPE (Nutes) e do Núcleo de Apoio à Saúde do Servidor (Nass), que oferecem serviço de apoio psicológico gratuito através da escuta qualificada para todos os integrantes da comunidade acadêmica da UFPE, estudantes, servidores técnico-administrativos ou professores.

Um dos grandes desafios no combate à Covid-19 ainda tem sido diagnosticar, por testes laboratoriais, com sensibilidade e especificidade, as pessoas infectadas, a fim de isolá-las e, assim, conter a disseminação. Os avanços e perspectivas para o diagnóstico laboratorial do coronavírus foi tema de *live* e discutido com o objetivo de entender o avanço da tecnologia na produção de testes de diagnóstico para um novo vírus. Até então, há disponível as etapas de elaboração e validação de métodos de diagnóstico, aplicação e é sabida a diferença entre métodos e técnicas no diagnóstico direto (detecção do vírus, como o RT-PCR) e indireto (detectam a resposta imune ao vírus, pesquisa de anticorpos). Para complementar as informações, foi realizada uma discussão sobre as três principais aplicações relacionadas ao estágio da infecção: detecção precoce da exposição ao vírus antes do aparecimento dos sintomas; o diagnóstico do quadro agudo e monitoramento da evolução clínica e o rastreamento da exposição ao SARS-CoV-2.

Convidamos dois mestrandos do PPGMT-UFPE para relatar os desafios dos discentes de pós-graduação e das atividades remotas frente à pandemia. Foram relatadas dificuldades em iniciar e/ou concluir experimen-

tos, necessidade de prorrogar prazos de defesa e qualificação de projetos e entraves para depósito das teses, dissertações e requerimento de diploma. Ainda nesse cenário, com as prorrogações, uma das consequências da pandemia foi a redução na produção acadêmica dos programas de pós-graduação e o acúmulo de orientandos por orientador. Desde o início da pandemia no Brasil, a universidade suspendeu as atividades presenciais e, com isso, os pós-graduandos também não puderam mais acessar acervos e bibliotecas, essenciais para atividades da pós-graduação, além da falta de espaço físico para estudar. No entanto, o mais desafiador foi o novo modelo de ensino – aulas remotas *on-line* – que somou-se à sobrecarga emocional da pós-graduação por parte do estudante que ainda precisa conciliar aulas virtuais com a rotina familiar e o próprio cenário epidêmico. No entanto, em meio à pandemia, pós-graduandos se reinventaram em um tecnológico modelo de ensino e não deixaram de acreditar na educação.

A pós-graduação exige muito dos alunos. No entanto, também foi relatada flexibilidade no ensino e nos prazos de atividade por parte dos docentes e, até mesmo, a possibilidade de adiar as datas, caso algum aluno tivesse dificuldades na execução. Segundo Anderson (2019), a educação não existe fora dos contextos sociais ou tecnológicos em que está inserida. Logo, cada vez mais instituições de ensino, docentes e discentes são apresentados às novas ferramentas de ensino-aprendizagem.

A maioria dos infectados que evoluem para forma mais grave da Covid-19 apresenta comorbidades, sendo frequentes as cardiovasculares, caracterizadas pelo desenvolvimento de injúria miocárdica, hipóxia, disfunção ventricular, trombose, miocardite, arritmias e choque. Essas complicações prognósticas importantes são responsáveis por maior tempo de internação e alta taxa de mortalidade. Nesses pacientes, o manejo adequado inclui uma série de protocolos que envolvem intervenção e interação entre diversos setores do hospital e equipe multidisciplinar – tema discutido em *live*.

Frente à lacuna de conhecimentos no desdobramento do SARS-CoV-2 durante a gestação, nosso projeto realizou uma discussão com base no seguinte tema:

“Infecções por SARS-CoV, MERS-CoV e SARS-CoV-2: consequências na gravidez e no desenvolvimento fetal”. Foi destacado que o número de gestantes infectadas era menor do que o da população em geral. Contudo, quando infectadas, apresentaram-se mais vulneráveis às manifestações mais agressivas da doença. Assim, o Brasil incluiu gestantes como grupo de risco à Covid-19, com base nas alterações fisiológicas da gestação, as quais tendem a gerar agravamento em quadros infecciosos devido à baixa tolerância à hipóxia observada nessa população. Algumas gestantes podem desenvolver complicações mais graves, como a síndrome respiratória aguda grave (SARS). Além disso, a necessidade de proteger o feto representa maior responsabilidade com relação à prestação de assistência pré-natal (MASCARENHAS *et al.*, 2020). Gestantes infectadas por SARS-CoV-2, e que evoluem para sintomas graves associados a uma comorbidade, apresentam maior chance de passar por um parto cesariano de emergência ou por um parto prematuro, o que eleva o risco de morte materna e neonatal. Algumas maternidades e hospitais, como forma de prevenir a Covid-19, têm adotado protocolos de isolamento no momento do parto, não permitindo acompanhantes antes, durante e após o parto.

Pesquisadores também estão dedicados à pesquisa, descoberta e desenvolvimento de alternativas farmacológicas para o tratamento dos infectados com o novo coronavírus. Nessa perspectiva, realizamos uma discussão sobre reposição ou reaproveitamento de fármacos e vacinas contra a Covid-19. O mediador e o convidado destacaram pesquisas em ensaios biológicos *in vitro* e *in vivo* e métodos *in silico* – modelagem molecular computacional. Em resumo, essas pesquisas buscavam alternativas terapêuticas em reduzidos tempo e custo para o desenvolvimento de fármacos para o combate à Covid-19. Inúmeros protocolos terapêuticos e profiláticos, sem nenhuma comprovação científica, foram amplamente aplicados e divulgados. A disseminação desses protocolos é fortalecida nas redes sociais, grupos de WhatsApp e até por representantes políticos e religiosos. Um bom exemplo disso foi a divulgação de algumas pesquisas laboratoriais e clínicas que relataram resultados

satisfatórios para o uso da cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina (mas ainda não há estudos suficientes que garantam o seu uso com segurança). Em decorrência disso, a população causou a escassez desses fármacos em várias farmácias, deixando pacientes que necessitavam dessas substâncias sem acesso ao medicamento. Além de enfrentar diariamente a realidade da nova pandemia, combater as *fakes news* foi outro compromisso do nosso projeto e das universidades. Em todas as *lives* realizadas, destacamos a importância de buscar informações fundamentadas em pesquisas científicas realizadas por órgãos responsáveis e éticos.

O surgimento e as consequências do novo coronavírus foram discutidos dentro do contexto do meio ambiente. De fato, pesquisas reportam que o surgimento de doenças é consequência do desmatamento e da invasão do homem aos habitats naturais de hospedeiros e patógenos. Segundo a United Nations Environment Programme (2020), cerca de 60% das doenças infecciosas emergentes nos seres humanos são zoonóticas e estão diretamente relacionadas com o desequilíbrio ambiental e a saúde dos ecossistemas. Como exemplo, há o Ebola, vírus do Nilo Ocidental; a gripe aviária; a febre de Rift Valley; o vírus da gripe H1N1; o vírus Zika; a síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS); e a síndrome respiratória aguda súbita (SARS) – infecções responsáveis por milhares de óbitos e perdas na economia. Em relação ao vírus SARS-CoV-2, foi comprovada sua origem natural, sendo iniciado pelo contato de animais hospedeiros com humanos. Estudos comprovam que o genoma do vírus é semelhante ao encontrado em morcegos e pangolins.

Historicamente, a relação economia e ambiente é inversamente proporcional. No contexto da pandemia, enquanto a economia segue tendo indicadores baixos pela interrupção de várias indústrias, empresas, comércio e turismo, no meio ambiente, se observam resultados positivos por tal freio econômico, como os observados em lagos e na qualidade do ar, especialmente nas grandes cidades. Manifestações sociais sobre reflexos da pandemia de Covid-19 no meio ambiente foram observadas com intensidade na internet através de imagens e vídeos de paisagens, antes escondidas por camadas de lodos,

resíduos ou gases de poluição atmosférica e agora límpidas e visualmente recuperadas (SOUZA, 2020). A partir dessas questões, mediador e convidados provocaram os espectadores a questionar se tais mudanças continuariam e se provocariam resultados permanentes no estilo de vida das grandes cidades, no meio ambiente, ou se esse cenário seria apenas no momento pandêmico.

Na ação, abordamos modelos matemáticos e computacionais por método fractal, que é capaz de obter o grau de complexidade de uma estrutura. Na *live*, os pesquisadores explicaram como a análise fractal é capaz de realizar identificações minuciosas das sequências genéticas dos três coronavírus que causaram síndrome respiratória aguda grave em humanos: o SARS-CoV, o MERS-CoV e o atual SARS-CoV-2. Essas identificações tornam mais viável e preciso o diagnóstico da doença e o entendimento da dinâmica espacial da disseminação da infecção e de diferentes linhagens do coronavírus. Na *live* “Sequenciamento de cepas de SARS-CoV-2 na UFPE: quando, como e porquês?”, o mediador e o convidado destacaram que o sequenciamento genômico é uma ferramenta essencial para o entendimento da biologia e caracterização do vírus, permitindo a realização de pesquisas voltadas à vigilância molecular, diagnóstico, atenuação viral, compreensão da resposta a tratamentos com drogas e à pressão imunológica do hospedeiro. Estudos mostram que o novo coronavírus apresenta maior similaridade com coronavírus do tipo SARS de morcego, compartilhando 88% de similaridade de nucleotídeos. Na *live*, foi evidenciada a importância da biologia molecular e da bioinformática para entender a transmissão em diferentes contextos e identificar possíveis agrupamentos de transmissão local no país, bem como acompanhar a evolução da variabilidade do SARS-CoV-2 e gerar informações que sirvam para a definição de novos métodos diagnósticos, levando em consideração mutações existentes nas cepas circulantes em Pernambuco.

Até a conclusão do projeto, nenhuma vacina contra a Covid-19 tinha sido aprovada. No entanto, ao redor do mundo, há “a corrida da vacina” e muitas pesquisas estavam em andamento. Em outubro de 2020, 214 vacinas contra o novo coronavírus estavam sendo desen-

volvidas, sendo 51 delas em fase de testes. Logo, realizamos a *live* “Vacina contra Covid-19: como estamos?”. Na oportunidade, muitos conceitos foram esclarecidos, como: vacina e imunização; tipos de vacina; processos de produção; etapas dos ensaios pré-clínicos e clínicos; e avaliação por órgãos regulatórios. Os especialistas reconhecem que a única maneira de chegar a uma imunidade coletiva é com uma vacina. O primeiro passo para isso depende de uma candidata que se mostre eficaz, segura e passível de ser administrada à população de forma massiva. Foi destacado o elevado investimento e interesse de muitas indústrias farmacêuticas para pesquisa de vacinas contra a Covid-19. Internacionalmente, a urgência sanitária fez o poder público e empresas privadas não medirem esforços para custear o trabalho de cientistas. Além da dedicação dos cientistas e apoio financeiro, a produção da vacina contra a Covid-19 é resultado de diferentes metodologias utilizadas para o seu projeto – avanços na tecnologia e inovação, mais rápidas e simples, como exemplo vacinas de vetor viral (AstraZeneca, Janssen e Sputnik V) ou de RNA mensageiro (Pfizer e Moderna), produto de muito trabalho em pesquisas anteriores. É nessa realidade que a produção e aprovação de vacinas contra Covid-19 foram alcançadas em tempo recorde: cerca de 9 meses. Apesar de pesquisas promissoras, nossos convidados declaram que o sucesso do controle da Covid-19 não será resultado apenas da vacinação. Destacaram que um grande desafio será a produção em larga escala para alcançar a população mundial. Estamos falando na produção de bilhões de doses, sem considerar que a proteção possa ser após a aplicação de duas ou mais doses e no intervalo que essa imunização precise ser repetida e nas mutações virais.

Certamente, inúmeros questionamentos permanecem e precisam ser respondidos. “O cenário pós-pandemia: iremos mudar?” foi debatido em *live*. Na ocasião, mediador e convidado refletiram e provocaram os espectadores com questões como: *Será que, após a pandemia, nossa visão de mundo mudará? Reflexões nos farão sair diferentes desta crise sanitária mundial? Haverá valorização da ciência, tecnologia e inovação no cenário pós-pandemia? Haverá mais investimento em pesquisa e*

*na formação de recursos humanos? Os setores da ciência vão somar esforços para solucionar problemas de saúde e sociais que são historicamente negligenciados por décadas? Indivíduos estarão dispostos a agir e pensar de maneira contrária aos seus interesses pessoais em favor do bem maior coletivo?*

Segundo Santos (2020), essas mudanças não significam automaticamente respostas positivas e uma sociedade melhor. É fundamental refletir ativamente sobre nossa cosmovisão, ações e consequências tanto para nós mesmos quanto para a comunidade que nos cerca. Para que mudanças tragam um impacto sistematicamente positivo para a sociedade pós-pandemia, é necessária uma transformação epistemológica, cultural e ideológica, que será a base para as almejadas mudanças políticas, econômicas e sociais.

Em nossa experiência, evidenciamos que as discussões desenvolvidas no Instagram, em *lives*, despertaram o pensamento crítico, o sentimento de preocupação sobre o cenário pandêmico e o novo vírus, o combate à desinformação e o aumento na conscientização e valorização da saúde, educação, ciência e tecnologia no enfrentamento dos problemas sanitários de interesse internacional. Ademais, sem dúvidas, uma das maiores mudanças, ou resultado desejável, pós-pandemia do novo coronavírus é uma sociedade “diferente/nova”, que entende que soluções passam pela ciência e que é necessária a colaboração entre muitos pesquisadores e equipes de pesquisa nos mais diversos campos da ciência, tecnologia e inovação para assistir toda a sociedade mundial.

## 4. Considerações finais e perspectivas

A magnitude da pandemia de Covid-19 remete cada educador à necessária atitude de reinventar-se. Nossa experiência destacou que a utilização de mídias sociais é uma ferramenta eficaz em ações de ensino em saúde e na promoção da educação em saúde e educação para saúde, uma vez que possibilita conhecimento acessível

por meio dos recursos do Instagram. Ações extensionistas compreendem e reforçam o valor e reconhecimento da universidade pública como espaço interdisciplinar na construção e disseminação do conhecimento e no diálogo entre saberes. O presente projeto se adequa às características do fazer extensionista, como o senso de inquietude e a capacidade de mobilização, individual e em grupo, embora organizado remotamente. Essas habilidades são fundamentais na construção da ação de extensão neste período de isolamento social.

Mesmo com os avanços científicos para o entendimento do SARS-CoV-2 e da Covid-19, ainda existem incógnitas sobre a nova infecção e suas misteriosas consequências. Diante das incertezas impostas pela pandemia de Covid-19, só há uma certeza: a existência da sobreposição do colapso na saúde e detrimientos básicos na educação, cultura, esporte e lazer gerados pelo distanciamento e isolamento social. Acreditamos que respostas para todas as perguntas neste horizonte, de milhares de óbitos, colapso no sistema de saúde, perdas históricas no processo educacional e cultural e agravos na economia, só serão possíveis através das ciências, sendo a universidade pública figura central na prestação de serviços e na formação de recursos humanos de excelência para o crescimento ético do país. Logo, desejamos que a universidade continue comprometendo-se em ser pilar social e atenta para o delicado momento histórico que passamos nesta pandemia, que oportunidades em ações sociais, bem como estrutura e financiamento para promoção da extensão universitária possam ser ampliadas e que novas ações estejam comprometidas e enquadradas com o futuro pós-pandemia.

ANDERSON, T. Challenges and Opportunities for use of Social Media in Higher Education. *Journal of Learning for Development*, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 6-19, 2019.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

DINIZ, E. G. M. A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela Covid-19. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 72999-73010, 2020.

FARIA, M. H. D. *et al.* Relato de alunos de odontologia no enfrentamento à Covid-19. *Cadernos ESP*, Ceará, v. 14, n. 1, p. 118-122, 2020.

LIMA, C. K. T. *et al.* The emotional impact of coronavirus 2019-Ncov (new Coronavirus Disease). *Psychiatry Research*, Cambridge, v. 287, p. e112915, 2020.

LUNN, P. D. B. *et al.* Using Behavioral Science to help fight the Coronavirus. *Journal of Behavioral Public Administration*, Washington, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2020.

MASCARENHAS, V. H. A. *et al.* Covid-19 e a produção de conhecimento sobre as recomendações na gravidez: revisão de escopo. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 28, p. e3348, 2020.

MENEZES, J. A. *et al.* A contação de histórias no instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 32, p. 1-20, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional*, 21 abr. 2020. Brasília, DF: 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46568-ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>. Acesso em: 8 jul. 2020.

NIKNAM, F. *et al.* Covid-19 on Instagram: A content analysis of selected accounts. *Health Policy and Technology*, Rotterdam, v. 10, n. 1, p. 165-173, 2020.

OLIVEIRA, J. F.; MORAES, K. N. Produção do conhecimento na universidade pública no Brasil: tensões, tendências e desafios. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 73-95, 2016.

OZILI, P.; ARUN, T. Spillover of Covid-19: impact on the global economy. *MPRA - Munich Personal RePEc*, Munich, v. 129, n. 9, p. 1273-1277, 2020.

RIBEIRO, M. P.; MOSCON, D. Reflexões sobre o uso do Instagram na contemporaneidade. *Revista Unifacs*, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 35-56, 2018.

SANTOS, B. S. A cruel pedagogia do vírus. Coimbra: Edições Almedina, S. A. *Temporalidades – Revista de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 566-570, 2020.

SECRETARIA DE SAÚDE DO RECIFE. *Boletim Epidemiológico*, n. 30. Diretoria Executiva de Vigilância à Saúde: Recife, 2020. Disponível em: <http://portal.saude.pe.gov.br/boletim-epidemiologico-covid-19>. Acesso em: 25 jan. 2021.

SELTZER, E. *et al.* The content of social media's shared images about Ebola: a retrospective study. *Public Health*, New York, v. 129, n. 9, p. 1273-1277, 2015.

SILVA, A. R. Oportunidades para extensão universitária nos tempos de pandemia-Covid-19. *Revista Práticas em Extensão*, São Luís, v. 4, n. 1, p. 40-41, 2020.

SILVA, M. R. F. *et al.* Reflexões sobre as ações extensionistas e de pesquisa no combate à Covid-19 na universidade do estado do Rio Grande do Norte. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 3622-3646, 2020.

SOUZA, L. P. A pandemia da Covid-19 e os reflexos na relação meio ambiente e sociedade. *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, [s. l.], v. 8, n. 4, p. 68-73, 2020.

UFPE. *Curricularização/Creditação da Extensão*, [s. d.]. Recife: UFPE, [2020]. Disponível em: <https://www.ufpe.br/proexc/curricularizacao>. Acesso em: 19 abr. 2021.

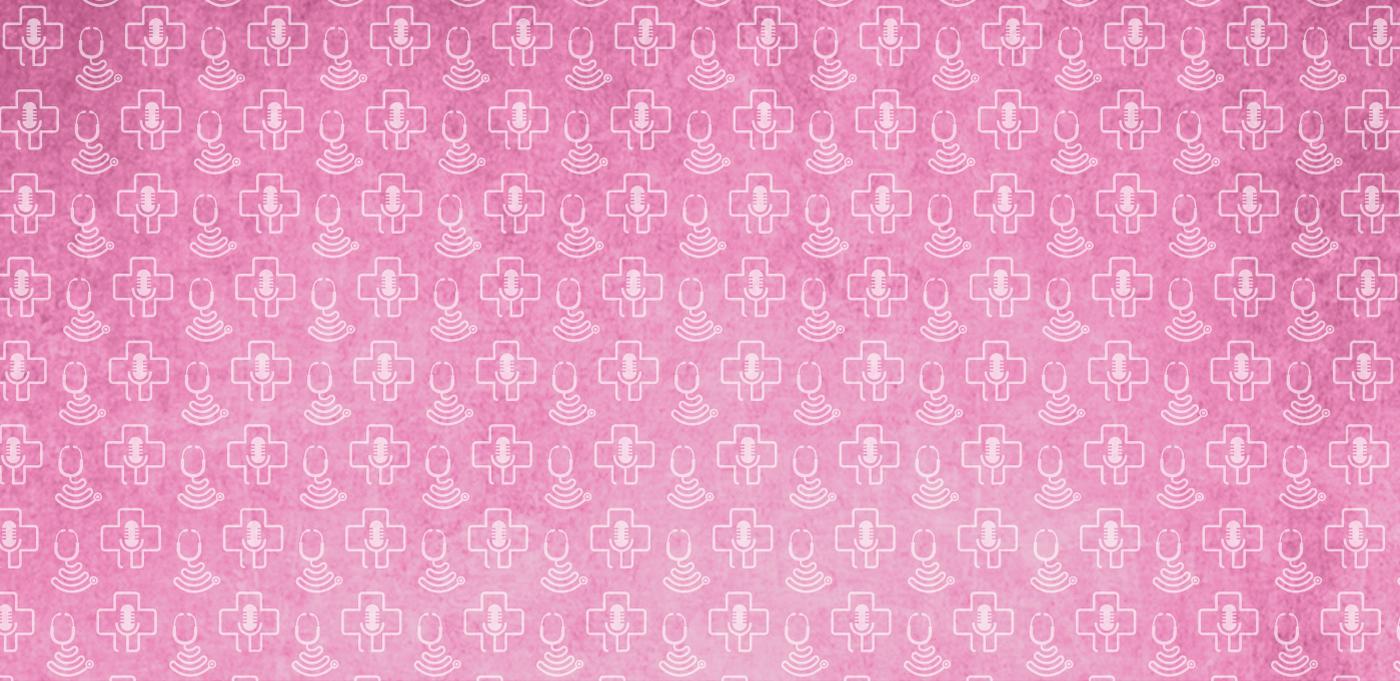
UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME. *Os coronavírus vieram para ficar?*, 3 abr. 2020. UNEP, 2020. Disponível em: <https://www.unenvironment.org/pt-br/noticias-e-reportagens/reportagem/os-coronavirus-vieram-para-ficar>. Acesso em: 23 dez. 2020.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de Covid-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 5, p. e00068820, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Timeline of WHO's response to Covid-19*, 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/detail/29-06-2020-covidtimeline>. Acesso em: 8 jul. 2020a.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *WHO Coronavirus Disease (Covid-19) Dashboard*. Disponível em: <https://covid19.who.int/table>. Acesso em: 2 ago. 2020b.

WOLFE, N. *The viral storm: the dawn of a new pandemic age*. New York: Times Books, 2011.



## **PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES E COVID-19: o uso de ferramentas digitais para a divulgação científica em saúde**

INTEGRATIVE AND COMPLEMENTARY PRACTICES  
AND COVID-19: the use of digital tools for  
scientific dissemination in healthcare area

**Karina Perrelli Randau**

(Doutora em Ciências Naturais, Professora do Departamento  
de Ciências Farmacêuticas, CCS/UFPE)

**Marise Matwijszyn**

(Mestra em Educação, Farmacêutica, Serviço Integrado  
de Saúde/Prefeitura da Cidade do Recife)

**Rodrigo Vinícius Luz da Silva**

(Graduando em Farmácia, CCS/UFPE)

**Carolina Pôrto Caldas**

(Graduanda em Farmácia, CCS/UFPE)

**Clarice Valentim de Melo**

(Graduanda em Farmácia, CCS/UFPE)

“Práticas integrativas e complementares em cuidados clínicos farmacêuticos na promoção da saúde”, cadastrado por meio do Edital 2020-06 – Pibexc. Coordenadores: Karina Perrelli Randau; Marise Matwijszyn. Participantes: Marina Maria Barbosa de Oliveira, MSc., Departamento de Ciências Farmacêuticas/UFPE; Mykaella Joyce Silva de Araújo, graduanda em Farmácia/UFPE; Inaia Mackert Pascoal, graduanda em Enfermagem/UPE; Jamilly Fernanda Brito Rodrigues, Residência Multiprofissional em Atenção Básica e Saúde da Família, Jaboatão dos Guararapes; Dayzyane Farias dos Santos Melo, Residência Multiprofissional em Atenção Básica e Saúde da Família, Jaboatão dos Guararapes.

## Resumo

As Práticas Integrativas e Complementares (PICs) são técnicas terapêuticas que fazem parte da medicina tradicional e complementar e são utilizadas para prevenir doenças, com o objetivo de analisar o paciente como um todo, de forma biopsicossocial. Com a pandemia de Covid-19, que surgiu no final de dezembro de 2019, e sem um fármaco com eficácia comprovada no combate à doença, surgiram evidências científicas comprovando a eficácia das PICs no tratamento da Covid-19, especificamente em relação aos danos causados à saúde mental da população afetada por essa doença. As PICs são o foco do projeto de extensão “Práticas integrativas e complementares em cuidados clínicos farmacêuticos na promoção da saúde”, realizado por discentes e docentes do curso de Farmácia do Departamento de Ciências Farmacêuticas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Durante o isolamento social, devido à pandemia, o projeto se adaptou e passou a realizar a divulgação científica utilizando a rede social Instagram com postagens baseadas em artigos científicos, a fim de promover a divulgação científica para o público em geral sobre as PICs e a Covid-19. As postagens reuniram informações sobre as PICs, seu histórico, como funcionam, quando podem ser utilizadas e os benefícios obtidos. Tivemos um alcance, até então, de 342 seguidores, um público alto para o projeto. Com isso, podemos constatar que há o desejo da sociedade em procurar vias complementares e/ou alternativas à medicina tradicional e também de ter informações sobre essas práticas em redes sociais.

**Palavras-chave:** Práticas Integrativas e Complementares. Covid-19. Divulgação Científica. Saúde Mental.

## Abstract

Integrative and Complementary Practices (PICs) are therapeutic techniques that are part of traditional and complementary medicine and are used to prevent diseases, with the aim of analyzing the patient as a whole, in a biopsychosocial way. Due to COVID-19 pandemic, which emerged in late December 2020 and without a drug with proven effectiveness in fighting this disease, scientific evidence has emerged to prove the effectiveness of PICs in the COVID-19 treatment, especially in relation to people's mental health damage caused by this disease.

PICs are the focus of the extension project “Práticas integrativas e complementares em cuidados clínicos farmacêuticos na promoção da saúde” carried out by students and professors of the Pharmacy course, Departamento de Ciências Farmacêuticas of Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). During the social isolation due to the pandemic, the project adapted and started to carry out scientific dissemination using social media, Instagram, with posts based on scientific articles, in order to promote scientific dissemination to the general public about PICs and COVID-19. The posts gathered information about PICs, their history, how they work, when they can be used and the benefits obtained. We reached, until then, 342 followers, a larger audience for the project. With that, we could see that there is the desire of society to look for complementary and / or alternatives to traditional medicine and also to have information about these practices in social media.

**Keywords:** Integrative and Complementary Practices. COVID-19. Scientific divulgation. Mental Health.

## 1. Introdução

As Práticas Integrativas e Complementares (PICs) são técnicas terapêuticas que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), fazem parte da medicina tradicional e complementar. São utilizadas para prevenir doenças, a exemplo da depressão, mas também podem ser aplicadas no tratamento paliativo em certas doenças crônicas. Diferente da medicina biomédica, a medicina integrativa não foca apenas nas características fisiopatológicas e nos sintomas, mas procura se atentar a outros fatores que podem alterar o equilíbrio emocional/espiritual do indivíduo (DACAL; SILVA, 2018). O objetivo das práticas é analisar o paciente como um todo, sem dividir o corpo humano em partes de uma “grande máquina”. Cada aspecto da vida, como a personalidade da pessoa, sua forma de se relacionar com o mundo, situações estressantes do dia a dia e outros aspectos, deve ser considerado e estudado a fim de entender a sua relação com o problema que está afetando a saúde do paciente (OTANI; BARROS, 2008).

No Sistema Único de Saúde (SUS), são oferecidas 29 PICs, de forma integral e gratuita, sendo algumas delas referentes à meditação, fitoterapia (o uso das plantas medicinais), ioga, acupuntura, reiki, dança circular e aro-

materapia. Para a consolidação do uso das PICs, foi criada, em 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que traz diretrizes gerais para a incorporação das práticas nos serviços. Desde a implantação da política, o acesso às PICs vem crescendo (BRASIL, 2006).

Na pandemia do vírus SARS-CoV 2, popularmente conhecido como “o novo coronavírus”, causador da Covid-19, iniciou-se uma corrida em busca da cura ou amenização dos sintomas que acompanham a enfermidade, que podem não ser expressos em todas as pessoas infectadas, mas que, em alguns casos, podem ser altamente severos. Com a falta de um fármaco com eficácia comprovada no combate à doença, pesquisadores realizaram estudos a fim de encontrar métodos alternativos que atuassem como auxiliares no tratamento da enfermidade. Com isso, surgiram evidências científicas comprovando a eficácia das PICs no tratamento da Covid-19 e, em consequência disso, o Conselho Nacional de Saúde (CNS) aprovou uma recomendação para o Ministério da Saúde, conselhos estaduais e municipais de Saúde e do Distrito Federal para a inclusão e divulgação de PICs na assistência ao tratamento para combater a Covid-19, sendo essa recomendação feita, também, para amenizar os danos à saúde causados pelo isolamento social e pela quarentena, a exemplo do estresse, da ansiedade, da depressão e de outras enfermidades (BRASIL, 2020).

As PICs são o foco do projeto de extensão “Práticas integrativas e complementares em cuidados clínicos farmacêuticos na promoção da saúde”, realizado por discentes e docentes, em sua maioria do curso de Farmácia, do Departamento de Ciências Farmacêuticas da UFPE. O grupo, antes da pandemia, se reunia por meio de encontros presenciais e semanais no Serviço Integrado de Saúde (SIS), localizado no bairro do Engenho do Meio, na cidade do Recife. O público alvo era composto por portadores de doenças crônicas não transmissíveis, tais como hipertensão, diabetes e síndromes do sistema musculoesquelético, além de transtornos mentais leves, como os distúrbios de ansiedade, insônia e quadros depressivos leves, já que existe uma alta demanda de usuários com essas enfermidades. Os encontros eram realizados

coletivamente com a equipe e também individualmente com a farmacêutica do SIS, participante do projeto. Os pacientes também participavam de avaliações semanais sobre seu estado de saúde através de indicadores como pesagem, medida da circunferência abdominal e aferição da pressão arterial e glicemia. No final de cada encontro, ocorria uma roda de conversa em que os pacientes relatavam suas experiências com as PICs e com o projeto em si. A maioria apresentava melhorias significativas em seu estado de saúde e bem-estar no dia a dia, com alguns relatando a diminuição do uso da polifarmácia com indicação médica.

O projeto promove um cuidado mais acurado, estreito e humanizado que respeita o indivíduo nas suas necessidades e particularidades, considerando o contexto biopsicossocial e atuando em prol do uso racional/consciente dos medicamentos. Além disso, a ação proporciona ao discente a experiência do contato com as PICs e a atenção básica, para que haja o despertar nessa nova perspectiva do profissional farmacêutico e uma boa contribuição para a formação humanizada.

Durante o isolamento social, devido à pandemia de Covid-19, o projeto se adaptou e passou a desenvolver a divulgação científica através da rede social Instagram, com a elaboração de postagens baseadas em artigos científicos.

As redes sociais e mídias digitais são grandes disseminadoras de informação, pois conseguem transmitir uma diversidade de conteúdos em um curto período, atingindo milhares de pessoas. Segundo relatórios da We Are Social e da Hootsuite, os brasileiros passam em média 9 horas por dia nas redes sociais (WE ARE SOCIAL; HOOTSUITE, 2018). Para o público geral, a divulgação científica através das redes serve como meio de resumo e tradução de resultados de pesquisas científicas em linguagem mais acessível a todos os públicos (PORTELA, 2012). Tal troca de informações tem a função de “[...] democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica” (BUENO, 2010, p. 5).

Logo, o objetivo do projeto foi o de promover a divulgação científica para o público em geral sobre as PICs e

a Covid-19. O intuito das postagens foi o de reunir informações sobre as 29 PICs, seu histórico, como funcionam, quando podem ser utilizadas e os benefícios obtidos com as práticas. Para se ajustar ao âmbito atual de pandemia, também foi visada a elaboração de postagens contendo informações importantes sobre o SARS-CoV 2, como também a utilização das PICs no sentido de prevenir a doença e trabalhar, de forma simples, meios para melhorar a saúde mental da população que precisou praticar o isolamento social.

## 2. Metodologia

Para a realização remota deste trabalho, foi criada, no dia 6 de junho de 2020, uma conta na rede social Instagram – o perfil Florescer Integrativo (@florescer\_integrativo), com foco na divulgação das práticas integrativas e complementares. Já que o perfil teve início durante a pandemia de Covid-19, também serviu para tratar sobre temas relacionados à doença, seja de forma isolada ou fazendo ligações entre ela e as PICs.

Para realizar a divulgação científica, foram elaboradas e publicadas uma série de postagens com foco no *feed* (linha de tempo da rede social), totalizando 91 postagens até então. Uma parte delas foi baseada em temas colhidos através de pedidos dos seguidores da conta com a criação de uma modalidade de postagem denominada “Florescer Integrativo Responde”, por meio da qual as pessoas que interagem com a conta faziam perguntas, tiravam dúvidas ou pediam a abordagem de temas específicos relacionados às PICs ou à Covid-19. Tais publicações foram feitas baseadas em cronogramas mensais, seguidos pelos participantes do projeto.

Com o intuito de realizar a coleta de dados, foi utilizada a aba “Informações”, presente nas configurações do aplicativo da própria rede social, e através da opção “ver informações”, presente individualmente nas postagens.

Para além das publicações nas mídias digitais, o projeto contou com a capacitação prévia dos estudantes participantes, com o oferecimento de cursos *on-line* que

incluíam técnicas de meditação e respiração, de cursos que abordavam a psicopedagogia emocional em tempos de pandemia, de *podcasts* que discutiam o panorama mundial da saúde no momento, de *lives* sobre aromaterapia e sobre PICs em geral e de outros inúmeros cursos oferecidos de forma gratuita pela plataforma AVA-SUS. Houve também reuniões entre os estudantes e os coordenadores do projeto para a tomada conjunta de decisões, o que fez com que o projeto crescesse de forma interligada com alunos e professores.

Além disso, foram realizados encontros na plataforma Google Meet com os participantes da versão presencial do projeto para dar continuidade ao acompanhamento de cada um.

### 3. Resultados e discussão

Até o dia 4 de janeiro de 2021, o perfil alcançou a marca de 342 seguidores, o que mostra que o público alcançado foi superior ao que se tinha quando o projeto ocorria de forma presencial. No formato tradicional, o projeto contava com cerca de trinta participantes. Houve um crescimento de mais de 1000% nesse número, mas, de qualquer forma, o atendimento presencial do projeto continua sendo extremamente importante e não pode ser deixado de lado, já que, inspirado na atenção primária, tem como foco o vínculo com o paciente.

Referindo-se à localidade dos seguidores, a cidade mais alcançada pela extensão foi Recife, totalizando 61,1% das contas. A forma remota do projeto ainda conseguiu alcançar pessoas de outras cidades do estado de Pernambuco, como Olinda, Caruaru, Jaboatão dos Guararapes e Paulista, representando 5%, 4%, 2,9% e 2,8% do total de seguidores, respectivamente. Usuários de outros estados também foram localizados, como pertencentes a Alagoas e à Paraíba. Além disso, ainda houve a presença de seguidores de outros países, como os Estados Unidos.

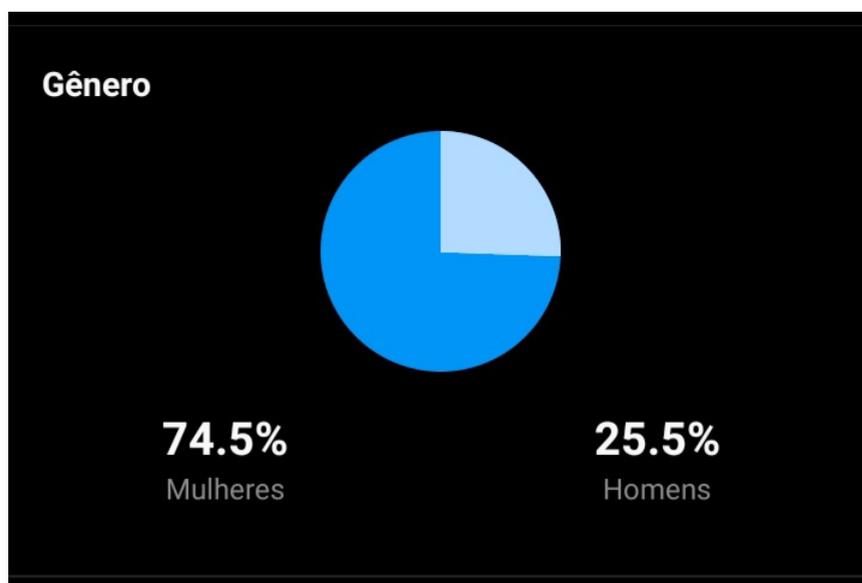
Os seguidores sugeriram postagens com diversos temas, como: as PICs no ambiente de trabalho; no combate

à ansiedade; sobre práticas de meditação; e dúvidas sobre o uso das práticas durante a pandemia de Covid-19 e como coadjuvantes no tratamento da doença.

Todos esses dados mostram que o objetivo de realizar a divulgação científica foi cumprido com êxito, já que a função primordial dessa divulgação é democratizar o acesso ao conhecimento científico, incluindo o cidadão no debate sobre temas especializados que podem impactar suas vidas (BUENO, 2010), sendo as PICs e a Covid-19 os temas em questão.

Pode ser observado que a maioria do público que consome o conteúdo do perfil é do gênero feminino (Figura 1), totalizando cerca de 74,5% do total de seguidores alcançados pela página, enquanto os homens somam apenas 25,5%. Tal resultado pode sugerir um acentuamento na percepção de que a mulher se preocupa mais com a saúde em relação aos homens, realizando mais ações de autocuidado, quando comparado a eles, e preservando a sua saúde e bem-estar. Isso se deve, na maioria das vezes, a uma série de fatores psicossociais e culturais (FERNANDES *et al.*, 2011).

**Figura 1** – Detalhamento por seguidor baseado em gênero



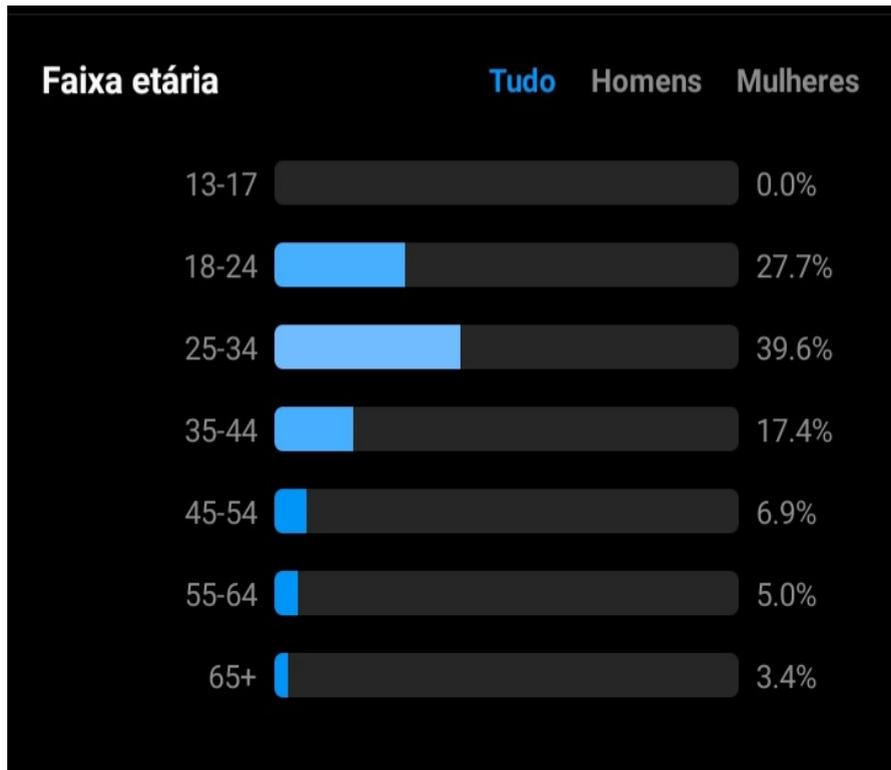
**Fonte:** Captura de tela do aplicativo Instagram, 2020.

Em consonância à versão presencial do projeto, há uma maior presença da participação das mulheres do

que dos homens. Como as atividades do projeto eram oferecidas em um centro de saúde – Serviço Integrado de Saúde (SIS) –, tal observação pode ser explicada pelo fato de que os homens procuram menos os serviços de saúde do que as mulheres, baseados em um modelo hegemônico de masculinidade (GOMES *et al.*, 2007).

Em relação à idade, é perceptível que a maior parte do público se encaixa na faixa etária entre os 18 e 44 anos (conforme Figura 2), sendo possível observar uma maior participação dos jovens-adultos entre os 25 e 34 anos, totalizando quase 40% dos seguidores da página. Isso pode ser explicado pelo acesso majoritário dos jovens à internet e pela presença deles nas mídias e redes sociais em comparação à população da terceira idade (BORDIGNON; BONAMIGO, 2017), embora os integrantes deste último grupo também venham cada vez mais ocupando esse espaço de forma ativa e participativa, mesmo enfrentando dificuldades e não tendo nascido concomitantemente ao advento dessas tecnologias (MARCHI *et al.*, 2020).

**Figura 2** – Detalhamento por seguidor baseado em faixa etária



O aspecto da faixa etária entra em contraste com a realidade do projeto quando as atividades eram realizadas de forma presencial. Isso porque a maior parte do grupo de participantes era composta por pessoas acima dos 45 anos. De qualquer forma, tal público, que compõe o grupo de risco relacionado à idade para a Covid-19, também conseguiu ser alcançado, totalizando mais de 15% dos seguidores.

Ao total, a página recebeu mais de 2.000 curtidas, mais de 100 comentários e mais de 300 compartilhamentos. Os *posts* de maior sucesso foram de temas diversos, entre eles as próprias PICs e suas formas de aplicação; curiosidades e aspectos sobre essas práticas; e a relação das PICs com a saúde mental; além do uso em animais de estimação e de sua aplicação durante a pandemia de Covid-19. Na tabela abaixo, são apresentadas as postagens que tiveram os melhores desempenhos no perfil.

**Tabela 1** – Postagens de temas gerais com os melhores desempenhos no perfil

POSTAGEM	CURTIDAS	COMPARTILHAMENTOS	COMENTÁRIOS	CONTAS ALCANÇADAS
Chás de plantas medicinais utilizados para o controle da ansiedade	71	23	5	284
Você tem tido dores de cabeça e problemas para dormir durante a pandemia de Covid-19? O DO-IN pode ajudar!	69	9	0	294
Vocês conhecem as Práticas Integrativas e Complementares?	66	10	7	269
PICs e Covid-19	59	30	4	252
O que são chakras?	58	19	3	210
Reiki	57	7	0	247
Os animais e as Práticas Integrativas e Complementares	57	25	4	621
Aromaterapia como Prática Integrativa e Complementar	54	9	1	194
Você sabe o que é meditação?	54	10	2	227
Acupuntura auricular	53	5	3	249

Pode ser observado que a postagem mais acessada foi a de “Chás de plantas medicinais utilizados para o controle da ansiedade”, referente à fitoterapia, evidenciando a busca pelo controle da saúde mental, área em que as PICs são amplamente utilizadas (BELASCO *et al.*, 2019). Além disso, houve um grande número de acessos em outras postagens sobre práticas que auxiliam no bem-estar mental, como o DO-IN, para controlar dores de cabeça e o sono, e a aromaterapia para diversos fins. A meditação também foi uma das práticas que recebeu maior atenção do público nas postagens. Essa é uma técnica simples e pode ser praticada de diversas formas, trazendo diversos benefícios à saúde (VARGINHA; MOREIRA, 2020).

As pessoas ainda tiveram interesse em formas de aplicar as PICs em outras áreas de sua vida, como em seus animais de estimação. Essas práticas podem ser utilizadas com diversos objetivos no trabalho com os animais (FOGANHOLLI *et al.*, 2007; GIOVANNI; PIAI, 2010).

As postagens sobre o tema da Covid-19 (Tabela 2) tiveram propósitos diversos como os enfoques mais simples, voltados para informações sobre a doença em si e como a população pode agir para se prevenir da mesma, além do uso das PICs no tratamento da enfermidade e durante a pandemia.

**Tabela 2** – Postagens relacionadas diretamente à Covid-19 com os melhores desempenhos no perfil

POSTAGEM	CURTIDAS	COMPARTILHAMENTOS	COMENTÁRIOS	CONTAS ALCANÇADAS
Você tem tido dores de cabeça e problemas para dormir durante a pandemia de Covid-19? O DO-IN pode ajudar!	69	9	0	294
PICs e Covid-19	59	30	4	252
Quais as PICS podemos utilizar em meio à presença da Covid-19 no país?	46	4	1	218
Uso de calmantes fitoterápicos durante a pandemia do novo coronavírus	32	4	3	163

Como restringir com atenção plena a disseminação do coronavírus – e como manter a calma também	28	9	7	169
A pandemia não acabou só porque você não aguenta mais!	27	10	0	151
Chás de boldo e erva-doce curam a Covid-19?	23	8	2	153
Meditação e ioga como adjuvante no tratamento da Covid-19	18	4	1	112
PICs e a saúde mental dos profissionais de saúde	15	1	1	114
Dicas de prevenção contra a Covid-19	14	0	0	117

**Fonte:** Elaboração própria, com base nos dados do Instagram, 2020.

O uso das PICs para o tratamento da Covid-19 foi incentivado pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) no fim de maio de 2020, considerando as evidências científicas produzidas por órgãos como a Rede de Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas das Américas (MTCI), pelo Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (Cabsin) e o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme/Opas/OMS) sobre o uso das práticas durante a pandemia (BRASIL, 2020).

As postagens realizadas pela conta também abordaram a utilização das PICs para o fortalecimento da saúde mental durante o isolamento social imposto pela pandemia, seja dos pacientes, profissionais de saúde ou do público em geral, que enfrentou o período e as suas diversas consequências, a exemplo do aumento do estresse e da ansiedade. Tal uso foi realizado de forma ampla durante a pandemia, além da procura por essas práticas também ter aumentado (BEZERRA *et al.*, 2020).

Por fim, ainda foram desmentidas *fake news* (notícias falsas) que envolviam as PICs e a doença, como o uso de plantas medicinais para a cura da mesma. Tais notícias falsas foram e ainda são um dos principais problemas durante a pandemia, gerando a veiculação de medicamentos e outros métodos curativos e paliativos sem efi-

cácia, a descrença na ciência, na medicina e nas práticas preventivas, além de reforçar o movimento antivacina (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL, 2020).

Todos os números obtidos pelo perfil foram alcançados de forma orgânica, ou seja, sem qualquer tipo de impulsionamento monetário para a promoção da conta, objetivando fazer com que as postagens fossem alcançadas por mais pessoas fora do campo de alcance comum.

## 4. Considerações finais

O desenvolvimento do projeto permitiu uma série de constatações. Dentre elas, a de que, cada vez mais, há o desejo da sociedade em procurar práticas integrativas e complementares, além das tradicionais, bem como a vontade de melhor se informar sobre essas práticas.

Outro ponto observado foi que, na modalidade de atendimentos presenciais, a maioria do público era de pessoas com idade superior a 45 anos, possivelmente devido à disponibilidade de tempo para frequentar o Serviço Integrado de Saúde (SIS). Por sua vez, o projeto, ao ingressar nas mídias digitais, teve seu maior público distribuído entre jovens e adultos. Ainda assim, a conta do Instagram conseguiu alcançar um quantitativo de pessoas com mais de 55 anos, totalizando 8,4% do público seguidor. Isso demonstra que a inserção desse público nas mídias digitais vem crescendo de forma significativa.

Um fator importante observado com o decorrer do projeto foi que, ao longo dos anos, a ação manteve seu foco na avaliação dos pacientes que participavam dos encontros presenciais do SIS, através dos debates pós-práticas e da anamnese da farmacêutica participante do projeto. A remodelagem pela qual o projeto precisou atravessar em virtude da pandemia do novo coronavírus impactou diretamente os 30 pacientes em acompanhamento no SIS e, apesar da realização de encontros *on-line* através da plataforma Google Meet, foi um grande desafio manter as relações afetivas criadas entre os participantes. A expectativa é de que, com a retomada das práticas após o fim da pandemia de Covid-19, seja possível

também o restabelecimento dos vínculos e das relações afetivas criadas entre a equipe e a comunidade.

Entretanto, com a inserção do projeto nas mídias digitais, foi possível observar o efeito positivo em relação ao ensino didático de inúmeras práticas integrativas sobre as quais grande parte da população não possuía conhecimento. Uma dessas publicações foi sobre a Shantala, que é a massagem realizada em recém nascidos e bebês e traz benefícios como o alívio de cólicas e a melhora do sistema imunológico (SATO; NASCIMENTO, 2000), que trouxe esclarecimento para o público. Ainda foi possível ensinar inúmeras técnicas de meditação e de respiração para quem acompanhava o Instagram, tornando possível sua aprendizagem e prática sem que fosse preciso sair de casa. Em relação às outras práticas integrativas, como o reiki, o perfil do Instagram Florescer Integrativo mostrou de que maneira poderia ser realizado e a forma como ele poderia ser recebido, mesmo que a distância. Outras práticas, como a aromaterapia, também foram pautas da conta, por meio de explicações que sanaram dúvidas de seguidores ensinando como realizá-la de forma simples e em casa, especialmente para o alívio de quadros de estresse pós-pandemia.

Com relação às publicações voltadas ao impacto causado pelo vírus SARS-CoV 2, as postagens buscaram, inicialmente, desmistificar algumas *fake news* em relação ao uso das práticas integrativas frente à pandemia. Para isso, a aprovação da recomendação do uso das PICs na assistência ao tratamento para combater a Covid-19 pelo CNS foi de extrema importância nesse quesito, já que houve um suporte científico para a utilização das PICs em pacientes acometidos pela doença. Ao longo do ano e na chamada “pós-quarentena”, em que as medidas de isolamento social começaram a ser “afrouxadas”, houve a presença de mais publicações voltadas às maneiras de se comportar ao sair de casa e às idas a restaurantes e praias, fazendo com que o projeto abordasse outras áreas, além dos informes sobre PICs.

Por fim, o projeto conseguiu atingir seu objetivo, demonstrando resultados satisfatórios em relação ao público atingido e contribuindo para o enfrentamento à pandemia de Covid-19. A expectativa dos alunos e profes-

res envolvidos é que, após o retorno às práticas de forma presencial, seja possível a continuação da disseminação de informações a respeito das práticas integrativas e complementares, através da própria mídia, de divulgação de folhetos, de reuniões com os pacientes do SIS e da promoção de eventos relacionados às PICs, como o Evento da Primavera, que ocorre anualmente e está vinculado ao projeto.

BELASCO, I. C.; PASSINHO, R. S.; VIEIRA, V. A. Práticas integrativas e complementares na saúde mental do estudante universitário. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 103-111, 2019.

BEZERRA, D. R. C. *et al.* Uso das práticas integrativas e complementares no período de isolamento social da Covid-19 no Brasil. *Research, Society and Development*, Itajubá, v. 9, n. 11, p. 1-24, 2020.

BORDIGNON, C.; BONAMIGO, I. S. Os jovens e as redes virtuais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rei, v. 12, n. 2, p. 310-326, mai./ago., 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude e ampliação de acesso*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2006. p. 92. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Covid-19: CNS recomenda divulgação de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICs) na assistência ao tratamento. *Conselho Nacional de Saúde*, 26 maio 2020. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1196-covid-19-cns-recomenda-divulgacao-de-praticas-integrativas-e-complementares-em-saude-pics-na-assistencia-ao-tratamento>. Acesso em: 4 jan. 2020.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: Aproximações e rupturas conceituais. *Informação e Informação*, Londrina, v. 15, n. esp., p. 1-12, 2010.

DACAL, M. P. O.; SILVA, I. S. Impactos das práticas integrativas e complementares na saúde de pacientes crônicos. *SAÚDE DEBATE*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 118, p. 724-735, jul./set., 2018.

FERNANDES, R. A. *et al.* Gênero e Saúde: o cuidar do homem em debate. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 152-166, 2011.

FOGANHOLLI, J. N. *et al.* A utilização da acupuntura no tratamento de patologias na medicina veterinária. *Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária*, Garça, v. 9, n. 1, p. 1-7, 2007.

GIOVANNI, L. H.; PIAI, V. S. O uso da acupuntura no auxílio à terapia da doença idiopática do trato urinário inferior dos felinos. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 40, n. 3, p. 712-717, 2010.

GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F.; ARAÚJO, F. C. Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 565-574, mar., 2007.

MARCHI, B. F.; ROSSETTI, C. B.; COTONHOTO, L. A. Idosos e redes sociais digitais: um estudo exploratório. *Estud. interdiscipl. envelhec.*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 21-40, 2020.

OTANI, M. A. P.; BARROS, N. F. A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 1801-1811, 2011.

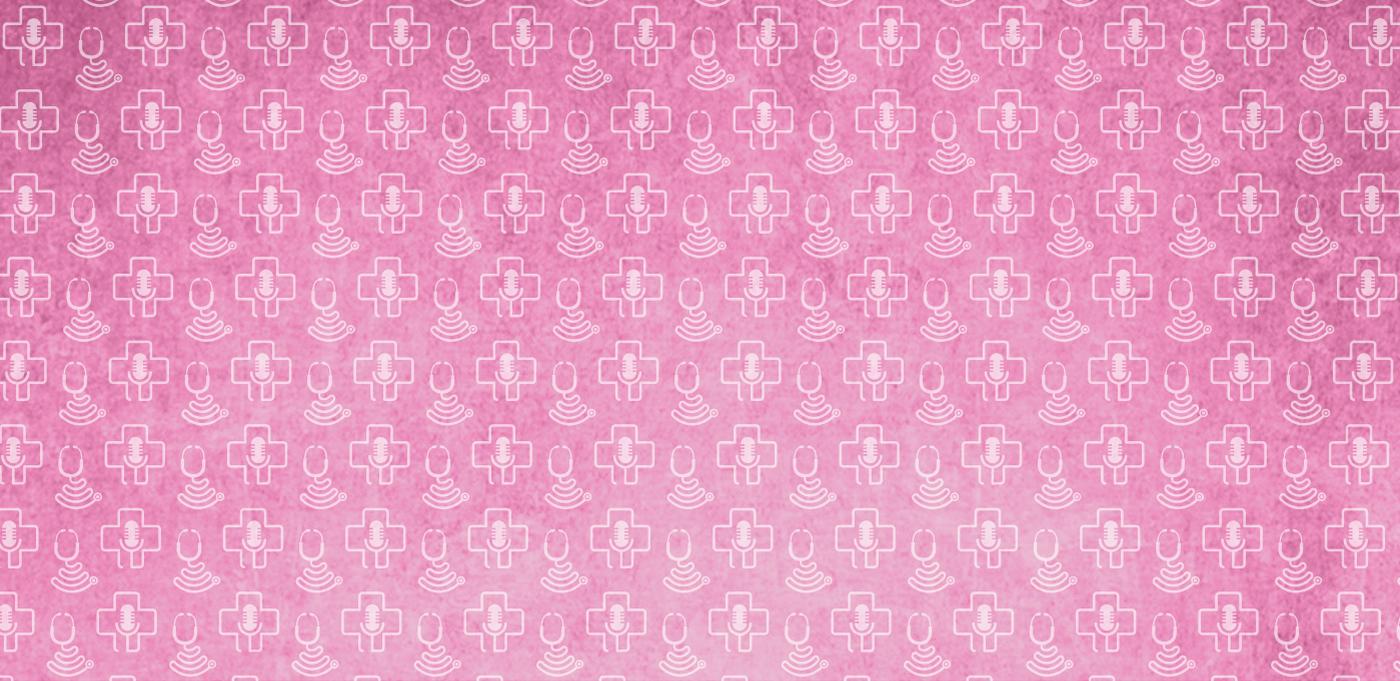
PORTELA, G. Redes sociais apontam novos rumos para comunicação científica. *Fundação Oswaldo Cruz*, 27 ago. 2012. Disponível em: <https://www.iciict.fiocruz.br/content/redes-sociais-apontam-novos-rumos-para-comunicacao-cientifica>. Acesso em: 7 jan. 2021.

SATO, G.; NASCIMENTO, M. J. P. Estímulo ao vínculo mãe e filho através do toque. *Rev. Enferm. UNISA*, São Paulo, v. 1, p. 59-62, 2011.

VARGINHA, E. S.; MOREIRA, A. S. S. Meditação e seus benefícios na promoção da saúde. *Revista de Medicina de Família e Saúde Mental*, Teresópolis, v. 2, n. 1, p. 13-21, 2020.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. Covid-19, as *fake news* e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 7, p. 1-12, 2020.

WE ARE SOCIAL. *Digital in 2018: world's internet users pass the 4 billion mark*, 30 jan. 2018. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>. Acesso em: 7 jan. 2021.



# **PRODUÇÃO DE RADIONOVELAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: um relato de experiência**

RADIO SOAP OPERAS PRODUCTION IN THE  
COVID-19 PANDEMIC: an experience report

**Giovana Borges Mesquita**

(Doutora em Comunicação, Professora do Centro  
Acadêmico do Agreste, UFPE)

**Sheila Borges de Oliveira**

(Doutora em Sociologia, Professora do Centro Acadêmico do Agreste, UFPE)

**Sarah Rebeka Rêgo de Souza**

(Graduanda em Comunicação Social, Centro Acadêmico do Agreste, UFPE)

**Vitória Regina Oliveira Lima**

(Graduanda em Comunicação Social, Centro Acadêmico do Agreste, UFPE)

Este texto se refere ao projeto de extensão “Radionovela: literatura nas ondas do rádio”, aprovado por meio do Edital 2019-03 - de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão (Acex). A ação é coordenada por Giovana Borges Mesquita (doutora em Comunicação, professora do Centro Acadêmico do Agreste, UFPE) e vice-coordenada por Sheila Borges de Oliveira (doutora em Sociologia, professora do Centro Acadêmico do Agreste, UFPE). A equipe de trabalho é composta pelos estudantes: Alex de Sales Tôrres (*Design*); Emilly Lorena Monteiro da Silva (*Design*); Gabriel Pedroza da Silva Vieira (Comunicação Social); José César Martins de Lima (Comunicação Social); Lucas Santos da Silva Gomes (*Design*); Maria Cecília Leal Távora (Comunicação Social); Sarah Rebeqa Rêgo de Souza (Comunicação Social); Victória Maria Bezerra de Mélo Santos (Comunicação Social); e Vitória Regina Oliveira de Lima (Comunicação Social).

## Resumo

Este texto é um relato de experiência sobre a produção do projeto de extensão “Radionovela: literatura nas ondas do rádio” durante a pandemia do novo coronavírus. O projeto, desenvolvido por estudantes e professores do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), tem como principal objetivo integrar a sociedade e a universidade através da criação de radionovelas com adaptações de autores nordestinos, que possuem textos de leitura obrigatória para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e demais vestibulares. Neste trabalho, é relatado como se deu o processo de produção, desde a idealização até a divulgação das radionovelas nas redes sociais.

**Palavras-chave:** Comunicação. Radionovela. Mídias sonoras. Covid-19.

## Abstract

The article is an experience report on the production of the extension project “Radionovela: literatura nas ondas do rádio” during the pandemic of the new coronavirus. The main objective of the project, developed by students and professors at the Centro Acadêmico do Agreste (CAA), of the Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) is to integrate society and the university through the creation of radio soap operas, with adaptations of Northeastern authors, who have mandatory reading texts for the Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) and entrance exams. In this work, it is reported how the production process took place, from the idealization to the dissemination of radio soap operas on social media.

**Keywords:** Communication. Radio soap operas. Sound media. COVID-19.

## 1. Introdução

Com o objetivo de promover a integração entre a universidade e a sociedade, o projeto de extensão “Radionovela: literatura nas ondas do rádio”, desenvolvido por estudantes e professores do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é voltado à criação de radionovelas, com adaptações de obras de autores nordestinos que possuem textos de leitura obrigatória para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e demais vestibulares. O projeto tem por finalidade facilitar o acesso de estudantes secundaristas às obras exigidas para a realização dos exames, tendo como diferencial a ampliação desse acesso para alunos cegos. Possibilita, ainda, por meio da dramatização e do entretenimento, um contato agradável com obras consideradas densas por esse público, viabilizando, dessa forma, uma relação transformadora entre a universidade e a sociedade por meio da produção, socialização, memória e difusão de conhecimentos (PROEXC, 2020).

Em março de 2020, quando a UFPE suspendeu as aulas devido à pandemia de Covid-19, a equipe do projeto enfrentou o desafio de utilizar a literatura como um caminho para chamar a atenção dos jovens para a maior crise sanitária do século XXI. Com a redefinição do pro-

jeto, a peça "O Auto da Compadecida", escrita por Ariano Suassuna, em 1955, foi adaptada para uma mídia sonora tendo a pandemia de Covid-19 como um argumento central para a construção da radionovela. "O Auto da Compadecida em tempos de Covid" envolveu uma equipe de redação, produção, direção, edição, divulgação e monitoramento de redes sociais, formada por sete estudantes, além de mais de 14 radioatores e radioatrizes com a orientação e coordenação de duas professoras do curso de Comunicação Social do CAA/UFPE. Todos trabalharam de suas casas.

A radionovela<sup>1</sup> foi dividida em nove episódios adaptados, gravados e veiculados entre os dias 6 de maio e 4 de junho de 2020. Para realizá-la, mantendo todos os estudantes e professores em suas residências, foram feitos encontros com a equipe por meio de grupo de discussão *on-line*, com o intuito de orientar e informar diariamente os estudos sobre as etapas do processo. As reuniões aconteciam semanalmente para discutir o roteiro, as questões técnicas das gravações, a trilha sonora, a sonoplastia, a edição, a veiculação e a divulgação em redes sociais e nos veículos de mídia, sobretudo os educativos, públicos e comunitários. Junto à produção sonora, foram elaboradas estratégias para as redes sociais, pensadas não só para divulgar o conteúdo entre os jovens, público-alvo da radionovela, mas também para buscar interatividade com outros grupos.

Ainda durante a pandemia de Covid-19, em comemoração ao centenário da escritora Clarice Lispector, o projeto de extensão fez a adaptação da obra "Hora da Estrela", publicada em 1977. Novamente, a equipe sofreu com as limitações impostas pelo distanciamento físico e realizou todo o trabalho de forma remota. Ao todo, a adaptação contou com três capítulos, que foram produzidos durante o mês de novembro de 2020. A etapa de divulgação do produto ocorreu no mês de dezembro do mesmo ano.

Para a realização do projeto de extensão "Radionovela: literatura nas ondas do rádio", partimos do que Kischinhevsky (2016) chama de rádio expandido, conceito que está na centralidade da atual produção sonora por

1 A radionovela "O Auto da Compadecida em Tempos de Pandemia" está disponível em: <https://open.spotify.com/show/1U35i3kWP5BWwZPCqEQgKf>.

meio de um transbordamento dos conteúdos da rádio tradicional para outras plataformas, como computadores, *tablets*, celulares, televisões por assinaturas e redes sociais. Isso sinaliza também para uma mobilização da audiência.

Ao transbordar as ondas hertzianas<sup>2</sup>, o rádio chega às mídias sociais a partir da própria capacidade de ubiquidade da internet, com possibilidade de se espalhar por todos os lugares, podendo ser captado por diversas plataformas. Na grande rede, os formatos do rádio se modificaram, tornando-se cada vez mais híbridos. As empresas, por sua vez, passaram a oferecer produtos gravados, produzidos sob demandas específicas da audiência, aportados em *sites* e espaços de redes sociais. Isso sem falar nos *podcasts*, que oferecem uma nova forma de consumo dos conteúdos sonoros, levando-os para mais distante, uma vez que possibilitam o compartilhamento de informações, sobretudo em áudio. Nessa perspectiva de rádio expandido, o projeto “Radionovela: Literatura nas ondas do rádio” busca “espalhar” seu conteúdo usando o máximo de possibilidades de compartilhamento da produção radiofônica.

Além de propor um relato de experiência, este artigo também se propõe a fazer uma revisão bibliográfica para refletir sobre temáticas relacionadas à radionovela (CALABRE, 2007), ao rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), aos gêneros radiofônicos (BARBOSA FILHO, 2003) e aos *podcasts* (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008).

## 2. Adaptação made in Pernambuco

Apesar da importância que o rádio tem como serviço de utilidade pública, o veículo também ganhou força com outros gêneros. No período conhecido como “época de ouro” do rádio, entre as décadas de 1930 e 1940, um gênero que ganhou destaque foi a radionovela, que, segundo Barbosa Filho (2003), está inserido na categoria

2 Ondas eletromagnéticas de frequências abaixo de 3000 GHz, propagando-se no espaço sem guia artificial.

de entretenimento, mais especificamente em programa ficcional de drama.

Os antigos folhetins impressos foram logo incorporados pelo rádio durante a sua expansão no Brasil. Segundo Chaves (2007), a radionovela surgiu com a Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a Rádio São Paulo, que se tornaram especialistas na produção do gênero. Vaz Filho (2008) destaca que o pioneirismo de uma história seriada no rádio se deu com a Rádio Clube de Pernambuco, que, por meio do produtor Luiz Beltrão Maranhão, produziu a adaptação de "Senhora do Engenho", romance do escritor Mário Sette, em 1938. Todavia, a primeira obra caracterizada como radionovela, no Brasil, foi a adaptação feita por Gilberto Martins, "Em Busca da Felicidade", do cubano Leandro Blanco. A estreia do gênero, que foi sucesso na época de ouro do rádio, ocorreu em 5 de junho de 1941, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O país passou a ser um consumidor da dramaturgia cubana, com alguns ajustes para atender o público brasileiro. Isso porque "os textos cubanos eram considerados excessivamente dramáticos" (CALABRE, 2007, p. 51).

Com o advento da internet e das tecnologias digitais, apesar das mudanças, o rádio vem sendo fortalecido, uma vez que é possível ampliar a veiculação dos produtos e programas radiofônicos ao mesmo tempo que a interatividade, que sempre foi uma de suas características, tem potencialidade para ser amplificada graças aos transbordamentos das produções para as redes sociais. Nelas, os novos receptores convertem-se, cada vez mais, também em emissores, graças às condições inéditas de produção (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008).

O advento de *podcasts* foi uma das maneiras dessa mídia sonora se reinventar, atraindo os jovens, que constituíam um público pouco acostumado a consumir os produtos veiculados no rádio analógico. Consoante a isso, Herschmann e Kischinhevsky (2008) destacam que:

O *podcasting* desperta especial interesse devido ao fato de que o meio rádio – que já foi veículo privilegiado em projetos de construção de identidades nacionais e esvaziou-se ao longo das últimas décadas – vive um momento de redefinição, diante da revolução trazida pela

convergência tecnológica (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p. 102).

A imagem do rádio como mídia tradicional está vinculada a hábitos de gerações mais velhas, que sintonizam a mídia pelas ondas hertzianas para acompanhar uma programação já pré-definida pelas emissoras radiofônicas. Os jovens resgataram o consumo do veículo quando passaram a sintonizá-lo pelo celular, através de aplicativos, sem seguir as regras das grades das empresas de rádio, o que só foi possível com a convergência tecnológica. Ou seja, o rádio está no equipamento tradicional, mas também expandiu-se com a internet, passando a ser captado no celular, na TV e em qualquer equipamento com canal aberto para a internet.

Herschmann e Kischinhevsky (2008, p. 101) observam que os jovens se sentem atraídos pelo *podcast*, sobretudo por causa “da ausência de regras rígidas. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e de temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio dos diretórios”.

Foi nesse cenário que o rádio se reinventou com a internet e com os avanços tecnológicos, criando, por um lado, para os que fazem rádio, novas formas de expandir o conteúdo, organizado e estruturado para as várias possibilidades de escuta, e, por outro lado, para os que consomem o rádio, novas formas de recepção e participação, ampliando a capacidade de comunicação dessa mídia que se reestrutura diante das novas tecnologias.

O rádio expandido permite, para Kischinhevsky (2016), não só a ampliação da interação, mas a possibilidade de o rádio acionar as características da multimídia, hipertextualidade, personalização e memória por meio da internet.<sup>3</sup>

---

3 Para Kischinhevsky (2016), a multimídia acontece com o uso da linguagem de múltiplas mídias. A hipertextualidade é acionada quando o texto oferece *links* para que o leitor possa acessar mais informações sobre determinados fatos em outras plataformas, podendo, assim, aprofundar o conhecimento adquirido. A personalização se realiza em um ambiente de narrativa multilinear, quando o leitor pode escolher o que quer escutar e como vai consumir. A característica da memória, no rádio expandido, é deflagrada quando um banco de dados é formado para que qualquer pessoa possa escolher o conteúdo que quer consumir e guardar.

Para Kischinhevsky (2016, p. 133), “o rádio expandido, remediado pelos meios digitais, pode oferecer não apenas seus elementos sonoros tradicionais – voz, música, efeitos –, mas também imagens, vídeos, gráficos, *links* para *blogs* e toda uma arquitetura de interação”. Quem realiza projetos para o rádio precisa compreender esse novo universo do rádio expandido, que vai para além do rádio tradicional, transbordando para as mídias sociais, para os aplicativos, celulares e para as redes sociais, conectando produtores e consumidores e, conseqüentemente, deixando esse limite entre os dois grupos cada vez mais flexível. A linguagem radiofônica vai se reconfigurando ao se apropriar das características da própria internet, que oferece essa multimídia e permite a hibridação dos formatos.

É a partir dessa reconfiguração do rádio que o projeto de extensão “Radionovela: literatura nas ondas do rádio” é produzido, visando utilizar todas essas potencialidades. As radionovelas podem ser consumidas tanto pelos ouvintes das emissoras educativas e comunitárias quanto pelas redes sociais de modo geral e também por diversos serviços de *streaming* de música e vídeo. No próximo tópico, destacamos todo o processo de produção, que envolve várias etapas.

### 3. Produção de "O Auto da Compadecida" em tempos de pandemia

O processo de produção de uma radionovela envolve a adaptação do texto literário, a escalação do elenco e do narrador, a direção de atores, o planejamento da captação de áudio, a produção de efeitos sonoros, a escolha de músicas, a gravação, a edição e a montagem. Na radionovela "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia", as diversas funções foram divididas entre os estudantes por grupos: quem seria responsável pela adaptação do texto, pela edição, pela narração, pela sonoplastia, pela direção dos radioatores e radioatrizes e pelas redes sociais.

O processo de adaptação do texto original exigiu certo cuidado para que as livres alterações na história não descaracterizassem a obra original. Também foi um momento em que foi exigido uma total atenção para a linguagem sonora, que, como destaca Ferrareto (2006), é composta não só da palavra, mas também do som, dos efeitos e do silêncio. No texto "A Adaptação Literária em Programa Radiofônico", Cabello (2000) levanta discussão sobre alguns pontos da transcodificação de obras da literatura para o rádio e traz também as fases de uma adaptação literária:

A transcodificação da obra literária - para o meio de comunicação mais fugidio - pressupõe um trabalho de construção sonora dessa obra. Para dar conta dessa transposição, torna-se indispensável perpassar pelas seguintes fases: (a) a fase de preparação que consiste na elaboração do texto e do roteiro, (b) a fase da execução que consiste nos ensaios e na definição da interpretação requerida, (c) a fase da produção que consiste na gravação, e (d) a fase da pós-produção que consiste numa revisão geral (CABELLO, 2006, p. 30).

O processo de criação do texto de adaptação do "Auto da Compadecida" para a inclusão da temática da Covid-19 foi feito com a inserção de, pelo menos, três personagens, que não constavam na obra original: o Capitão Covid, o prefeito de Taperoá e o jornalista. O Capitão Covid, que substitui o Capitão Severino de Aracaju, personagem da obra original, foi utilizado na adaptação para chamar atenção para a pandemia. Ele foi colocado na radionovela como um justiceiro, que vem cobrar dos poderosos as ações que impactaram o meio ambiente, causando a morte de milhares de pessoas.

A entrada do prefeito Teobaldo, um cumpridor de ordens do major Antônio Moraes, é uma crítica a alguns governantes, que não assumem sua responsabilidade no controle da pandemia. Já a incorporação do jornalista à adaptação teve a intenção de chamar a atenção para o papel do jornalismo em uma sociedade democrática, mostrando à população o quanto é importante buscar fontes confiáveis de informação, evitando cair no perigo

da circulação de *fake news*. O jornalista também teve o papel de conscientizar a população para cuidados como lavar as mãos e ficar em casa. Assim, a narrativa foi dividida em três fases.

Na primeira, os habitantes de uma pequena cidade do interior da Paraíba ficam sabendo da chegada de um inimigo terrível, que está matando muita gente em outros lugares e que se aproxima de Taperoá. Na segunda, os moradores da cidade lidam com a chegada do Capitão Covid, que espalha mortes, medo e terror por onde passa. Na última fase, acontece o julgamento das pessoas que, por causa de seus interesses econômicos ou políticos, contribuíram de alguma forma para milhares de mortes.

A cada capítulo, buscamos fazer referências ao que estava acontecendo no Brasil no momento da pandemia, a exemplo da produção de uma falsa água benta, feita pelos personagens João Grilo e Chicó, que representava na ficção uma corrida por dinheiro, semelhante ao que alguns líderes religiosos fizeram e fazem durante a pandemia, aproveitando-se da fé e do desespero das pessoas para lucrar. As atitudes do major Antônio Moraes, que demonstra desconsiderar a necessidade de se adotar medidas de isolamento social por interesses econômicos e políticos, também são inspiradas na realidade.

Na maioria dos diálogos, procuramos chamar a atenção, ainda que de uma forma lúdica, para a importância dos cuidados com as pessoas durante a pandemia. A ideia foi criar um texto crítico, com a responsabilidade que o momento exige, mas utilizar do humor já existente na obra para levar informação às pessoas. Com capítulos lançados semanalmente, os roteiros seguiram a linha de produção da radionovela, sendo pensados de acordo com o que ocorria diariamente no cenário real da pandemia. Com o roteiro escrito, a outra etapa da produção era a gravação das falas dos radioatores e radioatrizes, que dariam vida aos personagens da radionovela.

### **3.1 A direção dos radioatores em "O Auto da Compadecida" em tempos de pandemia**

Devido às limitações impostas pela Covid-19, a direção dos 14 radioatores e radioatrizes de "O Auto da Com-

padecida em tempos de pandemia" foi realizada de forma remota, com o suporte de aplicativo de rede social de mensagens instantâneas, ferramenta que foi usada para facilitar a comunicação entre a responsável pela direção e os radioatores e as radioatrizes. Por meio do aplicativo, foram distribuídos os *scripts* da radionovela, realizada a direção do grupo e recebidas as gravações das falas.

O processo de direção da radionovela foi dividido em três etapas: (1) a seleção do elenco, momento em que foram escalados estudantes dos cursos de Comunicação Social e *Design* do CAA/UFPE, que demonstraram interesse em contribuir com a locução da radionovela após convites feitos pela diretora de elenco; (2) a direção das falas, momento em que a diretora orientava sobre os ritmos que deveriam ser adotados pelos radioatores e pelas radioatrizes durante as gravações; e (3) o envio do material gravado para a edição.

Vale destacar dois pontos observados no trabalho de direção. O primeiro deles é a superação de limites territoriais para a atuação dos radioatores e radioatrizes. O distanciamento físico, causado pela pandemia, impediu que as gravações fossem realizadas de maneira presencial, mas não limitou a incorporação na radionovela, de maneira remota, dos 14 estudantes das diversas cidades do Estado de Pernambuco, que têm aula no CAA, sediado em Caruaru (PE).

Outro aspecto percebido, o segundo ponto, é que a maioria dos estudantes que emprestaram suas vozes aos personagens da radionovela, já tinha cursado as disciplinas eletivas "Oficina de Texto" e "Criação e Produção para Mídias Sonoras". Ou seja, a maioria já havia realizado trabalhos teóricos e práticos para mídias sonoras. Para gravar as falas, foi utilizada a ferramenta de áudio do WhatsApp e outros aplicativos gratuitos, como o gravador de voz. As gravações eram enviadas por redes sociais de mensagens instantâneas, mesmo espaço onde também ocorria a direção das falas.

A análise dos áudios era feita pela diretora de elenco, sendo liberados para a editora se estivessem de acordo com o planejado no *script*, ou para a regravação, caso fosse necessário. O envio do material para a pessoa responsável pela edição foi realizado através do serviço de

armazenamento e sincronização de arquivos. No serviço de armazenamento de arquivos, as gravações foram disponibilizadas em pastas organizadas pelo número de cada episódio. O diálogo entre a diretora e a editora da radionovela, feito por redes sociais de mensagens instantâneas, foi fundamental para que ocorresse o desenvolvimento desta etapa da produção.

Por fim, após a divulgação da primeira versão do episódio da radionovela, as orientadoras do projeto determinavam se era necessário ou não regravar as falas. Se fosse, a diretora solicitava que o radioator ou a radioatriz regravasse a fala e, em seguida, a diretora enviava o material novamente para a edição. Com todas as falas gravadas, as etapas seguintes foram a edição e a montagem, que, como outras etapas da produção, sofreram modificação por causa da pandemia.

### **3.2 A edição e montagem de "O Auto da Compadecida" em tempos de pandemia**

O processo de edição da radionovela "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia" foi mais lento em comparação à edição das outras radionovelas, produzidas pelo projeto e gravadas em estúdio. Devido ao momento de quarentena e de distanciamento físico, os áudios com as falas dos radioatores e radioatrizes foram gravados na casa dos estudantes, onde muitas vezes não havia isolamento acústico e microfones profissionais. Com esse panorama, foi preciso um tempo extra, destinado para a melhoria da qualidade do áudio. A edição precisou trabalhar a redução do ruído ambiental, que, inevitavelmente, vinha com os áudios, apesar dos esforços dos estudantes de gravar à noite, momento de maior silêncio em casa, na tentativa de produzir um áudio mais "limpo". Além da redução do ruído ambiental, a edição se preocupou em suavizar alguns ruídos naturais captados durante a gravação.

Concluída a etapa de tratamento dos áudios, a editora organizava as gravações, colocando as falas na ordem correta, de acordo com o roteiro. As habilidades da edição foram testadas à medida que teve que criar diversas ambientações e efeitos sonoros, que levassem o ouvinte

ao cenário onde estava sendo narrada a história, uma cidade do interior paraibano, que ficou conhecida graças à obra de Ariano Suassuna. Tanto as músicas de fundo (BG) quanto os sons de portas batendo, pessoas correndo e fogo queimando no inferno demandaram muita pesquisa e testes para perceber se se encaixavam nas respectivas cenas de uma forma harmônica.

Por diversas vezes, não foram encontrados sons específicos na internet e, por isso, a editora teve que fazer o *foley*<sup>4</sup> por conta própria, ou seja, gravar a sonoplastia utilizando alguns recursos, como obter som de um livro pesado batendo em uma mesa de madeira. O objetivo era fazer com que o ouvinte entrasse na cena e não apenas a escutasse.

Além da sonoplastia, outro elemento relevante na radionovela é a trilha sonora, usada na abertura e no encerramento do programa, e as músicas de fundo (BG) ao longo da trama, que contribuem para aumentar a emoção da cena (tristeza, alegria, tensão, dentre outras). Na radionovela, alguns personagens protagonistas ganharam um BG característico, possibilitando ao ouvinte, assim, associar a música ao personagem e, além disso, perceber, ao longo dos episódios, quando ele entrava em cena. A trilha sonora de "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia" é inédita e foi criada por um professor do curso de Comunicação, que também é músico, em parceria com um dos radioatores. Vale destacar que, além da produção da radionovela, foram pensadas estratégias para a divulgação do produto em redes sociais.

### 3.3 A veiculação da radionovela e as estratégias das redes sociais

No processo de veiculação da produção da radionovela, foi necessário o estudo da plataforma de ancoragem dos episódios e a análise das métricas das redes sociais de compartilhamento de fotos e vídeos. Por meio dessas pesquisas, a equipe que gerenciou as redes pensou em estratégias de construção de conteúdos que, além de

---

4 *Foley* é a reprodução de efeitos sonoros complementares de um filme, de um vídeo ou de outros meios audiovisuais na pós-produção para melhorar a qualidade do áudio.

ampliar a audiência da radionovela, também pudessem obter novas formas de interatividade com internautas de vários estados brasileiros e de outros países.

Como o objetivo central do nosso projeto é facilitar, por meio de radionovelas, o acesso de estudantes secundaristas a obras exigidas para as provas de vestibulares e do Enem, toda a produção dos conteúdos para uma das redes sociais de compartilhamento de fotos e vídeos foi pautada em postagens informativas com o propósito de contribuir com o entendimento das obras, abordando o cenário das histórias, a vida dos autores e a construção de alusões sobre as temáticas presentes na narrativa e na sociedade em que vivemos.

As mídias da radionovela buscaram promover a cultura nordestina, bem como envolver os usuários das redes sociais. Dessa forma, o planejamento incluiu, além da criação de conteúdos atrativos, o monitoramento de tráfego de pessoas e de horários para postagens em plataformas digitais de músicas e vídeos. A equipe das redes sociais incorporou o trabalho de assessoria de imprensa, divulgando os *releases* para os veículos de comunicação, *sites* e *blogs*.

Além da divulgação realizada por meio das plataformas digitais e pelos veículos de comunicação, a radionovela também foi divulgada em redes sociais de mensagens instantâneas, em grupos de universitários e de seus familiares, de docentes, de escolas e de pesquisadores, tendo em vista que essa divulgação consegue alcançar pessoas que não têm acesso às plataformas de *streaming*. A divulgação de cada episódio era simultânea em todas as redes e plataformas; assim, o público das diferentes plataformas digitais recebiam os episódios ao mesmo tempo.

Por fim, o trabalho da equipe de mídias sociais foi além e construiu uma parceria com o Galo da Redação, uma *startup* educacional do Agreste de Pernambuco, que visa promover cursos presenciais e *on-line* para a preparação em redação a partir de metodologias ativas. Várias alusões em formato de vídeos foram feitas, trazendo assuntos diversos que englobam a obra. A ideia era envolver os jovens, de maneira dinâmica e interativa, atraindo-os para o nosso projeto de extensão. Apesar de se tratar de um conteúdo de mídia sonora, o projeto também pen-

sou na identidade gráfica da radionovela e incorporou dois estudantes do curso de *Design* do CAA/UFPE.

### 3.4 A produção de materiais gráficos de "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia"

A incorporação dos estudantes de *Design* resultou na produção dos materiais gráficos usados nas veiculações da radionovela nas mídias sociais e nas plataformas de *streaming* de música e *podcast*. A cada veiculação de um episódio, foram produzidos *cards* para as publicações nas redes sociais com os títulos do capítulo e uma ilustração do personagem protagonista do episódio. Ao todo, foram confeccionados nove *cards* de divulgação.

Todos os elementos visuais trazidos nos *cards* dos capítulos foram pensados a partir da estética presente nas décadas de 1920 a 1940. As ilustrações foram elaboradas como forma de trazer uma maior conexão com o público, visto que elas eram as representações dos próprios radioatores e das radioatrizes.

Apesar de toda a influência dos dois movimentos artísticos destacados anteriormente, a identidade visual, família tipográfica, ornamentos e demais componentes de "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia" foram planejados dentro de uma estética atemporal, para que não houvesse uma quebra de continuidade da identidade visual com os lançamentos das próximas radionovelas do projeto de extensão, que têm épocas e contextos diferentes. Depois de explicarmos todo o processo de elaboração da radionovela "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia", vamos apresentar o processo de criação e produção da segunda radionovela feita de forma remota em 2020: "A Hora da Estrela".

## 4. A Hora da Estrela

Em dezembro de 2020, a equipe do projeto "Radionovela: literatura nas ondas do rádio" lançou "A Hora da Estrela", adaptação da obra de Clarice Lispector. Com três

capítulos, o produto seguiu a mesma linha de produção de "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia", uma vez que foi gravado, produzido, editado e divulgado de forma remota.

A radionovela não teve elementos relacionados ao novo coronavírus ou à pandemia. Ela seguiu a narrativa usada por Clarice Lispector, sendo uma adaptação fiel à obra. Assim como ocorreu em "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia", a direção dos radioatores e radioatrizes ocorreu por meio de rede sociais de mensagens instantâneas. O envio do material para a pessoa responsável pela edição foi feito por um serviço de armazenamento de arquivos. A edição do material também ocorreu de forma similar à da adaptação da obra de Ariano Suassuna, pois, além de editar os áudios, o responsável por essa função também realizou a sonoplastia dos capítulos. "A Hora da Estrela" foi pensada para ser veiculada próximo ao fim do ano letivo e, assim, ser um produto que pudesse entreter os estudantes na reta final das aulas.

Toda a produção visual dos *cards* dos episódios foi feita em homenagem a Clarice Lispector, reconhecida recentemente como patrona da literatura de Pernambuco. Para isso, a equipe de *design* utilizou uma tipografia com corpo e terminações arredondadas que remetem aos letreiros vernaculares de Pernambuco. Os figurinos da ilustração foram inspirados na adaptação cinematográfica brasileira dessa obra literária, compondo, junto à ilustração, a identidade visual do projeto.

Ao todo, foram produzidos três capítulos, todos explorando a obra de Lispector e dando vida à história de Macabéa, a personagem protagonista de "A Hora da Estrela". Nessa fase, não houve alusões, apenas a veiculação dos capítulos nas redes sociais e nas plataformas de *streaming*, o que resultou em números consideráveis de engajamento, curtidas e compartilhamentos.

## 5. Conclusões

Este trabalho se propôs a fazer um relato de experiência do projeto "Radionovela: literatura nas ondas do rá-

dio". Compreendemos que o projeto vem alcançando o que se espera de uma ação de extensão, ou seja, ser um "processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade" (FORPROEX, 2010, n. p.). Além da contribuição na formação do estudante, o maior impacto do projeto é a possibilidade de auxiliar estudantes e democratizar o conhecimento a partir da radionovela. O projeto mostrou a sua relevância ao ganhar o primeiro lugar do prêmio Rubra de Rádio Universitária na categoria radiodrama. A experiência do projeto resultou ainda em artigos científicos, publicados nos anais do Congresso de Comunicação (Intercom) e aceitos para publicação na revista *Tempus*, da Universidade de Brasília (UnB).

As adaptações também foram veiculadas em rádios educativas e públicas, como as rádios Universitária e Paulo Freire, ambas da UFPE; Frei Caneca, da Prefeitura do Recife; a Rádio UFMA, da Universidade Federal do Maranhão – *campus* Imperatriz e a Rádio UFOP, da Universidade Federal de Ouro Preto, além de uma dezena de outras rádios comunitárias pernambucanas, o que contribuiu para levar a mensagem para variados públicos. Junto a isso, a utilização das redes sociais, que faz com que o conteúdo sonoro se expanda, alcançou ouvintes de diversos estados do país e de fora dele, a exemplo de países como Portugal, Espanha, França, Argentina e Alemanha.

Não menos importantes, outros ganhos dessa produção são: o aprendizado conjunto de conseguir colocar no ar, semanalmente, duas vezes por semana, episódios que eram escritos, gravados, editados, montados e veiculados, a partir de um trabalho realizado com uma equipe de 21 pessoas, dividida em pelo menos 14 cidades diferentes, no caso de "O Auto da Compadecida em tempos de pandemia"; e a superação de problemas emocionais – visto que o momento atual de uma pandemia tem agravado essa questão – e técnicos, uma vez que muitas dessas cidades sofrem com problemas, a exemplo da dificuldade de acesso à internet.

BARBOSA FILHO, A. *Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CABELLO A. R. Adaptação literária em programa radiofônico. *Estudos Acadêmicos Unibero*, v. 11, 2000.

CHAVES, G. R. G. *A Radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913- 1999)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

DALTRO, M.; DE FARIA, A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós- modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

FERRARETO, L. *Rádio no ar: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

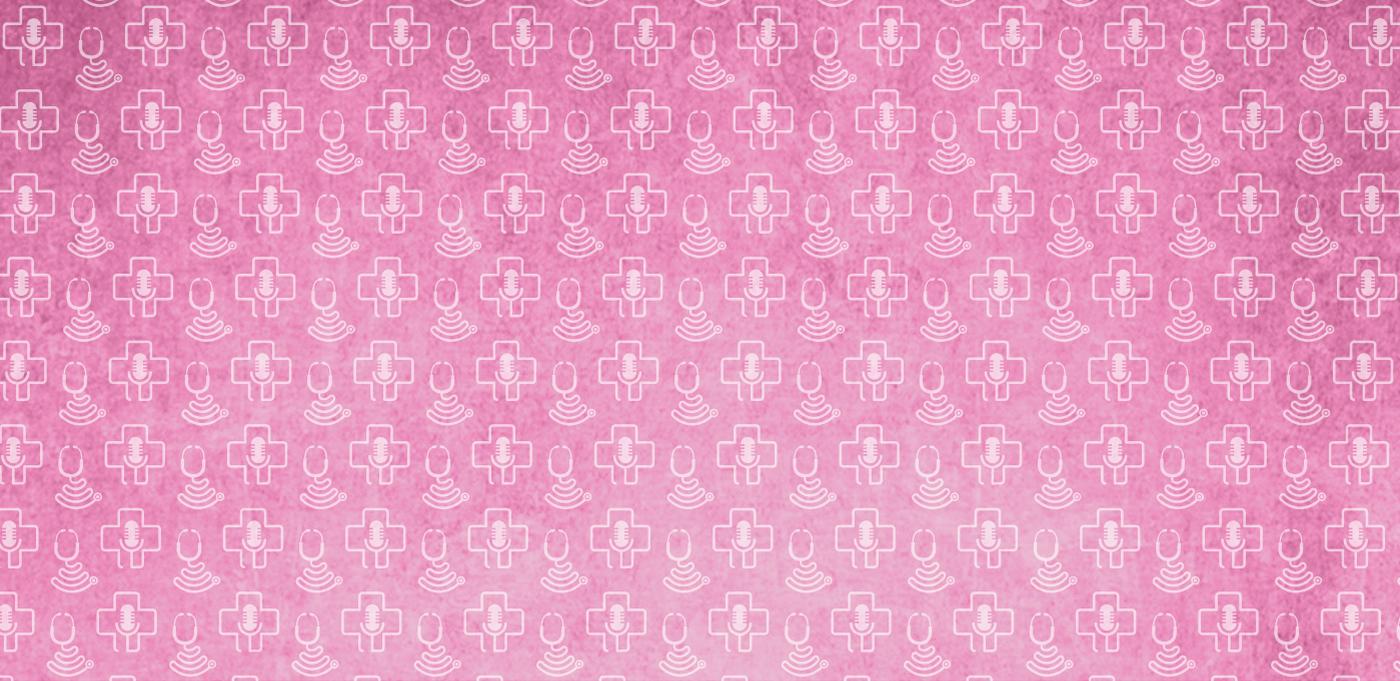
HERSCHMANN, M.; KISCHINHEVSKY, M. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 15, n. 37, p. 101-106, 2008.

KISCHINHEVSKY, M. *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MARTÍNEZ-COSTA, M. Un nuevo paradigma para la radio: Sobre convergencias y divergencias digitales. In: MARTÍNEZ-COSTA, M. (org.). *Reinventar La Radio*. Pamplona: Eunate, 2001.

PRATA, N. A webradio e geração digital. In: FERRARETO L. A.; KLÖCKNE, L. (org.). *E o rádio? Novos horizontes midiáticos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

VAZ FILHO, P. Rádio Clube de Pernambuco – 1919/2019: Cem anos. Sem esquecimentos. *In*: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. *Anais* [...]. Joinville, Universidade Anhembi Morumbi, 2018. p. 1-15.



## **RÁDIO PAULO FREIRE ESPECIAL CORONAVÍRUS: uma experiência de mobilização social e comunicação popular**

RÁDIO PAULO FREIRE CORONAVIRUS SPECIAL EDITION: a  
social mobilization experience and popular communication

**Cecília Almeida Rodrigues Lima**

(Doutora em Comunicação, Professora do  
Departamento de Comunicação Social, CAC/UFPE)

**Yvana Fechine**

(Doutora em Comunicação, Professora do  
Departamento de Comunicação Social, CAC/UFPE)

**Ana Maria da Conceição Veloso**

(Doutora em Comunicação, Professora do  
Departamento de Comunicação Social, CAC/UFPE)

**Paula Reis Melo**

(Doutora em Comunicação, Professora do  
Departamento de Comunicação Social, CAC/UFPE)

**Catarina Apolônio**

(Coordenadora Operacional da Rádio Paulo Freire/UFPE)

**Ana Sophia Ramos**

(Graduanda em Publicidade e Propaganda, CAC/UFPE)

Título da ação: “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus”.  
Ano: 2020. Coordenadora: Paula Reis Melo (Decom/CAC);  
Vice-coordenadora: Yvana Carla Fechine de Brito (Decom/  
CAC). Edital: 2020-03 – de Registro das Ações de Extensão  
com Movimentação Financeira. Docentes da UFPE: Adria-  
na Maria Andrade de Santana (Decom/CAC), Alice Gouveia  
(Decom/CAC), Ana Carolina Gonçalves Leite (DCG/CFCH),  
Ana Maria da Conceição Veloso (Decom/CAC), Bruno Pe-  
drosa Nogueira (Decom/CAC), Cecília Almeida Rodrigues  
Lima (Decom/CAC), Cristina Teixeira (Decom/CAC). Servido-  
res técnico-administrativos da UFPE: Catarina de Almeida  
Apolônio, Felipe Peixoto, Paulo Fernando Santana de Oli-  
veira, Roberta Lira dos Santos. Estudantes da UFPE: Karoline  
Maria da Silva (Rádio, TV e Internet), Ana Alice Barros e Silva  
(Jornalismo), Ana Sophia Ramos Maciel Cordeiro (Publici-  
dade e Propaganda), Dayane Santos Lima (Geografia), Le-  
tícia Gabriela (Publicidade e Propaganda), Anthony Gabriel  
Sales Santana (Rádio, TV e Internet), Danilo de Melo Cabral  
(Jornalismo), Humberto Sousa Cassimiro (Jornalismo), João  
Lucas de Araújo Dantas (Rádio, TV e Internet), Larissa Cristi-  
na Correia da Silva (Rádio, TV e Internet), Stefany dos Santos  
Silva (Geografia), Steffane K. de Souza Silva (Geografia), Wal-  
ter D. Silva Calado (Geografia), Wellen Oliveira de Arquino  
(Geografia), Willian Araújo Viegas de Oliveira (Jornalismo),  
Wilson Teixeira da Silva Araújo (Rádio, TV e Internet), Fer-  
nando de Barros Wanderley Neto (Ciência da Computação),  
Carla Nogueira (Comunicação Social/CAA), Heberton Cesar  
(Comunicação Social/CAA). Colaborador externo: Gustavo  
Cabrera Christiansen.

## Resumo

As exigências de distanciamento social impostas pelo novo coronavírus levaram as emissoras de rádio, grandes ou pequenas, a reinventar rotinas profissionais, formatos e modos de circulação. A Rádio Universitária Paulo Freire, rádio escola da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolveu um conjunto de iniciativas de produção colaborativa e remota, dividido em dois eixos de trabalho: um mais propositivo, voltado para a oferta de conteúdos de informação, análise e divulgação científica; e outro mais focado no combate à desinformação e *fake news* em torno da pandemia, fazendo ambos a interface entre extensão, pesquisa e formação. Este capítulo descreve as ações desenvolvidas no período e também traz o relato de estudantes, lideranças comunitárias e agentes de saúde, que ressaltaram a importância da atuação da universidade num momento de crise, além da potência do projeto para descortinar processos de construção identitária na própria universidade.

**Palavras-chave:** Rádio universitária. Divulgação científica. Desinformação. WhatsApp. Projeto de extensão.

## Abstract

The demands for social distancing imposed by the new coronavirus led radio stations, large or small, to reinvent professional routines, formats and content distribution methods. Rádio Universitária Paulo Freire, a college radio station at Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), developed a set of collaborative and remote production initiatives, divided into two work axes, one aimed at offering information, analysis and scientific dissemination contents, and another more focused on combating misinformation and fake news around the pandemic, making both the interface between extension, research and teaching. This paper describes the actions developed and also brings the report of students, community leaders and health agents, who highlighted the importance of University's performance in a time of crisis, in addition to the project's potential to unveil identity processes construction at the University itself.

**Keywords:** College radio station. Science dissemination. Disinformation. Whatsapp. Extension.

## 1. Introdução

O mês de março de 2020 determinou o início de uma fase de muitas mudanças e limitações na forma de organizar a sociedade e as relações entre pessoas e seus modos de trabalho não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Além do medo e da ansiedade provocados pela emergência de saúde pública devido à pandemia de Covid-19, as orientações de distanciamento social para evitar a circulação do vírus impuseram desafios de todas as ordens. Ao mesmo tempo em que as pessoas eram aconselhadas pelas entidades científicas a ficarem em suas casas, o bombardeio de informações desencontradas sobre a doença prejudicou demasiadamente a capacidade humana de encontrar maneiras consensuais de lidar com a crise. O conhecimento produzido nas universidades, muitas vezes tão distante do cidadão comum, precisou encontrar maneiras eficientes de se aproximar das camadas mais vulneráveis da população na tentativa de mitigar os efeitos de um vírus mortal.

A Rádio Universitária Paulo Freire, rádio escola da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e uma emissora de Amplitude Modulada (frequência AM 820 KHz), assumiu o desafio de produzir e distribuir conteúdo ao

mesmo tempo em que se viu obrigada a reinventar rotinas profissionais, formatos e modos de circulação. Sem perspectivas de digitalização, a grade da rádio precisou ser interrompida em virtude da impossibilidade de operação remota, o que levou a emissora a apostar no que podem ser considerados pilares na atuação de uma rádio escola universitária: pesquisa e extensão integradas a uma experiência de formação discente.

Em um momento de emergência sanitária, a informação de qualidade e cientificamente embasada se mostrou fundamental. No entanto, muitas vezes essa informação não chega aos territórios periféricos por meio das mídias tradicionais corporativas, ou, quando chega, não tem a preocupação de traduzir conhecimentos acadêmicos para uma linguagem mais acessível. Este é o ponto de partida do presente projeto, que, ao longo de seu desenvolvimento, buscou respostas para as muitas perguntas sobre quais as melhores formas e estratégias de levar conteúdo qualificado para espaços mais vulneráveis.

O projeto “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus” contemplou um conjunto de iniciativas de produção dividido em dois eixos de trabalho: um voltado para a oferta de conteúdos de informação, análise e divulgação científica, e outro mais focado no combate à desinformação em torno da pandemia, como veremos nas próximas seções. Ao todo, o projeto permitiu o engajamento de mais de 30 pessoas, entre professores, pesquisadores, servidores técnicos e estudantes da UFPE, e revelou novas possibilidades de produção colaborativa e remota a partir de um esforço coletivo que propiciou uma partilha de saberes em relações de caráter mais horizontal, tanto dentro da equipe quanto nas relações da rádio com seus parceiros.

Ao longo do artigo, descrevemos, de modo geral, as ações que foram realizadas no período, bem como seus principais desafios para, em seguida, aprofundarmos a descrição da ação que consideramos ter sido mais potente, uma vez que abriu caminhos não apenas para pensar novas formas de atuação da própria rádio no futuro, mas também propiciou reflexões preciosas para sua atuação extensionista: os conteúdos do “Manda no Zap”.

## 2. Rádio Paulo Freire: a rádio que fazemos juntos e juntas

A Universitária AM 820 foi criada em 1962, no período em que Paulo Freire, patrono da educação brasileira, esteve à frente do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife (SEC/UR). O projeto envolveu intelectuais progressistas, o então reitor da Universidade do Recife (denominação da UFPE à época) e entusiastas da educação como forma de liberdade. Ali tinha início o embrião do que viria a se transformar na Pró-Reitoria de Extensão da UFPE, primeira experiência extensionista a ser implementada no Brasil, com a institucionalização da SEC/UR em 8 de fevereiro de 1962 (MENDONÇA; VERAS, 2004, p. 15). Denominada, na época de sua criação, como Rádio Universidade, a emissora também fazia parte de um projeto educacional liderado por Paulo Freire.

Em novembro de 2018, após um longo período apenas reproduzindo a programação da Rádio Universitária FM 99.9 MHz, a emissora ganhou novos estatuto e regimento, passando a funcionar com um novo nome e sob a gestão do Departamento de Comunicação Social da UFPE, assumindo a função de rádio escola. Muito mais do que uma homenagem ao seu fundador, a mudança de nome reflete a influência do pensamento freireano na concepção da emissora – identificação e valorização da cultura e saberes das classes populares –, assim como a aposta em um conhecimento que se constrói coletivamente a partir de mecanismos de participação e reconhecimento do outro. Tal orientação é evidenciada pelo slogan: “Rádio Paulo Freire, a rádio que fazemos juntos”, com o qual se indica um diálogo imediato com o pensamento de Freire. Segundo o educador, “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo” (FREIRE, 2015, p. 25).

Já como rádio escola, a Paulo Freire passou a operar com programação própria a partir de fevereiro de 2019. Nessa fase, a emissora veicula uma grade própria de seis horas diárias (das 8h às 14h), composta por programas e

conteúdos produzidos: 1) Pela equipe interna da rádio, formada por alunos dos cursos de Comunicação Social sob supervisão da equipe gestora; 2) Pela comunidade acadêmica, a partir de disciplinas ou projetos de extensão; 3) Por outras emissoras universitárias; e 4) Pela sociedade civil, por meio de chamadas públicas. No restante do dia, a Paulo Freire espelha a programação da Universitária FM, pois ainda não possui um quadro de pessoas que permita sua inteira autonomia de programação. Todos os programas oriundos da própria rádio também são veiculados por *streaming* no perfil da rádio e nas plataformas digitais Facebook e YouTube, contando também com divulgação pelo Twitter e Instagram. Após a veiculação, os programas ficam disponíveis ao público no YouTube.

### 3. Especial Coronavírus: desafios e oportunidades

Em virtude da pandemia, a impossibilidade de estar presente e manter o distanciamento social no pequeno estúdio da Paulo Freire, localizado atrás da Reitoria da UFPE, fez com que a rádio precisasse encontrar maneiras de dar continuidade à sua produção de maneira remota. A rádio passou a retransmitir integralmente a programação da Universitária FM. Porém, a equipe gestora da Paulo Freire conseguiu acomodar, na grade da FM, os conteúdos produzidos como parte do projeto especial “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus”, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc) da UFPE, com vigência de seis meses. O projeto incorporou à equipe da rádio mais seis bolsistas pelo período de duração do projeto (de maio a outubro de 2020), trabalhando em casa com os recursos disponíveis, além de estudantes voluntários. As limitações levaram a equipe a experimentar formatos novos, tais como os formatos multiplataforma, concebidos numa lógica “dois em um” ou “três em um” (transmissão ao vivo no Facebook que se transforma em programa de rádio, distribuído posteriormente também como *podcast*) e conteúdos pensados para outras redes

de circulação, como listas de transmissão e grupos no aplicativo de mensagens WhatsApp.

Como dito, o Especial Coronavírus procurou dar ênfase a conteúdos com o objetivo de difundir as descobertas científicas sobre a Covid-19 em linguagem acessível e de fácil entendimento para a maior parte da população, além de combater a enxurrada de *fake news* que rapidamente se tornou uma ameaça à saúde pública. Dessa forma, todos os produtos foram pensados como parte de duas grandes ações: “Saúde é o Tema”, com foco dirigido à informação qualificada acerca da Covid-19, de onde também se originam os conteúdos do “Momento Saúde” e “Manda no Zap”, sendo este último voltado prioritariamente para o aplicativo de mensagens; e “Coronavírus em Xeque”, preocupado em combater a desinformação em torno da pandemia e discutir seus efeitos políticos.

Os produtos foram pensados e distribuídos da maneira que se segue:

**Quadro 1** – Conteúdos produzidos no período emergencial

Ação	Estratégia	Produtos	Distribuição
Saúde é o Tema	Programa semanal de entrevistas com especialistas da área de Saúde e Epidemiologia	Transmissão ao vivo ( <i>live</i> ) (cerca de 1h)	Facebook / YouTube
		Programa editado a partir da <i>live</i> (cerca de 56 minutos)	Rádio (AM e FM)
	Site		
	Plataformas e clientes de <i>podcast</i>		
	Momento Saúde - orientações de especialistas e conteúdos educativos	Interprogramas em áudio (até 3 minutos)	Rádio (AM e FM), nos intervalos da programação
			Site
		Vídeos educativos (até 1 minuto)	TV Universitária YouTube
	“Manda no Zap”	Áudios educativos, de até 1 minuto, com dicas de saúde em linguagem popular	Aplicativos de mensagens (WhatsApp)
			Rádios comunitárias, públicas ou universitárias
	Reportagens especiais	Materiais em áudio, de até 3 minutos, veiculados no programa jornalístico “Especial Coronavírus”	Rádio (AM e FM)
Rádios comunitárias, públicas ou universitárias			
Aplicativos de mensagens (WhatsApp)			

Coronavírus em Xequê	"Drops"	Depoimentos e análises de especialistas de até 3 minutos, orientando cidadãos para auxiliar no combate à desinformação	Rádio (AM e FM), nos intervalos da programação
			Site
			Aplicativos de mensagens (WhatsApp)
	Programa semanal	Compilação dos "drops" enviados ao longo da semana, com informações complementares, gerando um programa de 20 a 25 minutos	Rádios comunitárias, públicas ou universitárias
			Rádio (AM e FM)
	Relatórios analíticos	Resumo das pesquisas realizadas no contexto do projeto, em formato de texto	Site, plataformas e clientes de <i>podcast</i>
			Site
	Vídeos educativos	Coluna semanal no Opinião Pernambuco, de até 3 minutos, desmentindo <i>fake news</i> ou analisando estratégias desinformativas	TV Universitária
Instagram (IGTV)			
Vídeos didáticos, de até 1 minuto, orientando o usuário para lidar com <i>fake News</i>		TV Universitária (nos intervalos da programação)	
		YouTube	

**Fonte:** Fechine *et al.*, 2021.

### 3.1 Aprendizados e conquistas "ao vivo"

No feriado do dia 1º de maio de 2020, foi ao ar a primeira transmissão do programa "Saúde é o Tema" especial coronavírus com apresentadora, entrevistadas e operadora separadas fisicamente, porém conectadas por *software* de videochamadas Skype e falando ao vivo para telespectadores/ouvintes do Facebook. Apesar de todos os problemas técnicos, a entrevista aconteceu; foi gravada ao vivo, editada e depois transmitida nas rádios universitárias AM e FM da UFPE, além de ter sido transmitida em várias rádios parceiras.

Foi preciso, antes de tudo, reaprender a comunicar e fazer rádio. Tivemos que aprender a fazer rádio sem estar na emissora, ou seja, começar e terminar um programa sem a linguagem característica do rádio: sem ver o

operador e sem ouvir a abertura, a música característica e as vinhetas do programa. Para o programa acontecer, tivemos que nos adaptar algumas vezes às agendas dos entrevistados; entrevistar sem ver e ouvir direito o entrevistado; operar áudio e vídeo remotamente dando instruções ao vivo usando o WhatsApp ou escrevendo diretamente no roteiro lido pelos apresentadores. Enviamos materiais para os bolsistas que não possuíam equipamentos de apoio e distribuímos as atividades de forma democrática, sempre respeitando a necessidade e a disponibilidade de cada integrante.

Tiramos o máximo de proveito dos conteúdos gravados. O que não era possível fazer ao vivo, durante o *streaming*, acrescentávamos durante a edição dos programas (ritmo, abertura, música tema, encerramento, vinhetas etc.). Muitos médicos participaram do “Saúde é o Tema” diretamente de seus locais de trabalho, ou seja, das unidades básicas de saúde, dos hospitais ou de laboratórios. Essa foi uma das vantagens do trabalho remoto: conseguir a participação de profissionais que dificilmente conseguiriam ir à emissora conceder uma entrevista de uma hora. O lado negativo, no entanto, também foi perceptível: falta de familiaridade da equipe ou dos entrevistados com as novas tecnologias (*softwares* e equipamentos); transmissões sujeitas à variação de sinal da internet; desigualdade de acesso entre cada um dos participantes das *lives* e assim por diante. Mesmo vivendo na era da internet, a nova lógica de interação acadêmica em que ninguém se encontra presencialmente causou estranhamento e tornou a produção ainda mais desafiadora.

Além dos desafios dessa nova forma de fazer rádio ao vivo, muitos conteúdos dentro das duas grandes ações foram criados para serem gravados, como os interprogramas, reportagens e vídeos do “Momento Saúde”; os conteúdos do “Manda no Zap”; os *drops*, *podcasts* e os vídeos do “Coronavírus em Xeque”. Encontrar a linguagem e o tom mais apropriados para cada tipo de conteúdo, bem como gravar e editar contando com os equipamentos disponíveis nas casas das professoras e bolsistas, exigiu também uma série de novos aprendizados técnicos de toda a equipe. Entre uma emissão e outra, a partir da resposta do público pelas redes sociais e pelo próprio WhatsApp,

readequamos aquilo que consideramos necessário e buscamos novas parcerias, dentro e fora da UFPE<sup>1</sup>, no intuito de amplificar ainda mais o alcance do projeto.

O “Saúde é o Tema” produziu, até dezembro de 2020, 31 programas, 86 interprogramas, 43 vídeos educativos, 94 áudios para o “Manda no Zap” e 52 reportagens especiais. Conseguimos entrevistar cientistas e pesquisadores de outras cidades, estados e países, a exemplo do médico sanitário e ex-Ministro da Saúde José Gomes Temporão e a médica paraguaia e membra da Associação Latinoamericana de Medicina Social Marcela Aquino.

O “Coronavírus em xeque” produziu, no total, 20 *podcasts* e 159 *drops*, com uma média de oito interprogramas por semana, contando com a colaboração de professores e pesquisadores de vários departamentos da UFPE, bem como de outras instituições<sup>2</sup>. Também envolveu, a partir de julho de 2020, uma parceria com o Coletivo Bereia, especializado em checagem de informações em *sites* e fontes ligadas à religião.

As redes sociais foram grandes aliadas do processo de execução e divulgação dos programas. Os perfis da Rádio Paulo Freire nas redes compartilhavam informações de utilidade pública em forma de vídeos curtos, *cards* informativos, publicações no *site* e muito mais. O projeto soma, em quantidade, mais de 200 produtos que foram veiculados nas redes sociais digitais, alcançando mais de 30 mil pessoas com pelo menos um de seus produtos informativos.

### 3.2 “Manda no Zap”: ciência na voz e nos ouvidos da população

Entre as iniciativas do “Saúde é o Tema”, merece destaque o “Manda no Zap”. A ação explorou o potencial do

1 Por exemplo, nossa colaboração com o projeto “Mãos Solidárias”, que envolveu vários movimentos sociais e outros departamentos da UFPE. Também firmamos parcerias com dezenas de rádios comunitárias, como a Rádio Aconchego, e públicas, como a Rádio Frei Caneca, para a distribuição dos conteúdos que produzimos.

2 Por exemplo, UFPB, UFMA, UFAL, UFRN, UFBA, UNICAP, UPE, UEPB, UFF, UERJ, Fiocruz, UNIP, Unicamp, UFMG, UFRGS, USP, Instituto Questão de Ciência e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), Coletivo Intervezes; agências ou aplicativos de checagem, como Aos Fatos, Eté Checagem, Confere Aí, Projeto Comprova, entre outros.

WhatsApp, aplicativo de mensagens com mais de 2 bilhões de usuários em todo o mundo<sup>3</sup>, para distribuição de conteúdos. Uma das ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo é a lista de transmissão, que permite o envio dos mesmos conteúdos para todas as pessoas que previamente concordaram em assinar a lista. Por meio dessa funcionalidade, divulgamos áudios com orientações e dicas sobre como se prevenir do contágio pelo novo coronavírus e sobre como lidar com a Covid-19 em suas mais variadas dimensões.

Os *spots*, de aproximadamente um minuto, eram direcionados especialmente para comunidades e espaços periféricos. As peças foram utilizadas, também, pelos Agentes Populares de Saúde e pelas Bikes da Saúde, como parte do projeto “Mãos Solidárias Pernambuco”, que envolveu várias entidades e movimentos sociais em ações de orientação e solidariedade na região metropolitana de Recife no período da pandemia.

Os temas contemplavam necessidades identificadas em mapeamentos realizados em territórios de maior vulnerabilidade, feitos por professores e estudantes de outros departamentos, a exemplo dos departamentos de Geografia e Ciências da Informação. Não somente o conteúdo foi elaborado considerando os fatores socioeconômicos como também a forma, a linguagem, que buscou se aproximar do universo cultural dos espaços periféricos por meio de uma locução mais coloquial, música e repertório, conferindo um ar mais leve e informal à tradicional dureza da linguagem científica. Um dos quadros de maior repercussão do “Manda no Zap” foi a “Bodega do Seu Mané”, esquete ficcional humorístico que simula situações reais a partir de personagens que fazem alusão ao modo de vida das comunidades.

A produção dos *spots* foi feita predominantemente por estudantes voluntários ou bolsistas, mas também foram enviados e gravados por líderes comunitários, que, com o suporte técnico-expressivo da equipe da Rádio Paulo Freire, falavam diretamente aos seus territórios. A produção contou positivamente com o fato de

---

3 Mais informações em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/WhatsApp-atinge-2-bilhoes-de-usuarios.shtml>.

que muitos estudantes envolvidos são moradores das periferias urbanas.

No WhatsApp, os *spots* circularam ainda em grupos ligados ao Centro Brasileiro de Estudos da Saúde, Rede Nacional de Médicos e Médicas Populares, Movimento SUS na Rua, entre outros. Também ficaram disponíveis para uso livre na seção “Manda no zap”, no *site* da Rádio Universitária Paulo Freire. Toda a produção foi disponibilizada para outras rádios comunitárias ou públicas, como a Rádio Comunitária Alternativa FM, coordenada pela Associação das Mulheres de Nazaré da Mata (PE) – Amunam, e a Rádio Frei Caneca FM.

A ação pode ser compreendida como uma experiência embrionária, no âmbito da Rádio Paulo Freire, de uma rádio baseada na oferta de conteúdos sonoros, em formatos curtos, por meio de aplicativos. No caso do “Manda no Zap”, os conteúdos foram distribuídos obedecendo a um cronograma de envio organizado, semana a semana, nos moldes de uma programação. O êxito da experiência indica o potencial desse tipo de produção e de distribuição de conteúdos serializados por meio de listas de transmissão não apenas em momentos excepcionais, como o da pandemia, mas de modo contínuo, dirigido para grupos segmentados de interesse. A percepção do potencial dessa experiência nos motivou a compreendê-la melhor, a partir de uma avaliação feita por meio de grupos focais<sup>4</sup> com lideranças comunitárias, agentes de saúde e estudantes envolvidos.

## 4. Aprendizados na comunicação e na extensão

O grupo focal foi escolhido como técnica de pesquisa de natureza qualitativa para averiguar o potencial das ações da Rádio Paulo Freire e seus impactos nos territó-

---

4 Os grupos focais foram conduzidos pela professora Cristina Teixeira, do Departamento de Comunicação Social, integrante do projeto de pesquisa “Observatório de Mídias de Conteúdos Informativos sobre Covid-19”, ao qual a Rádio Paulo Freire também se associou em suas ações de combate à desinformação.

rios populares para a consolidação de uma rede de mobilização social e de qualificação de informação a partir da comunicação pública. Os encontros foram realizados nos dias 29 e 30 de Setembro de 2020, a distância, utilizando a plataforma de videoconferência Google Meet. Todos os depoimentos foram anonimizados a fim de preservar a identidade dos participantes.

Os depoentes falaram das dificuldades iniciais e do trabalho que desenvolveram com foco em ações solidárias de distribuição de alimento e de prevenção em saúde, incluindo o trabalho de comunicação, no contexto da pandemia de Covid-19.

Logo de início foi uma bomba, a gente não sabia como lidar com isso. A primeira coisa foi nos isolarmos. A gente ficou com medo das nossas próprias ações. [...] Outro medo foi a fome visceral como um ponto de preocupação. Isso foi o ponto impositivo de uma rede de solidariedade por todo o Brasil. (Depoente 1)

A realidade não é boa. Pode ser boa para a classe média, mas pra gente da periferia, não. A gente tá sofrendo as consequências agora. A gente viveu um momento de terror com a pandemia e ainda tá vivendo, porque muita gente ficou desempregada. Ainda dá aquele pânico do desemprego, da fome. (Depoente 2)

Muitos comentários destacaram a falta de acesso à informação de qualidade nos territórios e a vulnerabilidade desses ambientes aos conteúdos desinformativos e às *fake news*. “Tem gente que não acreditava e até hoje não acredita”, disse um dos participantes. Um destaque foi a importância do trabalho de comunicação em redes das rádios, TVs e coletivos populares. Os participantes chamaram a atenção para o fato desses coletivos buscarem uma informação voltada para os interesses populares, uma cidadania inclusiva, fora da lógica mercadológica. O WhatsApp, apesar de ser uma ferramenta privada, foi elogiado, já que “o zap é o lugar que as pessoas têm mais acesso, tem banco de dados para circular informações, e é lá que elas se informam”.

O trabalho da Rádio Paulo Freire, especialmente do “Manda no Zap”, e em especial do quadro ficcional “Bodega do Seu Mané”<sup>5</sup>, foi destacado positivamente. Com bom humor, o quadro tratava de situações e comportamentos cotidianos durante a pandemia a partir das trapalhadas de Chico, cliente e amigo de Seu Mané, o dono da bodega. Todos atribuíram a esse quadro uma eficácia comunicacional muito grande, em função da linguagem utilizada e da estrutura do diálogo entre as personagens. Tal percepção fica evidente nos depoimentos abaixo, que terminam apontando a própria importância da aproximação universidade/sociedade, objetivo das ações extensionistas.

A gente aqui do Ibura de Baixo não recebeu informação da prefeitura. A informação que a gente recebeu foi da rádio Paulo Freire. Informação via WhatsApp. Os vídeos que o pessoal manda pelo WhatsApp foi muito bom, muito produtivo. O pessoal gostou muito. Eu avalio muito bem a comunicação da rádio Paulo Freire. Sempre tinha aquele toque do passinho, coisa de comunidade mesmo. O pessoal recebeu muito bem. Todo mundo entendia as mensagens. Tinha muita coisa ali que o pessoal passava que o pessoal não sabia.[...] Pra mim, deve continuar como está porque é muito produtivo. (Depoente 1)

A gente vai ter que se reinventar. A gente vai ter que saber falar com as comunidades. A gente precisa pensar na perspectiva de pessoas de periferia. A gente precisa ampliar essa rede de articulação. A gente vai precisar dialogar e estar mais próximo (...) Se hoje a ferramenta é WhatsApp a gente vai ter que investir nisso, numa comunicação periférica pra esse meio, pra poder chegar nas periferias. (Depoente 3)

---

5 A Bodega de Seu Mané”, com personagens criados e interpretados pelo estudante de RTVI Wilson Teixeira da Silva Araújo, foi contemplado em segundo lugar na categoria Radiodrama no I Prêmio Rubra de Rádio Universitário, que avaliou produções sonoras em torno da pandemia de Covid-19 desenvolvidas por emissoras rádio e web rádios universitárias ou por projetos de extensão e pesquisa desenvolvidos em universidades públicas, privadas, comunitárias ou confessionais brasileiras. O prêmio foi uma iniciativa da Rede Brasileira de Rádios Universitárias e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Para entender melhor a experiência dos estudantes envolvidos na ação, também realizamos um grupo focal com a participação de todos os bolsistas envolvidos e sem a presença das professoras orientadoras. Esse distanciamento permitiu uma discussão que ultrapassou os limites do projeto e alcançou uma questão subjacente às políticas de democratização de acesso às universidades públicas: o enfrentamento das diferenças socioeconômicas e raciais dentro das instituições.

A expansão das instituições de educação superior, de 2003 a 2010, no Governo Lula, associada a políticas afirmativas, como o sistema de cotas, mudou radicalmente a configuração das universidades públicas federais. De acordo com a Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) Graduandos(as) das IFES – 2018, realizada com estudantes de 63 universidades, o percentual de cotistas saiu de 3,1%, em 2005, para 48,3%, em 2018. Não por acaso, a pesquisa aponta que, a partir de 2014, ocorreu um salto e os estudantes nessa faixa de renda passaram a ser 66,2% do total de estudantes da graduação, chegando a 70,2% em 2018. A inserção nessa faixa de renda nos permite supor que, no momento em que enfrentamos a pandemia, a maioria dos estudantes das universidades federais, como a UFPE, eram oriundos dos territórios periféricos. As diferenças socioeconômicas existentes no interior de uma universidade – moldada historicamente por uma educação classista e elitista – produz dificuldades relacionadas não apenas às condições materiais necessárias de permanência nos cursos, mas tensões relacionadas às diferenças identitárias. Tais diferenças não passaram despercebidas pelos estudantes envolvidos no “Manda no Zap” na medida que “ser da periferia” foi reconhecido por eles mesmos como uma condição que permitiu o êxito da ação.

No grupo focal, as falas dos estudantes revelaram o quanto a experiência com a produção dos *spots* evidenciou uma espécie de paradoxo identitário para o qual nem sempre as ações extensionistas costumam atentar, associado à experiência de assumir e de, ao mesmo tempo, não assumir o novo papel social. Define um mecanismo social, vivido por indivíduos e grupos discriminados, que contempla tanto o desejo de expor a identi-

dade quanto o temor em expô-la e, com isso, provocar perturbações no processo de organização social (NERY; COSTA, 2009). A aprendizagem do papel social de “estudante universitário” implicou, para alguns participantes do grupo focal, de certo modo, nesse paradoxo identitário e, ao serem desafiados pelo projeto a “falar para a periferia”, foram levados a refletir sobre as percepções de si mesmos e dos outros. Com o endereçamento proposto pelo “Manda no Zap”, o que os participantes sentiam como motivo de desqualificação no “ambiente universitário” – seus gostos, jeito de falar, modo de se vestir etc. – era agora parte da competência exigida pelo projeto. A experiência do “Manda no Zap” propiciou a valorização de suas identidades, colaborando, como disse uma das estudantes, para uma “reintegração” de suas identidades nos seus distintos espaços de convívio. Isso fica bem evidente nos depoimentos durante o grupo focal.

Com o projeto eu me senti numa reintegração. Quando eu cheguei na universidade, por ser da comunidade, *eu precisei me distanciar um pouco para poder entrar nos moldes acadêmicos, não nas aulas, mas quando eu entrei na pesquisa. Me cobravam um jeito de falar, de se vestir. Teve um dia que eu tava até arrumadinha, mas eu estava doente e fui sem maquiagem, com uma roupa mais folgada, e na reunião de meu grupo de pesquisa uma mulher disse: “você precisa se arrumar mais, você está muito desleixada.” E eu tava com roupa normal, de cabelo preso. Sei que isso tem a ver com o racismo estrutural e eu fiquei muito chocada. E com o projeto eu me senti muito reintegrada, eu posso ser na academia o que eu era antes. Essas relações são ainda muito difíceis na academia. Ainda tem muita exclusão. (Depoente 1) [Grifos em itálico nossos]*

O emprego do termo *reintegração* já denuncia por si só a necessidade de reconduzir ou devolver a alguém o que lhe foi tomado. Pelos depoimentos dos estudantes, o que lhes foi retirado ou negado de certo modo foi algo de sua própria identidade, como se “ser da periferia” fosse algo incompatível com o “ser universitário”. Não é estranho que, mesmo depois dos avanços em relação à democratização do acesso às universidades públicas,

os estudantes que vêm das classes populares ainda se sintam “deslocados” dentro da instituição, como mostra a fala de um dos estudantes no grupo focal:

Vindo da comunidade, sendo preto, a gente acaba se sentindo deslocado. Na comunidade eu já era esquisita por ter uma forma de falar, quando eu cheguei na universidade eu achei que não sofreria tanto isso, mas eu cheguei e eu também me senti um pouco deslocada *por não ter tanto a figura do universitário*, mesmo sendo das Ciências Humanas. (Depoente 2)

A “figura do universitário” – ou o “ser universitário” – está associada ao *éthos* e a um estilo de vida que destoam do que encontramos nas periferias, já que o acesso à universidade era reservado predominantemente às classes médias e altas. Decorre daí o que se pode, do ponto de vista das identidades, ser entendido como um processo, deliberado ou não, de assimilação: reduz-se o Outro ao Mesmo para que ele possa se integrar plenamente ao novo ambiente que o acolheu (LANDOWSKI, 2002). Explica-se como esse “ser universitário” resulta, em muitas situações, no distanciamento dos estudantes de periferia de comportamentos que marcam sua proveniência.

O confronto com essas questões e o enfrentamento dessas tensões, ao longo da produção dos *spots* permitiu, além do crescimento pessoal dos estudantes, um rico aprendizado sobre como falar com as periferias. O “com” reflete, nesse caso, tanto a proposta de uma comunicação pública que, antes de falar, escuta, quanto uma proposta que também foi realizada por quem vive nesses territórios e cuja vivência foi fundamental para o que os próprios estudantes chamaram de “tradução” do conhecimento científico sobre a Covid-19.

Eu me senti muito desafiado. Eu só caí na real na hora de gravar. Foi difícil. O que pesou mais pra mim foi ser um porta-voz. Essa ideia de trazer uma roupagem periférica, para mim *não era trazer, é ser*. (Depoente 4)

Quando a gente chega na universidade, a gente aprende a seguir outros caminhos, a falar de outro jeito, tudo

era mais formal. Aí, eu resolvi trazer a informalidade, mas sem trazer tantas marcas de linguagem [...]. Não queria estereotipar a fala da comunidade. Quando a gente conseguiu chegar aí, foi só manter e fazer as pesquisas. (Depoente 5)

Eu moro na periferia da periferia e, apesar de ser branco, eu percebo que passei por este processo de embranquecimento, de negação das minhas raízes. Na universidade acontece um grande processo de tradução e esse processo nem sempre se conclui. É um processo doloroso porque você chega numa sala e tem contato com coisas que você nunca tinha tido antes. Isso aconteceu, por exemplo, com as minhas aulas de inglês instrumental. Todo mundo falava e eu não. *O grande desafio do projeto foi fazer essa tradução. A gente tá fazendo sucesso porque a gente conseguiu traduzir para a periferia fazendo com que eles se sentissem parte de um todo.* (Depoente 6)

## 5. Considerações finais

Ao enfrentarmos, durante a pandemia de Covid-19, o “vírus” igualmente grave da desinformação, cumprimos, por intermédio das rádios universitárias, um papel importante de orientação e divulgação científica para diferentes públicos e em diferentes formatos. O mais desafiador, no entanto, foi – e continua sendo – falar *para, sobre e com* as periferias. Isso significa assumir a necessidade não apenas das suas rádios, mas da universidade, como um todo, de se aproximar mais das periferias, começando por problematizar o que está “dentro” e “fora” dos seus muros, ou, antes, o que significa tal distinção. Como nos ensinou Paulo Freire (1986, p. 13), “nesse aproximar-se não existe um *sine qua non* geográfico, físico, não basta enviar alunos e professores às áreas populares de forma paternalista, é preciso conectar-se mais com seus problemas, interesses e perspectivas”.

O projeto “Rádio Paulo Freire Especial Coronavírus” nos confrontou de modo mais evidente não apenas com

essa concepção de proximidade entre universidade e sociedade, mas também com a necessidade de resistir à ideia de uma suposta “neutralidade” do conhecimento, sobretudo no caso da comunicação. No contexto político no qual o Brasil tem enfrentado a pandemia, é cada vez mais urgente uma comunicação pública atuante, capaz de praticar um jornalismo posicionado e com compromisso popular ao assumir perspectivas ao mesmo tempo inclusivas e contradiscursivas. A neutralidade, na perspectiva paulofreireana, nada mais é do que um compromisso oculto com a manutenção do *status quo*. “Os que se dizem neutros estão comprometidos consigo mesmos, com seus interesses e com os interesses dos grupos aos quais pertencem; como este não é um compromisso verdadeiro, eles assumem a neutralidade impossível”, como nos ensina Paulo Freire (1981, p. 9). O verdadeiro compromisso é a solidariedade com os que foram convertidos em “coisas” pelas injustiças sociais e, em função disso, costumam ser condenados à invisibilidade. Em um país marcado por desigualdades, que se revelam de modo mais brutal numa pandemia, esse compromisso é com a mudança social, por meio da qual a comunicação midiática possui uma centralidade cada vez maior.

É preciso que a universidade – e nisso incluímos suas emissoras de rádio – faça um esforço para refletir e enxergar a si mesma com mais clareza. As tensões reveladas pelos processos de produção e formação ao qual o “Manda no zap” deu lugar apontam para a necessidade de valorizar práticas extensionistas orientadas pela compreensão de que, no espaço universitário, o “fora”, hoje, está “dentro”, e é somente agindo “por dentro” que podemos diminuir o distanciamento histórico ditado pelo próprio modo como o sistema de educação superior se organizou no Brasil. É importante ressaltar a importância da política de bolsas de extensão, instrumento imprescindível para que os estudantes oriundos das periferias possam atuar em seus territórios *sendo universitários*.

Todos da equipe têm agora uma visão muito mais ampla do que é fazer comunicação e extensão, bem como do que é estar na linha de frente de uma pandemia entregando informação confiável. Embora não estivessem

em sala de aula, os professores e estudantes envolvidos protagonizaram uma experiência singular de formação movida pela contingência do momento histórico vivido. A experiência de "fazer história" sem sair de casa foi, para todos, inesquecível.

FECHINE Yvana *et al.* O rádio expandido no enfrentamento à pandemia de Covid-19: a experiência da Rádio Universitária Paulo Freire. *Revista Radiofonias*, Ouro Preto, 2021. No prelo.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

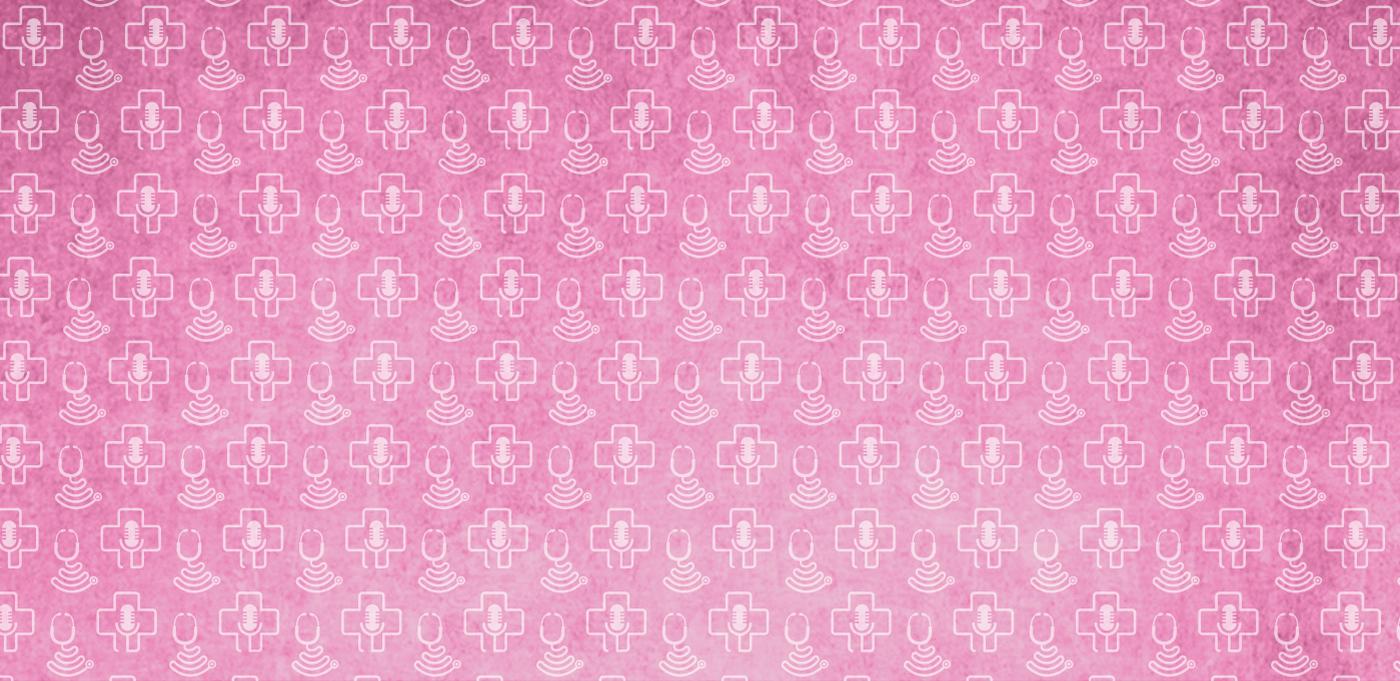
FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. O compromisso popular da universidade. *In: Universidade e compromisso popular* [Transcrição de seminário]. Campinas: PUCCAMP, 1986.

MENDONÇA, Djanyse Barros de Arruda; VERAS, Dimas Brasileiro. Educação popular e reforma universitária: Paulo Freire e a criação do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife (1962-1964). *Estudos Universitários: revista de cultura*, Recife, v. 24/25, n. 5/6, p. 11-22, 2004.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

NERY, Maria da Penha; COSTA, Liana Fortunato. Política afirmativa racial: polêmicas e processos de identidade do cotista universitário. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 14, n. 2, p. 211-220, 2009.



## **“SOLTE SUA VOZ”:** aproximações entre **Comunicação e Saúde** em meio a uma **pandemia**

“SOLTE SUA VOZ”: approaches  
between **Communication and Health**  
in the midst of a pandemic

**Giovana Borges Mesquita**

(Doutora em Comunicação, Professora do  
Centro Acadêmico do Agreste, UFPE)

**Carolina Albuquerque da Paz**

(Doutoranda em Bioética, Professora do  
Centro Acadêmico do Agreste, UFPE)

**Ana Gabriela Reis da Silva**

(Graduanda em Comunicação Social, Centro Acadêmico do Agreste, UFPE)

**Laís Carlyne Tavares dos Santos**

(Graduanda em Comunicação Social, Centro Acadêmico do Agreste, UFPE)

**Sarah Rebeka Rêgo de Souza**

(Graduanda em Comunicação Social, Centro Acadêmico do Agreste, UFPE)

O artigo refere-se às ações desenvolvidas no projeto de extensão “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos”, no ano de 2020. O projeto, inscrito no edital de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão (Acex) 2019-03, foi coordenado pela professora Giovana Borges Mesquita (do curso de Comunicação Social do Centro Acadêmico do Agreste, UFPE) e contou com a vice-coordenação da professora Carolina Albuquerque da Paz (do curso de Medicina do Centro Acadêmico do Agreste, UFPE). A equipe foi composta pelos estudantes de Comunicação Social: Ana Gabriela Reis da Silva; Ana Karoline Nascimento dos Santos; Anna Clara de Oliveira Silva; Caroline Celeste Pereira da Silva; Esteffanny Maria da Silva; Joao Pedro Pereira dos Santos; Joelson Augusto da Silva; Laís Carolyne Tavares dos Santos; Laís Karoline Gueiros Guedes; Maria Roseane de Oliveira Cavalcanti; Sarah Rebeqa Rêgo de Souza; Sérgio Lucas da Silva Junior. Também participaram do projeto: Bianca Rafaelly Lima da Silva; Iranildo Correia da Silva; e Maíra Welma da Silva.

### Resumo

Este capítulo é um relato de experiência sobre a produção do “Solte Sua Voz”, um projeto realizado por estudantes e professores dos cursos de Comunicação, Medicina e *Design* do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O projeto de extensão é constituído por produções multimidiáticas, como radionovelas, histórias em quadrinhos, produção de conteúdo para as redes sociais e materiais gráficos. Em 2020, a maior parte da produção teve como objetivo conscientizar a população sobre medidas de enfrentamento à pandemia de Covid-19.

**Palavras-chave:** Covid-19. Extensão Universitária. Comunicação. Promoção da Saúde.

### Abstract

This article is an experience report about “Solte Sua Voz”, a project carried out by students and professors of the Communication, Medicine and Design courses at Universidade Federal de Pernambuco’s (UFPE) Centro Acadêmico do Agreste (CAA). The extension project consists of multimedia productions, such as radio soap operas, comics, content production for social media and graphic materials. In 2020, most of the production was aimed at raising awareness among the population about measures to combat Covid-19 pandemic.

**Keywords:** COVID-19. University extension. Communication. health promotion.

## 1. Introdução

O projeto de extensão “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos”, realizado por estudantes e professores dos cursos de Comunicação, Medicina e *Design* do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), busca contribuir para a democratização da comunicação, produzindo, apoiando e incentivando a elaboração de conteúdos para mídias comunitárias e formando novos comunicadores populares. Com isso, a ação viabiliza uma “relação transformadora entre a universidade e a sociedade, por meio da produção, socialização, memória e difusão de conhecimentos” (PROEXC, 2020).

A criação do “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos” foi motivada pelo fato de que, apesar de a comunicação ser um direito humano que, tal qual o direito à saúde, à habitação, à educação, deve ser entendido como essencial, apenas cinco famílias controlam metade dos 50 veículos de comunicação com maior audiência do país (MEDIA OWNERSHIP MONITOR BRASIL, 2017) e, junto à concentração midiática, vem a invisibilidade e a criminalização de algumas minorias.

Caminhando na contramão da mídia hegemônica, a ideia do projeto “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos” é

mostrar o que as grandes mídias insistem em esconder ou que divulgam de uma forma repleta de preconceitos. Isso é feito a partir de produções multimídias, que englobam conteúdos produzidos em vídeo, música, texto, fotografia, áudio, cartazes, histórias em quadrinhos (HQ), dentre outros meios.

No primeiro semestre de 2020, com o mundo acometido pela pandemia de Covid-19, as coordenadoras do projeto entenderam que era preciso alertar a população para a importância da prevenção e também “provocar” o poder público para promover ações que têm necessidades urgentes de efetivação em diversas comunidades, a exemplo da distribuição de máscaras, do apoio a profissionais que ficaram sem renda, dentre outras. Na perspectiva de envolver a comunidade, foi criada uma campanha intitulada “Em tempos de Covid, Solte Sua Voz, mas fique em casa”, por meio da qual representantes da classe artística, de movimentos LGBTQIA+, de mulheres, trabalhadores informais e temporários, por exemplo, gravaram depoimentos em vídeos, que foram veiculados no Instagram do projeto (@soltesuavozufpe). Ainda neste momento, visando a uma maior permanência do público em casa, foi desenvolvido um quadro chamado “Solte Indica”, que nasceu com o intuito de dar visibilidade a profissionais autônomos, além de projetos, filmes, séries e *podcasts* que existem e resistem diante de uma sociedade, muitas vezes, determinada a silenciá-los.

Em junho, um mês importante para a cidade de Caruaru (PE), onde o projeto é realizado, o grupo desenvolveu o projeto “Santos Conectados no Combate à Covid-19”, que resultou na produção de um *teaser*, quatro episódios da radionovela, quatro histórias em quadrinhos, cartazes e produções para a rede social Instagram. Essa etapa do trabalho de extensão buscou cumprir o papel de alertar a população, sobretudo a de maior vulnerabilidade social, sobre a importância da prevenção, usando a festa junina tradicional do Nordeste brasileiro e a religiosidade por trás das tradições desta época do ano para orientar a população sobre os riscos do novo coronavírus.

Em novembro, ainda durante a pandemia de Covid-19, foi realizado o projeto “Histórias da Luta”, que contou com quatro episódios em formato *podcast* sobre

a história dos direitos humanos, do feminismo, do Sistema Único de Saúde (SUS) e da luta contra a homofobia. A iniciativa teve como objetivo trazer informação para a população por meio da narração de diversas trajetórias de lutas que, ao longo da história, moveram as estruturas sociais. Dessa maneira, o artigo se propõe a fazer um relato de experiência do projeto “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos”, que é coordenado por duas professoras dos cursos de Comunicação Social e Medicina do Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE) e composto por oito estudantes dos cursos de Comunicação Social e de *Design*, que fizeram todas as atividades de casa e superaram alguns desafios técnicos, como o acesso à internet e até mesmo questões de saúde.

## 2. Comunicação e Saúde

O “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos” dialoga com as perspectivas teóricas de autores como Peruzzo (2007), Guareschi (2013) e Zémor (2008), que refletem sobre o monopólio dos meios de comunicação, a luta pela democratização e a importância de uma comunicação pública.

Segundo Guareschi (2013), com o poder de colocar determinados assuntos em debate, a imprensa cria toda uma agenda de discussão. Isso faz com que 80% dos assuntos que são falados no trânsito, no trabalho ou em casa, por exemplo, sejam colocados em discussão pela imprensa. Ou seja, até certo ponto ela determina o que deve ser falado e discutido. Da mesma forma que a mídia coloca assuntos em discussão, ela tem o poder de excluí-los caso não queira que estejam em pauta, fazendo com que uma população fique impossibilitada de conhecer esse conteúdo. Sendo assim, quem detém o poder de noticiar constrói e legitima uma realidade, por um lado, e ocupa o espaço do “agora”, de definir o que é verdade, por outro. Além de pensar a comunicação como direito, o projeto também procura fortalecer seu papel educativo, concordando com Peruzzo (2007) ao afirmar que a participação direta no processo comunicativo ajuda a desenvolver as pessoas.

Ainda de acordo com Peruzzo, as relações entre educação e comunicação se explicitam, pois as pessoas envolvidas em tais processos desenvolvem o seu conhecimento e mudam o seu modo de ver e relacionar-se com a sociedade e com o próprio sistema dos meios de comunicação de massa. Além disso, os envolvidos também apropriam-se das técnicas e dos instrumentos tecnológicos de comunicação e adquirem uma visão mais crítica, tanto pelas informações que recebem quanto pelo que aprendem através da vivência, ou seja, da própria prática.

Assumimos que as produções realizadas pelo projeto podem ser entendidas como Comunicação Pública, que, de acordo com Zémor (2008), define-se pela fundamentação do que é do interesse geral, cumprindo seu primeiro papel, que é informativo, e abrindo espaço para que exista diálogo e participação recíprocas.

O entendimento de Bucci (2015) também norteia o projeto, uma vez que, para o autor, a Comunicação Pública é responsável pela promoção dos direitos do cidadão, independentemente de interesses partidários, religiosos ou comerciais. Segundo o autor, é uma comunicação que coloca os valores democráticos e os direitos do cidadão acima de qualquer outro aspecto.

Outro fundamento desse projeto é a interface com a saúde, que é antiga no Brasil, remontando à década de 1920, em que vigoravam as primeiras campanhas de saúde pública no país, passando, mais recentemente, por campanhas contra a obesidade, tabagismo e outras práticas saudáveis (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

Assim, a perspectiva adotada nesse projeto é a de que a comunicação deve estar a serviço de políticas públicas que dialoguem com a determinação social do processo saúde-doença, um recorte mais avançado e progressista da promoção à saúde. Ou seja, a comunicação deve estar a serviço da cidadania, dos fatores que impactam profundamente a saúde das pessoas dentro de seu contexto de vida, trabalho, moradia, justiça social, paz, educação e muito mais (OMS, 1986), além da defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), uma das maiores políticas públicas do Brasil (SANTOS, 2012).

Com o foco na comunicação contra-hegemônica para a saúde, objetiva-se que as comunidades pautem suas

questões e sua realidade para que, a partir da divulgação de algumas problemáticas, haja mais chances de orientar investimentos de políticas públicas específicas.

### 3. Solte sua voz

O projeto “propõe-se a ser um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promova a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2020). O projeto se pauta nas diretrizes estabelecidas pela extensão, sobretudo na interação dialógica, compreendida pela indicação de diálogo, de troca de saberes, de aliança com movimentos, setores e organizações sociais; e pela indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Além da contribuição na formação do estudante, o maior impacto é a possibilidade de transformação social nas comunidades.

O projeto busca uma interação dialógica com a comunidade por meio de encontros em que são definidos os conteúdos que serão produzidos, fomentadas rodas de diálogo e promovidas discussões e palestras que possibilitem a formação de comunicadores populares que produzam, com a participação dos estudantes, conteúdos sobre direitos humanos, saúde, cidadania que são disponibilizados e socializados no Instagram do “Solte”.

Os estudantes participantes estão cursando ou cursaram as disciplinas Mídia e Cidadania e Comunicação Comunitária, que lhes dão aporte teórico e prático para que exerçam o protagonismo na extensão.

A interdisciplinaridade é uma das principais características do projeto, com a incorporação de estudantes e professores de cursos, a exemplo de Medicina e *Design*, na construção de iniciativas de comunicação e de promoção à saúde, ampliando a formação dos extensionistas.

#### 3.1. Os invisíveis midiáticos

O “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos” readequou suas ações na quarentena. As coordenadoras do projeto, uma professora de Comunicação e outra de Medi-

cina, entenderam que era preciso alertar a população, sobretudo a de maior vulnerabilidade social, sobre a importância da prevenção e também “provocar” o poder público para promover ações que têm necessidades urgentes de efetivação em diversas comunidades. Além de reunir depoimentos feitos por artistas, integrantes de movimentos LGBTQIA+, de mulheres e de outros grupos, o projeto se propôs a produzir conteúdos para os espaços “Ações do bem” e “Solte Indica”. No primeiro espaço, os estudantes divulgaram ações, tais como a entrega de cestas básicas, máscaras e iniciativas de pequenos produtores/comerciantes. Já no “Solte Indica” eram produzidos conteúdos sobre iniciativas culturais promovidas pela comunidade, tais como festivais de música *on-line*, lançamentos de livros, documentários e *podcasts* com foco no fortalecimento da cultura local. Na construção desses quadros, foi descoberta uma variedade de ações que muitas vezes são de pouco conhecimento do público geral.

Levando em consideração que o “Solte Sua Voz” é um projeto multimídia, nossa produção foi pensada com o intuito de atingir uma diversidade de públicos e criar uma via múltipla para a comunicação. Além de pensar a comunicação como direito, buscou-se, com o “Solte sua Voz na quarentena”, fortalecer seu papel educativo, concordando com Peruzzo (2007) ao afirmar que a participação direta no processo comunicativo ajuda a desenvolver pessoas:

o cidadão que passa a escrever para o jornalzinho; a falar no rádio; a fazer o papel de ator num vídeo popular; a criar, produzir e transmitir um programa de rádio ou de televisão; a discutir os objetivos, a linha editorial e os princípios de gestão do meio de comunicação; a selecionar conteúdos etc., vive um processo de educação informal em relação à compreensão da mídia e do contexto onde vive (PERUZZO, 2007, p. 5-6).

Dessa maneira, o “Solte Sua Voz” trabalha numa perspectiva de uma comunicação dialógica, contra-hegemônica e horizontal, o que pode contribuir para uma transformação social na medida em que potencializa o

protagonismo de vozes excluídas do cenário midiático hegemônico.

### 3.2 Santos conectados no combate à Covid-19

Atravessado pela religiosidade nordestina, o mês de junho é marcado pela celebração de três importantes santos católicos: Santo Antônio, São João e São Pedro, que, no início do século XX, tinham como marcas comemorativas rituais litúrgicos com missas e procissões. De acordo com Chianca (2007, p. 51), com o passar dos anos, o festejo ganhou as ruas e a adesão popular, sendo “o São João uma festa coletiva na qual uma comunidade estreita sua identidade através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento”.

Dessa maneira, o “Solte Sua Voz” trouxe os santos juninos para os tempos da pandemia. Na narrativa, os três santos estão se conectando com os fiéis através de conversas no WhatsApp e reafirmam a importância de ficar em casa, manter o distanciamento social e seguir os protocolos sanitários estabelecidos pelos órgãos de saúde.

Foram produzidos quatro episódios de uma radionovela, quatro edições das histórias em quadrinhos, intituladas: “Não tem festa no interior”; “Amor em tempos de pandemia”; “É São João quem está dizendo: esse ano, a festa é em casa”; “Procissão de São Pedro só em 2021”. O projeto multimídia também foi composto por textos informativos sobre a necessidade de prevenção, publicados no Instagram.

Os episódios da radionovela foram disponibilizados na plataforma de *streaming* Spotify. O primeiro episódio é uma conversa entre os três santos, que buscam uma maneira de alertar os fiéis sobre os riscos do novo coronavírus. O segundo episódio é marcado por um diálogo entre Santo Antônio e uma devota que deseja sair do isolamento social para encontrar um marido. O terceiro episódio, por sua vez, mostra São João tentando persuadir seus fiéis a ficarem em casa no dia do seu aniversário, uma das maiores festas do mês de junho e que em Caruaru leva milhares de pessoas às ruas. Por fim, no quarto episódio, São Pedro avisa aos devotos que sua tradicional procissão não ocorrerá devido à pandemia.

As HQs, por sua vez, trazem todos os elementos visuais ligados à festividade junina. As postagens publicadas no Instagram tinham o objetivo de divulgar a radionovela e a HQ, além de trazer curiosidades sobre os santos e divulgar “simpatias” a partir das quais os santos reafirmam a necessidade de ficar em casa, como forma de prevenção à Covid-19.

### 3.3 Produção do “Santos conectados no combate à Covid-19”

O projeto, que foi realizado de maneira remota devido ao isolamento social, foi dividido em quatro etapas: a criação do *podcast*, que contou com a produção do texto e do *script*, escolha e direção dos radioatores e das radioatrizes, gravação, sonorização, edição do conteúdo e montagem; a HQ, que teve a adaptação do texto da radionovela, a criação dos personagens, ilustração, edição e finalização; e as postagens no Instagram, que integraram a produção visual e de texto. Houve, posteriormente, a etapa de pós-produção, por meio da qual o projeto foi divulgado para a imprensa. A radionovela foi disponibilizada no Spotify e enviada para a Rádio Educativa Frei Caneca, emissora pública do Recife, sendo veiculada durante todo o mês de junho, e para rádios comunitárias associadas à Associação Brasileira de Rádio Comunitária (Abraço).

O processo para a construção das histórias consistiu em uma pesquisa prévia sobre a biografia de cada santo para que a narrativa da radionovela fosse embasada com fatos históricos. Também houve uma preocupação para que a linguagem utilizada promovesse uma aproximação entre os seres divinos e seus fiéis.

Na história de Santo Antônio foi trabalhado o fato de ele ser conhecido como o santo casamenteiro. Sendo assim, a narrativa foi construída com base nesse elemento, com uma história que aborda o isolamento social e as relações amorosas. Além disso, com o objetivo de conscientizar a população, o episódio também chamou atenção para um problema agravado pela pandemia: a violência doméstica.

Na história de São João foi reforçada a necessidade de manter o isolamento social durante o aniversário do

santo, que é comemorado no dia 24 de junho. A narrativa trouxe características típicas das festas juninas em Caruaru, como as comidas gigantes, as fogueiras e demais elementos que fazem parte da comemoração.

Na história de São Pedro foi destacada a tradicional procissão realizada no aniversário do santo, mostrando a importância de manter o isolamento social e reforçando que os fiéis não precisam sair de casa para demonstrar a sua fé.

O processo de direção da radionovela foi dividido em três etapas: (1) a seleção do elenco, em que foram escalados estudantes dos cursos de Comunicação Social e *Design* do CAA/UFPE, que demonstraram interesse em contribuir com a locução da radionovela; (2) a direção dos radioatores e das radioatrizes, momento em que a diretora orientou os atores/atrizes durante as gravações; e (3) envio do material para a edição.

Os radioatores e as radioatrizes que participaram da radionovela são estudantes que têm experiência na área de atuação e que, em sua maioria, já tinham cursado as disciplinas de Oficina de Texto e Criação para Mídias Sonoras. Os alunos produziram as falas usando a ferramenta de “áudio” do WhatsApp ou de aplicativos gratuitos como o “Gravador de Voz”. As gravações eram enviadas pelo WhatsApp, por meio do qual também ocorria a direção dos radioatores e das radioatrizes, momento em que a diretora analisava se os áudios estavam de acordo com o planejado e solicitava a regravação das falas, se fosse necessário.

O projeto gráfico para os cartazes, os *cards* do Instagram e as histórias em quadrinhos dos “santos” envolveram muitas cores e elementos presentes nas comemorações juninas. Foi planejado e usado um *design* que remeteu às cores das vestes de cada santo, junto a elementos que representam a imagem retratada naquele momento, como por exemplo a conexão dos santos por meio do uso de aparelhos celulares e de aplicativos de mensagens.

Os cartazes sempre tinham frases que traziam o santo para o contexto da pandemia. A tipografia escolhida foi inspirada na estética da literatura de cordel, além de outras referências como a do movimento *Pop Art*.

A cada veiculação de um episódio foram produzidos *cards* para as publicações no Instagram e divulgação no WhatsApp. A estratégia de veiculação dos episódios da radionovela e da HQ foi definida a partir do estudo sobre métricas e engajamento do Instagram. Foi identificado que o horário de maior interação do público eram os finais das tardes. O objetivo da equipe das redes era aumentar o número de seguidores, além de dar visibilidade para a produção.

A estratégia incluía postagens de “simpatias”, de cartazes sobre a vida e importância do santo e, finalmente, a divulgação da HQ junto ao episódio da radionovela. Esta dinâmica se repetiu em cada uma das datas comemorativas dos três santos juninos.

A assessoria de imprensa do projeto trabalhou a divulgação junto à imprensa e nos grupos de WhatsApp. Foi construído um *release* e enviado, por *e-mail*, para 30 veículos de comunicação da região, além do grupo do WhatsApp “Imprensa Agreste”, que reúne 256 profissionais da mídia pernambucana. A segunda etapa contou com a divulgação dos produtos em grupos e conversas privadas no WhatsApp.

### 3.4. Histórias das lutas

A última etapa do projeto, em 2020, foi a criação de *podcasts* com o objetivo de mostrar a história das lutas de movimentos e coletivos e, para isso, pensamos publicações que relatam essas lutas de grupos minoritários. Além dos *podcasts*, foram produzidos dois quadros: o “Você sabia?” e o “O Vozes que Inspiram”, que tiveram como objetivo evidenciar pessoas importantes nas lutas, datas e momentos marcantes na história do Brasil. Também nessa etapa foram produzidos vídeos com personagens revelando suas lutas. As entrevistas passaram pelas seguintes etapas: planejamento da gravação e do roteiro, busca de personagem, gravação e edição. A pós-produção se deu pela compilação das imagens e edição das entrevistas através do programa *Premiere Pro*. As sequências foram finalizadas com a imagem da logomarca do projeto “Solte sua Voz” e os créditos. Após a edição dos vídeos, foi realizada uma adaptação para as redes sociais e publicação no IGTV.

## 4. Considerações finais

Este trabalho se propôs a fazer um relato de experiência do projeto “Solte sua voz: os invisíveis midiáticos”. Entendemos que o projeto vem alcançando o que se espera de uma extensão, ou seja, ser um “processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (Forproex, 2020). Além da contribuição na formação do estudante, o maior impacto do projeto é a possibilidade de transformação social nas comunidades, na medida que vem buscando trabalhar uma informação contra-hegemônica, atingindo o seu público-alvo através de diversas mídias.

Nesse sentido, a divulgação do projeto foi feita em 18 veículos de comunicação de Pernambuco, e a veiculação na rádio educativa e pública Frei Caneca, o que contribuiu para levar a mensagem para diversos públicos. O projeto também foi disponibilizado para a Abraço, ampliando sua veiculação para todo o Brasil. Além da utilização das redes sociais, que têm contribuído para que o conteúdo se expanda e chegue a homens e mulheres de todo o mundo. As ações dos projetos foram mostradas em artigos científicos publicados no Congresso Brasileiro de Comunicação (Intercom), na revista de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Raízes e Rumos, e na Revista Comunicação & Educação da Universidade de São Paulo (USP).

A produção “Santos Conectados no Combate à Covid-19” também ganhou o terceiro lugar no prêmio Rubra de Rádio Universitária, na categoria radiodrama. O prêmio é uma iniciativa da Rede Brasileira de Rádios Universitárias e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

O projeto segue em 2021 com o objetivo de provocar reflexões sobre a pandemia e seus impactos, sobretudo em comunidades com alta vulnerabilidade social, e sobre a importância da comunicação e da promoção à saúde para os cidadãos e cidadãs.

## Referências

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, J. M. *Comunicação e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

BUCCI, E. *O Estado de Narciso: a comunicação pública a serviço da vaidade particular*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CHIANCA, L. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. *Revista Antropológicas*, Recife, v. 18, n. 2, p. 49-74, 2007.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. *Plano Nacional de Extensão Universitária*, Edição Atualizada. Brasil, 2010.

GUARESCHI, P. A. *O Direito Humano à Comunicação: pela democratização da mídia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

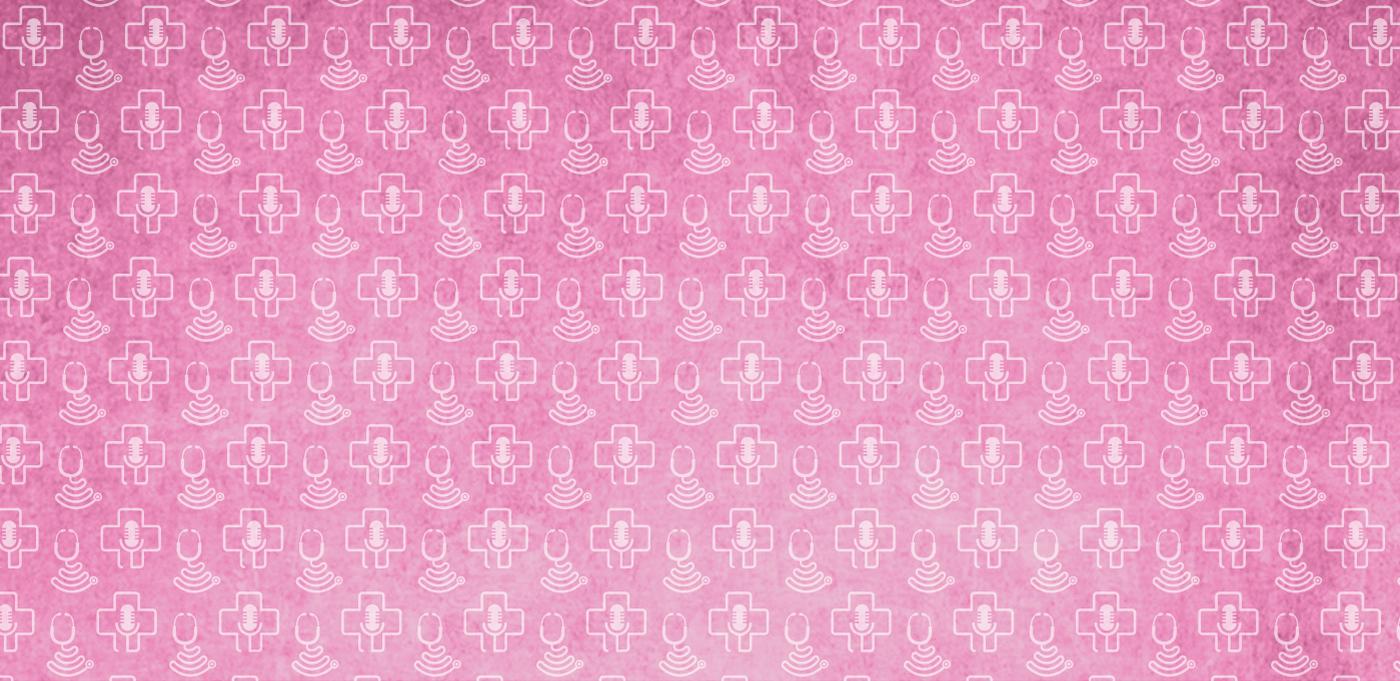
MEDIA OWNERSHIP MONITOR BRASIL. *Quem controla a mídia no Brasil?* 2017. Disponível em: <https://brazil.mom-rsf.org/br/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Carta de Ottawa*. 1986. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta\\_ottawa.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf). Acesso em: 13 jan. 2021.

PERUZZO, C. *Direito à Comunicação Comunitária, participação popular e cidadania*. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 1-29, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20989/11364>. Acesso em: 14 jan. 2021.

PROEXC. A Proexc. [Recife: UFPE], 2020. Disponível em: <https://www.ufpe.br/proexc/sobre>. Acesso em: 22 dez. 2020.

ZÉMOR, Pierre. *La Communication Publique – Que sais-je?* Tradução resumida do livro: Prof. Dra. Elizabeth Brandão. Edição 4. São Paulo: Editora PUF, 2008.



## **SONHAR ACORDADO: possibilidades de ações do Laeh-UFPE durante o contexto de pandemia**

DAYDREAMING: action possibilities by  
LAEH-UFPE in the pandemic context

**Arnaldo Martin Szlachta Junior**

(Doutor em História, Professor do Departamento de  
Métodos e Técnicas de Ensino, CE/UFPE)

**Tayana Ferreira de Almeida**

(Graduanda em História, CFCH/UFPE)

Projeto “Laboratório de aprendizagem e ensino de história – Laeh”. Ano: 2020. Coordenador: Arnaldo Martin Szlachta Junior (doutor em História, professor do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, CE/UFPE). Edital: 2020-01 – de Credenciamento de Programas e Projetos de Extensão. Discentes: Dawyd Thiago de Oliveira Almeida (graduando em História-Licenciatura), Guilherme Lima Ferreira (graduando em História-Licenciatura), Mariana Soares Gama de Amorim (graduanda em História-Licenciatura), Tayana Ferreira de Almeida (graduanda em História-Licenciatura), William Silva de Freitas (graduando em História-Licenciatura).

## Resumo

Este relato de experiência apresenta os caminhos que o projeto “Laboratório de aprendizagem e ensino de História – Laeh” percorre, durante a pandemia, para promover discussões relacionadas ao ensino de História. Com as adaptações pelas quais o projeto passou em decorrência da pandemia de Covid-19, buscamos desenvolver ações *on-line*, a exemplo dos *Encontros Propositivos*, focados na discussão de textos acadêmicos e destinados aos licenciandos em História; dos *Webinários* do Laeh, destinados a professores da Educação Básica; e da construção da série de livros *Para Ler*, voltados a todos que queiram conhecer concepções teóricas da Didática da História, que guiam as discussões do Laeh. Além de relatar as experiências, apontamos ainda possíveis caminhos já discutidos com os membros do laboratório para a finalização do projeto neste contexto da pandemia, objetivando dar continuidade às pautas referentes ao ensino de História não apenas com foco nos estudantes de História da UFPE, mas também nos professores da Educação Básica.

**Palavras-chave:** Covid-19. Ensino de História. Educação Básica. Educação em casa.

## Abstract:

This experience report presents the path that the project “Laboratório de aprendizagem e ensino de História – Laeh” took to promote discussions related to History teaching. With the adaptations that the project went through, due to COVID-19 pandemic, we developed online actions, for example, Propositive Encounters, focused on the academic discussion and address to history students texts; LAEH Webinars, to primary education teachers; and a book series construction *Para ler*, to everyone interested in History's Didactic theory, that leads the LAEH discussions. In addition to reporting the experiences, this paper brings paths already discussed with laboratory members to the project realization in pandemic context, aiming to give continuity to the guidelines related to History Teaching, not only focusing on history students, but also on basic education teachers.

**Keywords:** COVID-19. History teaching. Basic Education. Education at home.

## 1. Introdução

Durante o Semestre Suplementar 2020.3 da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), desenvolvido devido à pandemia causada pelo vírus da Covid-19, surgiu o “Laboratório de Aprendizagem e Ensino de História” (Laeh/UFPE), cuja proposta é promover discussões relacionadas ao ensino de História. Para tanto, foram convidados discentes do curso da Licenciatura em História, dos programas de pós-graduação profissional e acadêmico em História e professores da rede básica de ensino. Na divulgação, tivemos uma grande quantidade de interessados que residem fora da cidade do Recife e, inclusive, fora do estado de Pernambuco, havendo participantes dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Paraná e Rio Grande do Sul. Além disso, a experiência das ações aconteceu de forma remota, e cada etapa foi muito produtiva, dada a ampla participação dos interessados, oriundos de diversas regiões do país.

As reuniões ocorreram em formato remoto, através do aplicativo de encontros virtuais Google Meet. Foi desenvolvido um grupo tanto por e-mail quanto pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, a fim de melhorar a comunicação entre os membros e organizar os horá-

rios e as reuniões de acordo com as demandas dos membros. A partir dos encontros, ficou claro que a proposta do Laeh era compreender o ensino de História de uma forma mais profunda e plural do que geralmente é compreendido durante a graduação.

Dessa maneira, divulgamos nossas ações nas redes sociais e contamos com a ajuda dos professores do curso de Licenciatura em História da UFPE, bem como dos integrantes do grupo de pesquisa GEPIFRHI<sup>1</sup>, ao qual somos associados junto à Capes. Nas mensagens divulgadas, destacamos a natureza do laboratório, o qual é voltado para professores, estudantes e interessados no ensino de História, e destacamos, ainda, que o objetivo do laboratório é possibilitar condições favoráveis de atualização para professores de História com o intuito de multiplicar informações sobre o tema. Além disso, o Laeh também busca selecionar e disponibilizar recursos didático-metodológicos, compor um acervo e desenvolver atividades, eventos, mesas e produções, a fim de contribuir com a comunidade; neste sentido, o laboratório agrega grandes contribuições à UFPE.

## 2. O Laeh/UFPE

A linha teórica seguida pelo Laeh baseia-se na perspectiva alemã de didática da História. No Brasil, o termo foi traduzido e é abordado em um aspecto mais geral, enquanto que o conceito alemão (*Geschichtsdidaktik*) – a didática da História – seria mais voltado à maneira de sistematizar a História (RÜSEN, 2001). No Brasil, entende-se a didática em formas, construção de aula e plano de ensino. Neste sentido, o laboratório constrói uma perspectiva mais ampla do termo, promovendo novas reflexões (RÜSEN, 2007).

Os autores que nortearam os seis primeiros meses de atuação do laboratório foram Peter Lee (2016), Isabel Barca (2004) e Maria Auxiliadora Schmidt (2012). O tex-

---

<sup>1</sup> Grupo de estudos e pesquisas interdisciplinares em formação humana, representações e identidades cadastrado na CAPES sob liderança da Professora Dra Raylane Andreza Dias Navarro Barreto.

to base para os nossos encontros se pautou na produção do autor alemão Jörn Rüsen. Neste semestre, lemos, discutimos e resenhamos o primeiro volume de “Razão Histórica” (RÜSEN, 2001) e o terceiro volume de “História Viva” (RÜSEN, 2007).

A produção de Rüsen representa uma outra perspectiva da concepção de Teoria da História da tradição da historiografia francesa, em que o autor apresenta e delimita as funções da história e apresenta a função do historiador. O Laeh entende que o estudo de clássicos como os mencionados são importantes para compreender como se constrói a Didática da História e como esta se alinha. Sendo a razão do estudo da obra, o texto de Rüsen possui um caráter mais reflexivo, se diferenciando das várias bibliografias com que os alunos e professores estavam mais habituados. As discussões foram essenciais para o entendimento de conceitos, tradições e percepções construídas na obra. Em suma, o autor defende que a construção de conhecimento histórico no ambiente escolar é possível através da reflexão sobre o método histórico e sobre a racionalidade histórica, que faz parte da ciência histórica (RÜSEN, 2007, p. 67).

O Laeh possui dois coordenadores: Arnaldo Martin Szlachta Junior, que é Doutor pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e suas linhas de pesquisa envolvem História da Arte, Imagens e Tecnologias no Ensino de História; e Isabel Cristina Martins Guillén, que possui pós-doutorado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na área de História, com ênfase em História do Brasil.

Possui também dois professores líderes: Wiliam Júnior Bonete, que possui doutorado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), cujas linhas de pesquisa incluem Ensino de História, Patrimônio e subjetividades; e Camila Corrêa e Silva de Freitas, que é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e possui como linhas de pesquisa a História Moderna, o Ensino de História e a História da América Portuguesa.

O Laeh encontrou grande adesão de participantes e interessados, mesmo tendo surgido em um período de pandemia, o que demonstra a sua importância para esse campo tanto na universidade quanto na rede básica de ensino. No curso de História, diversos estudantes e pro-

fissionais sentem que existe uma dificuldade em estabelecer relações entre o campo de ensino e o de pesquisa, e o Laeh vem estabelecendo esta relação e incentivando a pesquisa e estudo dessa corrente, mesmo sem possuir essa pretensão no início. Sendo assim, o laboratório possui grande relevância para os futuros professores de História e interessados no tema, demonstrando as possibilidades e perspectivas amplas e complexas que existem quando se trata de Ensino de História.

Durante o processo de expansão, decidimos criar um perfil na rede social Instagram (@laeh.ufpe), cuja primeira postagem relevante foi a divulgação da informação de que o Laeh estaria selecionando um(a) bolsista Pibex 2020 com vigência de cinco meses (agosto a dezembro), para auxiliar e acompanhar o laboratório em seu processo de crescimento. O processo de seleção foi realizado em duas etapas: inscrição e entrevistas. O período de inscrição ocorreu entre os dias 22/07/2020 e 25/07/2020, já a entrevista com os candidatos pré-selecionados ocorreu no dia 27/07/2020, e o resultado foi publicado no dia 28/07/2020. As inscrições foram pautadas na produção de uma carta de intenção e no envio do Histórico Escolar de graduação, que foram posteriormente analisados pelo coordenador do laboratório, o Prof. Dr. Arnaldo Martin Szlachta Júnior. Feita essa análise, foi disponibilizada a relação dos pré-selecionados para o processo da entrevista, havendo 12 candidatos que foram associados a um horário para a realização da entrevista no dia marcado.

A entrevista ocorreu no dia 27/07/2020, através do Google Meet, cujo código da sala virtual foi disponibilizado por *e-mail* previamente e após a confirmação de recebimento por parte do concorrente à vaga. Na entrevista, estavam presentes os professores Arnaldo Szlachta e Camila Correa, que fizeram uma série de perguntas referentes à disponibilidade, interesse e relação com o tema do laboratório. Findando esta etapa, foi disponibilizado na rede social do Instagram do Laeh o resultado da seleção, sendo a discente do curso de Licenciatura em História Tayana Ferreira de Almeida a candidata selecionada.

Coube, então, à bolsista algumas atribuições, tais como a produção de relatórios referentes a cada reunião, identificando aspectos como data, horário, participantes

presentes, texto ou assuntos discutidos no encontro em questão com o objetivo de registrar as reuniões e atividades do laboratório e fornecer aos membros que não puderam participar ou perderam algum trecho da reunião a possibilidade de recuperar estas informações; e a organização dos arquivos produzidos e relacionados ao Laeh na plataforma Google Drive, separando as produções de resenhas, textos centrais e complementares, regimento, calendário, dentre outros arquivos.

Uma das ações do Laeh é a proposta de se relacionar com outros laboratórios, projetos e entidades acadêmicas, por isso já estabelecemos contato com o Laboratório de Pesquisas e Práticas de Ensino de História, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lídia Baumgarten, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e com o Laboratório de Pesquisas em Educação Histórica (Lapeduh), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Auxiliadora Schimidt. O Laeh é um dos organizadores do projeto Portal do Bicentenário, coordenado pelo Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O laboratório, logo no início do período pandêmico, decidiu discutir duas obras do historiador alemão Jörn Rüsen. Como se tratava de uma ação de extensão, ficou acordado junto aos discentes que, além das apresentações orais, eles deveriam também apresentar a produção de uma resenha, sendo uma atribuição comum a qualquer membro que se voluntarie para tal. A ideia é que publiquemos essas resenhas em formato de *e-book*, juntamente com os comentários dos docentes ligados ao Laeh, para as discussões dos conceitos da Didática da História sejam acessadas pelos professores da rede básica de educação do estado de Pernambuco e, até mesmo, por todo o país, proporcionando um acesso mais democrático dentro da universidade. Atualmente, nos preocupamos com a questão da comunicação e, em virtude disso, o Laeh possui perfil no YouTube, Google Groups, Instagram, Gmail, Facebook e um grupo no WhatsApp. Neste sentido, usamos as redes sociais do Laeh com postagens, envio de *e-mails* e compartilhamento de informações a diversos grupos para além dos que compõem a UFPE.

Para a produção de *posts*, buscamos o uso de imagens que dialoguem com diversas faixas etárias e, muitas ve-

zes, usamos uma linguagem visual mais irreverente, com ilustrações, fazendo indicação de leituras e informando nossas reuniões e eventos. Tais ações possibilitaram o desenvolvimento de uma identidade visual do Laeh, que, em muitos momentos, é reconhecida pela composição.

As reuniões do Laeh, inicialmente, foram organizadas semanalmente; porém, após algumas deliberações, estabeleceu-se como dia comum dos encontros as manhãs de terça-feira, visto que esse seria o horário mais interessante para a maioria. Com o decorrer dos meses, houve ajustes no horário para readequar as necessidades dos membros, assim como na frequência dos encontros, que de semanais passaram a ser quinzenais, ocorrendo ocasionalmente reuniões extras para manter o planejamento do calendário, que foi dividido em dois ciclos.

### 3. Os ciclos temáticos do Laeh/UFPE e a produção de resenhas

O primeiro ciclo temático de leituras teve como tema Educação e Aprendizagem Histórica. Neste, as primeiras reuniões envolveram a apresentação e a discussão dos projetos futuros do laboratório, bem como a leitura e a produção de resenha dos textos “Afinal, o que é Educação Histórica?”, das autoras Maria Auxiliadora Schmidt e Ana Cláudia Urban; e “Literacia histórica e História transformativa”, de Peter Lee. As resenhas dos textos foram realizadas, respectivamente, pelos estudantes-membros Wiliam Silva de Freitas, Luiz Vinícius Maciel Silva e Thiago Souto Maior Ferraz de Oliveira.

Além disso, foi incentivada a participação dos membros na mesa de abertura do “Seminário Socialização de Pesquisas e Práticas de Ensino de História: Educação Histórica em tempos de pandemia e autoritarismo”, apresentado pela Dr.<sup>a</sup> Maria Auxiliadora Schmidt (UFPR) e pela Dr.<sup>a</sup> Isabel Barca (Universidade do Minho/Portugal). A mesa contou com a mediação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lídia Baumgarten (Ufal) e foi disponibilizada no canal do YouTube CPDHis Ufal.

O segundo ciclo temático de leituras foi denominado “Jörn Rüsen e a Ciência da História”. Neste ciclo, as reu-

niões se pautaram nas leituras, discussões, apresentações e produções de resenha de capítulos da obra “Razão Histórica”. O intuito da produção das resenhas pelos membros seria facilitar a leitura para outros membros que poderiam não ter tempo hábil para ler o texto completo a tempo da discussão ou para auxiliar a compreensão, em caso de trechos complexos que não foram bem compreendidos.

As resenhas também foram produzidas a fim de reuni-las e publicá-las em um projeto e trabalho em conjunto. Esta proposta está em desenvolvimento e foi intitulada “Para ler”. A primeira edição seria referente aos textos de Jörn Rüsen e a ideia do “Para ler” é apresentar uma versão sistematizada e acessível de teorias produzidas em conjunto, visando demonstrar o que esperar da obra completa.

Os membros responsáveis pelas produções de resenha referente ao livro I - “Razão Histórica” foram: Hulda Lourenço Alves da Silva (Introdução), Eloyze Lorena Gomes Batista, Gabriel Melo Nascimento, Joana Vitória Gonzaga Bezerra, Maria Eduarda Rodrigues Fernandes de Araújo e Thomas Vinicius dos Santos Lima (capítulo I); Anna Júlia Pascoal, Caio Varela, Dawyd Thiago, Mariana Marques e Thaís Santana (capítulo II), Luiz Vinícius Maciel, Rodrigo Guimarães, Thiago Souto Maior e William Freitas (capítulo III), Philipe Paulino, Lucas Bastos, Manoela Ferrari, Nilton Gabriel e Tayane Ferreira (capítulo IV); e Júlia Maria de Araújo Lisboa (Horizontes).

Entre a primeira e segunda parte do segundo ciclo, foram desenvolvidos Encontros propositivos, nos quais os coordenadores, professores líderes e membros do Laeh apresentaram suas pesquisas.

Outros momentos que também realizamos no laboratório durante o contexto pandêmico de 2020 foram os Encontros Propositivos, nos quais os professores e membros do laboratório compartilharam suas pesquisas e processos relacionados ao ensino de História. A cada encontro, duas pessoas expuseram seus temas, discutindo e compartilhando experiências. O primeiro Encontro Propositivo foi apresentado pelo coordenador Arnaldo Szlachta e pelo professor líder Wilian Júnior Bonete. O Prof. Arnaldo apresentou sua pesquisa, que foi desenvol-

vida com a Dr.<sup>a</sup> Márcia Elisa Teté Ramos (UFPR), e suas linhas de pesquisa envolvem História e Ensino. O trabalho se intitula “Possibilidades para a Educação Patrimonial por meio de games de realidade aumentada”.

O Prof. Wilian Bonete, por sua vez, apresentou sua pesquisa com o tema “Identidade e Consciência Histórica: um estudo com professores de História que atuam na Educação de Jovens - Paraná”. Ambos os trabalhos foram bastante elogiados pelos membros, e a apresentação ocorreu em nossas reuniões quinzenais, sendo estas gravadas e disponibilizadas no canal do YouTube, possibilitando amplo acesso às nossas discussões.

O segundo Encontro Propositivo foi apresentado por dois membros do Laeh que fazem parte da educação básica: a Prof.<sup>a</sup> Me. Joyce Oliveira Pereira (PPGHIST-UEMA), cuja linha de pesquisa inclui Educação para as relações étnico-raciais, com enfoque na historiografia, escrita e ensino da História da África e tem como título de pesquisa "Quando os leões contam histórias: contos como recurso didático para o Ensino de História e Cultura Africana"; e o Prof. Me. Emanuel Oliveira (UFPE), cujas linhas de pesquisa incluem saberes históricos escolares, currículo de história, formação de professores de história e história dos conflitos agrários em PE, entre o final do século XIX e início do XX. O prof. Me. Emanuel Oliveira apresentou sua pesquisa "A unidade conteúdo-método na construção do conhecimento didático docente".

Os encontros foram bem recebidos pelos membros, havendo interação e interesse por parte deles em conhecer os trabalhos elaborados. Sendo assim, para 2021, o Laeh dará continuidade ao projeto, visando sempre expandir e melhorar as experiências.

Os membros responsáveis pelas produções de resenha referente ao livro II - História Viva, foram: Tayane Ferreira (Introdução); Rafael Fiedoruk, Victor Batista, Dora de Sá, Joyce Bruna e Joyce Oliveira (capítulo I); Anna Júlia Macêdo, Caio Varela, Thaís Santana, Débora Gonçalves, Lucas Bastos e Philipe Paulino (capítulo II); e Larissa Klossowski (conclusão).



## 4. Os Webinários do Laeh/UFPE

Uma das principais ações que adaptamos para o período pandêmico foi a criação do *Webinário* do Laeh. Originalmente, iríamos fazer encontros presenciais de pesquisadores da área de Ensino de História; porém, com a chegada da pandemia, fizemos através do nosso Canal do YouTube. Ocorreram quatro *webinários* promovidos pelo Laeh, para os quais foram convidados renomadas(os) pesquisadoras(es) no campo do Ensino de História. Os *webinários* foram eventos comuns na comunidade acadêmica durante o período de pandemia e eram elaborados com o objetivo de manter as atividades ativas, expandir os muros e fronteiras e possibilitar o contato com diversos pesquisadores e núcleos de universidades ao longo do país. Nesse sentido, o Laeh teve a honra de receber grandes nomes na área de Ensino de História e Educação Histórica durante o semestre de 2020.3.

O primeiro *webinário* recebeu a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Auxiliadora Schmidt (UFPR) para discutir a respeito do tema “Educação Histórica: o que, como e para que vale a pena aprender História”. O tema foi apresentado através do Google Meet, com limite de 250 vagas, e ocorreu por meio de inscrições utilizando o Formulário do Google. Houve uma grande adesão do público, e foi uma honra para o laboratório receber como primeira convidada a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Schmidt, que é uma das referências teóricas do laboratório. O evento ocorreu de acordo com o planejado e houve muitos elogios referentes à organização do evento.

O segundo *webinário* recebeu a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Pacievitch (UFRGS), para discutir a respeito do tema “Sonhar desperto: formação docente e utopias político-educacionais”. Para esse *webinário* foi utilizado o YouTube, em que foi criado um canal para o laboratório (Laeh UFPE). Atualmente, o vídeo do segundo *webinário* conta com 310 visualizações, e o canal possui 226 inscritos. Essa troca no meio de comunicação ocorreu com vistas a atingir o maior alcance de pessoas e manter o registro das discussões e eventos promovidos pelo Laeh em um único lugar.

O terceiro *webinário* recebeu o Prof. Dr. Luís Fernando Cerri (UEPG) para discutir a respeito do tema “Cultura Histórica e cultura política: desafios para a pesquisa em didática da história”. Esse *webinário* também está disponível no canal do YouTube e nele consta 305 visualizações. O Prof. Dr. Fernando Cerri também é constantemente discutido no laboratório, assim como sua linha de pesquisa.

O quarto *webinário* recebeu a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lima (UFMS) para discutir a respeito do tema “Perspectivas discursivas para analisar a aprendizagem da língua escrita na relação com o desenvolvimento do pensamento histórico: língua, cultura e discurso histórico escolar”. Esse quarto *webinário* possui 334 visualizações no canal do YouTube.

A partir desse *webinário*, percebeu-se que o público não estava acompanhando, em sua maioria, a produção ao vivo, mas sim deixando para assistir depois, em outro momento. O laboratório começou a discutir a respeito do conflito entre os eventos, reuniões e as demandas do fim do período letivo e, desta forma, foi estabelecido, a partir dessa experiência, o objetivo de melhorar a comunicação, bem como o período de tempo e a interação com o público nos próximos eventos, visando uma abordagem mais estratégica.

Para as próximas atividades do Laeh, planeja-se expandir alguns eventos e relações de acordo com as experiências e aprendizados obtidos no semestre que se passou. A manutenção do funcionamento *on-line* é uma proposta que planejamos manter, visto que muitos membros oriundos de outros estados e instituições gostariam de manter o vínculo com o laboratório.

A proposta de calendário para 2021 prevê a data para a volta das atividades para fevereiro de 2021, com o encerramento referente às atividades de pesquisa do laboratório, previsto para o mês de outubro. Esse período de funcionamento foi pensado de acordo com as demandas e percepções colhidas no semestre passado. É interessante para o Laeh funcionar em um espaço de tempo mais distante dos inícios e fins dos períodos da universidade – em que a maioria está sobrecarregada de atividades e prazos –, visando atuar de forma confortável na rotina de todos.

Os *webinários* teriam início em março e ocorreriam até outubro, e os encontros propositivos seriam pensados para abarcar quatro pesquisas e cinco produções de material didático, pensando na proposta de apresentação de trabalhos dos membros do Laeh. Outra proposta seria o estabelecimento de proximidade com Pibid e com outros laboratórios.

## 5. Pontos positivos e negativos percebidos através da experiência

A experiência com o formato remoto foi nova para todos que constituem a instituição. O laboratório surgiu nesse período e, apesar disso, conseguiu rapidamente estabelecer contato e relações com diversas pessoas. Ninguém estava preparado para este novo modo de interagir. A priori, existiram negativas e muitas resistências ao funcionamento desta maneira devido à falta de recursos, experiência e preparo de ambos os lados para tal. Porém, com o passar do tempo e com a manutenção do risco gerado pela Covid-19, foi estabelecido o desenvolvimento optativo do funcionamento remoto.

É exatamente nesse contexto que o Laeh surge enquanto entidade e inicia a experiência com o laboratório, o que culminou em pontos tanto positivos quanto negativos, que foram evidenciados no cotidiano e na experiência vivenciada e sobre os quais discutiremos a seguir.

Entre os pontos positivos, percebe-se que o surgimento do laboratório nesse formato fez com que a comunicação que o Laeh desempenha com seus membros e público se tornasse rápida e objetiva. Estas são características intrínsecas aos meios digitais e, com este cenário, o laboratório objetiva ocupar esses espaços com um propósito de disseminar discussões e informações responsáveis a respeito do Ensino de História.

Uma das grandes facilidades do meio digital é a rapidez com a qual as informações são trocadas e passadas. Durante este período, o fato da criação do laboratório e seus objetivos circularam rapidamente, gerando engajamento e interesse das pessoas e reunindo-as enquanto

coletivo. Além disto, a organização e o alinhamento referentes aos horários, datas, necessidades inesperadas de trocas ou reajustes são facilmente deliberados através das redes. Outro ponto positivo do formato remoto foi a possibilidade de conhecer e se conectar com pessoas, eventos e instituições, o que, no funcionamento físico habitual, não seria possível. O corpo do Laeh é formado por pessoas de diversos lugares, instituições e realidades, o que enriquece ainda mais nossos debates e trocas a ponto de ser proposta a manutenção do formato *on-line*, mesmo pós-Covid, visto a pluralidade que esse formato trouxe ao laboratório.

Sobre os pontos negativos, percebeu-se que um dos grandes empecilhos para a adesão do formato remoto estava ligado à diferença de realidades sociais, o que implica acesso a aparelhos eletrônicos e à internet. A UFPE realizou uma campanha para auxiliar aqueles que possuísem essa vulnerabilidade, a fim de tentar garantir o máximo de equidade possível. No Laeh, houve momentos em que algumas pessoas passaram por instabilidade de internet ou energia, sendo esses episódios esporádicos e pouco recorrentes. Ainda assim, nossos encontros eram, em sua maioria, gravados. Posteriormente, era disponibilizada uma relatoria com o que ocorreu na reunião para o caso de alguém que não pôde comparecer ou perdeu algum momento específico.

Alguns encontros, com as devidas autorizações, foram disponibilizados no YouTube, como os encontros propositivos, mas as reuniões normais não foram disponibilizadas conforme deliberação dos membros. Há, também, uma produção de resenha de nossas leituras, tendo, assim, um registro escrito simplificado e resumido para aqueles que não tiveram tempo hábil de ler o capítulo em questão. O Laeh se propõe a tentar ao máximo ser acessível e aprender com as dificuldades e problemáticas enfrentadas para a construção e crescimento enquanto um laboratório inclusivo.

Uma realidade que surgiu nesse formato é o cansaço que as atividades digitais proporcionam e a distorcida percepção de tempo, uma vez que, no espaço físico, ocorrem aulas totalizando cinco horas, média que, no digital, seria algo em torno de duas horas. Com isso, constata-se que

a quantidade de eventos, cursos, *webinários*, colóquios, falas, *lives*, aulas, que ocorreram nesse período foi imensa

Nesse processo de experiência, percebeu-se que professores/palestrantes e estudantes/público têm um limite menor de energia e atenção em eventos virtuais. As reuniões do Laeh ocorreram das 10h às 12h. Entretanto, este período de tempo variava de acordo com o engajamento e energia dos membros no dia, respeitando dias de pouca interação, encerrando os encontros virtuais mais cedo ou estendendo um pouco o horário em casos de discussões mais animadas.

Uma dificuldade percebida ao longo das reuniões foi a assiduidade dos membros: havia sempre uma mudança de fluxo e presença das pessoas nos encontros. Após algumas deliberações, foi concluído que o funcionamento do laboratório seria mais satisfatório longe das datas de início e fim do período, para evitar uma grande carga nos membros. Essa percepção foi analisada e já será colocada em prática em 2021, visando não sobrecarregar os membros e permitir um bom funcionamento do laboratório.

## 6. Considerações finais

O surgimento de um laboratório que relacione os aspectos de pesquisa e teoria da História ao processo de pesquisa e experiências do Ensino de História vem para enriquecer as discussões e formações na UFPE. Além disso, o Laeh é plural e acessível, buscando uma transparência entre seus membros através do comprometimento com a comunicação com a comunidade externa, a fim de se estabelecer enquanto um espaço seguro e agradável.

Nossa principal intenção é chegar aos professores da Educação Básica e, juntamente a eles, construir atos para inserção nas escolas, sendo a construção de materiais didáticos para as escolas de Ensino Fundamental e Médio uma das ações planejadas para 2021. Com isso, consideramos ser de extrema importância compreender o ensino de História enquanto campo de experiência e pesquisa.

O Laeh demonstra, em diversos aspectos, a preocupação com a inclusão e com a participação dos membros

em seu processo de crescimento, de modo que os estudos, discussões e eventos promovidos pelo laboratório foram sempre abertos e debatidos, objetivando um desenvolvimento que aconteça de forma confortável e acessível para todos. A metodologia adotada levou em consideração o contexto pandêmico e a adaptação adotada pela UFPE para a continuidade das atividades, abrangendo, também, pessoas de diversos estados e regiões ao redor do país. Durante o decorrer dos meses, foram notadas necessidades de adaptação e reorganização para a melhor experiência e, além disso, houve sugestões dos membros para incorporação de mais temas e dinâmicas que serão adotadas e pensadas para o ano de 2021.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. In: RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UnB, 2001.

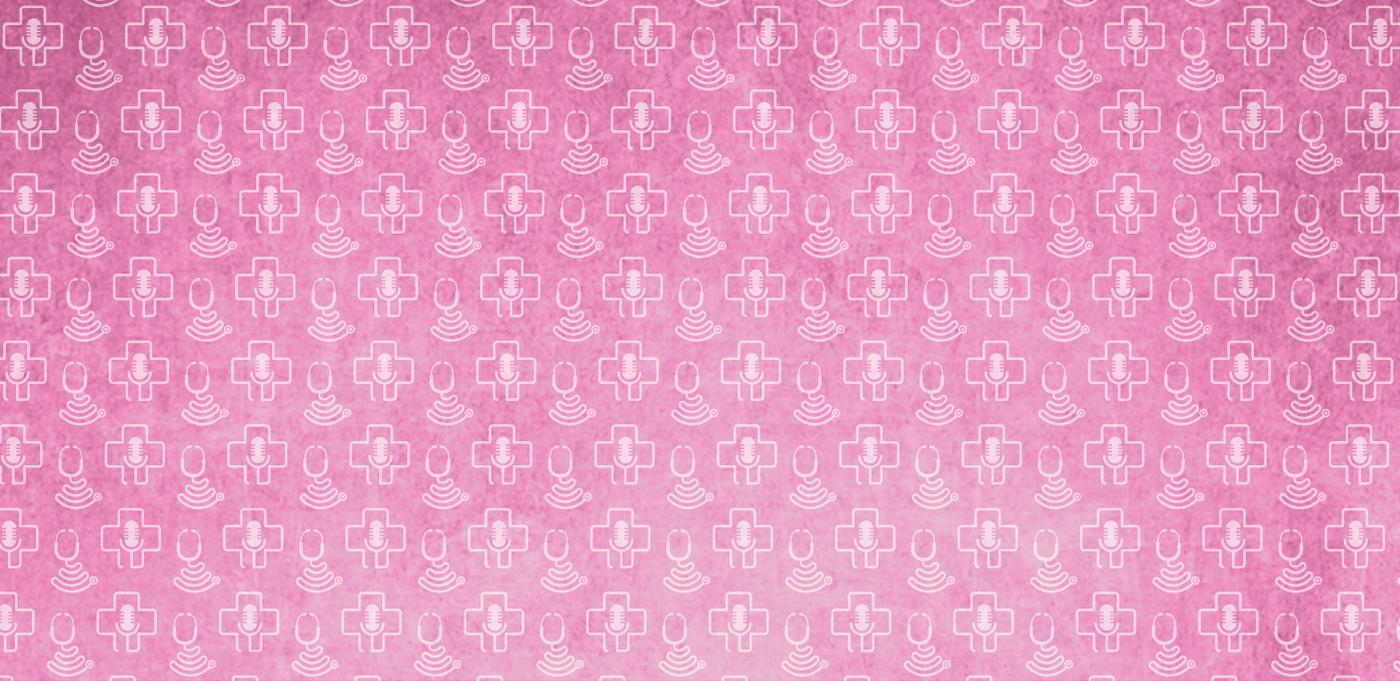
RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: História viva*. Brasília: Editora UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa v. 1, n. 2, p. 7-16, 2006.

LEE, Peter. Literacia histórica e história transformativa. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 60, p. 107-146, 2016.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projecto à avaliação. In: BARCA, Isabel (org.). *Para uma educação histórica de qualidade*. Braga: Editora Universidade do Minho, 2004. p. 131-144.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Cultura histórica e cultura escolar: diálogos a partir da educação histórica. *História Revista*, Pelotas, v. 17, n. 1, p. 91-104, 2012.



**VIRTUS PODCASTS - DEFESA  
SOCIAL, SEGURANÇA PÚBLICA E  
DIREITOS HUMANOS:  
produzindo conhecimento  
em tempos de pandemia**

VIRTUS PODCASTS - SOCIAL DEFENSE,  
PUBLIC SECURITY AND HUMAN RIGHTS:  
producing knowledge in pandemic times

**Sandro Cozza Sayão**

(Doutor em Filosofia, Docente do Departamento de Filosofia, CFCH/UFPE)

**Carlos Frederico Vasconcellos Monteiro Rosa**

(Mestre em Direitos Humanos, Comissário Especial  
da Polícia Civil de Pernambuco)

**Márcio Roberto Cavalcanti da Silva**

(Mestre em Direitos Humanos, Comissário Especial  
da Polícia Civil de Pernambuco)

**Luis Filipe Santana Soares**

(Graduando em Filosofia, UFPE)

Este texto é resultado do projeto “Virtus Web: produção de podcasts em Segurança pública, Defesa Social e Direitos Humanos”, coordenado pelo Prof. Dr. Sandro Cozza Sayão (Departamento de Filosofia/CFCH) e vice-coordenado pelo Ms. Carlos Frederico Vasconcellos Monteiro Rosa (professor e Policial Civil de Pernambuco). O projeto foi aprovado por meio do Edital 2020-03 – de Registro das Ações de Extensão com Movimentação Financeira e foi escolhido como uma das ações extensionistas apoiadas pela Proexc para o enfrentamento da Covid-19, na área de atuação da Comunicação Pública. Além dos coordenadores, participaram como membros da equipe executora: Márcio Roberto Cavalcanti (mestrando em Direitos Humanos/PPGDH/UFPE); Luis Filipe Santana Soares (graduando em Filosofia, UFPE); Bruno José da Silva (graduando em Cinema e Audiovisual, UFPE); Nina França (graduanda em Artes Visuais, UFPE); Isabel Xará (graduanda em Expressão Gráfica, UFPE).

## Resumo

“Podcast Virtus” é um dos projetos de extensão associados ao “Programa Virtus” da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em seu escopo, o projeto visa produzir conteúdo envolvendo temas relacionados à Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos, fundindo a um só tempo reflexões, críticas e análises apuradas de especialistas e profissionais dessas áreas. Durante a pandemia de Covid-19, o projeto se direcionou à produção de *podcasts* com temáticas relacionadas, objetivando suprir o grande vácuo analítico existente, focando principalmente no trabalho de proteção e zelo pela saúde física e mental dos agentes da Segurança Pública, bem como de questões singulares que pela pandemia insurgiram. Os *podcasts* são editados em parceria com a Nabecast Podcasts & Multimedia, sediada no Japão, e contam com a parceria do Instituto Maria da Penha, aqui do Brasil. Destaca-se, também, o envolvimento direto de policiais civis e militares com formação específica em Direitos Humanos.

**Palavras-chave:** *Podcast*. Covid-19. *Virtus*. Segurança Pública.

## Abstract

“Virtus Podcast” is a university extension project associated with the “Programa Virtus” by Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). In its scope, the project aims to produce content involving themes related to Social Defense, Public Security and Human Rights, merging at the same time reflections, criticisms and accurate analysis of specialists and professionals from these areas. During the COVID-19 pandemic, the project focused on the podcasts production with related themes, aiming to supply the great analytical vacuum that exists at the moment, focusing mainly on the work of protection and care for the public security agents’ physical and mental health, as well as singular issues that arose through the pandemic. Virtus podcasts are edited in partnership with the Nabecast Podcasts & Multimedia, based in Japan, and have the partnership of the Maria da Penha Institute, based in Brazil. Also, the direct involvement of civil and military police officers with specific training in Human Rights is noteworthy.

**Keywords:** Podcast; COVID-19; VIRTUS; Public Security.

## 1. Introdução: o nascimento do Programa Virtus-UFPE

Em *A era dos extremos: o breve século XX*, ao descrever os inúmeros acontecimentos vividos entre 1914 até 1991, Hobsbawm (1995) estamparia, de modo lúcido e contundente, o modo com que, no âmbito moral e espiritual, a humanidade não deu os mesmos passos largos que foram dados no contexto científico e tecnológico. Embora a inteligência e a racionalidade tenham sido empoderadas e os lampejos criativos nos tenham feito acessar a possibilidade da manipulação das próprias estruturas elementares da vida, tornando normal o que, antes, era mera ficção, no contexto em que cintila o encontro de uns com os outros, diante da maneira com que reagimos às nossas diferenças e singularidades, percebemos como ainda estamos prisioneiros das intempéries do egoísmo e da baixeza de desejos destrutivos.

O século em que desvendamos o DNA, em que clones humanos se tornaram possíveis e a energia limpa e renovável, produzida a partir do vento e do sol, se tornou algo comum, foi também o século em que tivemos de nos confrontar com nossas maiores mazelas e com a possibilidade do extermínio completo da espécie humana através das bombas nucleares e do escândalo das muitas

formas de violência vividas entre nós. Ao lado da quantidade quase infinita de conhecimento e de informação disponíveis em equipamentos que cabem no bolso, confronta-nos, ao menos para os que têm consciência, a triste realidade de homens, mulheres, crianças e idosos de várias etnias e classes sociais, sujeitos a uma gama quase infinita de atrocidades. São pessoas que, para muitos e para o próprio sistema, são dispensáveis; sujeitos, como afirmaria Bauman (2005, p. 47), “dos quais devia haver menos”. Pessoas para as quais não deveríamos olhar ou mesmo desperdiçar força e energia.

Assim, como um fantasma à espera de uma brecha para poder se manifestar, a bestialidade humana nos ronda, seja no macro contexto das interações sociais estabelecidas, seja na micro-esfera das relações domésticas e familiares. A dura realidade da barbárie em meio a uma civilização tecnologicamente empoderada, que, no caso do Brasil, se estampa no recrudescimento da violência de uns para com os outros e de todos para com a natureza, comprovam que ainda estamos longe de sermos uma sociedade minimamente tendenciada à paz.

Isso exige de todos nós uma atenção especial aos dispositivos e mecanismos que visam promover um novo modo de ser e pensar. Aqui, entra o papel de destaque da Educação. Pensar, refletir, problematizar, criticar, interagir com a bagagem cultural acumulada, a partir de uma perspectiva ampla e plural, sabendo ler e interpretar a história e os acontecimentos de modo ético e responsável, no que se pode considerar como uma interpretação *amorosa* e *generosa* da história, é não apenas algo fundamental, mas indispensável em termos de se poder afastar de nós escolhas perversas e caminhos ainda mais destrutivos. Em outras palavras, precisamos, de um modo ou de outro, aprender que a paz, a justiça e a responsabilidade devem mover a consciência, para que o desejo de que todos possam ser respeitados e tratados com dignidade possa se tornar, por fim, fonte comum de toda atividade e teoria.

No entanto, precisamos considerar que, no contexto que trata dessa sutil película humana que nos configura, cujo acesso não se dá de nenhum modo pela via material, não podemos pensar em termos de uma processua-

lidade linear ou num movimento em direção única. Os matizes de ordem espiritual que nos singularizam não podem ser olhados do mesmo modo com que se olha para o mundo das coisas. Diante deles, há que se tomar uma outra postura. Isso a fim de se perceber que não se trata de pensarmos em termos de erradicar de nós as muitas contradições existentes, mas de aprendermos a lidar com elas. Talvez estejamos sempre às voltas com as mesmas questões e conflitos, com os mesmos desejos e necessidade; por isso, não se trata de uma melhoria do que se é, mas da necessidade de precisarmos aprender a lidar com todas as nossas faces, inclusive as mais perversas, o que nos leva a encarar de frente a necessidade das estruturas protetivas, cujo fim último deve estar sempre alinhado aos grandes ideais éticos que apontam para a justiça e para a solidariedade. Em outras palavras, tal como Nietzsche (2000) considerou, talvez estejamos sempre às voltas com as mesmas coisas, no que se pode chamar de um eterno retorno do mesmo.

Esse reconhecimento da sempre presente ameaça da absurdidade, que estampa o risco dessa eterna sujeição dos indivíduos ao medo e às necessidades, as quais, de certo modo, explicam a história de contradições que acima consideramos, talvez nos faça compreender a importância de ações protetivas como as que se congregam nas múltiplas ações da Defesa Social e da Segurança Pública.

O *novum ético*, necessário à nossa civilização, passa pela tarefa constante de se despotencializar escolhas perversas, seja via processos em que, juntos, refletimos sobre a necessidade de sermos de outro modo, seja prevenindo e mesmo intervindo de modo ostensivo para que essas mesmas escolhas e caminhos possam ser reconsiderados e reconfigurados quando isso for necessário. O que não deixa de ser uma *vigília amorosa*, o que, ao contrário do que afirmaria Foucault em *Vigiar e punir* (1987), não tem por meta controlar ou simplesmente cercar quem poderia fazer frente às regras estabelecidas, mas sim estar atento com a finalidade de que a inumanidade daqueles que desejam usar o Outro como um meio para seus fins não se estabeleça e não tenha êxito.

O que se quer é um estado de atenção da própria consciência, para que os astutos não tenham como efeti-

var seus atos ilícitos e suas articulações com vistas a usar e perverter os outros. Não há como dormir ou pestanejar diante daqueles que desconhecem o outro como *Outro*. Diante das grandes redes de tráfico de pessoas, diante da escandalosa trama de exploração sexual infantil, diante do tráfico de órgãos e de armas, dos que usam do trabalho escravo, entre outras absurdidades, a consciência não pode dormir e as instituições não podem “relaxar”. E, por isso, as grandes demandas humanitárias, que, de modo sistemático, foram compiladas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, para tomarem corpo entre nós, precisam daqueles que se singularizam pela Defesa Social e pela Segurança Pública. Embora possamos projetar tempos em que nossas escolhas possam ser organizadas em função da responsabilidade, tempos em que a paz e a justiça sejam algo comum, até lá precisamos responder à altura a tentação destrutiva que nos ronda.

Isso tudo nos faz considerar em que medida as forças que as grandes demandas humanitárias administram são necessárias; em como os próprios Direitos Humanos, para que possam se estabelecer, precisam do trabalho da Defesa Social e da Segurança Pública, o que de nenhum modo mascara ou deixa de tornar também evidente a responsabilidade implícita e a necessária qualificação, aperfeiçoamento, análise crítica e problematização aqui também associada. Como um *pharmaco*, que também pode se transformar em algo mortal, é necessário criar canais para que aqueles que trabalham com Defesa Social e Segurança Pública não se desviem do seu compromisso ético de zelar pela vida e do igual risco da absurdidade, que sobre eles também paira.

E é nesse sentido que projetos de pesquisa e extensão, que associam a um só tempo Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos, são tão importantes. Ao aproximarem quem sistematicamente pensa e produz conhecimento a respeito – nesse caso, pesquisadores das universidades – das grandes demandas relacionadas a essas temáticas, o que se faz é estimular a construção sistemática do conhecimento e a elaboração apurada de saberes, que são os únicos capazes de nutrir novas tomadas de decisões e novos caminhos ao agir e pensar próprios de uma sociedade minimamente ética/responsável.

Isso, pela característica das temáticas consideradas, exige não apenas a especulação de ordem teórica refinada, baseada na contração conceitual e na especulação científica, mas também uma aproximação mais direta ao diálogo reflexivo oriundo da interação com o saber que *brot*a do trabalho efetivo na área. Ou seja, exige, também, a elaboração de saberes que contam com um claro envolvimento com o agir cotidiano dessas frentes de trabalho, para que, no entrecruzamento desses com os desafios éticos considerados, se possam erguer novas possibilidades.

É em torno disso que o agora programa de extensão “Virtus: Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos da UFPE” se estabeleceu. A ideia foi associar, em um só tempo, o trabalho de professores/pesquisadores às demandas, conhecimentos práticos e a *expertise* de quem trabalha diretamente ligado às áreas de Segurança Pública, Defesa Social e Direitos Humanos com o desafio de tonificar a produção de saberes múltiplos e integrados, que se organizam no momento exato em que se pensa junto e se estabelece um espaço de criticidade e problematização.

Ações de natureza híbrida como essa, em que se tonificam questões relacionadas ao agir cotidiano *pari passu* à investigação científica e acadêmica, possuem em si grande diferencial e um *modus operandi* de singular importância para o enriquecimento de todos os envolvidos. Das insurgem respostas singulares, ao passo que é a partir delas que reverberam ações de ordem mais apurada, cujo refino nos podem ajudar a ser de outro modo. Isso principalmente na superação da insistente repetição de mecanismos, estruturas e comportamentos ultrapassados que há muito tem sido frequentes em nossa sociedade.

O “Programa Virtus” ao qual o projeto “Virtus Web: Produção de podcasts em Segurança Pública, Defesa Social e Direitos Humanos” aqui descrito está vinculado, tem como parceiros: o Instituto Maria da Penha, a Rede Nacional de Operadores de Segurança Pública LGBTI+ (Renosp+), a Comissão de Direitos Humanos Dom Helder Câmara da UFPE, a Diretoria de Direitos Humanos da Polícia Militar, o Sindicato dos Policiais Cíveis de Pernambuco (Sinpol) e o Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE).

Essas parcerias se justificam pela dimensão do trabalho na área e porque delas se delineiam aproximações com um segmento da sociedade notadamente hermético, que é exatamente a categoria dos profissionais da área de Segurança Pública. Ressaltamos que temos, hoje, mais de 22.000 policiais militares e mais de 4.000 policiais civis no Estado de Pernambuco e que a consolidação de *canais* e *pontes* que promovam o erigir de novas habilidades e competências de modo sistemático e contínuo é de crucial importância.

O “Programa Virtus: Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos” está organizado nos seguintes seguimentos:

- *Virtus/Web*, que reúne os projetos: “Podcasts Virtus”, “Momento Virtus”, “Quinta com VIRTUS” – lives relacionadas a temas na área do projeto – e a “Produção de vídeos educativos”. A “Produção de podcasts em Segurança Pública, Defesa Social e Direitos Humanos”, por conta da pandemia de Covid-19, foi direcionada às questões relacionadas a esse tema e às demandas a ele associados.
- *Observatório Virtus*: que tem como foco a produção, construção e difusão de conhecimentos relacionados à Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos. Formado pelos pesquisadores do Virtus e seus parceiros conveniados, o observatório funciona como uma incubadora de projetos de pesquisa e como espaço no qual se pode elaborar, promover e disponibilizar dados, estatísticas e elementos relacionados com o tema, tanto na sua perspectiva local e nacional como internacional. O Observatório Virtus tem ainda por objetivo estabelecer parcerias com outros grupos de pesquisa, como a Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), a fim de promover troca de informações, dados e estatísticas, bem como conhecimentos relacionados à temática de trabalho do grupo. Além disso, o Observatório Virtus funciona como espaço para divulgação de dissertações e teses que dizem respeito ao tema e seus muitos desdobramentos;

- *Virtus Educacional*: este segmento responde pela dimensão do ensino do Programa Virtus. Em seu escopo, tem por meta promover ações educativas nos mais diferentes formatos, tais como: cursos, oficinas, palestras, *workshops*, bem como diferentes atividades de formação, capacitação e assessoria nas áreas de Segurança Pública, Defesa Social e Direitos Humanos. Nossa missão é produzir, disseminar e socializar conhecimento. Para isso, buscamos articular e mobilizar experiências, habilidades, competências e atitudes, de forma a contribuir interdisciplinarmente com os diferentes atores nas três grandes dimensões de trabalho as quais o Virtus se direciona;
- *Reabilita Virtus*: subárea que é composta por dois projetos: o “Papo de Homem” e o “Psico Virtus”. Os objetivos são o atendimento de homens através de práticas integrativas e rodas de diálogos sobre o masculino, bem como a capacitação e a orientação daqueles que cuidam das minorias.

O Programa “Virtus: Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos” está ligado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, é ancorado no Departamento de Filosofia da UFPE e conta com o apoio dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e Direitos Humanos da UFPE e da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc). Coordenado pelo Professor Dr. Sandro Cozza Sayão e pelo Prof. Ms. Carlos Frederico Vasconcellos Monteiro Rosa (Vice-coordenador), o Virtus conta na liderança setorial com os professores Ms. Márcio Roberto Cavalcanti, Ms. Eduardo Scaroni e Ms. Rosângela Souza, sendo todos esses policiais civis e militares, e tem como pesquisadores associados alunos do curso de Mestrado em Direitos Humanos, Mestrado em Filosofia, Especialistas em Direitos Humanos, agentes da Segurança Pública, Membros do TJPE e outros membros da sociedade interessados no tema da Segurança Pública e da Defesa Social. Assim, o grupo vem se estabelecendo como grande referência na área, sendo convidado para diversas atividades e trabalhos em conjunto.

O programa tem por objetivos: criar canais de diálogo, troca de experiências, capacitações – cursos e formações – bem como pesquisas direcionadas à construção e produção de conhecimento relacionados ao tema Segurança Pública, Defesa Social e Direitos Humanos. Através desses, buscamos também promover o diálogo direto com grupos de base tanto da Polícia Civil como da Polícia Militar, da Guarda Municipal de Recife e de outros municípios de Pernambuco, a fim de tecermos, a partir dessa aproximação, novos caminhos e novas metodologias de trabalho para esses grupos.

Em sua base teórico/conceitual, destacamos as grandes teses de autores como: Paulo Freire, Emmanuel Levinas, Enrique Dussel, Hannah Arendt, Michel Foucault, Adorno, Horkheimer, Judith Butler, Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, Henri Bergson, Hans George Gadamer, José Luis Soares, entre outros que desde já delinham nosso "lugar de fala" e sob que elementos de fundo trabalhamos.

O projeto "Virtus Web: Produção de podcasts em Segurança Pública, Defesa Social e Direitos Humanos", escolhido como um dos projetos para o enfrentamento da pandemia de Covid-19, voltou suas atividades para responder aos desafios que daí emergiram e dele são as descrições que iremos traçar a seguir.

## 2. Percurso das atividades do projeto

### 2.1 O Virtus Web e a produção de podcasts

Como parte do "Virtus Web", a "Produção de podcasts em Segurança Pública, Defesa Social e Direitos Humanos" é uma ação extensionista voltada à produção (gravação, edição e publicação) de *podcasts* com duração aproximada de 30 a 40 minutos, relacionados a temas específicos envolvendo Segurança Pública, Defesa Social e os desafios da Covid-19 (denominados de *Podcasts Virtus*) e à produção de *mini-podcasts* (denominado *Momento Virtus*) de 5 a 8 minutos de duração com o mesmo fim.

Os *Podcasts/Virtus* e o *Momento/Virtus* estão disponíveis no *site* do Grupo Virtus<sup>1</sup> ou podem ser encontrados buscando por *Grupo de Pesquisa Virtus* nas principais plataformas de streaming, tais como Spotify, Deezer, Apple Podcasts, Google Podcasts e Amazon.

Considerando a facilidade de acesso das mídias digitais e a grande repercussão de conteúdos na forma de *podcasts*, o Programa *Virtus* utilizou-se desse importante canal digital para fazer chegar toda uma gama de assuntos relacionados ao enfrentamento da pandemia de Covid-19 aos diferentes atores tanto da Segurança Pública como os envolvidos na Defesa Social e nos Direitos Humanos.

O processo de construção dos *podcasts* seguiu as seguintes etapas:

- *Etapa 1 - Escolha de pauta*: neste momento, utilizamos das *pontes* e *conexões* já estabelecidas com os grupos envolvidos no projeto e das dicas e comentários que recebemos através das mídias digitais – em nossas páginas na *web*, como o Facebook e o Instagram – para definir os assuntos de maior urgência e relevância;
- *Etapa 2 - Definição dos entrevistados*: a partir da definição de pauta, convidamos um(a) pesquisador(a) ou profissional externo(a), capaz de responder às questões concernentes;
- *Etapa 3 - Gravação*: definida a pauta e o(a) entrevistado(a), partimos para a gravação do *podcast*, tendo como parceiro a Nabecast Podcasts & Multimedia, sediada no Japão. As gravações funcionaram por meio do *software* de videotelefonia Zoom, em uma sala reservada, onde disponibilizamos, antecipadamente, um convite virtual com *link*, horário e senha de acesso à sala. A sala Zoom era cedida pelo Instituto Maria da Penha, parceiro do Virtus. Além da(s) pessoa(s) entrevistada(s), participaram, no mínimo, duas outras pessoas: uma responsável pela apresentação e pelas questões técnicas de gravação e outra responsável pelo diálogo com a(s)

pessoa(s) entrevistada(s). Antes do início da gravação (seja dias antes, seja minutos antes), as pautas eram tratadas entre a/o entrevistada/o e os coordenadores do Virtus; isso era feito com vistas a otimizar o tempo de entrevista, que durava entre 1h30min e 2h.

As gravações não eram publicadas na íntegra, mas passavam por edições, visando à melhor adequação do material ao formato *podcast*. As publicações ocorreram, em média, três semanas após as entrevistas.

– *Etapa 4 - Edição*: assim que os programas eram gravados, passava-se para a fase de edição, que tinha por objetivo formatar o *Podcast Virtus* e extrair o *podcast* de menor duração, chamado *Momento Virtus*. Esse trabalho era dividido entre a Nabecast Podcasts & Multimedia e os bolsistas envolvidos na ação;

– *Etapa 5 - Criação da identidade visual do Podcast e do Momento Virtus*: esta atividade foi realizada por dois bolsistas do projeto, que elaboraram a arte e discutiram sua identidade visual, com o intuito de fazer com que ela se “encaixasse” na temática dos *podcasts* e do *Momento Virtus*;

– *Etapa 6 - Publicação*: terminado o projeto de gravação, edição e criação da identidade visual, realizava-se a publicação nas redes sociais e nas plataformas de *streaming*.

Dentre as pessoas convidadas e assuntos abordados nos *Podcasts Virtus* e *Momento Virtus* do Projeto de “Produção de podcasts em Segurança Pública, Defesa Social e Direitos Humanos do Virtus Web”, podemos destacar:

### Virtus Podcast

a) *O nascimento* Sandro Sayão; Fred Monteiro, Carlinhos Vilaronga;

b) *Segurança Pública e Direitos Humanos: amigos ou inimigos? Os desafios da Pandemia da Covid-19*; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa, Carlinhos Vilaronga;

- c) *Edição especial de Páscoa*; Sandro Sayão; Regina Célia;
- d) *Covid-19: Os desafios do trabalho policial em tempos de pandemia*; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga; Eduardo Scanoni; Dr. Fernando Gusmão (Infectologista);
- e) *Violência Doméstica e Isolamento Social*; Carlinhos Vilaronga; Sandro Sayão; Regina Célia; Rosângela de Souza;
- f) *Isolamento social e a violência sexual infantil*; Macdouglass de Oliveira (Psicólogo); Rosângela de Souza; Sandro Sayão; Carlinhos Vilaronga;
- g) *Ações da Polícia Civil de Pernambuco frente à pandemia da Covid-19*; Pablo de Carvalho (Delegado da Polícia Civil); Carlinhos Vilaronga; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa;
- h) *Função da Polícia no Estado Democrático de Direito e os desafios da pandemia da Covid-19*; João Allain Teixeira (Professor e Pesquisador em Direito, na UFPE e na Unicap); Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga;
- i) *A Fragilidade do Herói - Nossa fragilidade frente à exposição ao Coronavírus*; Sandro Sayão e Fred Monteiro Rosa;
- j) *Polícia, Direitos Humanos e Violência*; Manuela Abath (Professora da Graduação e Pós-Graduação em Direito, na UFPE e na Unicap); Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga;
- k) *O protagonismo da Diretoria de Articulação Social e Direitos Humanos (DASDH) da PMPE na promoção dos Direitos Humanos*; Antônio Raul Pereira Cavalcante (Coronel PMPE); Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga; Eduardo Scanoni;
- l) *Heróis e sua relação com a lei*; Gustavo Scholl; Edu Molina; Silas Chosen; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga;

- m) *Polícia e Direitos Humanos - e a pandemia da Covid-19*; Marcelo Freixo (Deputado Federal do Rio de Janeiro); Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa;
- n) *Segurança Pública, Direitos Humanos e Política*; Orlando Zaccone (Delegado de Polícia do Rio de Janeiro); Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga;
- o) *Segurança Pública, Desmilitarização e Sociedade*; Luiz Eduardo Soares (escritor, dramaturgo, antropólogo, cientista político e pós-doutor em Filosofia Política); Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga;
- p) *Saúde Mental e o Trabalho Policial em situações de crise (parte 1)*; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga; Eduardo Scanoni; Adriana Barros (Psicóloga);
- q) *Saúde Mental e o Trabalho Policial em situações de crise (parte 2)*; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga; Eduardo Scanoni; Adriana Barros (Psicóloga);
- r) *Sistema prisional e Covid-19*; Juraci de Oliveira (Cientista Social); Sandro Sayão; Carlinhos; Dimitri Acioly; Fred Monteiro Rosa;
- s) *Nas asas da liberdade: a poesia e o sistema prisional*; Edgar Diniz (Professor e Poeta); Carlinhos Vilaronga; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa;
- t) *Racismo Institucional, Educação e Sistema Prisional*; Euclides Ferreira da Costa (Policial Penal, Pedagogo, Doutorando em Educação pela Universidade de Coimbra); Carlinhos Vilaronga; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa;
- u) *Saúde mental dos agentes de Segurança Pública e a Pandemia da Covid-19*; André Luiz de Souza (Psicólogo na Coordenação Geral de Políticas Públicas para os Profissionais de Segurança Pública na Secretaria de Segurança Pública Nacional – Senasp); Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga;

v) *Racismo e Direitos Humanos*: Manoela Alves (Presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB/PE; Co-fundadora da Abayomi Juristas Negras; Professora de Direito Constitucional da Uninabuco; Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga;

w) *Cuidado com a pessoa idosa e Direitos Humanos*; Karla Bandeira (Assistente Social da Promotoria de Cidadania do Idoso, do Ministério Público de Pernambuco); Sandro Sayão; Fred Monteiro Rosa; Carlinhos Vilaronga;

### Momentos Virtus

a) Regina Célia (Vice-Presidente do Instituto Maria da Penha, Filósofa e Mestre em Ciência Política): *História de Harriet Tubman*;

b) Pablo de Carvalho (Delegado da PCPE): *Brutalidade e crime organizado*;

c) Romano Costa (Delegado da PCPE e Mestre em Ciências Policiais): *Inteligência de Segurança Pública*;

d) Wanessa Melo Oliveira (Psicóloga da PCPE): *Cuidado da saúde mental na Polícia*;

e) Aline Arroxelas (Promotora de Justiça em Pernambuco): *Violência doméstica em tempos de confinamento*;

f) Juraci Oliveira (Cientista Social): *Sistema Prisional e Covid-19*;

g) Macdouglass de Oliveira (Psicólogo): *Desafios da Violência Sexual Infantil em tempos de Isolamento Social*;

h) Edgar Diniz (Poeta e Professor): *Cordel "isso tudo vai passar"*;

i) Carlos Diego (Comissário da Polícia Civil e vice-presidente da Renosp+): *Irrealidade dos dados estatísticos oficiais sobre casos de LGBTfobia e a Covid-19*;

- j) Euclides Ferreira da Costa (Policial Penal, Pedagogo, Doutorando em Educação pela Universidade de Coimbra): *Sistema prisional, racismo institucional e Covid-19*;
- k) Adriana Barros (Psicóloga, apresentadora do programa Tarja Branca): *Pandemia da Covid-19 e a necessidade de refletir sobre novos hábitos*;
- l) Romano Costa (Delegado da PCPE e Mestre em Ciências Policiais: *Atividade de Inteligência de Segurança Pública: seu papel dentro da pandemia da Covid-19*;
- m) Valéria Fernandes (Superintendente de Capacitação e Ressocialização do Sistema Prisional do Estado de Pernambuco, na Secretaria de Justiça e Direitos Humanos): *Educação no Sistema Prisional*;
- n) Geraldo Santos Marinho (ex-professor no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE): *Urbanismo e Segurança Pública*;
- o) Manoela Alves (presidenta da Comissão de Igualdade Racial da OAB/PE; co-fundadora da Abayomi Juristas Negras; Professora de Direito Constitucional da Uninabuco): *Educação Anti-racista e a Pandemia da Covid-19*;
- p) Marcelo Freixo (Deputado Federal do Rio de Janeiro): *Segurança Pública e Direitos Humanos - O que a Pandemia nos mostrou?*;
- q) Orlando Zaccone (Delegado de Polícia Civil do Rio de Janeiro, Mestre em Ciências Penais, Doutor em Ciência Política): *Direitos Humanos e Segurança Pública*;

Todos esses temas foram tratados de modo crítico e problematizador pelos componentes do Programa Virtus e seus convidados.

Devido às medidas de segurança contra o avanço da Covid-19 no Brasil, todas as atividades Virtus foram realizadas de forma remota, desde as atividades mais individuais de cada setor do Virtus até as atividades mais co-

letivas (reuniões, discussões de temas e pautas, contato com os convidadas/os e as próprias gravações). Todos esses processos ocorreram via internet, utilizando-se de aplicativos e/ou plataformas de troca de mensagens e de videoconferência.

Uma das primeiras atividades do Virtus, depois de aprovado o apoio da Proexc, foi a reforma e reestruturação do *site* Virtus, para que este pudesse albergar os *Podcasts Virtus* e os *Momentos Virtus*. Essa atualização do *site* só foi possível devido à chegada de bolsistas que possuíam domínio em ferramentas de programação computacional, assim como de bolsistas com conhecimentos específicos em artes visuais e *design*.

## 2.2 Eventos adjacentes aos podcasts

Como eventos adjacentes aos *podcasts*, destacamos a realização do *II Colóquio de Defesa Social, Segurança Pública e Direitos Humanos*, feito em parceria com o Instituto Maria da Penha, cujo tema foi, exatamente, sobre *Desafios da Segurança Pública e da Defesa Social em tempos de pandemia*.

O evento realizou-se com abrangência nacional, contando com a participação de pesquisadoras e pesquisadores nas temáticas trabalhadas nos *podcasts*, de profissionais de Segurança Pública e de autoridades públicas no assunto. O evento ocorreu nos dias 29 e 30 de junho de 2020, das 14h às 18h, por meio de plataforma *on-line*.

O Colóquio contou com quatro mesas temáticas, que debateram os seguintes temas:

- a) Inteligência Policial e Segurança Pública;
- b) Os impactos do isolamento social na violência doméstica e no feminicídio;
- c) Os reflexos da pandemia no sistema prisional e a proteção dos Direitos Humanos;
- d) Segurança Pública e Direitos Humanos: como lidar com as minorias em tempos de pandemia?.

O Colóquio contou com mais de 500 inscrições e o número médio de participantes online foi entre 230 e 280 pessoas em todos os seus momentos.

Como participantes, tivemos inscritos de vários estados do Brasil, como São Paulo, Paraíba, Rio Grande do Sul, dentre outros; bem como de outros países, como Portugal, Estados Unidos e Espanha.

### 3. Considerações finais: resultados alcançados

O *Podcasts Virtus* e o *Momento Virtus* obtiveram um alcance consideravelmente grande, principalmente no público que lida (profissionalmente ou não) com Segurança Pública e com as pessoas mais ligadas à universidade.

No total, foram 26 episódios do *Podcast Virtus* e 17 episódios do *Momento Virtus*, estando todos eles disponíveis nos principais agregadores de *podcasts* (Spotify, Deezer, Apple Podcasts, Google Podcasts e Amazon) e no perfil *Grupo de Pesquisa Virtus*. A divulgação ocorreu principalmente por plataformas de *streaming*, agregadores de *podcasts*, pelo Facebook e pelo Instagram. A plataforma Captivate (onde armazenamos os *podcasts* e a partir de onde compartilhamos com as plataformas de *streaming*) contabilizou 3.097 acessos.

Considerando apenas as postagens dos *podcasts* propriamente ditas: A plataforma Instagram contabilizou 11.212 contas que foram alcançadas pelos *Podcasts Virtus*, e a plataforma Facebook registrou 27.043 visualizações.

Somando-se tudo, a abrangência de alcance foi de 41.352 interações. As outras publicações, sobre eventos, datas comemorativas, acontecimentos extraordinários etc, não foram consideradas no cálculo. Além disso, as publicações do tipo *stories* também não estão sendo consideradas no cálculo, tendo em vista que ambas as redes sociais só as disponibilizam para apuração de dados por até 28 dias após a publicação. Como colhemos esses dados a partir de dezembro de 2020, muitos números ficaram de fora.

Em termos de localização, os *podcasts* foram ouvidos majoritariamente em vários estados do solo brasileiro, tais como Pernambuco, Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Maranhão, Paraíba e Rio Grande do Sul.

Embora tenham mais repercussão em território nacional, os *podcasts* Virtus também foram ouvidos em outros países, como Japão, Reino Unido, Nova Zelândia, Turquia, Portugal, França, Alemanha, Austrália, Canadá, Itália, Espanha, e Estados Unidos da América (estes locais aparecem dentro das estatísticas de acesso do Instagram e do Facebook).

No caso do Instagram, apenas as publicações *promovidas* (ou seja, que foram pagas pelo Virtus, para obter maior alcance de divulgação) divulgam os locais de acesso, onde apenas *uma* publicação foi promovida dentre as 56 publicações realizadas. A plataforma Facebook mostra dados apenas das publicações que tiveram mais de 100 pontos de *engajamento* (entrada que a plataforma utiliza para medir interações com os conteúdos publicados); porém, dentre as 52 publicações de *podcasts*, apenas uma publicação atingiu essa pontuação. Em ambas as plataformas, o alcance real (ou seja, de todas as publicações) dos locais afetados pelo Virtus não está disponível, o que indica que o alcance pode ter sido bem maior, com mais pessoas e em mais lugares do mundo (visto que alguns são visualizados e não recebem nenhum comentário).

Todos esses dados mostram a dimensão do que foi feito, sua importância e o quão significativa foi a ação, demonstrando sua singularidade e relevância no que concerne à produção de narrativas que têm contribuído com a construção de formas de ser mais lúcidas e equilibradas, elementos que desde já retratam o seu sucesso.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, J. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DUSSEL, E. *Filosofia de la liberacion*. Bogotá: Editorial nueva América, 1996.

FOUCAULT, M. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

HOBBSBAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Tradução: Pergentino Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEVINAS, E. *Éthique et infini*. Entrevista com Philippe Nemo. Paris: Fayard, 1982.

LEVINAS, E. *Humanisme de l'autre homme*. Montpellier: Fata Morgana, 1972.

LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Tradução: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

NIETZSCHE, F. *Humano demasiado humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SAYÃO, S. C. Levinas e o sentido do amor: questões de uma palavra ética. *In: JÚNIOR, N. R. et al. (org.). Amor e Justiça em Levinas*. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2018. p. 177-188.

SAYÃO, S. C. Sexualidade e conflito: pontos para se pensar a condição humana. *In: LUCENA, M. F. G. (org.). Saber, prever e Cuidar: estudos sobre o tráfico de pessoas*. 1 ed. Recife: Editora UFPE, 2017. p. 107-127.

SAYÃO, S. C. Enrique Dussel e a crítica da totalidade: sobre um possível paradigma do ouvir. *In: CARBONARI, P. C.; DA COSTA, J. A. (org.). Filosofia e Libertação: homenagem aos 80 anos de Enrique Dussel*. 1 ed. Passo Fundo: IFIBE, 2015. p. 77-90.

SAYÃO, S. C. Direitos Humanos e a paz: reflexões a partir de Emmanuel Levinas. *In: LUNA, M. J. M.; CARDOSO, F.; GALDINO, F. (org.). Cultura de Paz: gênero, sexualidade e diversidade*. 1 ed. Recife: Editora UFPE, 2014. p. 291-304.

## Pareceristas *ad hoc*

Esta obra contou com a relevante colaboração de professoras e professores extensionistas de diversas áreas do conhecimento, de instituições de todo o país e do exterior, que atuaram como pareceristas *ad hoc*. Agradecemos a todas e todos que contribuíram para a qualidade técnica e textual dos quatro volumes que compõem a série de *e-books* “Enfrentamento à Covid-19 - Ações da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE”:

*Adelice Minetto Sznitowski*

Universidade do Estado de Mato Grosso

*Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Alice Andrade Silva*

Universidade Estadual de Campinas

*Aline do Couto Muniz*

Universidade Federal da Bahia

*Álison Cleiton de Araújo*

Universidade Federal de Goiás

*Amanda Tristão Santini*  
Universidade Federal de Viçosa

*Ana Caroline Dzulinski*  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Rio Grande do Sul

*André Fabiano de Moraes*  
Instituto Federal Catarinense

*Beatrice Rossotti*  
Universidade Federal Fluminense

*Bruno Eduardo Slongo Garcia*  
Universidade Federal do Paraná

*Camila Venceslau Meira de Medeiros*  
Universidade Estadual Paulista

*Candice Firmino de Azevedo*  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tec-  
nologia do Rio Grande do Norte

*Carla Silvana Daniel Sartor*  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

*Carolina Montebelo Barcelos*  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

*Caroline Cunha do Espírito Santo*  
Universidade do Estado de Santa Catarina, Fa-  
culdade Inspirar e Faculdade Anhanguera

*Celiomar Porfírio Ramos*  
Universidade do Estado de Mato Grosso

*Claudia Alessandra Fortes Aiub*  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

*Consuelo de Los Angeles Vielma Sepúlveda*  
Universidade Federal de Ciên-  
cias da Saúde de Porto Alegre

*Dahyse de Oliveira e Oliveira*  
Universidade do Estado da Bahia

*Danilo Rodrigues Bertucci*  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

*Débora de Jesus Pires*  
Universidade Estadual de Goiás

*Delio José Mora Amador Junior*  
Universidade Federal do Sul da Bahia

*Elaine Leonezi Guimarães*  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

*Elissandra Barros da Silva*  
Universidade Federal do Amapá

*Elizabeth da Cunha Sússekind*  
Universidade Federal do Estado do Rio  
de Janeiro e Museu da República

*Erich Potrich*  
Universidade do Estado do Amapá

*Fernando da Silva Fiorin*  
Instituto Internacional de Neuro-  
ciências Edmond e Lily Safra

*Fernando Ratuchne*  
Colégio Adventista Paranaguá e Colégio Nova Geração

*Gesline Fernandes de Almeida*  
Universidade Estadual de Feira de Santana

*Helena Ferraz Bühler*  
Universidade do Estado de Mato Grosso

*Henrique Dias Sobral Silva*  
Universidade Federal de Minas Gerais

*Ingrid de Assis Camilo Cabral*  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

*Isadora Louise Alves da Costa Ribeiro Quintans*  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

*Iza Reis Gomes Ortiz*  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia

*Jacqueline Araujo Corrêa Mendes*  
Universidade Estadual de Montes Claros

*Jeane Cristina Fonseca Vieira*  
Universidade de São Paulo

*Jesislei Bonolo do Amaral Rocha*  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

*João Henrique Picado Madalena Santos*  
Universidade de São Paulo

*Jocenildes Zacarias Santos*  
Universidade do Estado da Bahia

*José Eudes Gomes Pinheiro Júnior*  
Universidade Federal de Sergipe

*Júlia Reis da Silva Mendonça*  
Faculdades Integradas Maria Thereza e Instituto São Zacharias de Estudos e Pesquisas (SEPAI), Universidade Cândido Mendes

*Juliana Martins Pinto*  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

*Júlio César Alcântara dos Santos Sanches de Sousa*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia e Fiocruz

*Júlio César Macário de Medeiros*  
Université de Montréal

*Leidy Janeth Erazo Chavez*  
Universidade Federal de Mato Grosso

*Leonardo de Atayde Pereira*  
Cruzeiro do Sul Educacional e Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

*Lethicia Barreto Brandão*  
Universidade Federal do Amapá

*Letícia Alves Gomes Albertti*  
Instituto Federal Catarinense

*Lívia Hernandes Carvalho*  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

*Lorena Maria Laskoski*  
Universidade Federal do Paraná

*Luciana Moraes da Silva*  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Faculdade Unyleya

*Lydia Vieira Freitas dos Santos*  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

*Magali Dias de Souza*  
Instituto Federal Catarinense

*Manoel de Lima Acioli Neto*  
Universidade Federal da Bahia e Centro Universitário de Tecnologia e Ciências (UniFTC)

*Marcos da Costa Silva*  
Universidade do Estado da Bahia

*Maria Lúcia Porto Silva Nogueira*  
Universidade do Estado da Bahia

*Marina Paiva Abuçafy*  
Universidade Estadual Paulista

*Matheus Fernandes de Araújo Silva*  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

*Mayara Feliciano Gomes*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

*Michele dos Santos Gomes da Rosa*  
Universidade de Lisboa

*Nayara Paula Fernandes Martins Molina*  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

*Nayda Katherine Patiño Wandurraga*  
Universidade Estadual de Campinas

*Nilma Margarida de Castro Crusoé*  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Pâmela Araújo Pinto*  
Universidade de Aveiro

*Paulo Roberto Teixeira Junior*  
Universidade de Sorocaba

*Rafael Marques Ferreira Barbosa Magalhães*  
Universidade Federal da Bahia

*Regina Maria da Costa*  
Universidade do Estado de Mato Grosso

*Reinaldo Oliveira Menezes*  
Universidade Federal do Amazonas

*Renally Bezerra Wanderley e Lima*  
Faculdade Nova Esperança

*Renieidy Flávia Clemente Dias*  
Universidade Federal de Uberlândia

*Rosane Maria Andrade Vasconcelos*  
Universidade do Estado de Mato Grosso

*Rovana Kinas Bueno*  
Universidade Federal do Pampa

*Samira Michel Garcia Campos*  
Universidade do Estado de Mato Grosso

*Sanderlir Silva Dias*  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

*Sérgio Roberto Montoro*  
Faculdade de Tecnologia de Pindamonhangaba

*Tháise Alves Bezerra*  
Universidade Estadual da Paraíba

*Vera Lúcia Freitas*  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

*Vitor Hugo de Oliveira*  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

*Wagner Silveira Feloniuk*  
Universidade Federal do Rio Grande

*Walter Günther Rodrigues Lippold*  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Rio Grande do Sul

*Wellington Teixeira Lisboa*  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

*Willian Roger Dullius*  
Universidade de Passo Fundo



UNIVERSIDADE  
FEDERAL  
DE PERNAMBUCO

**PROEXC**  
PRÓ-REITORIA  
DE EXTENSÃO E CULTURA